

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALBERTO CABRAL FERREIRA

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DURANTE CAMINHADAS DE TRABALHADORES DA
COMUNIDADE ESCOLAR: POTENCIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO MENOS
ANTROPOCÊNTRICA

CURITIBA

2024

ALBERTO CABRAL FERREIRA

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DURANTE CAMINHADAS DE TRABALHADORES DA
COMUNIDADE ESCOLAR: POTENCIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO MENOS
ANTROPOCÊNTRICA

Tese apresentado ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Valéria Ghislotti Iared

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Ferreira, Alberto Cabral.

Experiência estética durante caminhadas com trabalhadores da comunidade escolar : potenciais para uma educação ambiental menos antropocêntrica / Alberto Cabral Ferreira – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Valéria Ghislotti Iared

1. Educação ambiental. 2. Etnologia. I. Iared, Valéria Ghislotti. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Bibliotecária: Tania de Barros Baggio CRB-9/760



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **ALBERTO CABRAL FERREIRA** intitulada: **Experiência estética durante caminhadas com trabalhadores da comunidade escolar: potenciais para uma educação ambiental menos antropocêntrica**, sob orientação da Profa. Dra. VALÉRIA GHISLOTI IARED, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 19 de Março de 2024.

Assinatura Eletrônica
23/03/2024 12:31:08.0
VALÉRIA GHISLOTI IARED
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
24/03/2024 19:50:04.0
ROBSON SIMPLICIO DE SOUSA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
26/03/2024 12:15:13.0
SORAYA CORRÊA DOMINGUES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
25/03/2024 15:17:37.0
TIAGO VENTURI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
28/03/2024 21:28:25.0
LAÍSA MARIA FREIRE DOS SANTOS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

AGRADECIMENTOS

Agradeço às diferentes forças que me condicionaram para numerosas (com)vivências nessa rica malha da vida. Afinal, o resultado desse trabalho tem a participação direta e indireta de cada humano e mais-que-humano que passou por mim ao longo desses 42 anos de correspondência. Foram essas forças que me levaram a uma família completa, que até mesmo nos equívocos, me ensina grandemente.

O meu muito obrigado à minha mãe, que por ter subjulgado alguns dos mais fortes instintos primitivos de sobrevivência pôde se dedicar, integralmente, a criar com sabedoria, meus irmãos, minha irmã e eu. Há um ditado que diz o seguinte: “sem testemunho/exemplo, as palavras são vazias”. Tal frase atua como gatilho para lembrar-me do grande amor e admiração que sinto por minha genitora. Foi através de seus limitados, porém, potentes provérbios: “pessoa com soberba não vai pra frente!” e testemunho impecável que tem me ajudado a continuar buscando ser um esposo, homem, irmão, pai, vizinho, cidadão, amigo e colega de trabalho, ainda melhor. Agradeço aos seus exemplos dados, pois, certamente, não saberíamos o valor real da educação – único caminho para se alcançar a justiça social. Foi tratando peixes para o Sr. Manoel peixeiro “da Dona Maria”, em troca de algumas unidades e, lavando roupas da família do irmão João por alguns trocados, que ela supriu, cirurgicamente, as demandas da mente e do corpo de sua prole. Esforço este, em face de uma grave artrose, que vem lhe custando muito caro (pernas cada vez mais torta, mobilidade reduzida e dores que comprometem o sono). Serás para sempre exemplo de responsabilidade familiar!!

Sou grato pelos meus filhos e minha esposa (Gabriel, Yuri, Néfia Alice e Sam), por terem surgido, respectivamente, em minha vida de maneira providencial. Acredito que são eles o combustível que me mantém alerta e amante da vida. Não é exagero dizer que estar com eles é experimentar do paraíso. Aprendo muito com o Gabriel. Mesmo tão novinho, já vejo pesar em seus ombros o sentimento de responsabilidade por ser o irmão mais velho dos três. Está sempre se policiando por “ouvir” dos outros de que ele tem que dar exemplo e proteger os irmãozinhos. Sou imensamente grato pela personificação de carinho no Yuri. É ele quem consegue me desmontar, quando,

gratuitamente diz “Eu te amo pai”. Sou grato pelo meu caçula Sam ter vindo intinerar nessa vida como autista. Provavelmente, eu não teria desenvolvido um olhar sensível para quem se enquadra nesse espectro, senão pela oportunidade de meu envolvimento visceral dentro de meu núcleo familiar. Agradeço por testemunhar sua inocência e poder transpor tal experiência para construir novas perspectivas de vida. Sou grato pela minha companheira “até o baralho” (ela sabe o que significa) Néfia Alice por ter estado, literalmente, comigo do mestrado ao doutorado. Lembrando aqui, acomodo suas palavras de calma como fundamentais para minha atual saúde mental e física. Suas sugestões para melhorar minha escrita culminou em uma tese que sinto orgulho de cada palavra colocada. Sou agradecido por olhar para meu trabalho e enxergar que ele carrega o lado mais bonito do ser humano que a Néfia tem: companheirismo. Afirmo veemente que sem esse quarteto minha jornada (se houvesse) no doutorado não teria sido prazeroso. Foi esse quarteto que trouxe leveza e alegria em momentos importantíssimos.

Agradeço à minha irmã e meus irmãos pela parceria de sempre. Especialmente à minha irmã por não ter medido esforços para colocar alimento em nossa mesa. Por ter me apoiado diretamente em meus estudos. Sou grato pelos meus irmão Aldair e Almir por oferecerem papos filosóficos e me apresentaram a dimensão estética dos mais-que-humanos na infância e criancices. Foram eles que me ensinaram a nadar, pescar e mergulhar a uma certa profundidade a fim de apreciar a mesma visão que os peixes têm dos raios solares adentrando as laminas d’água. Sem esses “camaradas” na minha vida, provavelmente, não enxergaria o belo tão belo.

Agradeço à minha orientadora professora Valéria Ghislotti lared pela oportunidade que me foi dada. Por ter visto em mim um potencial, que nem eu mesmo enxergava, de contribuição para as pesquisas sobre experiências estéticas na natureza. Tão logo depois de se tornar minha professora e orientadora, transfigurou-se em uma companheira de militância por uma virada ontológica. Aos meus colegas do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade (GPEACS) por terem me acolhido e propiciado debates profícuos que direcionaram e endossaram minha tese. Aos professores e professoras Tiago Venturi, Robson Simplício, Soraya Domingues e Laísa Freire pela disponibilidade de compor a banca

e pelas significativas contribuições. À CAPES pelo financiamento de nossa pesquisa. E, por fim, ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná por ter oportunizado, a partir de suas políticas afirmativas, que esse maranhense de berço, baiano de paixão e capixaba de tempo de casa, ingressasse, permanecesse e se tornasse o primeiro, de outros e outras que virão, doutor da família Cabral.

RESUMO

Esta tese objetivou investigar as experiências multissensoriais de trabalhadores da comunidade escolar de Pinheiros (Espírito Santo) com a natureza. Trata-se de uma pesquisa pautada em referenciais ecofenomenológicos, que considera as dimensões ecológicas e filosóficas do ser humano nas diferentes interações com os mais-que-humanos. A produção dos dados aconteceu a partir da observação participante e de caminhadas com quatro participantes da comunidade escolar. Foram realizados registros em fotos, vídeos e descrições, apoiados no movimento metodológico denominado como etnografia sensorial, dos/nos mergulhos multissensoriais das experiências estéticas dos participantes da pesquisa. As experiências de cada participante originaram (eco)narrativas, as quais foram analisadas segundo os referenciais da fenomenologia. Os aspectos emergentes surgiram a partir da triangulação das (eco)narrativas e respondem a nossa questão de pesquisa. Portanto, os aspectos emergentes são concebidos como as experiências multissensoriais que emergiram durante as caminhadas com os trabalhadores da comunidade escolar: 1 - Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica; 2 - Protagonismo dos mais-que-humanos; 3 – Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica; 4 - Correspondência entre corpos. Embora este estudo não tenha objetivado prescrever as caminhadas na natureza como manual a ser seguido para práticas de educação ambiental menos antropocêntricas, advogamos que essa forma de ocupação da natureza pode implicar em práticas de educação ambiental nas quais mais-que-humanos estejam em condições simétricas no processo e, também, despertem sentimentos éticos de respeito à alteridade de outros elementos, para além dos seres humanos.

Palavras-chave: Educação da atenção. Etnografia sensorial. Mundo mais-que-humano. *Walking Ethnography*. Correspondência.

ABSTRACT

This thesis aimed to investigate the multisensory experiences of workers from the school community of Pinheiros (Espírito Santo) with nature. This is research based on ecophenomenological references, which considers the ecological and philosophical dimensions of the human being in different interactions with the most -that-humans. Data production took place based on participant observation and walks with four participants from the school community. Records were made in photos, videos and descriptions, supported by the methodological movement called sensory ethnography, off/in the multisensory dives into the aesthetic experiences of research participants. The experiences of each participant gave rise to (eco)narratives, which were analyzed according to phenomenology references. The emerging aspects emerged from the triangulation of (eco)narratives and answer our research question. Therefore, the emerging aspects are conceived as the multisensory experiences that emerged during walks with school community workers: 1 - Finiteness of human existence in front of the Atlantic Forest; 2 - Protagonism of more-than-humans; 3 – Fluidity of the microclimates of the Atlantic Forest; 4 - Correspondence between bodies. Although this study did not aim to prescribe nature walks as a manual to be followed for less anthropocentric environmental education practices, we advocate that this form of nature occupation can imply environmental education practices in which more-than-humans are in symmetrical conditions in the process and also awaken ethical feelings of respect for the otherness of other elements, in addition to human beings.

Keywords: Education of attention. Sensory ethnography. More-than-human world. Walking Ethnography. Correspondence.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 – Imagem aérea da cidade de Pinheiros/ES..... | 56 |
| FIGURA 2 – Pinheiros dentro do mapa do Espírito Santo..... | 57 |
| FIGURA 3 – Técnicas de produção de dados e <i>corpus</i> de análise..... | 62 |
| FIGURA 4 – Trilha metodológica ilustrativa..... | 67 |
| FIGURA 5 – Percurso Niterói X Sítio Família Hernane..... | 70 |
| FIGURA 6 – Percurso Simonti X Família Cazeli X Simoneti..... | 71 |
| FIGURA 7 – Percurso Praça baiana X Contorno matinha X Simoneti..... | 73 |
| FIGURA 8 – Percurso Praça baiana X Assentamento 11 de agosto..... | 75 |
| FIGURA 9 - Percurso Praça baiana X Assentamento Nova Vitória..... | 76 |
| FIGURA 10– Percurso Praça baiana X Assentamento Nova Vitória..... | 77 |
| FIGURA 11 –Orvalho na teia de aranha..... | 78 |
| FIGURA 12 – Matinha da Nova Canaã X Matinha do Caparaó..... | 79 |
| FIGURA 13- Percurso Pinheirinho X Matinha Orleti X Simoneti..... | 80 |
| FIGURA 14- Trilha de formiga na matinha Orleti..... | 81 |
| FIGURA 15- Percurso Pedro Pereira C Pinheirinho..... | 81 |
| FIGURA 16- Percurso Praça baiana X morro do Sr. Edim Cerqueira | 83 |
| FIGURA 17- Neblina no Morro do Véio Edim Cerqueira | 84 |
| FIGURA 18- Imersão de P1 na paisagem..... | 88 |
| FIGURA 19- Árvore contemplada por P2 | 90 |
| FIGURA 20- Teia de aranha da Matinha do Caparaó..... | 92 |
| FIGURA 21- Foto da planta “mata cobra”..... | 94 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| QUADRO 1- Síntese dos percursos do presente estudo | 68 |
| QUADRO 2- Perfil sucinto dos participantes da pesquisa | 85 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1- Locais de busca e quantidade de artigos encontrados..... | 34 |
| TABELA 2- Locais de pesquisa pesquisa e quantidade de artigos encontrados..... | 34 |
| TABELA 3- Categorização e frequência dos artigos obtidos no Portal de Periódicos da Capes | 37 |
| TABELA 4- Categorização e frequência dos artigos obtidos de revistas nacionais de Educação Ambiental..... | 38 |

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

| | |
|------------|---|
| APP | Área de Preservação Permanente |
| BR | Rodovia no Brasil |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| | Ceasa Centro de Abastecimento |
| COVID-19 | (Co)rona (vi)rus (d)isease-2019 |
| EEEM | Escola Estadual de Ensino Médio |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| ES | Espírito Santo |
| GPEACS | Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade |
| IEMA | Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos |
| KM | Quilômetro |
| MEC | Ministério de Educação |
| MMA | Ministério do Meio Ambiente |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Sem Terra |
| PNEA | Política Nacional de Educação Ambiental |
| SARS-CoV-2 | Síndrome respiratória aguda grave- (co)rona (vi)rus (d)isease |
| TCC | Trabalho de conclusão de curso |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre Esclarecido |
| UFES | Universidade Federal do Espírito Santo |
| UFPR | Universidade Federal do Paraná |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 | PERCEPÇÃO ESTÉTICA NO MUNDO HUMANO E MAIS-QUE- HUMANO: DA ORIGEM À PESQUISA..... | 12 |
| 1.2 | CONTEXTO DA PROBLEMÁTICA..... | 18 |
| 1.2.1 | A atenção nas relações com o lugar..... | 26 |
| 1.3 | OBJETIVOS DA PESQUISA..... | 29 |
| 1.4 | APRESENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DA TESE..... | 29 |
| 2 | REVISÃO DE LITERATURA | 31 |
| 2.1 | EDUCAÇÃO AMBIENTAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES..... | 31 |
| 2.2 | EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL..... | 46 |
| 3 | ITINERÂNCIAS METODOLÓGICAS | 51 |
| 3.1 | REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO..... | 52 |
| 3.2 | PAISAGEM DE ESTUDO..... | 55 |
| 3.3 | PRODUÇÃO DE DADOS..... | 58 |
| 3.3.1 | Observação participante..... | 59 |
| 3.3.2 | <i>Walking ethnography</i> | 60 |
| 3.3.3 | <i>Corpus</i> de análise..... | 61 |
| 3.3.4 | Momentos de itinerâncias para a produção de dados..... | 63 |
| 3.4 | PERCURSOS E CAMINHADAS: DAS CARACTERÍSTICAS AOS ATRAVESSAMENTOS..... | 67 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES | 85 |
| 4.1 | (ECO)NARRATIVAS DAS ITINERÂNCIAS..... | 85 |
| 4.1.1 | Itinerando com as itinerâncias de P1..... | 87 |
| 4.1.2 | Itinerando com as itinerâncias de P2..... | 89 |
| 4.1.3 | Itinerando com as itinerâncias de P3..... | 90 |
| 4.1.4 | Itinerando com as itinerâncias de P4..... | 93 |
| 4.2 | ASPECTOS EMERGENTES..... | 95 |
| 4.2.1 | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica..... | 96 |
| 4.2.2 | Protagonismo dos mais-que-humanos..... | 98 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 4.2.3 | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica..... | 100 |
| 4.2.4 | Correspondência entre corpos..... | 102 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 105 |
| | REFERÊNCIAS..... | 111 |
| | APÊNDICE 1..... | 123 |
| | APÊNDICE 2..... | 179 |
| | ANEXO 1..... | 216 |

1 INTRODUÇÃO

O homem está afetivamente presente no mundo. A existência é um fio contínuo de sentimentos mais ou menos vivos ou difusos, os quais podem mudar e contradizer-se com o passar do tempo e de acordo com as circunstâncias (LE BRETON, 2019, p. 135).

Acreditamos que a revisão de processos sociais predatórios e espoliativos dos componentes da natureza e autodestrutivo da própria espécie humana deva perpassar por suas problematizações, a partir da educação. Independentemente da maneira que é processada, seja ela formal, informal, inicial e/ou continuada, quando ofertada por profissionais qualificados ela se torna objetiva, ou seja, sem devaneios/distrações. Nessa preocupação, a presente pesquisa tem como finalidade problematizar as experiências estéticas na natureza de um grupo de trabalhadores da educação que caminham em estradas de chão batido na zona rural da cidade de Pinheiros-ES, numa perspectiva de potencializar uma educação ambiental menos antropocêntrica.

Nossa relação com o *lócus* de pesquisa tem total relação com nossa itinerância, iniciada em janeiro de 1990. É importante destacar que a primeira impressão do lugar não foi das *boas*. Primeiro, porque chegamos para estabelecer moradia ali, durante a noite, e isso não ajudou muito em nossa ambientação. As ruas mal iluminadas mediaram um denso sentimento de tristeza e medo, talvez por termos deixado Imperatriz do Maranhão num dia de sol quente, onde os raios solares desnudavam toda a variação de cor que a diversidade de vida daquela região carrega e, de repente, nos deparamos com uma paisagem monocromática e sem brisa (afinal, era mês de janeiro). Voltando um pouco mais no tempo, antes de irmos para a rodoviária, eu e meus irmãos fomos até nosso “amigo Barreiro” (a lagoa natural que ficava ao fundo de nossa casa) para nos despedir. Alguns colegas foram conosco, mas os diálogos travados entre nós não se fixaram na lembrança, apenas a beleza e o silêncio predominantes no lugar.

Essa primeira impressão do lugar de pesquisa foi sobrepujada em pouco tempo, visto que apenas alguns meses foram o suficiente para produzir uma perfeita simbiose com os mais-que-humanos presentes no entorno de nossa nova moradia. Salientamos, aqui, que adotamos a noção de mais-que-humanos como não humanos fazendo parte de mundos sociais, construindo eles próprios relações sociais com humanos, mas também com outros não humanos (Tsing, 2021).

Concordarmos que apresentar a cidade de Pinheiros-ES numa roda de conversa entre colegas ou estranhos, e até mesmo numa escrita acadêmica, traz um misto de sensações (euforia, tristeza, alegria e nostalgia). Primeiro, devido às memórias de experiências estéticas desagradáveis e agradáveis vivenciadas ali. Afinal, não foi fácil ter o cordão umbilical cortado pela segunda vez. Sair de Imperatriz do Maranhão, com aproximadamente nove anos de idade, e deixar para trás vínculos afetivos humanos e mais-que-humanos construídos desde o nascimento, realmente, não foi fácil. Segundo, porque ao passo em que ocorria a adaptação, novos laços afetivos foram tecidos e, com o correr dos anos, surgiu a indagação sobre a grande força do capitalismo sobre os modos de subsistência humana estabelecidos nessa terra. Afinal, ela, a Terra, é potencialmente preparada para fomentar novos modos de existência. Mas não o faz.

Assim, apresentamos uma análise dos aspectos geoeconômicos e culturais de Pinheiros, mesmo que sucintamente, objetivando que os leitores compreendam a nossa motivação ao escolher tal lugar para desenvolver nossa pesquisa. Pinheiros conta com elevada diversidade de ambientes para o ecoturismo, acarretando a necessidade de problematizar a gestão, de viés capitalista, das relações estabelecidas com os mais-que-humanos. Além da enorme diversidade de vida existente na Barragem que supre a necessidade hídrica de Pinheiros e região (lugar este aberto para visita de estudantes e práticas ecoturísticas), nossa cidade também é dotada de espaços trabalhados para oferecer lazer, a exemplo dos quiosques ao lado de corredeiras, riachos, lagoas e represas, visita na reserva biológica, consumo de produtos orgânicos e artesanais das comunidades ribeirinhas, quilombolas e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Sua economia gira entorno de monoculturas (cultivo agrícola de apenas um tipo de produto agrícola). No entanto, por estar na rota dos mineiros para as praias capixabas como, por exemplo, Guriri, Conceição da Barra, Itaúnas e Guarapari, é comum vermos, às margens das rodovias, vendedores ambulantes e barraquinhas de água mineral, água de coco, refrigerantes, biscoitos e salgadinho. A feira livre é a mais tradicional de todo o extremo norte do estado, com a presença de feirantes e consumidores das cidades circunvizinhas de Boa Esperança, Nova Venécia, Montanha e Pedro Canário, Ponto Belo e outros. Além de ser vista por todos como um local de comércio, também é vista como lugar de encontros. Passar por ela é uma saga: são gritos, risadas, cores, cheiros por todos os lados.

Essa característica (possibilitar diversas formas de sobrevivência familiar), contribui para a construção de um espaço rural, humanamente ocupado, porém, repleto de diversidade de vida vegetal e animal. Isso reflete, por exemplo, em rotineiros testemunhos de enxames de abelhas atravessando a cidade, de um canto a outro, em busca de novas moradias.

Tal região, como já citado, se caracteriza por forte monocultura de café, mamão, maracujá, pimenta do reino e seringa. Mas, há cultivo de outras monoculturas (limão, laranja, mexerica e manga), porém, de baixa produção se comparada aos municípios vizinhos. Depois do café (carro-chefe), vem a pimenta do reino cultivada, principalmente, por famílias de pequenos agricultores, visto que sua colheita requer alto custo de mão-de-obra e baixa produção, tornando, assim, a margem de lucro muito pequena. Já a seringa, mamão e maracujá ficam nas mãos de famílias de grande poder aquisitivo. Tudo que é produzido nas monoculturas é escoado, via rodovia, para as Centrais de Abastecimento (Ceasa) de Vitória, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, São Paulo e Belo Horizonte.

Em resumo, pensamos nesse *locus* de pesquisa por estarmos imbricados, num fluxo de vida, desde a infância com o lugar. No próximo tópico, abordamos nossa construção afetiva, desde as itinerâncias com pés descalço e apenas calção, até nosso papel como docente em escolas de Pinheiro-ES e região.

1.1 PERCEPÇÃO ESTÉTICA NO MAIS-QUE-HUMANO: DA ORIGEM À PESQUISA

Todo o processo de lecionar Ciências Naturais e Biologia para crianças, jovens e adultos favoreceu um revisitar constante das práticas escolares realizadas, fato este que contribuiu para que este professor-pesquisador desenvolvesse um sentimento de incompletude. O vivenciar do passar do tempo, por meios conscientes, inconscientes e exteriores, ratificou essa incompletude como uma das nossas principais marcas. De certa forma, há alegria nessa constatação, pois, segundo Freire, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”, pois, “onde há vida, há inacabamento” (Freire, 1996, p. 55). Para ele, o sentido de inacabamento é a força motriz da transformação. Talvez, esse sentimento esteja na raiz de nossas indagações acerca de qual o melhor caminho para se fazer pesquisa e prática em educação ambiental sob a lógica de simetria ambiental entre elementos mais-que-humanos e humanos.

Vale lembrar que, para nós, os mais-que-humanos são elementos para além dos humanos que contribuem para a conformação do mundo. Ou seja, são participações das coisas e suas materialidades e forças de agência. De tal forma que suas sensibilidades borram as fronteiras que desenham os objetos, sujeitos e seus invólucros. Essa percepção, por sua vez, no campo da aprendizagem ecológica, aponta para uma perspectiva ontológica de articulação entre mente-corpo-ambiente (Carvalho; Steil; Abraão, 2020)

Continuando com essa análise da construção contínua de uma identidade ambiental, alguns rememoram, talvez, justifiquem a busca por tornar o autor desta tese um educador ambiental não antropocêntrico – aquele que, para Pérez e Porras (2005), busca construir práticas sociais multiparadigmáticas, ou seja banhadas de uma diversidade de perspectivas epistemológicas, metodológicas e ontológicas para compreender a complexidade ambiental. São lembranças de infância que remetem às ruas do bairro periférico de Santa Inês, a uma escola pública na cidade de Imperatriz do Maranhão, num período em que era possível vivenciar as consequências da falta de sensibilidades para com humanos e mais-que-humanos dentro das políticas públicas – dilapidação da vida e do ambiente.

Somando-se ao citado, a condição afrodescendente deste autor, nordestino, caçula dos seis filhos de uma mãe viúva, que viveu uma rotina de caça e pesca constante, no contraturno do período escolar e nos finais de semana, pescando e abatendo aves (rolinhas, periquitos, marreco, frango d'água e outros), sempre ciente de que não era um *hobby*, mas uma necessidade alimentar. Essa antiga e necessária vivência também se tornou outro fator de percepção da natureza como uma totalidade de elementos vivos e não vivos, formando um sistema de relações integrado.

A busca por galhos e troncos secos de cajueiros apuravam nossos sentidos para a melhor fabricação de carvão vegetal. Arranjá-los, rechear com serragens, cobri-los com terra e, por último, atear fogo eram etapas que seguíamos à risca para alcançarmos um carvão vegetal negro, de qualidade inquestionável. Afinal, quando o queimávamos em nosso fogareiro, a quantidade de cinzas era mínima. Cumprir essa demanda, oriunda de minha mãe, era tão emocionante e gratificante quanto assar nossa própria castanha de caju. Sim, em posse de uma lata recolhida do lixão fabricávamos nosso próprio frande (chapa de metal fechada nas laterais) e, com galhos secos de cajueiro, ali mesmo no quintal assávamos nossas castanhas, esfriávamos com a própria terra e saboreávamos aquele produto livre de conservantes

e corantes. Quebrar a casca torrada e em seguida saborear a semente nos encantava, de tal forma e tamanha intensidade, que a expressão de saudosismo se reflete nas linhas deste trabalho.

Há, também, a lembrança de momentos que me permitiram vivências únicas, como quando a mãe e outras donas de casa iam lavar roupa no Rio Tocantins¹, e este autor ficava nos arredores, caminhando nas matas, supostamente sozinho, já que estava cercado de mais-que-humanos. Experiência vívidas como passar por pontes de madeira, vislumbrar revoadas de maritacas, o maravilhamento diante da beleza de tucanos e da semelhança entre seres humanos e dos guaribas-de-mãos-ruivas, da lentidão das preguiças e, por fim, imaginar as consequências a curto, médio e longo prazo daquelas queimadas criminosas que testemunhávamos.

São muitas as recordações e, provavelmente, não há espaço para o relato de tantas experiências estéticas neste trabalho. Mas, uma delas merece seu lugar nos escritos. Havia uma represa, no fim do bairro em que morávamos, pela qual tínhamos muita afeição. Esse carinho para com o lugar se materializou num mutirão para a limpeza de nosso local de banho chamado Barreiro, feito por quem ainda não havia sido contaminado/seduzido pelo canto da sereia do capitalismo, crianças e adolescentes marginalizados pela sociedade. Parece-nos que tal movimento coletivo só ocorreu por ainda termos, fresco em nossa mente, o privilégio de sentir experiências viscerais propiciadas pela natureza.

Assim como o nosso “amigo Barreiro” estava ferido, também assim nos sentíamos. Então, entramos, dia após dia, que se tornaram semanas, incansavelmente, tirando a próprio punho, cascas de arroz jogadas pelo dono da propriedade. Tal barbaridade resultou na mortandade de inúmeras espécies de peixes, de diversos tamanhos e idades. Seus cadáveres foram retirados por nós, durante o mutirão de limpeza. Havia outros locais que podíamos nos banhar, mas o sentimento de gratidão para com o Barreiro foi emergindo ao ouvirmos os adultos dizerem que os peixes estavam morrendo devido ao apodrecimento² das cascas do arroz. Ou seja, estavam matando o “Barreiro”. Esse fato marcou profundamente nossa experiência de vida.

¹ Tocantins - é um curso de água que nasce na Serra Dourada, no estado de Goiás, passando logo após pelos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará, até a sua foz no furo de Santa Maria - próximo ao Golfão Amazônico, onde se localiza a ilha de Marajó.

² Apesar de desconhecemos o termo eutrofização, isso não se configurou uma barreira para o reconhecimento sobre as causas e efeitos do processo.

Aprendermos sobre peixe-elétrico, encontrando-os durante as pescadas com anzol era desafiante, pois estávamos em processo de reflexão constante acerca da melhor estratégia de retirada do anzol quando o pegávamos. Os banhos na represa, nos fundos da casa, eram prazerosos, mas, a delícia suprema consistia nas caminhadas nas matas, ao encontro de lagos ou córregos mais distantes de nossa moradia. Na distância do tempo decorrido, parece-nos que essa preferência já estava ligada às experiências estéticas que ansiávamos vivenciar e depois rememorar.

No próximo tópico, conceituamos o termo experiência estética, mas, para início de discussão, podemos compreender sua definição como um estado de imaginação/satisfação “desprovida de vontade que, em última instância, resultaria em um tipo de arrebatamento místico” (Achlei; Silva, 2021, p. 229) proveniente de disposição interna ou causa externa que nos alça para longe do fluxo da intenção e do desejo.

O arrepiar dos pelos do corpo ao sair de um banho em dia frio, o testemunhar da infiltração dos raios solares na água, são recordações carregadas de estetização do mundo humano e mais-que-humano, dadas pelo mergulhar em interações orientadas pela multissensorialidade. Sabemos que a educação ambiental formal “oportuniza uma educação científica que dá aos alunos instrumentos de análise para a compreensão e busca de soluções dos problemas ambientais,” (Mininni-Medina *et al*, 2001, p. 68), então, acredito que essas vivências se materializaram em experiências estéticas de grande valia para hoje, tornando relevante que as proponhamos nas práticas de educação ambiental formal, engajando-nos na militância por uma virada ontológica – movimento que concebe a “indissociação entre estética~ética~política e uma relação sociedade-cultura-natureza menos antropocêntrica” (Iared; Oliveira, 2018, p. 18).

Ficar intrigado com a harmonia entre o porrete de madeira, o coco babaçu, as partes e a posição do machado, o chão que serve de apoio para essa ferramenta e o corpo da quebradeira de coco babaçu, alimentava ainda mais a criatividade das crianças. De maneira que isso nos fazia imaginar possibilidades outras, na maneira de interagir com a rede de pesca (mosquiteiro velho), a água, os peixes, os matos da borda etc., nos poços da Aurelia³ do Sr. Zé Corró. Tal forma de interação nos leva a comungar com a percepção de Ingold (2012) acerca de encontros para além de

³ Apelido dado, na década de 80, aos espaços artesanais de fabricação de telha de barro.

interações entre humanos, de maneira fechada e em invólucros corporais ou identidades. Concordamos que o que há são atravessamentos/fluxos, como por exemplo de pedra, fogo, ar, água, plantas, corpos, sons, de maneira que a conformação de um ambiente se dá pela fluidez desses materiais.

Por outro lado há, também, lembranças despidas de qualquer resquício de beleza, a exemplo de um lixão a céu aberto, que ficava próximo ao nosso bairro, afinal, não seria nos centros urbanos que os restos da atividade comercial de produtos da lógica consumista, que os responsáveis pelos descartes os depositariam. Provavelmente, achavam que pobres e pretos são mais resistentes aos males diversos propagados por animais vetores de doenças, além de insensíveis aos odores.

Na infância, revirávamos os lixões em busca de brinquedos, o que produzia misto de sensações: tristeza pelo tamanho desprezo/ignorância das pessoas ao misturarem matéria orgânica humana com recicláveis e não recicláveis; alegria por encontrar melancieiras carregadas de melancias gigantes, crescendo em meio aos resíduos do capital. Ou então, abobreiras e tomateiros carregados ou floridos, ao lado de resíduos hospitalares, atraíam nossos olhares, mas afastavam nossos corpos por medo de contrair alguma doença. Um sentimento de revolta, acompanhado de um senso de impotência, dominava nosso íntimo, por não poder consumir aquilo que estava ali disponível. Hoje, entendemos que aquele receio intuitivo compartilhava da mesma percepção do Chefe de Seattle⁴ sobre a relação do ser humano com a terra: *O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.*

Para Pereira (2012), a estetização tem estreita relação com os rastros que a experiência deixa no sujeito, de modo que se constitui numa resposta afirmativa, no sentido de reiterar; ou negativa, no sentido de interditar, rejeitar/descartar. Posto isso, acreditamos que o relato do parágrafo anterior e outros momentos de estetização (agradáveis ou não) do mundo mais-que-humano, que atravessaram nossa infância e a adolescência, influenciaram e continuam influenciando este professor de ciências naturais e biologia, no sentido de buscar descortinar os mecanismos positivistas de construção identitária por trás das práticas de educação ambiental – mecanismos estes que, por se limitarem ao fomento conservacionista da educação ambiental,

⁴ Chefe de Seattle foi um cacique da tribo Duwamish do estado de Washington. A ele é creditada a escrita de uma carta ao Presidente Franklin Pierce, em 1855.

acabam por inferiorizar outros modos de nos relacionarmos com a natureza.

O mergulho da experiência estética na pesquisa em educação ambiental, começou a ganhar corpo quando, mais uma vez, o sentimento de incompletude, ao término do mestrado⁵, teimou em desejar compreender o potencial das experiências estéticas na natureza para a proposição de processos formativos como educador ambiental.

Arriscamos dizer que a busca pelo crescimento intelectual nessa dimensão da educação iniciou-se na graduação quando, na apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), nos voltamos a problematizar a educação ambiental a partir de lixos recicláveis, depois passando, como já citado, pela produção de dados durante a dissertação numa comunidade ribeirinha, até as caminhadas com os trabalhadores da educação durante o desenvolvimento desta tese. Para esclarecer melhor, vamos do início: em 2005, não houve dificuldade em escolher cursar licenciatura em ciências biológicas ante química e matemática – afinal, sempre fomos apaixonados pela vida em suas diversas formas de expressão. Durante a graduação, participando de atividades práticas na Reserva Biológica Córrego do Veado e lecionando em escolas rurais e urbanas, nos aproximamos, cada vez mais, das questões da educação ambiental, inclusive, através de leituras que facilitavam a compreensão das experiências em que estávamos imersos. Afinal, como apontam Moriceu e Mendonça (2016), a experiência estética pode também:

“... advir da penumbra de uma floresta ou do anonimato dos subúrbios a essa os nossos movimentos e nos impulsiona, produz uma série de sensações e pensamentos. A experiência estética estabelece um momento singular, um momento de intensidade, um instante repleto de significado, dotado da promessa de algo para descobrir ou compreender” (Moriceu; Mendonça, 2016, p. 78).

O desfecho natural desse movimento instrutivo não intencional no campo da pesquisa em educação ambiental se deu na entrada no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em 2016. Com o propósito de realizar um estudo sobre as narrativas dos saberes e fazeres socioambientais de ribeirinhos, que atravessavam o cotidiano da EJA, mergulhamos na busca pela compreensão de como se davam os atravessamentos de seus saberes/fazeres. A dedicação à análise de uma família de pescadores profissionais, desde suas histórias de vidas geracionais

⁵ Durante esse período, o autor mergulhou na busca pela compreensão dos saberes/fazeres socioambientais ribeirinhos que atravessavam o cotidiano de estudantes da Educação de Jovens e Adultos(EJA).

e significados que atribuem atribuídos ao rio e sua fauna, despertou a paixão pelo reconhecimento do papel dos elementos não vivos na produção da afetividade do sujeito com o lugar.

Essas convivências propiciaram reflexões relativas à inércia das práticas de educação ambiental realizadas na escola. Daí, iniciar o doutorado em educação se tornou um sonho necessário. Assim guiados pelo desejo e esperança de retomar antigas experiências, guardadas no universo da infância e da educação formal (graduação e mestrado), como caminho para uma educação ambiental menos antropocêntrica, seguimos esse objetivo. No decorrer deste trabalho, explanamos as potencialidades, lacunas e congruências das experiências estéticas no cenário acadêmico.

1.2 CONTEXTO DA PROBLEMÁTICA

A memória afetiva é uma das matérias-primas da criação dramática (LE BRETON, 2019. p. 316).

A apresentação da problemática, introduzida com a citação de David Le Breton, tem o intuito de demonstrar nosso incômodo quanto à disposição dos corpos numa inércia de insensibilidade ambiental, notadamente, frente aos desastres e crimes ambientais de nossa época. Acreditamos que as instituições que adotam práticas ambientais menos antropocêntricas estão aptas ao reconhecimento dos não humanos, por exemplo a fauna residente de uma área, os botões florais que se abrem, os frutos que aparecem em determinadas estações, o sol que vai do leste ao oeste e a água que percorre o solo (Iared; Oliveira, 2017), numa relação simétrica com humanos na conformação do meio. Só assim podemos angariar processos de ensino aprendizagem que envolvam a dimensão estética. Afinal, compartilhamos da ideia de que a transformação de nosso sistema social predatório só é possível mediante a transformação dos seres humanos que os configuram (Alves *et al.*, 2018).

Nesse mesmo sentido, vale lembrar que Brügger (1994) sai em defesa de uma educação que busque privilegiar o aspecto de integração do conhecimento para a formação de uma visão crítica e criativa da realidade, com vista a afastarmos do adestramento ambiental – um processo de instrução onde as pessoas são levadas a executar determinadas funções e tarefas, identificadas com determinado padrão utilitarista-unidirecional.

O exposto nos fez partir da premissa de que demandamos de questionamentos acerca das abordagens de temáticas ambientais orientadas pela perspectiva objetificada de ser humano e reducionista da natureza. Portanto, nosso referencial teórico reconhece a horizontalidade entre mundo humano e mais-que-humano, propõe que recuperemos o fôlego, exercitemos os sentidos e renovemos a curiosidade, ou seja, busquemos desvios para nos redescobrir.

Buscamos nutrir e interpretar, ao longo da pesquisa, o campo teórico e filosófico dos dados – experiências estéticas na natureza de trabalhadores da educação – com a percepção de carne do mundo de Merleau-Ponty. Segundo o filósofo fenomenológico, o sujeito não se serve apenas dos dedos e do corpo inteiro como de um só órgão, mas:

[...] graças a essa unidade do corpo, as percepções táteis obtidas por um órgão são imediatamente traduzidas na linguagem dos outros órgãos; por exemplo, o contato de nossas costas ou de nosso peito com o linho ou a lã permanece na recordação sob a forma de um contato manual, e, mais geralmente, na recordação podemos tocar um objeto com partes de nosso corpo que nunca o tocaram efetivamente. Portanto, cada contato de um objeto com uma parte de nosso corpo objetivo é na realidade contato com a totalidade do corpo fenomenal atual ou possível (Merleau-Ponty, 1999, p. 424-425).

Para Steil e Carvalho (2012), esse entendimento chama a atenção para o entrelaçamento denso e extensivo entre os polos (corpo e mundo) como uma mesma carne, porém, não deixam de ressaltar que são diferentes os processos de autoconsciência em cada um deles (humanos e não humanos). Ou seja, segundo a autora e o autor, Merleau-Ponty radicaliza a noção de corpo, em que este tem, agora, o sentido de transcendência do sujeito no mundo do qual o corpo humano é uma expressão. Portanto, a partir disso, essa perspectiva ontológica adota que o sujeito no mundo existe em relação de continuidade com os elementos do meio ambiente.

As lógicas que concebem relações simétricas entre humanos e mais-que-humanos compreendem, para Carvalho e Steil (2014), as epistemologias ecológicas. Em outras palavras, constituem um campo de congruência de disciplinas e teorias que problematizam as dualidades/dicotomias, assim como também solicitam por abordagens que contemplem o mundo mais-que-humano e advogam por uma ontologia simétrica entre as diferentes formas de conhecimento. Cabe recordar que, para a autora e o autor, tal combinação visa ampliar os traços de continuidade num lugar onde a modernidade postulou oposição e distinção.

Ao mergulharmos nas perspectivas filosóficas de Ingold (2000, 2001, 2008,

2010, 2011) e Merleau-Ponty (1968, 1971, 2006), percebemos que, apesar de não dedicarem seus trabalhos ao campo da pesquisa em educação ambiental, os escritos dos respectivos antropólogo e fenomenólogo nos fazem atentar ao possível potencial da imersão na natureza para essa dimensão da educação, como meio de revisão do nosso modo de estar no mundo. Dentre outros apontamentos, eles trazem que a reflexão sobre o mundo humano e mais-que-humano, pode nos levar, em grande medida, a refletir sobre como conduzimos nossa própria vida.

Não obstante, Rodrigues (2015) aponta para uma desconstrução fenomenológica com potencial de incorporação de uma concepção de tempo e de espaço que possibilite uma reconstrução mais ecocêntrica de conceitos/ideias que ficaram mais naturalizadas no nosso cotidiano, a partir do cartesianismo.

Cabe destacar que os estudos de autores/as que tratam, especificamente, da dimensão sensível na educação ambiental, Grün (2003) Iared, Oliveira e Payne (2016); Marin e Kasper (2009); Carvalho e Steil (2013); Iared, Oliveira e Reid (2017); Payne (2013) entre outros, contribuem significativamente para nossa inclinação ao questionamento acerca do rebaixamento das experiências estéticas, das sensibilidades e das afetividades nas práticas de educação ambiental.

Seus estudos conduzem-nos, especificamente, a reflexões sobre a lacuna de abordagens dessas perspectivas nas escolas da educação básica, assim como, também nas instituições de educação superior, de maneira que em ambas, consolidam-se processos formativos de educação ambiental ainda caracterizados por transmissão de conhecimentos — baseados em conceitos orientados pelo desenvolvimento sustentável, ratificando abordagens de temáticas ambientais numa perspectiva antropocêntrica, pois, passam a conceber a natureza como passiva e, as ações, sensações e percepções como restritas aos seres humanos.

Diante dessa problemática, a presente pesquisa se pautou em referenciais ecofenomenológicos de Brown e Toadvine (2003). Ao acoplarmos o termo eco ao verbete fenomenologia, entendemos que surge uma ênfase na incorporação do mundo mais-que-humano ou dos não humanos na experiência do mundo sensível. Segundo Iared (2019, p. 3), essa lógica colaborativa “entre a fenomenologia e os princípios da ecologia profunda e do ambientalismo visa erradicar os pressupostos antropocêntricos e propor alternativas para ampliar o campo teórico desse referencial”.

Entendemos destes autores e da autora supracitada, que essa orientação

filosófica, assim como a essência da nossa presente proposta, busca compreender a inerência da indissolubilidade entre ser humano e natureza e a junção do pensamento ecológico com a fenomenologia, provocando considerações no que concerne à paridade dos vínculos que há no mundo mais-que-humano. Ou seja, discutimos o potencial de uma educação ambiental por meio do mergulho na natureza, como forma de revisão do nosso modo de estar no mundo, já que, segundo Sato (2016) a ecofenomenologia vem sublinhando a importância de se transcender a dimensão humana, ou seja, incluir outras formas de vida.

Ademais, acrescentamos que esse movimento se assenta nos pressupostos de uma perspectiva ontológica em que nosso corpo (pela sensibilidade) e as coisas são colocados de maneira simultânea, em contato com a profundidade do mundo visível (Merleau-Ponty, 1980). Uma perspectiva que se “leva a sério a ideia das coisas como agentes junto *com* humanos” (Coole; Frost, 2010, p. 153, tradução nossa).

Ainda desse ponto de vista, outro autor que contribuiu muito para nosso trabalho se acomodar nessa perspectiva ontológica foi David Le Breton. Mesmo sem pretensão de conhecer a dinâmica das problemáticas ambientais, a partir de uma perspectiva ecofenomenológica, David Le Breton (2000), ao buscar as florestas, rotas ou trilhas, concluiu que mergulhos na natureza têm potencial de permitir recuperar e ampliar o conhecimento corporal de um mundo inesgotável de sentidos e sensorialidades. O antropólogo e sociólogo diz, ainda, que o caminhar restaura no ser humano o sentimento feliz de sua existência e mergulha-o em uma forma ativa de meditação. Volta-se da caminhada transformada/o, mais inclinada/o a aproveitar o tempo que nos submetemos à urgência que prevalece em nossas ações contemporâneas.

Mantendo essa linha de raciocínio, Iared (2017) contribui, significativamente, para nosso trabalho ao nos levar a perceber que necessitamos, não apenas de novas práticas de educação ambiental, mas também, de propostas de pesquisa que se baseiem em orientações filosóficas banhadas de perspectivas não antropocêntricas. Daí a aposta na experiência estética, porque esta é multissensorial, ou seja, sem o privilégio de um dos sentidos na apreensão dos fenômenos. Por se orientar pela multissensorialidade, a mola propulsora da compreensão do saber tem sua essência na imaginação e criatividade. Em outras palavras, Pink (2009) sugere que o pesquisador, ao inclinar-se à multissensorialidade, tende a utilizar todo seu corpo sensorial ao compilar e interpretar os dados da investigação, ligando-se, assim, à

mesma atividade diária de outras pessoas. Para Payne (2013), essa maneira de mergulhar no campo de produção do conhecimento pode potencializar uma melhor exposição do teor eco/somaestético (corpo engajado / mente encarnada e multissensorial) da experiência da natureza.

Isso se mostra ainda mais relevante quando Charlot (2020) nos faz recordar que a educação formal, consolidada nas escolas contemporâneas, vêm produzindo práticas de educação ambiental ainda fundamentadas/orientadas por concepções antropocêntricas, visto que elas persistem em silenciar a questão do ser humano e suas relações com o mundo. A partir de Payne *et al.* (2018), reforçamos que essa problemática requer advogarmos por uma educação ecosomaestética, na qual predomine, ao longo do processo, a dimensão sensível, afetiva e perceptual da experiência humana situada em continuidade com o mundo mais que humano. Posicionamento este que, para Carvalho, Steil e Gonzaga (2020), reitera a descentralização do ser humano, reconhecendo a continuidade deste dentro da matéria que constitui o mundo. Ainda, para a autora e os autores, a aprendizagem ecológica deve, sempre, ocorrer através da articulação simétrica da mente-corpo-ambiente.

Em consonância, Payne e Wattchow (2009, p. 16, tradução nossa) propõem uma pedagogia lenta – esta destaca a importância do corpo numa educação em vários ambientes, de maneira que nos permita fazer uma pausa ou “morar em espaços por mais um momento fugaz”, e, portanto, receber significado daquele lugar.

Já para Duarte, Pazos e Sato (2018, p. 97) a fenomenologia merleau-pontyana tem potencial de nos conduzir a ver a percepção como “parte integral da construção do conhecimento, uma vez que não é possível pensar uma separação precisa entre o eu-outro-mundo”. Essa lógica de percepção de construção de conhecimento, segundo lared (2019), embasa-se na concepção merleau-pontyana de corpo como carne do mundo.

Sendo assim, entendemos do conhecimento produzido e reproduzido em práticas de educação ambiental pontuais e sem sentido (Venturin, 2012), que uma virada ontológica (lared *et al.*, 2021) significa perpassar pela desconstrução desses processos formativos que, como sinalizado, acentuam dicotomizações como sujeito/objeto, corpo/mente/, natureza/cultura, razão/emoção (Carvalho, 2004). Diante disso, comungamos com Ingold (2010, p. 7), ao trazer que “nosso conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, e que todo ser humano é um centro de

percepções e agência em um campo de prática”. Ou seja, segundo o antropólogo, faz-se necessário “uma abordagem alternativa – mais devedora às perspectivas fenomenológicas, ecológicas e ‘prático-teóricas’ sobre percepção e cognição do que à ciência cognitiva clássica” (Ingold, 2010, p. 7).

A partir da caminhada na natureza, Flávio Williges (2018), mesmo não falando especificamente da educação ambiental, no texto intitulado *O que o caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza*, resgata que:

[...] os filósofos morais, antes de Thoreau, nunca levaram a sério a ideia de um tipo de cognição moral profundamente dependente dos aspectos em que o corpo interage com o ambiente, nunca acreditaram que há certas aprendizagens morais que só podem ser adquiridas numa *interação fisicamente vivida* com o mundo exterior, do tipo que pode ser encontrada no banho num lago ou na escalada de montanhas ou rochas (Williges, 2018, p. 7).

Nessa mesma trilha, Ingold (2010, p. 31), traz que a experiência da vida não é vivida no interior de um corpo que se conecta com outros corpos, mas, corresponde “no fluxo dos materiais”, como por exemplo, a luz, o som, o vento, os líquidos e texturas, etc, “que os atravessam, diluindo os limites de seus corpos, de suas mentes e de suas superfícies”.

Ainda, com relação a conceitos explorados na pesquisa, a compreensão de experiência estética de Iared, Oliveira e Reid (2017), se torna indispensável para nosso trabalho. Ao pesquisarem sobre as experiências estéticas no Cerrado, compreenderam que “todo o corpo está imerso no mundo como uma mente encarnada, seja através de uma sensibilidade crítica do ser, tornar-se e/ ou experimentar a natureza” (p. 2, tradução nossa). Dizem, ainda, que estética é definida como experimentar e se engajar com~no⁶ mundo tendo como fonte e origem as práticas corporais. Para Marin (2007) a palavra estética deriva de:

[...] *aisthesis* que significa sentir, sendo a raiz grega *aisth* sentir com os sentidos. Mais profundamente, pode-se dizer que se refere à capacidade humana de transcender o olhar imediatista sobre as coisas que compõem o mundo (Marin, 2007, p. 279).

A autora ainda nos diz que a origem etimológica do termo ética está em *êthos* que significa caráter e não mero costume. Segundo ela, é preciso estender, também, o sentido da ética para além da reprodução de preceitos morais. Ela nos alerta que a

⁶ Adotamos o uso do til (~) com o intuito de conceber os elementos, de forma indissociável, emaranhados e em continuidade.

compreensão da ética precisa partir da integridade de relações multifacetadas nas construções do imaginário social, assim como “nas expressões das capacidades criativas, nas histórias de vida, em como elas se desenham em um determinado espaço, tornando-o lugar, no potencial imagético humano e, sobretudo, diluída em toda essa complexidade, na sensibilidade estética” (Marin, 2007, p. 278).

Já Marin e Oliveira (2005, p. 197) concebem a experiência estética como o modo de nos relacionarmos no emaranhado de teias do mundo, “de múltiplas formas, marcadas pela afetividade, pela emoção, pela memória e, enfim, por todas as capacidades e dimensões que o constroem além da racionalidade”. Essa conceitualização nos leva a compreender que a experiência estética na natureza só é possível pela vivência de um ambiente de emoções (Hermann, 2005). Essa perspectiva então, requer um movimento construtivo de uma nova ontologia.

O exposto nos levou, dentro de nossa proposta de pesquisa, a abraçarmos a compreensão de consciência estética de Duarte Júnior (1988). Segundo o autor, ela pode nos alçar a “uma visão global do sentido da existência; um sentido pessoal, criado a partir de nossos sentimentos (significados sentidos) e de nossa compreensão (racional, lógica) do mundo onde vivemos (Duarte Júnior, 1988, p.115).

Nesse mesmo pensamento ontológico, Marin (2007) nos alerta que, se o ser humano quer se encontrar com o mundo, é necessário que reencontre a si mesmo. Ou seja, sem conhecer e dar liberdade à sua natureza afetiva, poética, criadora, instintiva, sua imaginação, fica impossibilitado de fazê-lo, de entender a fluidez e o movimento do mundo no qual deveria sentir-se inserido. Para ela:

A percepção do ambiente, a ética do encontro com o outro e com a natureza não são fenômenos que possam ser entendidos, discutidos e analisados sem que se parta de uma integridade de relações multifacetadas nas construções do imaginário social, nas expressões das capacidades criativas, nas histórias de vida, em como elas se desenham em um determinado espaço, tornando-o lugar, no potencial imagético humano e, sobretudo, diluída em toda essa complexidade, na sensibilidade estética (Marin, 2007, p. 278).

É a partir daqui que situamos a fundamental importância do entendimento de Lared (2017) acerca da tríade estética~ética~política. Diz-nos que o termo política, inserido aqui, não tem relação com políticas públicas, ativismo político-partidário, mas com ações que materializem relações ser humano (sociedade)-mundo (natureza) - orientadas por práticas sociais que são corporais e engajadas no mundo. Em outras palavras, a autora nos leva a compreender que ao acoplarmos o aspecto político à

estética~ética, estamos alargando e potencializando nossa concepção de educação para a envolvimento ser-humano e natureza em uma perspectiva multissensorial de um corpo engajado no mundo.

Portanto, em nossa pesquisa, partimos da premissa de que as relações sociais não são dissociadas das escolhas cotidianas ou posicionamentos diante das questões ambientais, mas tudo faz parte de um processo de co-produção. Falamos isso, porque esperamos que as pessoas interpretem, compreendam e deem “sentido aos acontecimentos da vida, às relações e ao entendimento do próprio “eu” em uma perspectiva de indissociabilidade entre mente, corpo e cultura” (Iared, 2017, p. 41).

Importante lembrar que o modo de viver pensado pela lógica de elevada produção de bens e consumo vem nos tornando coniventes com as relações sociais exploratórias vigentes. Entendemos que a adoção de posturas éticas, via experiência estética, materializa valores indispensáveis para o resgate de relações pautadas no respeito a todas as formas de vida existentes, não só a humana, mas também as mai-que-humanas.

Posto isto, e a partir da perspectiva da eticidade da estética, vemos na educação da atenção de Ingold (2010, 2017), uma abordagem potente para a educação ambiental, pois, “refuta a ciência cognitiva clássica, envolve uma perspectiva mais fenomenológica e ecológica, levando a uma aprendizagem corporal e visceral” (Iared; Oliveira, 2017, p. 105). Segundo o referido antropólogo, a educação da atenção é opositora à transmissão e às representações. Essa educação se caracterizaria como um movimento corporal do praticante dado como um movimento de atenção “porque ele olha, ouve e sente, mesmo quando trabalha” (Ingold, 2010, p. 18).

Todo o exposto até aqui nos impõe a necessidade de citar alguns exemplos de práticas sugeridas de Educação Ambiental menos antropocêntrica. Assim sendo, no tópico seguinte nos ocupamos das diferentes proposições de Educação Ambiental já existentes, objetivando situar o leitor acerca de algumas considerações teóricas indispensáveis para que pensemos em maneiras de conflitar as atuais tendências instituídas de Educação Ambiental nas escolas e suas repercussões, tanto no processo ensino-aprendizagem, quanto no de produção do saber.

1.2.1 A atenção nas relações com o lugar

A prática silenciosa, porém, eficiente, da lógica positivista vem tendo êxito no direcionamento de práticas educativas ambientais, visto que, por mais que tenhamos testemunhado avanços no campo político, ainda temos programas de ensino-aprendizagem enraizados pela perspectiva cartesiana de produção de conhecimento e, conseqüentemente, valores morais com generosas *pitadas* antropocêntricas.

Desse modo, consideramos a educação ambiental um potente caminho para fragilizar a prepotente racionalidade ocidental que está enraizada em nossa sociedade. A educação ambiental configura-se como uma alternativa plausível para tensionar a relação dicotomizada entre o mundo humano e mais-que-humano, uma vez que essa dimensão da educação pode materializar-se como uma prática que promove reflexões problematizadoras do intrincado entrelaçamento ambiental, social, cultural e político das problemáticas ambientais.

Sendo assim, neste subtópico, contextualizamos a noção de educação da atenção (Ingold, 2010), a partir de alguns estudos que vêm explorando o potencial das atencionalidades na educação ambiental e como esses trabalhos contribuíram para o desenho de nossa pesquisa. Argumentamos por uma educação da atenção como condição vigorosa durante a imersão dos corpos na natureza para compreender modos de coabitar.

A educação da atenção (Ingold, 2010) é oposta à lógica de mundo dado/constituído a partir da interação entre opostos. Em sua essência, exige dos envolvidos um processo visceral para o desenvolvimento cognitivo.

Alguns autores e autoras, no âmbito da educação ambiental, também vem compartilhando da mesma base epistemológica da educação da atenção de Ingold. Por exemplo, Carvalho e Mhule (2016) ao argumentarem por uma educação ambiental “fora da caixa” mantêm, na essência dessa proposta, estratégias educativas que superam os rebaixamentos da experiência, “da capacidade reflexiva e das criatividades, habilidades necessárias para formação de sujeitos autônomos e críticos” (Carvalho; Mhule, 2016, p 26). Tal perspectiva contribuiu para pensarmos as trilhas como caminhos variados, durante a pesquisa, como robustos na visibilização do potencial de agência dos mais-que-humanos.

Gomes e Iared (2021) defendem as práticas pedagógicas de Waldorf como potentes para a relação de afeto entre o ser humano e a natureza. A Pedagogia

Waldorf, ao preconizar pelo afastamento do excesso de eletrônicos (como celulares, televisão e videogames) coaduna-se com a lógica de Ingold (2010, p. 11) sobre a forma orgânica ser gerada e não expressada. Para ele, nossa forma orgânica é dada a partir “da presença e atividade do organismo em seu ambiente”.

Outro trabalho que adota essa mesma linha de raciocínio é o relato de Qualho e Iared (2021). As autoras propuseram um curso de formação continuada com professores do ensino básico, no qual enfatizou-se o encontro com fungos nos quintais e áreas verdes urbanas. O mundo mais-que-humano foi concebido como significativo para perspectivas pedagógicas que estão voltadas ao despertar da sensibilidade, da experiência, da criatividade e da “criticidade na educação por meio da biodiversidade local” (Qualho; Iared, 2021, p. 515).

Buss e Iared (2020, p. 380) apostaram na problematização da temática artrópodes em espaços não formais de educação como um “recurso didático que apresenta algum “impacto emocional no indivíduo, despertando emoções e preocupações”. Para as autoras, ao realizarmos a familiarização e a sensibilização acerca dos insetos, podemos superar a aversão e o asco, ou seja, podemos (re)significar a percepção sobre os artrópodes.

Os três últimos trabalhos citados nos fizeram apreender de Ingold (2010) que a educação da atenção pode propiciar que o processo cognitivo aconteça em tempo real ao da experiência, ou seja, está atrelado ao funcionamento dinâmico do sistema total de relações que o mesmo constitui, e isso contribuiu significativamente para voltarmos nosso foco na observação dos movimentos corporais decorrentes de movimentos de atenção (Ingold, 2010, p.18). Desse mesmo modo, Carvalho, Steil e Gonzaga (2020), saem em defesa de uma aprendizagem que, de certa forma, exige a atenção dos sujeitos envolvidos no processo ao que está em seu entorno. Para a autora e os autores precisamos de aprendizagens que ocorram através da articulação simétrica da mente-corpo-ambiente. Para isto, eles veem potencialidade em perspectivas de aprendizagens mais-que-humanas: aquela em que se evoca e institui a natureza, a matéria e o corpo como os lugares por excelência de aprendizagem.

Já Payne (2020) defende as práticas ecopedagógicas, as quais compreendem o caminhar, fazer, ser e tornar-se em vários ambientes, como passíveis de se enquadrar com uma forma intercorpórea de experiência holística e transdisciplinar. Noutra situação, Payne (2005) acentua a importância da aprendizagem por meio da experiência estética. O autor, ao acompanhar as formas de aprendizagem pelo meio

científico e artístico, conclui que a aprendizagem artística – bem diferente da científica (que conduz a experiência na natureza de maneira controladora dos movimentos corporais), fomenta a criatividade e sensibilidades sobre o ambiente onde o corpo está imerso. Ou seja, requer do sujeito na aprendizagem certa atenção às respostas corporais.

Para nós, propostas que orientem ou venham a orientar a construção de práticas educativas permeadas pela simetria entre os componentes vivos e não vivos do ambiente se inserem na perspectiva de educação experiencial de Ingold (2010). Essa perspectiva nos leva a pensar o envolvimento dos participantes dos processos de educação ambiental, em vivências relacionais/atencionais de *correspondência* dos humanos e mais-que-humanos.

Essa atenção, sobre a qual falamos aqui, é um processo ecológico, no sentido de juntar (*togethering*). Nos situar em relação de correspondência com o outro, de maneira que compreendamos o todo como resultado de processos de coprodução entre humanos e mais-que-humanos indefinidamente, a partir de desdobramentos. Portanto, correspondências são processos ao invés de interações,

[...] um meio de continuar e ser carregado, isto é, de viver uma vida com os outros – todos humanos e não-humanos – que é consciente do passado, finamente sintonizado com as condições do presente e especulativamente aberto às possibilidades do futuro (Ingold, 2021, p. 200, tradução nossa)."

Cabe salientar que, ao adotarmos a noção de correspondência supracitada, nós a assimilamos como uma perspectiva que parte de encontros banhados de uma atenção que pode manifestar *insights* de nosso lugar no mundo. Em outras palavras, ela contraria qualquer forma de atenção que leve o sujeito a estabelecer uma interação cartesiana. Afinal, se assim o fosse, essa perspectiva se caracterizaria mais como um processo cognitivo com propósitos racionais. Noutro sentido, significamos correspondência como uma maneira de estar a responder aos movimentos do outro ou dos outros (Ingold, 2021).

Os apontamentos acerca da educação da atenção, aprendizagens que situam corpo-mente-ambiente sem hierarquias, (re)significações por sensibilização, intercorporeidade, entre outras problematizações fizeram emergir os objetivos abaixo citados com a finalidade de responder à seguinte questão de pesquisa: *o que se mostra em experiências multissensoriais de caminhadas de trabalhadores da*

comunidade escolar com~no ambiente?

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo Geral

Investigar as experiências multissensoriais de trabalhadores da comunidade escolar de Pinheiros (Espírito Santo) com~na natureza.

Objetivos específicos

- Conhecer o movimento de caminhada realizado por trabalhadores da comunidade escolar.
- Interpretar, por meio das econarrativas, nossas percepções das relações entre os trabalhadores da comunidade escolar com o mundo mais-que-humano presentes nos percursos, como um campo relacional.
- Analisar as experiências de caminhada de trabalhadores da comunidade escolar com~no o ambiente a partir da ecofenomenologia.

1.4 APRESENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DA TESE

A tese está organizada em cinco capítulos. Logo na introdução, discorreremos acerca da finalidade de nosso projeto de pesquisa e, por meio de uma reflexão histórica, como se deu nossa inclinação a pesquisar a dimensão estética da educação ambiental. Fazemos uma análise desde a infância, em que a imersão na natureza estava balizada pelos sentidos, até a fase adulta, em que no exercício da docência, nossa inflexão à reprodução de práticas ambientais pontuais e simplórias conduziu-nos a propor educação ambiental fora do ambiente escolar. Discutimos neste capítulo, também, como a problemática se circunscreve no campo educacional, principalmente na formação de professores e no exercício da docência.

No *capítulo 2* focamos numa revisão de literatura com o intuito de problematizarmos a educação ambiental na formação de professores. Nesse ponto do trabalho, apresentamos e discutimos, num primeiro momento, a partir de uma pesquisa bibliográfica, por meio de uma “busca avançada e revisada por pares” no portal de periódicos da Capes e em periódicos nacionais de educação ambiental, os resultados acerca das lacunas existentes e perspectivas para a educação ambiental,

por meio da experiência estética. Num segundo momento, separamos um tópico para apresentarmos as contribuições das perspectivas filosóficas que compreendem a educação ambiental como campo relacional, cinscunscritas em alguns manuscritos, livros, dissertações e teses lidas no nosso grupo de pesquisa.

No *capítulo 3* apresentamos os referenciais metodológicos. Logo na primeira seção, apresentamos/assumimos o imbricamento dos humanos e mais-que-humanos decorrentes do movimento/fluxo no meio e que a apreensão deste fluxo se torna possível com a presença ativa da multissensorialidade, portanto, nesse ponto, descrevemos a metodologia adotada. Em seguida, discorremos acerca do arcabouço teórico que sustenta a metodologia de pesquisa. Exibimos, ainda, as características do *lócus* de pesquisa, as técnicas, os meios e momentos de produção de dados, detalhando todos os momentos de itinerância dos participantes, desde as primeiras aproximações, perpassando pelo convite formal até o processo de análise de dados.

O *capítulo 4* foca numa discussão dos resultados construídos durante a caminhada. A ideia é apresentarmos ao leitor uma problematização, por meio do diálogo entre os autores de referência da área, as denúncias que estão explícitas acerca da homogeneização das práticas de educação ambiental instituídas, dos silenciamentos e da inferiorização/rebaixamento da experiência estética e do não reconhecimento dos não humanos nas formações de educadores ambientais diluídas nas (eco)narrativas dos participantes.

No *capítulo 5*, tratamos das considerações finais, momento no qual buscamos fazer ponderações quanto à importância dos atravessamentos de experiências estéticas, por meio de caminhadas na natureza, como potencializadoras de uma educação ambiental menos antropocêntrica - práticas cotidianas milenares que permanecem até hoje como forma de distração, informação, ensinamento e inferiorização dos elementos não humanos. Porém, mesmo que pareça paradoxal nossa colocação, buscamos um fechamento que abra frestas para outras interpretações sobre a temática pesquisada. Pois, partimos da premissa de que o estudo por nós desenvolvido apontaria para problemas outros, cujas conclusões nos remeteriam ao entendimento da necessidade de descoberta de outros gargalos que inviabilizam práticas de educação ambiental orientadas pela lógica simétrica entre todos os constituintes do meio ambiente, em que prevaleçam as sensibilidades, as afetividades e as capacidades imagéticas criadora (Marin, 2007), principalmente na dimensão da formação de professores.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Como já mencionado, nossa revisão de literatura está separada em duas seções: 1-) uma pesquisa bibliográfica realizada no Portal de Periódicos da CAPES e nas revistas nacionais de educação ambiental e 2-) manuscritos, livros, dissertações e teses lidas no nosso grupo de estudo durante o desenvolvimento da presente pesquisa. Ambas com propósito de, a partir da análise de um panorama do que vem sendo discutido em educação ambiental, nos fazer refletir sobre o potencial de vincular as experiências estéticas na natureza e a formação de professores.

2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Neste primeiro tópico da revisão, centramos na extração de informações, a partir de uma busca criteriosa de trabalhos científicos, artigos, teses e dissertações com temática sobre a Educação Ambiental. Esse tipo de revisão pode proporcionar uma compreensão do fenômeno, aceitando estudos empíricos e teóricos, em artigos que podem dar um panorama real da temática discutida.

Muitos estudos apontam para uma série de problemáticas relacionadas ao campo da educação ambiental; por exemplo, a biologização e a ecologização. Enquanto a primeira pode culminar em desconexões/desvinculações do âmbito econômico, político, cultural e social das questões ambientais (Almeida; Mota, 2009), a segunda consiste no abandono da ideia de que o meio ambiente é assunto exclusivo de amantes da natureza, para se tornar uma questão da sociedade civil, de forma geral, a exemplo das conferências internacionais sobre esse assunto, realizadas entre as décadas de 1970 e 1990. Mas o importante, aqui, é destacarmos que ambas consolidam práticas de educação ambiental que se transfiguram em:

- 1) iniciativas descontextualizadas, pouco integradas, fragmentadas, de forma esporádica;
- 2) cegueira ante a interface das problemáticas ambientais com a dinâmica social (Gonzaga, 2008) e, por fim;
- 3) a supervalorização da esfera cognitiva no processo educacional em detrimento da experiência estética (Iared; Oliveira; Reid, 2017).

Partimos do pressuposto de que a precarização dessa dimensão da educação ambiental está relacionada ao reconhecimento de que, mesmo havendo a existência

de diversas maneiras de ensino-aprendizagem, uma corrente hegemônica (que serve aos objetivos do progresso, de uma racionalidade predominantemente econômica), vêm direcionando a missão humana à produção e consumo de bens e serviços, inclusive por meio de práticas pedagógicas (Duarte; Pazos; Sato, 2018).

Perante o exposto, faz-se necessário que os impasses que alimentam essa lacuna entre a educação ambiental na dimensão estética e formação de professores sejam desvelados, para podermos pensar em práticas potentes frente à gravidade das problemáticas ambientais. Sendo assim, a finalidade dessa discussão que empreendemos aqui, a partir dos dados obtidos no Portal de Periódico da Capes e em revistas brasileiras de educação ambiental, é apresentar um panorama acerca do que está acontecendo na educação ambiental no âmbito do ensino formal, com o intuito de apontar o distanciamento da experiência estética na educação ambiental, no que tange à formação de educadores.

Para a compreensão dessa lacuna, como já aludido, acessamos o Portal de Periódicos da Capes por meio da inserção de termos em inglês e português no campo “Busca Avançada e revisada por pares”. Nas revistas nacionais de educação ambiental: Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Revista Brasileira de Educação Ambiental, Pesquisa em Educação Ambiental e Ambiente & Educação, nos limitamos ao uso dos termos em português. Nas buscas, não aplicamos filtro entre períodos. Optamos por analisar todo o material disponível até o ano de 2021, a partir do resultado obtido quando inserimos as palavras-chave. Procedemos ao levantamento entre abril e junho do referido ano.

Recorremos à convergência das palavras-chave: “educação ambiental”, “formação de professores”, “*environmental education*”, “*teacher training*”, com vistas a evitar um resultado muito amplo e sem relevância para nossa proposta de pesquisa. Acreditamos que, ao utilizarmos essa estratégia, reduziríamos o volume da busca, ou seja, otimizaríamos os resultados obtidos. Nesse sentido, procedemos à pesquisa bibliográfica da seguinte forma: primeiro, acessamos no Portal da Capes o campo “Busca Avançada”; depois, realizamos uma nova filtragem, clicando em “revisada por pares”, para que, nessa etapa inicial, pudessemos identificar as produções limitadas à confluência dos termos “educação ambiental” e “formação de professores”; “*environmental education*” e “*teacher training*”.

Na referida etapa, obtivemos um resultado de 27 trabalhos em português, porém, registramos na Tabela 1, apenas 18, porque alguns artigos não focavam na

formação de professores. Nos produtos dessa filtragem fizemos uma análise do título e leitura do resumo, de maneira que só focamos numa leitura completa daqueles textos que, de certa forma, dialogam com nossa problemática de pesquisa.

O mesmo critério foi aplicado para o registro dos artigos em inglês. O total destes encontrados foi 75 (setenta e cinco) trabalhos, porém, apenas 35 (trinta e cinco) discutiram a educação ambiental alinhada à formação de professores. Novamente, aqui, procedemos da mesma forma, levamos para a Tabela 1, apenas aqueles que tinham alguma relação com nossa proposta de pesquisa.

No segundo momento, buscamos produções que fizessem referências aos termos “educação ambiental estética⁷” e “formação de professores” e “*aesthetic environmental education*” e “*teacher training*”, situação em que nenhum artigo foi encontrado. Na Tabela 1, apresentamos o resultado numérico da busca de cada termo usado durante o levantamento, com intuito de trazer informações quantitativas sobre o que se tem de educação ambiental na formação de professores em instituições de ensino.

⁷ Proposta de educação fundamentada em experimentos sensoriais e significativos baseados em perspectivas singulares e plurais, experienciadas e estruturadas ao longo da vida de cada um, com potencial de conexão com os sentidos e os valores do ser humano, que por sua vez, facilitará o resgate da “sensibilidade e o elo entre o homem consigo mesmo, com o outro e com a natureza, que possibilite (re)determinar valores, (re)pensar atitudes, buscando a existência do com-partilhar, necessário para (re)transformar a atual conjuntura social” (Mota, 2016, não paginado).

TABELA 1 – LOCAIS DE BUSCA E QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS

| Local de pesquisa | Palavra-chave | Resultados encontrados em português | Resultados encontrados em inglês | Artigos em português que problematizaram a formação de professores | Artigos em inglês que problematizaram a formação de professores |
|-------------------------------|---|-------------------------------------|----------------------------------|--|---|
| Portal de Periódicos da Capes | Educação ambiental e formação de professores/ <i>environmental education e teacher training</i> | 27 | 75 | 18 | 35 |
| Portal de Periódicos da Capes | Educação ambiental estética e formação de professores/ <i>aesthetic environmental education e teacher training</i> | - | - | - | - |

Fonte: o autor (2023)

Da Tabela 1, podemos extrair que há uma diferença expressiva, tanto no total de resultados obtidos quando aplicamos os termos – 27 para os trabalhos em português e 75 em inglês – quanto depois de filtrarmos e ficarmos, apenas, com aqueles que focaram na educação ambiental na formação de professores – 18 em português e 35 em inglês.

Na pesquisa bibliográfica para a produção de dados junto a revistas nacionais de educação ambiental, Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Revista Brasileira de Educação Ambiental, Pesquisa em Educação Ambiental e Ambiente & Educação, também buscamos levantar o quantitativo de trabalhos voltados à educação ambiental em processos formativos de educadores. Os dados produzidos, quantitativamente, podem ser observados na Tabela 2.

TABELA 2 – LOCAIS DE PESQUISA E QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS

| Local de busca | Palavras-chave | Resultados encontrados | Artigos que problematizaram a educação ambiental na formação de professores |
|--|--|------------------------|---|
| Revista Brasileira de Educação ambiental | Educação ambiental e formação de professores | 43 | 10 |
| Revista Ambiente e | Educação ambiental e | | |

| | | | |
|--|--|----|----|
| Educação | formação de professores | 37 | 15 |
| Revista Pesquisa em Educação ambiental | Educação ambiental e formação de professores | 20 | 05 |
| Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental | Educação ambiental e formação de professores | 42 | 21 |

Fonte: o autor (2023)

Como enfatizado, a ideia de utilizarmos esses termos específicos, tanto no Portal de Periódicos da Capes quanto nas revistas nacionais de educação ambiental, partiu da expectativa de refinamento dos resultados encontrados, pois, a proposta de trabalho perpassa pela compreensão das lacunas existentes entre educação ambiental e a dimensão estética nos processos formativos de educadores ambientais.

A busca teve como resultado, como visto nas Tabelas 1 e 2, uma variedade de trabalhos. Nosso próximo desafio, então, foi agrupá-los segundo seus respectivos campos de discussão, para facilitar nossas análises. No intuito de possibilitar uma melhor compreensão das discussões realizadas pelos trabalhos, organizamo-los nas seguintes categorias, que emergiram *a posteriori*:

- 1) Concepções de educação ambiental – investigações do potencial das concepções dos atuais e futuros docentes como gatilho para os processos formativos de educadores ambientais.
- 2) Educação ambiental na coletividade – limites e potencialidades de debates feitos coletivamente acerca de problemáticas ambientais.
- 3) Dialética entre teoria e prática – abordagens de temáticas ambientais a partir de práticas educacionais experienciais.
- 4) Interdisciplinaridade – propostas de não hierarquização e conjugação de conhecimentos entre as diferentes disciplinas.
- 5) Aproximação entre academia e comunidade escolar – envolvimento de graduandos em práticas pedagógicas no ensino básico, assim como o saber acadêmico na formação continuada.
- 6) Estudos sobre a realidade global e local – proposições de práticas pedagógicas orientadas pelos contextos geográficos e culturais.
- 7) Sustentabilidade – análise do potencial de atividades destinadas a fomentar ações sustentáveis.

8) Avaliação da educação ambiental na formação de professores – apontar fragilidades e potencialidades dos processos formativos de educadores ambientais.

9) Políticas de educação ambiental – análise reflexiva acerca dos avanços, retrocessos, potencialidades e limitações da educação nos documentos oficiais.

Optamos por contabilizar a frequência das categorias nos artigos selecionados. Um dos objetivos dessa etapa foi apresentar uma visão geral das tendências de pesquisa na educação ambiental nas produções brasileiras e estrangeiras em relação a esse tema.

Cientes do desafio de enquadrar os artigos em uma ou mais categorias, fizemos uma leitura completa destes, com vistas a encontrar singularidades que permitissem esse enquadramento. Esse procedimento nos permitiu verificar se determinada pesquisa poderia contribuir com elementos que, de certa forma, tivessem relação, direta ou indiretamente, com nosso objeto de análise – experiência estética na formação de professores em educação ambiental.

É interessante ressaltarmos que, nesse momento da pesquisa, relativo à organização dos artigos em categorias, esperanças quanto à possibilidade de que emergisse pelo menos uma categoria que tivesse relação direta com a experiência estética na formação de professores em educação ambiental. No entanto, essa categoria não emergiu, pois nenhum dos artigos pesquisados permitiu que a construíssemos. Todavia, entendemos que os temas discutidos contribuíram significativamente para nossas reflexões e discussões, e isto fez com que tivéssemos um olhar mais atento para as produções como um todo, para verificar quais destas poderiam trazer contribuições para este estudo.

Optamos por separar os dados obtidos no Portal de Periódicos da Capes das demais revistas, porque nele, como já citado, fizemos uma busca com os termos em português e em inglês, ao passo que nas revistas nacionais, restringimo-nos aos termos em português. É importante ressaltar que alguns trabalhos se enquadraram em mais de uma categoria. Os resultados dessa categorização estão nas Tabelas 3 e 4.

TABELA 3 – CATEGORIZAÇÃO E FREQUÊNCIA DOS ARTIGOS OBTIDOS DO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES

| Categorias | Inglês | Português |
|--|---------------|------------------|
| Concepções de educação ambiental | 12 | 09 |
| Educação ambiental na coletividade | 07 | 01 |
| Articulação entre teoria e prática | 08 | 01 |
| Interdisciplinaridade | 06 | 01 |
| Aproximação entre academia e comunidade escolar | 05 | 01 |
| Estudos sobre a realidade global e local | 02 | 01 |
| Sustentabilidade | 22 | - |
| Avaliação da educação ambiental na formação de professores | 03 | 04 |
| Políticas de educação ambiental | - | 01 |

Fonte: o autor (2023)

Os dados nos levam a inferir que há a prevalência de trabalhos voltados à apreensão de termos e conceitos dentro da educação ambiental, a saber, a temática de sustentabilidade. Um detalhe interessante acerca desse considerável número de trabalhos que se debruçam na problematização do potencial de abordagens da sustentabilidade como ponto de partida e chegada para se pensar em práticas de educação ambiental, é que são todas publicações internacionais. Já com relação à compreensão do significado de termos e concepções voltados à educação ambiental, em sua maioria, se debruçaram sobre tais percepções de atuais e futuros professores. Ao passo que pouquíssimos foram os trabalhos que analisaram essas compreensões em estudantes do ensino básico.

Podemos inferir que a tendência em explorar a sustentabilidade como mola propulsora para se compreender as problemáticas ambientais seja reflexo dos debates na formulação de documentos oficiais norteadores de políticas públicas ambientais como, por exemplo, o Tratado de Educação ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, a Agenda 21 ou os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Em contrapartida, ao analisarmos o resultado dessas categorizações nas revistas nacionais (Tabela 4), identificamos uma considerável parte dos artigos voltados a avaliação da educação ambiental na formação de professores.

TABELA 4 – CATEGORIZAÇÃO E FREQUÊNCIA DOS ARTIGOS OBTIDOS DE REVISTAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

| Categorias | Revista Brasileira de Educação Ambiental | Ambiente e Educação | Revista Pesquisa em Educação Ambiental | Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental | Total dos trabalhos |
|--|--|---------------------|--|--|---------------------|
| Concepções de Educação Ambiental | 01 | 02 | 01 | 06 | 10 |
| Educação Ambiental na coletividade | 02 | 01 | - | 04 | 07 |
| Articulação entre teoria e prática | 02 | 02 | - | 01 | 05 |
| Interdisciplinaridade | 01 | 01 | - | - | 02 |
| Aproximação entre academia e comunidade escolar | 04 | 02 | 01 | - | 07 |
| Estudos sobre a realidade global e local | 02 | 01 | - | 06 | 09 |
| Sustentabilidade | 01 | 01 | - | - | 02 |
| Avaliação da Educação Ambiental na formação de professores | 02 | 05 | 03 | 08 | 18 |
| Políticas de Educação Ambiental | - | - | 03 | 03 | 06 |

Fonte: o autor (2023)

Além desse resultado, também nos chama atenção o fato de publicações nacionais se voltarem, expressivamente, (09 de 66) na busca por compreender/explorar o potencial de práticas de educação ambiental quando realizadas dentro do contexto geográfico onde as instituições e participantes estão imersos.

Voltando à Tabela 3, com relação aos trabalhos em inglês, os dados nos apresentam a prevalência em explorar os potenciais e limitações da sustentabilidade

para a educação ambiental, enquanto na Tabela 4, notamos apenas dois artigos voltados ao desenvolvimento da educação ambiental nessa perspectiva.

A partir daqui, passeamos pelos pontos de convergências e divergências de alguns dos trabalhos dentro das suas respectivas categorias, com intuito de aproximar as lentes sobre nossa proposta de pesquisa.

Na categoria 1 – Concepções de educação ambiental – os trabalhos nos relatam que concepções apresentadas pelos profissionais refletem certa “ingenuidade” quanto às questões socioambientais. Além disso, concepções como, por exemplo, de ser humano, natureza e trabalho, expressadas pelos atuais e futuros docentes da educação implicam em perspectivas de uma educação ambiental voltada ao mercado, através da *conscientização* para diminuir os impactos ambientais, e de uma educação profissional voltada às necessidades do processo produtivo (Nogueira; Molon, 2017; Vilaça; Siqueira; Frenedo, 2018). Por outro lado, no levantamento de concepções acerca de ambiente e educação ambiental, os trabalhos assinalam que pode ser potente para a formulação de práticas pedagógicas críticas, reflexivas e interdisciplinares sobre as questões ambientais, uma vez que estas fornecem informações acerca da compreensão dos sujeitos envolvidos no processo (D’Aquino *et al.*, 2018). Esse dado contrastante se torna relevante para nossa pesquisa, pois também partimos do pressuposto de que as práticas educativas ambientais formais instituídas não vêm correspondendo às urgências socioambientais. Porém, são fundamentais como ponto de partida para nossa virada ontológica.

Na categoria 2 - Educação ambiental na coletividade – também somos levados a questionar o alcance dos processos educativos ambientais quando norteados por um currículo engessado. Os dados sugerem que a educação ambiental, não só extrapole a abordagem curricular contemporânea, mas, também, revolva-os, reestruture-os, tire-os de sua condição de reprodução de *status quo*. Para isso, apostam no exercício de práticas em trilhas ecológicas como em Buratti *et al.* (2021), na participação da comunidade na rotina escolar, na produção do conhecimento de maneira interdisciplinar, na articulação entre teoria e prática em processos específicos de formação e, por fim, em potentes diálogos voltados à produção de reflexões cotidianas (Alberto; Vargas, 2020; Bugallo-Rodrigues; Vega-Marcote, 2020; Vasconcelos, 2017). Para atingir tais objetivos, também sugerem que os saberes e vivências dos educandos devem fazer parte da estratégia pedagógica (Gomes; Nery; Brito, 2017; Freitas; Marin, 2020).

No entanto, ainda na segunda categoria, Guerra *et al.* (2009, p. 57) apresentam alguns obstáculos para os processos de formação continuada dos professores, tais como “a falta de tempo; a instabilidade profissional; a baixa auto-estima; a fragmentação do conteúdo”. Ademais, as atividades, ao ocorrerem de maneira pontual e impostas por técnicos e especialistas, acabam por resultar numa falta de ritmo adequado às atividades pedagógicas. Por outro lado, Feitosa e Figueiredo (2013) nos levam a entender que tais agrupamentos de colegas de trabalho com características de cooperação e engajamento por busca pela transformação social, tornam esses encontros relevantes para a formação de educadores ambientais, de maneira que se torna urgente ampliar os espaços de interação cooperativa. Esses apontamentos ratificam nossa aposta no potencial das experiências estéticas como práticas fundamentais na educação ambiental.

A categoria 3 – Dialética entre teoria e prática – engloba trabalhos que, de certa forma, experimentaram intencionalmente essa articulação nos processos formativos no *chão da escola*. Freire e Rodrigues (2020) entendem que persistem lacunas entre os campos de produção de conhecimento teórico e prático da educação ambiental, de maneira que predominam os espaços de reflexões e práticas de educação ambiental nas escolas pensados para atender às necessidades básicas do capitalismo. Tais fenômenos contribuíram para a marginalização de uma educação ambiental comprometida eticamente, tanto nas práticas educativas docentes como nos planejamentos curriculares das instituições escolares, “uma vez que ela tem sido priorizada numa vertente tradicional de educação” (Gomes; Nery; Brito, 2018, p. 174).

Diante dessa problemática, Tibúrcio e Logarezzi (2017) consideram de grande valia os programas de formação docente que ofereçam às/aos licenciandas/os, notadamente aqueles que estarão envolvidos nas práticas pedagógicas de educação ambiental, um contato mais estreito com a escola, a partir de um trabalho coletivo e interdisciplinar, teórico e prático.

Já Gil-Perez *et al.* (2003) veem nas oficinas dirigidas a professores de ciências em exercício, a partir de discussões globalizadoras das problemáticas ambientais, com vistas a inibir percepções redutoras e incompletas, uma potência para a formação desses profissionais. Novamente, nessa categoria, assim como na categoria 2, observa-se forte inclinação dos autores/as à consideração da coletividade em contextos locais como molas propulsoras para o desenvolvimento da educação ambiental.

Os trabalhos que se enquadram na categoria 4 – Interdisciplinaridade – debatem propostas de não hierarquização e, sim, conjugação de conhecimentos entre as diferentes disciplinas para a formação de professores. Ao fazermos uma análise comparativa das Tabelas 3 e 4 acerca dessa categoria, observamos que nas revistas nacionais (Tabela 4), apenas dois trabalhos problematizam a interdisciplinaridade, enquanto os trabalhos em inglês (Tabela 3) obtidos no Portal de Periódico da Capes somam seis abordagens, ou seja, mais que o dobro do que se tem discutido em produções nacionais.

As formações de professores precisam contemplar os distintos olhares e saberes, “incorporando questões de natureza política, econômica, cultural, científica etc.” (Strieder *et al.*, 2016, p. 73). Em outras palavras, necessitamos incorporar os discursos da complexidade tanto no âmbito científico quanto no social na formação de educadores ambientais.

Os trabalhos acomodados na categoria 5 – Aproximação entre academia e comunidade escolar – nos apresentam um panorama potente. No trabalho intitulado *Processos formativos associados a projetos de intervenção como estratégia de imersão da Educação Ambiental no contexto escolar*, Rheinheimer e Guerra (2010) concluem que o trabalho conjunto entre academia e comunidade se configura como um caminho para a imersão da temática ambiental no contexto escolar e como possibilidade de transformação das realidades investigadas. Ainda, segundo elas, isso é possível devido ao processo formativo se orientar pela vinculação do conteúdo curricular com a realidade de vida da comunidade escolar; aplicação prática e crítica do conteúdo apreendido; articulação entre conteúdo e problematização da realidade de vida; projeto político-pedagógico construído de modo participativo; concreta aproximação escola-comunidade e, por fim; possibilidade real do professor articular ensino e pesquisa, isto é, reflexão sistematizada de sua prática docente.

Outros trabalhos apontam para a superação de formações que valorizem somente os conhecimentos científicos, ecológicos e/ou ambientais para avançar para a incorporação dos conhecimentos sociais, políticos, econômicos, culturais, éticos e morais que envolvem todo o nosso ambiente (Monteiro; Gonçalves; Júnior, 2020). Um detalhe relevante nos trabalhos da categoria 5 é o reconhecimento da educação ambiental como caminho para a integração do contexto dos sujeitos da aprendizagem - geográfico/espacial e todas as suas dimensões e exercício profissional. Em síntese, há forte tendência dos artigos da categoria 5 em reconhecer como potente para a

educação ambiental, a parceria entre as instituições implicadas na formação docente e o *locus* de atuação social, político, econômico, cultural, ético e moral dos professores.

Não obstante, de forma um pouco mais restrita, os trabalhos agrupados na categoria 6 – Estudos sobre a realidade global e local – focaram em proposições de práticas pedagógicas ambientais orientadas pelos contextos geográficos e culturais dos sujeitos da aprendizagem em formação. Ou seja, diferentemente da categoria anterior, os trabalhos que estão embutidos nessa categoria não buscam articular/entrelaçar os conhecimentos acadêmicos e de ensino básico, mas sim, problematizar o potencial de abordagens ambientais locais em diálogos com as globais. Essa maneira de fazer educação ambiental, por considerar as problemáticas ambientais locais imbricadas às globais, pode atuar como força transformadora da intensidade do envolvimento colaborativo e participativo com os gestores e líderes locais (Bento *et al.*, 2021; Silva; Loureiro, 2015).

Os resultados também apontam dificuldades, como por exemplo, a mobilização por parte do poder público e a valorização dos saberes e vivências dos educandos nos processos formativos (Gomes; Nery; Brito, 2018). Todavia, esse modelo de formação de educadores ambientais também pode produzir “rodas de estudos, estudos do meio, encontros na escola, diários de campo e elaboração de materiais didáticos, indicando os resultados alcançados” (Silva; Loureiro, 2015, p. 163), assim como repercussões e implicações positivas em diferentes escalas de observação (Santos; Jacobi, 2011).

Na categoria 7 – Sustentabilidade – os trabalhos se voltaram para a análise dos desafios e potencialidades de ações sustentáveis individuais e coletivas e da construção de espaços sustentáveis. Importante lembrar que não encontramos nenhum trabalho em português no Portal de Periódicos da Capes (Tabela 3) que fizessem referência a essa categoria. O manuscrito de Guimarães e Tomazello (2009), *A formação universitária para o ambiente: educação para a sustentabilidade*, nos apresenta que, junto a licenciandos em Ciências/Biologia, foi possível concluir que há ausência de discussão do conceito de sustentabilidade nos meios acadêmicos.

No artigo *Making future teachers more aware of issues related to sustainability*, Gomes *et al.* (2019) salientam que as abordagens pedagógicas sob a lógica da sustentabilidade nos processos formativos de educadores ambientais são recursos valiosos para o desenvolvimento sustentável. Já para Bento *et al.* (2021), as

formações focadas nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), a partir de estratégias (oficinas), tem receptividade por parte dos professores e as lideranças participantes da formação. Porém, as autoras nos alertam que, para o cumprimento das propostas dos 17 ODS, necessitamos não apenas do comprometimento da governança em assinar documentos, mas, também, de financiamento de projetos, pois, “muitas vezes a instituição de ensino possui o conhecimento técnico e pessoas aptas a trabalhar, mas falta o financiamento para as ações” (Bento *et al.*, 2021, p. 352).

Como citado anteriormente, não houve artigos em português obtidos junto ao Portal de Periódicos da Capes que entraram nessa categoria, portanto, acreditamos que há um discurso que preconiza pelo desenvolvimento (econômico) em *harmonia* com a preservação ambiental sob a lógica do sistema de valores capitalistas muito difundido em outros países. Ou seja, entendemos que essa concepção “emerge da ideia de se mudar a aparência, mas conservar a essência” (Cosenza; 2020, p. 34).

Os trabalhos da categoria 8 – Avaliação da educação ambiental na formação de professores - se voltaram, a partir de suas análises com o objetivo de apontar fragilidades e potencialidades de processos formativos de educadores ambientais, tanto na formação inicial, quanto continuada.

Ao fazerem uma reflexão sobre a inserção da educação ambiental no curso de formação de professores de geografia da Universidade Federal de Sergipe na modalidade EaD, Silva e Carvalho (2017) concluem que o referido curso tem incorporado a educação ambiental em seu currículo de ensino, porém, destacam a importância/necessidade de encontros presenciais desenvolvidos nos referidos, para que surjam propostas de atividades práticas para serem desenvolvidas quando esses professores estiverem em sala de aula, além de serem momentos ímpar para a “troca de experiência e o fortalecimento de vínculos interpessoais” (Silva; Carvalho, 2017, p. 207).

Para as autoras Santos, Shimizu e Mariani (2009), a precariedade dos processos formativos de educadores ambientais reside na falta do estabelecimento de políticas claras e específicas que possibilitem, na prática, o desenvolvimento de um satisfatório trabalho de educação ambiental. Tal percepção se coaduna com o já citado em nossa análise na Categoria 3 – situação em que a presença de fissuras entre os campos teóricos e práticos da educação ambiental vêm dificultando os processos formativos de educadores.

Nessa mesma linha, para Freire e Rodrigues (2020), além do distanciamento entre a teoria e a prática, a supressão dos temas ambientais nos documentos orientadores das licenciaturas e o predomínio da concepção ingênua de educação ambiental para os licenciandos e os professores formadores são vieses que continuam emergindo nesse tema de pesquisa (Gregorio; Passos; Júnior, 2021; Guimarães; Inforsato, 2013).

Souza e Salvi (2012), ao realizarem uma investigação sobre o estado da arte na formação de professores em educação ambiental, concluem que os professores enfrentam dificuldades em suas práticas, na compreensão do papel da educação ambiental e nas próprias questões ambientais. Diante disso, inferimos que tais problemáticas podem estar relacionadas com os “limites de uma estrutura curricular atrelada à tradição disciplinar, que nem sempre responde às necessidades formativas dos professores” (Torales; Saheb; Carvalho, 2018, p. 61).

Para isso, as ações precisam ser permeadas pelo diálogo, pela valorização da diversidade, da participação coletiva, da busca pela relação dialética entre teoria e prática, pela interdisciplinaridade, pela aproximação entre a comunidade escolar e a academia e, por fim, pela busca contínua da aprendizagem sobre a realidade circundante (Souza; Salvi, 2012; Oliveira; Cavalcante; Teles, 2020).

Na última categoria (9), políticas de educação ambiental, os trabalhos se envolveram na compreensão da amplitude de documentos oficiais que tínhamos e temos para o campo da educação ambiental. Em outras palavras, os artigos que se voltaram a uma análise reflexiva acerca dos avanços, retrocessos, potencialidades e limitações dos processos formativos nesses documentos oficiais. Cabe ressaltar que não foi encontrada nenhuma publicação internacional nesta categoria.

A partir dos estudos analisados, entendemos que há um intenso desmantelamento da gestão ambiental pública, oriundo da extinção dos órgãos gestores da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) nos organogramas do MEC e do MMA, que culminou na “descontinuidade da trajetória conceitual da educação ambiental, compreendida, desde os anos 1990, como um ato político de formação cidadão para a participação social na defesa ambiental” (Consenzo, 2020, p. 29).

Entendemos, da referida problemática, que isso pode conferir maior poder à lógica mercantilista da educação, pois pode resultar na oferta de cursos superiores, licenciaturas ou bacharelados com abordagens superficiais da temática ambiental –

alargando, ainda mais, a lacuna que há entre as experiências estéticas na natureza e a formação de professores.

Oliveira e Carvalho (2012) reconhecem, a partir da análise de documentos que explicitam políticas públicas de formação de professores e políticas de educação ambiental, a pertinência e a necessidade de intrincarmos, nesse processo, essas duas dimensões - formação de professores e políticas de educação ambiental - pois, para as autoras “há indícios bastante evidentes de falta de diálogo e de articulação nos processos de formulação de tais políticas” (Oliveira; Carvalho, 2012, p. 17). Nessa mesma linha, Biasoli, Brianezi e Sorrentino (2015) assinalam a predominância de processos de institucionalização de políticas públicas ambientais de maneira centralizada e não participativa. Forma, esta, que não colabora para que o enraizamento da educação ambiental se torne concreto e duradouro.

Os dados obtidos/produzidos do Portal de Periódicos da Capes e revistas nacionais de educação ambiental nos levam a constatar que há riqueza de espaços significativos que se propõem discutir/fazer educação ambiental. Porém, mesmo que essas conquistas tenham culminado em processos de ambientalização curricular (Oliveira; Carvalho, 2012), pode-se argumentar que a experiência estética da natureza, contextualizada na formação de professores na educação ambiental, não ocupa papel central no fenômeno observado, pelo contrário, está timidamente margeando as discussões. Diante disso, apontamos para a necessidade de mais trabalhos voltados à compreensão/apreensão da experiência estética da natureza na formação de professores, pois partimos do pressuposto de que esta, por atuar num nível pré-reflexivo pode “construir uma consciência reflexiva intensificada e reinterpretar o eu-mundo e do seu pensamento” (Iared; Oliveira; Payne, 2016, p. 196, tradução nossa). Não obstante, Pitton e Mckenzie (2020) veem nos encontros afetivos corporais um potencial de promover ou mobilizar iniciativas de políticas, bem como contribuir para negar ou resistir a elas.

Ao pensarmos nas categorias, tínhamos a expectativa de encontrar algum trabalho que problematizasse a experiência estética na natureza na formação de professores. Porém, os dados não propiciaram que essa categoria emergisse, a partir de nossas pesquisas. Diante das observações feitas sobre as potencialidades e limitações das diferentes maneiras de fazer educação ambiental e da lacuna das experiências estéticas na natureza na formação de professores, vemos esta última – por ser orientada pela dimensão multissensorial dos corpos encarnados – uma

questão de pesquisa a ser investigada em práticas pedagógicas potentes para a educação ambiental, tanto no ensino básico, quanto no superior. Pois, urge a necessidade de escaparmos do cânone desenvolvimentista que vem balizando, por meio de práticas educativas ambientais, os modos de nos relacionarmos com o mundo mais-que-humano numa perspectiva antropocêntrica.

2.2 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Tanto os seres humanos quanto os não humanos, eu objetaria, realizam-se habilmente dentro e através de seu entorno, empregando capacidades de atenção e resposta que têm sido, pelo seu desenvolvimento, encarnadas através da prática e da experiência (Ingold, 2019, p. 36).

Dando seguimento à nossa revisão de literatura, a partir de agora focamos nos manuscritos, livros, dissertações e teses que lemos e debatemos no nosso Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade⁸ (GPEACS).

Pensando nisso, a formação de sujeitos numa perspectiva afetiva no mundo mais-que-humano é um caminho que entendemos ser promissor para potencializar a comunidade, frente às investidas neoliberais que a educação vive atualmente.

De fato, a literatura acadêmica vem pontuando o silenciamento dos valores éticos e estéticos e, especificamente, a experiência estética na educação ambiental (Iared; Oliveira; Payne, 2016; Marin; Kasper, 2009). Segundo Iared, Oliveira e Reid (2017), a falta de atenção à experiência estética na educação ambiental está relacionada à supervalorização da esfera cognitiva no processo educacional.

Nessa mesma linha, Carvalho e Mhule (2016) sinalizam que essa dificuldade de se implementar o aprendizado pela experiência, ou seja, propor uma educação ambiental “fora da caixa”, está nos movimentos disciplinadores instituídos no processo educacional. As autoras denunciam que a perda da atenção para o mundo se dá, em parte, por conta das formações excessivamente intencionais. Em outro trecho do mesmo artigo, as autoras tratam essa “menor importância da validade de elementos como a estética, a crença e os saberes locais e tradicionais, os sentimentos e emoções” (Carvalho; Mhule, 2016, p. 31), como decorrente de um modelo de ciência

⁸ O Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade foi criado em 2019, com a chancela da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná. O grupo foi registrado no Diretório do CNPq e reconhecido dentre os grupos de pesquisa da área da Educação, mais especificamente no campo da Educação Ambiental.

gerado dentro do projeto de modernidade que impera dentro das universidades.

No artigo intitulado *Ecofenomenologia: uma janela para o mundo*, Michèle Sato (2016), nos alerta sobre a importância de se “transcender a dimensão humana, incluindo outras formas de vida”, com vistas a superar a visão utilitária, técnica e antropocêntrica – advindas das estruturas cartesianas da ciência naturalista. Necessitamos desinvisibilizar os arranjos intra-ativos (Haraway, 2016) que há na relação do mundo mais-que-humano. De fato, Michèle Sato (2016), Carvalho e Mhule (2016) e outros autores vêm pontuando abordagens menos antropocêntricas na educação ambiental.

O trabalho de Rodrigues (2020) também comunga da ideia de que as experiências estéticas na natureza tem sido invisibilizadas. Segundo ele, a lógica de aprendizado fundamentado na absorção do conhecimento pré-fabricado, presente nas escolas, nos leva à interpretação de que somos como “bancos”, onde há depósitos e armazenamento de saberes ao invés de haver re-criação de significados da experiência somaestética. Experiências, estas, desde o nascimento propiciadas por nossas “conexões viscerais com o mundo da vida como criaturas na/ com/ como natureza” (Iared; Oliveira, 2017, p. 100). Tanto que, para Rodrigues (2020) a sombra da mangueira pode se tornar:

[...] um lugar de descanso para reflexões sinceras, aprendendo, olhando para as origens e pensando sobre a mudança e como o conhecimento histórico que, simultaneamente, é vulnerável à colonização e globalização” (Rodrigues, 2020, p. 172, tradução nossa).

Duarte, Pazos e Sato (2018) nos chamam a atenção para o seguinte detalhe: mesmo que reconheçamos a existência de diversas maneiras de ensino-aprendizagem, uma corrente hegemônica vem servindo aos objetivos do progresso – aquela que compreende a missão humana voltada à produção e consumo de bens e serviços. Tal pedagogia, de certa forma, retira dos educandos a possibilidade de aprendizados, por meio de uma imersão dos sentidos, como os andarilhos ao sentirem o frio, o calor, a sede, o mergulho em córregos e o sabor azedo de uma fruta.

Payne (2020) rememora que, historicamente, a educação ambiental e a pesquisa em educação ambiental estiveram sob uma lógica predominante dos interesses de conhecimentos provenientes de uma racionalidade técnica. O autor nos alerta que as teorias abstraídas e seus textualismos performativos “hegemonicamente rompe qualquer “relacionamento” com as práticas imanentes, corporificadas e

intercorporais” (Payne, 2020, p. 119, tradução nossa). No entanto, para ele, há fontes antigas que podem servir como referências para práticas e encontros imanentes de ações e interações humanas e outras relações agenciais. Em outras palavras, existe uma rica lista de ecologias teóricas, conceituais e empíricas, que embasam o campo polissêmico da educação ambiental.

Já Sund e Pashby (2020) assinalam que o ensino de questões globais está incorporado na matriz colonial do poder. Portanto, sugerem que para alcançarmos formas de abordagens mais éticas para essas questões precisamos, primeiramente, perpassar pelo reconhecimento das relações de poder que moldaram a história.

Quanto ao campo da pesquisa, não é diferente acerca do silenciamento dos valores éticos, estéticos e experiências estéticas na educação ambiental. Para Payne (2005) o sujeito perpassa por “processos de sentir, perceber, responder, explorar, interagir e conceituar, através de meios explícitos ‘disciplinadores’ de ciência” (Payne, 2005, p. 110, tradução nossa). Esses processos, continua ele, só podem se tornar acessíveis por meio da sensibilidade (postura mais criativa e espontânea), ou seja, a partir do momento que adotamos formas de produção do conhecimento que permitam a compreensão do entorno de maneira mais ampla, ao invés apenas de uma observação passiva e estática de determinada área particular.

Acreditamos que esse horizonte a ser alcançado – uma virada ontológica - perpassa pela necessidade de enfrentamento de padrões históricos e práticas pedagógicas de educação ambiental, seja na formação de professores ou nas escolas de ensino básico, que ainda estão fundamentadas na lógica mercantilista em relação à natureza. Como bem traz Charlot (2020), o que se tem nas práticas de educação ambiental são focos das questões ambientais, voltados a conselhos práticos, principalmente a respeito da poluição e do que não se deve fazer - se materializando assim, como um conjunto de bricolagens. Para ele, “são bricolagens simpáticas, e isso é melhor do que nada, mas são um tanto irrisórias quando se pensa no que está em jogo: o futuro da espécie humana e do seu mundo, bem como a necessidade de mudanças radicais em nossos padrões de vida” (Charlot, 2020, p. 10).

Entendemos de nosso referencial teórico que os/as autores/as advogam pela experiência estética na natureza na formação de professores. As leituras de Payne e Wattchow (2009); Carvalho e Mhule (2016); Sato (2016); Iared e Oliveira (2017); Iared e Oliveira (2018); Iared (2018); Duarte, Pazos e Sato (2018); Payne (2020); Carvalho, Steil e Gonzaga (2020), entre outros, nos levam a interpretar que os apontamentos

feitos por esses/as pesquisadores/as, discutem as lacunas das experiências estéticas na natureza, nos âmbitos da pesquisa e das práticas em educação ambiental. É importante salientarmos, também, que além da problemática acima citada seus estudos discutem que as afetividades com e na natureza não estão restritas à linguagem, mas são essencialmente corporais e envolvem múltiplas dimensões e *inter-ações* (Rodrigues, 2019) com o mundo humano e mais-que-humano.

Diante do exposto até aqui, ressaltamos que entendemos a experiência estética, delineada na presente pesquisa, como aquela proveniente da perspectiva de Iared, Oliveira e Reid (2017), em que a resposta afetiva ao mundo se dá pela imersão nele, de todo o corpo, como uma mente encarnada. Nessa mesma linha, as autoras e o autor definem a estética como “experimental e se engajar com~no mundo tendo como fonte e origem as práticas corporais” (Iared; Oliveira; Reid, 2017, p. 6, tradução nossa).

Assim, ao problematizarmos a experiência estética na natureza em caminhadas com trabalhadores da comunidade escolar que moram na cidade de Pinheiros-ES, buscamos nos envolver, dentro da perspectiva Ingoldiana de correspondência⁹, em fluxo de *inter-ações* com todos os componentes da natureza, norteados pelos seus sentidos, como respostas ao nosso desconforto causado por essa educação ambiental formal, antropocêntrica e mecanicista presente nas instituições de ensino. Dizemos isto, porque entendemos que é a partir do distanciamento dos ritmos desenfreados da modernidade, das práticas de educação ambiental formal engessada – em que prevalece o automatismo/repetição baseada em livros didáticos - que se pode pensar num movimento da virada ontológica.

Em suma, para os autores e autoras supracitados há potencial do engajamento visceral do corpo para uma mudança, até mesmo de organização social. Pois, como já apontado, inferimos que esse modelo atual de sociedade já extrapolou os limites de exploração dos recursos naturais, tornando, assim, nossa civilização insustentável se mantidos os atuais sistemas de valores (Grün, 2009).

Dessa forma, propostas de pesquisas que problematizem experiências estéticas na natureza na educação ambiental podem contribuir com reflexões acerca da necessidade de re-significarmos o entendimento do que estamos fazendo como práticas de educação ambiental na educação básica.

⁹ É responder com nosso corpo e mente em colaboração com o mundo (Ingold, 2013).

Portanto, nossa pesquisa partiu do pressuposto de que a incorporação de práticas pedagógicas ambientais com o intuito de tornarem-se potentes na resignificação de nossos modos de fazer educação ambiental, assim como provocadora de reflexões de nosso modo de estar no mundo, necessitam perpassar, primeiramente, pela construção de valores éticos e estéticos da comunidade escolar.

3 ITINERÂNCIAS METODOLÓGICAS

Uma roda de madeira posta no chão não é, *para a visão*, aquilo que é uma roda carregando um peso. Um corpo em repouso porque nenhuma força se exerce sobre ele não é para a visão aquilo que é um corpo em que forças contrárias se equilibram. A luz de uma vela muda de aspecto para a criança quando, depois de uma queimadura, ela deixa de atrair sua mão e torna-se literalmente repulsiva (Merleau-Ponty, 1999, p. 83)

Arriscamos a dizer que fomos nos inclinando para o procedimento metodológico escolhido para essa pesquisa por conta do casamento/confluência de alguns fatores que desenharam nossa trajetória na educação ambiental: vivências na natureza durante toda minha infância, formação em Ciências Biológicas, docência em contextos de modos vida conflitantes (zona rural e urbana) e testemunho de práticas pontuais de educação ambiental.

Também, é possível manifestarmos que essa definição de conduzir etnograficamente a pesquisa em campo tornou-se nosso desafio quando, já no início do curso, entramos na pandemia causada pelo SARS-CoV-2.

As disciplinas obrigatórias e eletivas ofertadas pelo programa, ao longo de 2020, a partir dos debates suscitados na leitura de artigos, livros, teses e dissertações, mesmo remotamente, também contribuíram significativamente, pois, rememoraram práticas ambientais executadas por educadores ambientais sob o viés da lógica do capitalismo.

Quando, enfim, houve o relaxamento das medidas restritivas, quanto ao uso de espaços aberto para lazer, desde que mantendo o distanciamento social, tornou-se possível caminharmos com o objetivo de interagir com os trabalhadores da Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) “Nossa Senhora de Lourdes”, localizada na periferia da cidade de Pinheiros-ES. Depois de vários meses de aproximação (caminhadas aos sábados, entre julho de 2021 e maio de 2022) com esses e essas trabalhadoras, fizemos uma proposta formal e informal para participarem de nossa pesquisa.

Depois de tudo que expusemos até aqui, a metodologia que acreditamos ser adequada para responder à questão de pesquisa é a etnografia sensorial, do inglês *Sensory ethnography* (Pink, 2009). Segundo a pesquisadora, a etnografia sensorial é aberta a múltiplas formas de conhecer, isto é, explorar e refletir sobre novos caminhos ao conhecimento compreende:

[...] um processo de criação e representação de conhecimento (sobre

sociedade, cultura e indivíduos) que se baseia nas próprias experiências dos etnógrafos. Não pretende dar conta da realidade, mas deve ter como objetivo oferecer versões de etnógrafos, experiências da realidade que são tão fiéis quanto possível ao contexto, negociações e intersubjetividades através das quais o conhecimento foi produzido (Pink, 2007, p. 22, tradução nossa).

Antecipamos que a escolha por essa metodologia se deu, pois ela possibilita reinvenções (Pink, 2009; Ingold, 2014) ao explorar, explicitamente, a percepção sensorial e “incorporar técnicas de coleta, de análise e representação dos dados que sejam mais colaborativas e participativas” (Iared, 2019, p. 4).

Utilizamos a abordagem qualitativa de disposição interpretativa, com viés ecofenomenológico — condição que se mostra arraigada na nossa maneira/modo de fazer pesquisa no Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade (GPEACS).

A pesquisa, realizada durante as caminhadas de sábado em trilhas rurais, com os trabalhadores supracitados, consistiu em, primeiramente, descrever as respostas corporais desses sujeitos da pesquisa durante suas trilhas semanais. Com isso em mãos, paralelamente, produzimos (eco)narrativas¹⁰ desses mergulhos na natureza. Tais (eco)narrativas abordam as afetividades e as emoções ao descentralizar a representação mental e dar abertura às experiências, a partir do realce do testemunho de engajamentos viscerais e afetivos do corpo (Payne, 2013; Iared, 2019).

A descrição, a partir de (eco)narrativas, das expressões corporais durante as experiências estéticas desses trabalhadores da comunidade escolar, como já sinalizado, nos levou a apostar na etnografia sensorial (Pink, 2014), porque ela transcende “a dimensão humana, incluindo outras formas de vida” (Sato, 2016, p.14), ou seja, segue a perspectiva filosófica da ecofenomenologia (Brown; Toadvine, 2003).

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

Problematizar as experiências estéticas na natureza para uma educação ambiental menos antropocêntrica significa se jogar na busca pela compreensão do lugar como produto dos imbricamentos do mundo humano e mais-que-humano. Esses significados, por sua vez, regulam nossa atuação no mundo. Afinal, compreendemos nossa percepção e atuação no mundo como provenientes dos estímulos de nossas

¹⁰ Formas de descrição da “experiência do corpo-espaço-tempo na/da/com a natureza e, conseqüentemente, captura do ecobecoming (o ser e se perceber como natureza)” (Iared; Oliveira, 2017, p. 104).

capacidades sensoriais (Johnson, 2007; Ingold, 2000, 2011; Sheets-Johnstone, 1999).

Partimos do pressuposto que as experiências estéticas emergidas de caminhadas na natureza, quando desprovidas de condicionantes voltados ao controle prescrito do corpo, podem potencializar percepções do movimento dos materiais ao qual estamos envolvidos em nossas itinerâncias/movimentos. Então, a multissensorialidade é vista, aqui, como uma mola propulsora para a apreensão de nossas ações~percepções dentro de um fluxo de *inter-ação* com a natureza (humanos e mais-que-humanos) que nos aviva a criação de significados. Isso significa perceber-se como agente que afeta e é afetado. Para Ingold (2007), humanos e não-humanos criam-se e recriam-se a si mesmos na imanência de suas mútuas relações.

O antropólogo citado se contrapõe à visão estática dos corpos ao nos ensinar que a vida ocorre em termos de linhas e fluxos, nos quais a matéria, indistintamente biológica e cultural, pulsa sem continentes (Ingold,2002), ou seja, se movimentam. Para ele, a constituição dos organismos é dada pelo transpassar dos materiais, afinal, os organismos não se fecham em invólucros corporais ou identidades. Não obstante a essa percepção de afetamento, Le Breton (2000) defende que se movimentar é nos colocarmos numa possibilidade de deslocamento. É nos sujeitarmos a ser tirados da tranquilidade/comodismo da vida cotidiana por um tempo ou mais, colocando-nos em flutuações da estrada, do clima, dos encontros, ou seja, não ficamos limitados a nenhum tipo de urgência intencionada.

Trabalhar com a dimensão sensível fez a escolha metodológica tornar-se um desafio, mesmo sabendo que “estudos em movimento” tem sido vistos como uma categoria que vem ganhando proeminência no campo de pesquisa em educação ambiental (Iared, 2019). Entendemos, da referida autora, que o movimento, a partir do caminhar, vem se tornando uma possibilidade de produção de dados para gerar interpretações das relações ser humano~ambiente e entrosamento das dimensões estéticas~éticas~políticas (Payne, 2014; Rodrigues, 2015) entre cultura~natureza.

O movimento, aqui, é tido como fluxo constante de matéria, como uma condição intrínseca de todos os elementos que compõem a biosfera terrestre (humanos e mais-que-humanos). Portanto, nossa pesquisa assumiu a perspectiva qualitativa ao fazer-se no contato direto e duradouro com a situação e ambiente de pesquisa, geralmente através de um denso trabalho de campo (Lüdke; André, 1986).

Assimilamos de Ingold (2000) que a postura do nosso corpo está diretamente

relacionada à nossa experiência corporal. Diante disso, consideramos que a etnografia sensorial respondeu às nossas expectativas na busca de apreender os saberes que foram produzidos por meio das experiências estéticas na natureza com os participantes da pesquisa. Tal metodologia – que tende a incluir a observação participante, entrevistas etnográficas e uma série de outras técnicas de pesquisa participativa – desenvolve-se e adapta-se, frequentemente, no contexto e conforme se torne apropriado para as necessidades e possibilidades proporcionadas pelo projeto de pesquisa (Pink, 2009).

Tal aposta partiu da percepção que temos de que atividades encarnadas e multissensoriais envolvem multidimensões de corporalidade e itinações com as materialidades do mundo mais-que-humano (Iared, 2018). Portanto, requereu de nós estar no campo de análise/relações de forma a apreender e compreender as experiências sensoriais de maneira partilhada com os demais participantes. Relações, estas, que se assemelharam à relação estabelecida e descrita por Ingold (2012), entre a aranha, a teia e a mosca:

Esperando no centro de sua teia, a aranha registra que uma mosca aterrissou em algum lugar nas margens externas quando ela envia vibrações através dos fios que são captadas por suas pernas finas e supersensíveis. Ela pode então correr através dos fios da teia para reivindicar sua presa. Assim, as linhas-fios da teia colocam as condições de possibilidade para que a aranha interaja com a mosca. Mas elas não são, em si, linhas de interação. Se essas linhas são relações, então elas são relações não entre, mas ao longo de (Ingold, 2012, p. 42).

Assim direcionados, vemos uma lógica de imersão na natureza opositora às perspectivas objetificadoras dos componentes do meio ambiente. Problematizamos a noção estabelecida de "objeto", ao nos orientarmos pela retomada da noção de "coisa", porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente (Ingold, 2012). Destacamos, ainda, que a etnografia sensorial, por meio das diferentes técnicas de produção de dados, se tornou pertinente, porque partilhamos da ideia que a multissensorialidade é fundamental para a forma como apreendemos, entendemos e acessamos o lugar dos humanos e mundo-mais-que-humano no~com meio ambiente.

Pressupomos que essa metodologia, ao desenhar-se pelo “envolvimento sensorial provocado pelo corpo em movimento” (Iared, 2018, p. 194), numa pesquisa-participante, evocaria, dos sujeitos envolvidos no processo, um entregar-se de forma visceral. Na busca pela compreensão dessa maneira de estar no meio ambiente,

apostamos ser possível, também, problematizar a forma como produzimos significados ambientalmente condizentes com uma virada ontológica (Iared, 2018) e, portanto, escolhemos uma maneira menos antropocêntrica de movermos e posicionarmos nosso corpo nas diversas paisagens (urbana e/ou rural) que as trilhas nos ofertaram. O corpo e o mundo mais-que-humano apresentam relação de correspondência a partir da literalidade da experiência do observar/observar-se e perceber/perceber-se em movimento. Nessa perspectiva, a pesquisa ocorreu sem dicotomia entre observar e participar, ouvir e falar, pois, como bem traz Ingold (2010, p. 22), também precisamos alinhar “o movimento da minha atenção de maneira tal que ele ressoa com o da sua ação”. Outro ponto fundamental, que cabe lembrar de Ingold (2002) é o mútuo envolvimento entre cultura e natureza e entre pessoas e organismos que, em sinergia, dão lugar à ação e à consciência dentro de um processo contínuo da vida.

3.2 PAISAGEM DE ESTUDO

Escolhi construir esse tópico, visando situar o local de estudo sob duas nuances: a primeira delas com a descrição do lugar diluída sob minhas impressões vivenciadas ao longo dos 33 anos de partilha com o lugar; já a segunda nuance, relativa ao momento de explanação, foca em percepções compartilhadas pela comunidade. Como podemos ver na Figura 1, Pinheiros-ES fica localizada entre diversas e extensas plantações, portanto, acessar áreas de vegetação nativa requer um pouco de esforço. Coisa que para criança arteira não é lá um grande desafio.

FIGURA 1 – IMAGEM AÉREA DA CIDADE DE PINHEIROS/ES



Fonte: imagem retirada da internet

Na dissertação de mestrado intitulada *Percepções do ensino de educação ambiental na comunidade escolar do assentamento nova vitória de Pinheiros-ES* (Pinheiro, 2017), a referida cidade é um município do estado do Espírito Santo que, geograficamente, se localiza a $18^{\circ}22'13''$ sul e a uma longitude $40^{\circ}12'48''$ oeste, estando a uma altitude de 70 metros. Possui uma área de aproximadamente 974 km^2 . Durante o ano inteiro, o clima é quente e, às vezes, sufocante. Segundo o Incaper (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural), ao longo do ano, em geral a temperatura varia de 23°C a 36°C e raramente é inferior a 22°C ou superior a 37°C . A região conta com a Reserva Biológica Córrego do Veado, que foi criada em 1982 e possui 2.392 hectares de Mata Atlântica. A Reserva fica ao lado do Córrego Santo Antônio e a 9 km do centro da cidade. Um local preservado, com belezas naturais (cachoeiras, corredeiras e vestígios de atividades de tribos indígenas que outrora habitaram a região), rica em fauna silvestre. Dessa forma, visando uma melhor compreensão sobre esse espaço, faz-se necessário localizar o referido município. A seguir, o mapa (Figura 2) ilustra a posição geográfica do município dentro do estado do Espírito Santo.

FIGURA 2 – PINHEIROS DENTRO DO MAPA DO ESPÍRITO SANTO



Fonte: imagem retirada da internet

Essas características citadas nos levam ao segundo modo de apresentação: voltando à foto aérea retirada da internet que abriu o tópico, podemos dizer que ela nos mostra um panorama geral, no entanto, se atentarmos para o entorno da cidade, vemos grandes áreas destinadas às monoculturas. Essa característica resultou na sua autointitulação como "Capital da Fruta". Está a 293 km da capital Vitória e é integrante da Região Doce Terra Morena, no extremo norte do Espírito Santo. O município é dotado de belezas naturais e culturais, atraindo, assim, variadas práticas ambientais e corporais.

As saídas para os espaços rurais ocorrem em todos os sentidos, porém, geralmente temos que atravessar essas extensas áreas de cultivos. Mesmo que a imagem não dê conta de mostrar a diversidade geológica, animal, e vegetal, a região é ricamente diversa. Essa característica, provavelmente, está relacionada à posição geográfica do município. Como vemos nas Figuras 1 e 2, o município é privilegiado quanto à sua aproximação com os recursos hídricos e florestais proporcionados pelo clima tropical, levemente inclinado a chuvoso de monção.

Mais a frente, nosso trabalho apresenta a denominação dada às trilhas percorridas pelos participantes da pesquisa e as características singulares daquelas

que mais foram procuradas pelos caminhantes durante esse um ano de produção efetiva de dados.

3.3 PRODUÇÃO DE DADOS

Observar não é objetificar, é atender as pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática. Com efeito, não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado (Ingold, 2014, p. 407).

Os trabalhadores da educação que participaram de nossa pesquisa já caminhavam aos sábados pela manhã muito antes de nosso convite. O grupo se formou para as caminhadas no ano de 2019. Segundo eles, a necessidade de relaxar das demandas escolares surgiu, naturalmente, durante bate-papos nos diferentes espaços da EEEM Nossa Senhora de Lourdes. Desde então, o grupo, segundo eles, aproveita o cansaço acumulado durante a semana para relaxar, caminhando aos sábados de madrugada.

Obtivemos conhecimento da atividade recreativa em outubro de 2020. No entanto, só recebemos o convite, via inserção no grupo de *WhatsApp*¹¹ para participar das caminhadas, em dezembro de 2020. Ainda, por conta da pandemia só pudemos estar nos encontrando, presencialmente, em julho de 2021 (mais a frente, detalhamos melhor essa aproximação). Testemunhar essas caminhadas tornou favoráveis mergulhos multissensoriais num nível pré-reflexivo, tanto para mim quanto para o grupo participante da pesquisa. As rotas sempre foram definidas coletivamente, no dia anterior à caminhada, por meio do grupo de *WhatsApp* denominado “caminhada de sábado”, e isso não mudou durante a nossa pesquisa. Um ou outro sugeria a rota e os demais opinavam até chegar num consenso.

A escolha do grupo de pesquisa ocorreu devido à afinidade que tal atividade, desempenhada por esses trabalhadores, têm com nosso referencial teórico, visto que apostamos no potencial que as experiências estéticas da natureza têm para se pensar em uma virada ontológica.

Diante disso, ressaltamos que fizemos uma imersão no contexto de pesquisa,

¹¹ De acordo com a wiki: aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet. O nome do grupo é *Caminhada sábado* e tem trinta participantes registrados.

ou seja, no exercício do caminhar desses trabalhadores para buscar “mostrar como o conhecimento emerge a partir das encruzilhadas de vidas vividas junto com outros” (Ingold, 2016, p. 407). É possível adiantar que testemunhamos alto grau de complexidade nesse mergulho.

Toda essa dinâmica nos levou a abraçar a maior versatilidade possível de aparato tecnológico em vista da organização e execução da caminhada, pensando sempre na melhor maneira possível de apreender, nas experiências estéticas, expressões subjetivas que podem ser subversivas à lógica antropocêntrica que predomina nas formas de ocupação humana do espaço. Essa característica do *lócus* de pesquisa nos exigiu, então, suprir a necessidade natural de estabelecermos coerência entre os campos ontológico, epistemológico e metodológico da presente pesquisa. Para isso, lançamos mão do uso das seguintes técnicas de produção de dados: a observação participante e *walking ethnography* (etnografia em movimento), as quais detalhamos nos próximos subtópicos.

3.3.1 Observação participante

Apreendemos de Ingold (2016) que o compromisso ontológico se cristaliza na pesquisa, quando o pesquisador, ao recorrer à observação participante, se torna ciente de que esta, “*não* é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, mas sim, a contemplação, em ato e palavra” (Ingold, 2016, p. 407). Ainda, para o antropólogo, a observação participante, como uma estratégia metodológica à etnografia tradicional, significa:

[...] ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir. Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas (Ingold, 2016, p.407).

Como pesquisador participante, tínhamos ciência de que estávamos num movimento de *sinestesia*, pois nossos corpos mergulharam de maneira sensitiva num ambiente carregado de estímulos (calor, frio, chuva, sol, água, terra, ar, dia, noite, amanhecer, anoitecer, fogueira, pescaria, ventos etc.) e, por carregarmos conosco a ciência de que disponibilizávamos de atividades encarnadas e multissensoriais (Iared, 2018), foram exigidas de nós variadas técnicas de produção de dados, conforme mencionamos acima, na tentativa de captar todos esses fluxos de movimentos.

Para Seltiz *et al.* (1960), na pesquisa participante o observador se expõe a

experiências que lhe dão um conhecimento direto das pressões e reações mais sutis a que estão expostos os envolvidos no processo. Apostamos na observação participante porque vimos, nela, potencial de uma melhor leitura do transbordamento das relações (Ingold, 2012) em uma perspectiva mais-que-humana. A escolha dessa técnica de produção de dados se deu pela preocupação com os aspectos não representacionais da experiência estética que estariam em análise. Isso é, compreendemos que a produção de conhecimento deve preocupar-se não somente com as representações mentais da realidade, mas, igualmente, com o modo como essas representações são produzidas, praticadas corporalmente no decorrer das ações e interações (Gomes; Silva; Iared, 2020).

Nesse sentido, compreendemos de Richardson (2007) que observar significa não se restringir apenas ao que se vê, mas, sim, dar atenção a todos os nossos sentidos. Para Ingold (2016) a observação participante é a principal maneira de se trabalhar etnograficamente. Nesse sentido, vemos nela potencial metodológico de apreensão das percepções sensitivas e afetivas dos sujeitos envolvidos numa mesma experiência estética. Pois, ainda segundo o antropólogo, tal proposta carrega em si, como arcabouços perceptivos do entorno, os sentidos do paladar, tato, olfato, visão e audição de observador e observado ao serem mergulhadas em possibilidades de experimentar as multisensorialidades do corpo em movimento.

3.3.2 *Walking ethnography*

Durante a *walking ethnography*, focamos nas caminhadas dos trabalhadores da comunidade escolar participantes da pesquisa, com vistas a produzir e vivenciar experiências estéticas. Segundo Iared e Oliveira (2017):

A técnica do *walking ethnography* considera a perspectiva de imersão do/a pesquisador/a dentro do evento do estudo, sendo que a ideia de “influenciar” o contexto de pesquisa é contestada, assumindo pesquisador/a e pesquisadas/os como participantes da investigação. Nesse sentido, mais do que observar / descrever, a experiência é vivenciada e testemunhada por todas/os as/os envolvidas/os (Iared; Oliveira, 2017, p.104).

Para as respectivas autoras, os estudos que contemplam a mobilidade, o movimento permitem a possibilidade de “abraçar as dimensões sensoriais e afetivas das pessoas em suas atividades de lazer comuns” (Iared, 2017, p. 103). Essa perspectiva de imersão em um fluxo de percepções sensoriais, Rodrigues (2015) denomina de *vagabonding*, ou “lazer vagabundo” – uma proposta de aprendizagem

experiencial baseada na educação ambiental crítica, sustentando-se na importância/necessidade da “desconstrução/reconstrução fenomenológica” em processos educativos críticos. Aquela que, segundo ele “implicaria uma relação dialógica e integral/ não fragmentária entre o ser humano (sociedade) e o mundo (natureza)” (Rodrigues, 2015, p, 309).

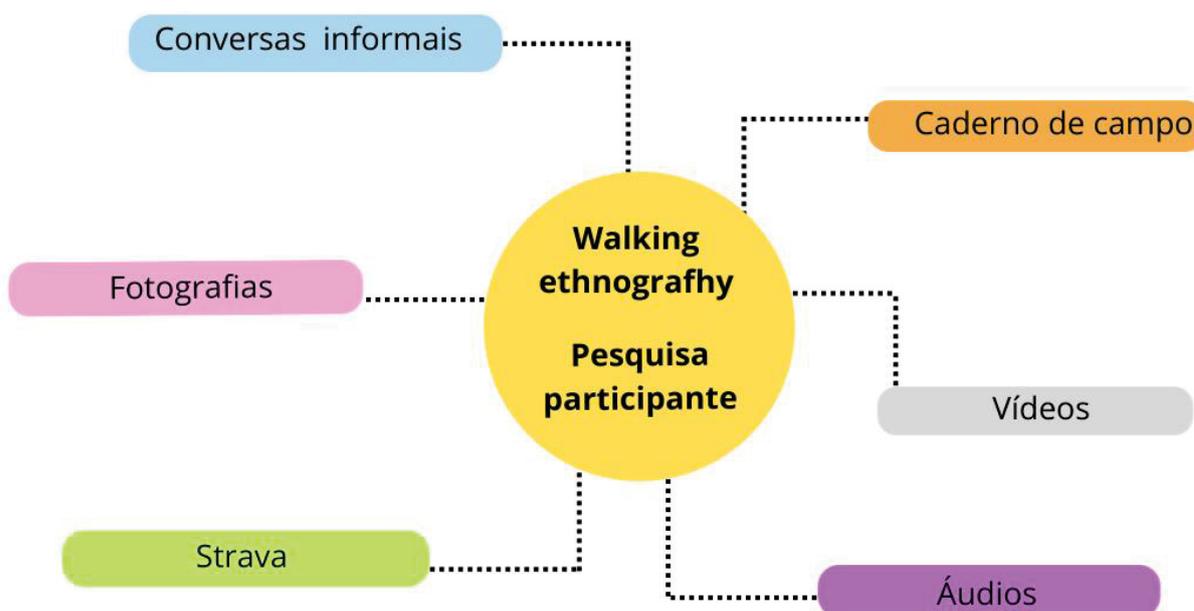
Optamos pelo *Walking ethnography* por considerarmos uma técnica fundamental na apreensão do sensível, visto que, como já apresentado, também estivemos imersos nas experiências que as caminhadas proporcionaram. Acreditamos, a partir de Iared e Oliveira (2018), que tal técnica pode possibilitar a apreensão de respostas afetivas testemunhadas nas caminhadas. Tanto que, ainda segundo as autoras, elas podem ser potentes na ampliação das possibilidades de análise das experiências.

3.3.3 *Corpus* de Análise

Mesmo que durante a aproximação com o grupo de caminhantes não tenhamos realizado qualquer registro para estudo, afinal, o objetivo era apenas a imersão no campo para o estabelecimento de relação de confiança com os participantes, para que, posteriormente, se sentissem à vontade durante as caminhadas, cabe aqui salientarmos que esse longo período de aproximação (dezembro de 2020 a abril de 2022), possibilitou que nosso referencial teórico metodológico fosse ganhando corpo, germinando ideias para a produção de nossos dados. Paralelamente, durante esse período, estávamos elaborando o projeto a ser submetido para o Comitê de Ética, o qual foi aprovado sob o protocolo 5.259.254.

Quando, enfim, nos apropriamos das caminhadas com o intuito de produzir dados, cada instrumento de análise nos exigiu pensar nas possibilidades do que seria empregado para a captação da experiência vivida. A Figura 3 descreve técnicas utilizadas para a produção e registro dos dados produzidos durante as caminhadas.

FIGURA 3 – TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS E CORPUS DE ANÁLISE



Fonte: o autor (2023)

As conversas informais foram registradas na forma escrita em um caderno de campo de bolso. Neste, também fizemos registros de fontes diversas que se tornaram focos de nossa atenção quando nos demos conta de que os bocejos, relaxamentos e alongamentos dos braços e expressões orais soltas poderiam ser acessados durante paradas para um café, descanso ou bate-papo aleatório. Acreditamos que, sem tais anotações, os registros de respostas corporais, gerados ao longo dos percursos, ficariam guardados na intimidade da reflexão individual. Para Ingold (2021), ao escrevermos, o poder expressivo da própria linha permite, a quem lê, sentir o que o outro sentiu pela maneira como foi escrito.

Mesmo sendo de grande utilidade, infelizmente, o caderno de campo para registro das sensações se mostrou limitado quando testemunhamos as correspondências entre os encontros dos corpos. Foi aí que o registro fotográfico mostrou sua importância. Ele se mostrou fundamental quando testemunhamos os olhares contemplativos, corpos rendidos à sombra, à chuva, à brisa ou aos feixes de luz solar que atravessam os sentidos.

Os áudios e vídeos se tornaram *corpus* de análise na medida em que a pesquisa foi se delineando. Mesmo não fazendo uso de aparato tecnológico com o intuito de gravar diálogos, tivemos a oportunidade de, com as câmeras dos celulares em mãos, tornar essa ferramenta imprescindível na garantia de um *corpus* de análise denso. Às vezes, a intensidade das experiências estéticas, a escuridão da madrugada

ou o sol escaldante contribuíram para dificultar a captura de respostas corporais por meio de caderno e foto. Isso fez com que os áudios, mesmo que poucos, servissem como fonte de relatos potentes na construção de (eco)narrativas.

As imagens em movimento, presentes nos vídeos, também foram consideradas potentes. Essas, mesmo que feitas à distância, comprometendo o áudio, nos forneceram importantes respostas corporais para a produção de (eco)narrativas. Foi por meio delas que foi possível percebermos, durante encontros e desencontros, a redução ou aceleração de passos e outras respostas corporais.

Por fim, o aplicativo *Strava* permitiu o registro do percurso feito, retratando a duração, relevo, velocidade e opções de cada dia de caminhada. A extensão de algumas rotas e seus respectivos graus de elevação, por vezes, provocavam nos sujeitos os desejos de experimentar as fadigas sentidas pelos corpos ao mergulharem naquelas paisagens armazenadas em suas memórias afetivas.

3.3.4 Momentos de itinerâncias para a produção de dados

Se, refletindo na essência da subjetividade, eu a encontro ligada à essência do corpo e à essência do mundo, é porque minha existência como subjetividade é uma e a mesma que minha existência como corpo e com a existência do mundo, e porque finalmente o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui e deste mundo-aqui. O mundo e o corpo ontológicos que reconhecemos no coração do sujeito não são o mundo em ideia ou o corpo em idéia, são o próprio mundo contraído em uma apreensão global, são o próprio corpo como corpo-cognoscente (Merleau-Ponty, 2015, p. 547).

Nossa perspectiva ecofenomenológica, como já apontado, foi considerada ideal para a apreensão do potencial das experiências estéticas na natureza para educações ambientais menos antropocêntricas.

Isso começou a se desenhar por ocasião de nossa aproximação com os participantes da pesquisa, durante aqueles dezessete meses (dezembro de 2020 a abril de 2022), com vista ao estreitamento de laços. Vale recordar que obtivemos conhecimento desse grupo em conversa informal com um colega de profissão, ao responder uma pergunta sobre nosso doutorado e o que eu estava planejando pesquisar. Foi através dessa conversa que tomamos conhecimento sobre o grupo de pessoas que trabalhavam na Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora de Lourdes e caminhavam todos os sábados. Segundo ele, o grupo suspendeu as caminhadas no referido ano, por conta das medidas restritivas de distanciamento social decorrentes da pandemia de COVID-19. Depois de algum tempo, percebemos

ter sido adicionados ao grupo de *WhatsApp* do pessoal da caminhada, iniciando-se, assim, nossa “caminhada” por meio de mensagens no grupo: *Bom dia! Boa tarde! Boa noite! Super Atacado Cricaré está com promoção!! Excelente dia para todos! Alguém sabe o telefone da farmácia que tá de plantão hoje? Parabéns fulano/a! Gente, fulano está com covid, vamos orar.*

Passaram-se muitos meses, desde a inserção no grupo, até o dia em que começamos as caminhadas multissensoriais. O relaxamento das medidas restritivas permitiu que, em 10 de julho de 2021, o grupo retomasse as caminhadas. Vale ressaltar que alguns rostos só foram descobertos depois de vários sábados, pois o uso das máscaras era condição para poder se juntar ao grupo.

Posto isso, podemos dizer que o momento descrito acima pode ser considerado como o primeiro passo para a produção de dados. Dizemos isto porque, se não o fosse, talvez a confiança em mim depositada não se fizesse presente em outras circunstâncias onde tivemos liberdade total para fazer registros oficiais de pesquisa de campo. Também, apostamos que a liberdade para falar corporalmente e verbalmente, apresentada pelo grupo depois desse longo período de convivência, pode ser resultado desse “não primeiro passo” (dentro da perspectiva racionalista) de produção de dados.

O grupo de *Whatsapp*, denominado “Caminhada de sábado” tinha, aproximadamente, trinta trabalhadores da educação, porém, apenas uma vez a caminhada foi realizada com todos os integrantes, simultaneamente, depois que começamos a participar, literalmente, das caminhadas. Geralmente, a caminhada contava com uma média de onze pessoas entre um sábado e outro. Após redação, submissão e aprovação de nosso projeto frente o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (UFPR), iniciamos o segundo momento de nossa itinerância. Este momento ficou no plano de recrutamento, por meio de convite de participação nos dias 12 e 19 de março de 2022, durante as caminhadas de sábado. O convite foi feito em dois sábados subsequentes, visto que um dos caminhantes, que tínhamos interesse que participasse da pesquisa, se ausentou na primeira caminhada de sábado do referido mês. Durante o convite, ressaltamos que a resposta não precisaria ser imediata, mas que poderia ser dada até início de abril daquele ano. Pois, nosso cronograma de pesquisa definiu como período de efetiva produção de dados de abril de 2022 a abril de 2023 (um ano de trabalho de campo).

Tendo em vista que o grupo e as caminhadas já existiam, e que fomos

convidados a integrar a equipe, julgamos como um compromisso ético estender o convite a todos os trabalhadores da comunidade escolar que desejassem participar da pesquisa. Portanto, o convite foi feito, primeiramente, de maneira aberta e informal e, em seguida, de maneira direta e individualizada. Quatro pessoas aceitaram participar da produção de dados e, posteriormente, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Anexo 1).

O terceiro momento de nossa itinerância na produção de dados foi mais duradouro e desafiante. Durante um período de 12 (doze) meses (abril de 2022 a abril de 2023) realizamos a etnografia sensorial. Havia momentos em que os participantes questionavam se realmente estávamos estudando ou *curtindo* as paisagens e o bom papo. Provavelmente, essa “preocupação” por parte dos caminhantes originava-se na maneira com que suas contribuições eram dadas, afinal, o deslocamento dos corpos, naquele momento, se resumiu a caminhadas despreziosas de “manipulação/controla” do corpo. Essa forma de estarmos na natureza visava diluir qualquer barreira que pudesse surgir e comprometer o prazer de estarmos ali. Esses momentos, apesar de espontâneos, consistiram no registro, por meio de diversos instrumentos (como já apresentado), das respostas corporais.

A quarta etapa foi concomitante à terceira. Para cada caminhada foi produzido um registro descritivo das respostas corporais às multisensorialidades do meio e, também, uma (eco)narrativa (todas estão apresentadas no Apêndice 1). A ideia é que o momento anterior à escrita nos permitisse um mergulho na natureza no nível pré-reflexivo e que, posteriormente, sua descrição da experiência ((eco)narrativa) sinalizasse ou não para possível potencial de perspectiva não antropocêntrica de educação ambiental. Esse nível de mergulho na natureza foi importante, pois nos permitiu o envolvimento com os participantes no fluxo do acontecimento. Ou seja, possibilitou preceder à linguagem, afinal este estado:

[...] não começa e não termina na linguagem, mas é sensível e reflete o nosso envolvimento com o mundo ... Nossos corpos, que estão sempre interagindo relacionalmente através do movimento no mundo da vida, são ativamente cúmplices na geração de significado, ou compreensão somática ou conhecimento corporificado (Iared; Oliveira; Payne, 2016 p. 195, tradução nossa).

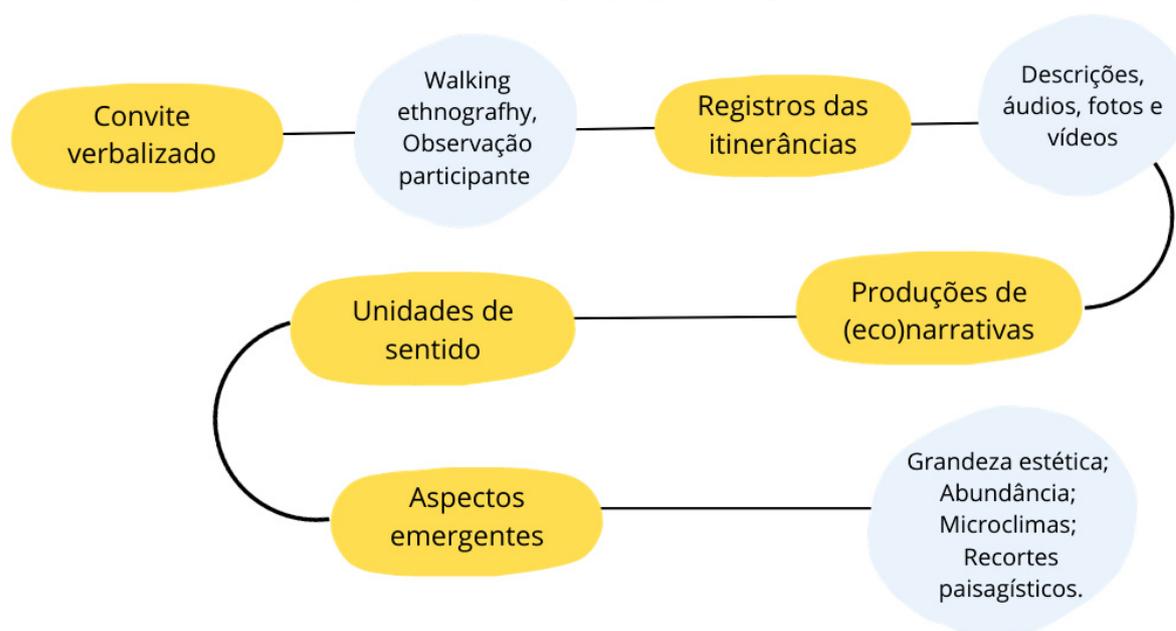
A (eco)narrativa é definida, aqui, como uma descrição da experiência vivenciada pelo corpo num espaço-tempo na/da/com a natureza que carrega ou não, consigo, potencial de apreensão do *ecobecoming* (o ser e se perceber como natureza)

(Payne, 2013). Elas, segundo Iared e Oliveira (2017, p. 104), podem facilitar a “identificação e discussão das respostas afetivas que estão relacionadas ao fato de o corpo estar imerso no fluxo do movimento com o mundo”.

Já a quinta etapa consistiu em reunir as (eco)narrativas e apreciá-las individualmente. Posteriormente, reunimo-las em apenas uma (eco)narrativa para cada participante. As (eco)narrativas foram devolvidas aos participantes para acrescentar, suprimir, alterar trechos das descrições testemunhadas durante suas experiências estéticas. Depois da devolutiva, novamente as (eco)narrativas foram reexaminadas minuciosamente para a seleção de unidades de sentido (Bicudo, 1994). Tais excertos, que “representam as ideias que melhor representam o fenômeno” (Alves; Buffon; Neves, 2021, p. 208), contido na subjetividade das (eco)narrativas, tem aqui a finalidade de aprofundar a análise e discussão dos dados, no sentido de apontar a existência de aspectos emergentes que estivessem dentro da dimensão de propostas de educação ambiental menos antropocêntrica. A organização das unidades de sentido em aspectos emergentes estão presentes no Apêndice 2.

Com esse material revisado em mãos, por fim, veio a sexta etapa. Nesta, nos dedicamos a analisar os dados, produzir os já referidos aspectos emergentes para buscarmos acessar os laços que interligam os sentidos e significados das experiências vividas ao modo de ser na-com os mais-que-humanos de cada participante, para, enfim, no tópico “Resultados e discussões”, descortinar o potencial das caminhadas na natureza para uma educação ambiental menos antropocêntrica. Cada percurso do caminho metodológico está exemplificado em nossa “trilha metodológica ilustrativa”, representada na Figura 4.

FIGURA 4 – TRILHA METODOLÓGICA ILUSTRATIVA



Fonte: o autor (2023)

3.4 PERCURSOS E CAMINHADAS: DAS CARACTERÍSTICAS AOS ATRAVESSAMENTOS

Os percursos ficaram numa média de 12 km e os locais escolhidos se diferenciaram por suas singularidades: alguns com predominância da monocultura de café, pimenta-do-reino ou mamão; outros, por matas; por comunidades rurais; ladeiras, morros, chapadas, presença de córregos, de represas e chácaras; por trilhas de motoqueiros e ciclistas etc.

Ao todo, o grupo experimentou treze trilhas diferentes, mesmo que algumas se diferenciaram por apenas 5 km do trecho novo. Um detalhe interessante é que, desse total de trilhas, três delas, denominadas: Simoneti X Belinha, Valmir Caseli X Simoneti e Fazenda Orleti X Simoneti, possuem pontos que se aproximam da Reserva Biológica Córrego do Veado. Justamente nelas, o grupo testemunhou, por diversas vezes, a presença (pegadas, excretas, cadáveres, sons) de animais exóticos da Mata Atlântica.

Nos preocupamos em apresentar, mais ao final deste tópico, os aspectos/elementos de cada percurso que provocaram afetamentos nos participantes da pesquisa, no entanto, para situar melhor o leitor quando formos esmiuçar essas singularidades, apresentamos agora (Quadro 1), sucintamente, um pouco dos fatores

que contribuem para a morfologia dos trajetos que pisamos durante os doze meses de trabalho de campo.

QUADRO 1 – SÍNTESE DOS PERCURSOS DO PRESENTE ESTUDO

| Percurso | Número de trajetos | Características gerais do percurso |
|---|--------------------|--|
| Niterói X Sítio Família Hernane | 08 | <ul style="list-style-type: none"> - Aproximadamente 08 km de uma região rica de vida selvagem. - Considerável presença de fragmentos de Mata Atlântica situada dentro do corredor ecológico “Córrego do Veado”. - Considerável número de represas particulares. - Pouco fluxo de veículos pesados. - Alta umidade e sensação de frescor na maior parte do tempo. |
| Simoneti X Valmir Cazeli | 06 | <ul style="list-style-type: none"> - Estrada com fluxo alto de carros. - Poeira predominante ao longo do ano. - Proximidade com a reserva florestal “Córrego do Veado”. - Presença de um volumoso pomar particular. - Zumbido característico do bater das asas de insetos. - Sol quente na maior parte do caminho. |
| Praça baiana X Assentamento Nova Vitória X 11 de agosto | 05 | <ul style="list-style-type: none"> - Alto fluxo de veículos (moto, carro, caminhão e ônibus). - Riqueza hídrica. - Alta densidade de árvores. - Presença de pomares. - Sensação de calor durante a volta do trajeto. |
| Praça baiana X Matinha do Caparaó X Simoneti | 05 | <ul style="list-style-type: none"> - Percurso dentro de uma mata densa. - Diversidade de vida vegetal. - Frutas desconhecidas. - Alta umidade e calor excessivo. - Sons variados indicando presença de animais. |
| Pinheirinho X Matinha Orleti X Simoneti | 04 | <ul style="list-style-type: none"> - Duas matinhas privadas. - Grande quantidade de folhas e gravetos espalhados pela estrada. - Alto número de formigueiros ao longo do trajeto. - Clima fresco ao longo de toda a caminhada. |
| Morro do Sr. Edim Cerqueira | 03 | <ul style="list-style-type: none"> - Trajeto longo e presença de ladeira íngreme. - Considerável altitude do morro. - Chapada extensa em direção ao litoral. - Visão de aglomerado de enormes picos em direção ao sudeste de Minas Gerais. - Presença de neblina forte. |
| Contorno X Matinha do clube X Simoneti | 02 | <ul style="list-style-type: none"> - Trajeto longo e margeando a cidade e uma matinha. - Vestígios de represas e resquícios de Mata Atlântica. - Presença marcante de galhos invadindo a estrada de terra. - Cerca viva natural. - Barro vermelho que se torna pastoso e denso quando chove. - Trajeto fica na maior parte do tempo sob as sombras das árvores. |
| Pedro Pereira X Pinheirinho | 02 | <ul style="list-style-type: none"> - Pouca diversidade de vida vegetal. - Presença de uma nascente que banha a barragem que abastece Pinheiros e região. - Baixa movimentação de veículos automotores. - Corriqueira presença de codornas atravessando a estrada. - Grande volume de água atravessa manilhas, que por sua vez, cortam a estrada de chão batido e produz um som alto e atraente. |

| | | |
|--|----|--|
| Lagoa Estrela | 01 | <ul style="list-style-type: none"> - Presença de uma grande ladeira cascalhada e cheia de curvas se desenha entre os morros. - Enorme Lagoa banhando uma chapada. - Presença do famoso Rio do Norte. - Pedras volumosas desenhavam um cenário digno de pintura. - Companhia de cantos de pombas selvagens, siriemas e do gado leiteiro. - Presença de fezes de capivara e restos de peixes deixados pelas ariranhas. - A vegetação densa do outro lado da margem do rio. - Clima fresco e úmido. |
| Pedra da Botelha | 01 | <ul style="list-style-type: none"> - Predominância de vida vegetal. - Subida íngreme. - Muitas rochas no caminho. - Troncos secos bloqueando o caminho. - Diversidade de bromélias e orquídeas. - Extensa visão do litoral do Espírito Santo e sudeste de Minas Gerais. - Clima abafado, úmido e sombreado. |
| Sobradinho X Santuário | 01 | <ul style="list-style-type: none"> - Mistura do místico e do estético da vida vegetal. - Construção barroca da igreja. - Perfume forte e alta diversidade de cores. - Visão ampla da “Pedra do Dragão”. - Clima fresco e dia iluminado. |
| Praça baiana X Chácara Arlindinho | 01 | <ul style="list-style-type: none"> - Prevalência de asfalto. - Considerada presença de fios de alta pressão. - Alto número de canto de siriemas. - Chácara com rica variedade de frutas. - Lagoa tomada por taboas e frango d’água. - Clima seco e alta sensação térmica. |
| Pinheirinho X Trevo do São João do Sobrado | 01 | <ul style="list-style-type: none"> - Prevalência de asfalto. - Represa utilizada para pesca. - Trevo estruturado com ar de modernidade. - Alta movimentação de veículos automotores. - Clima seco e sensação térmica elevada. |

Fonte: o autor (2022)

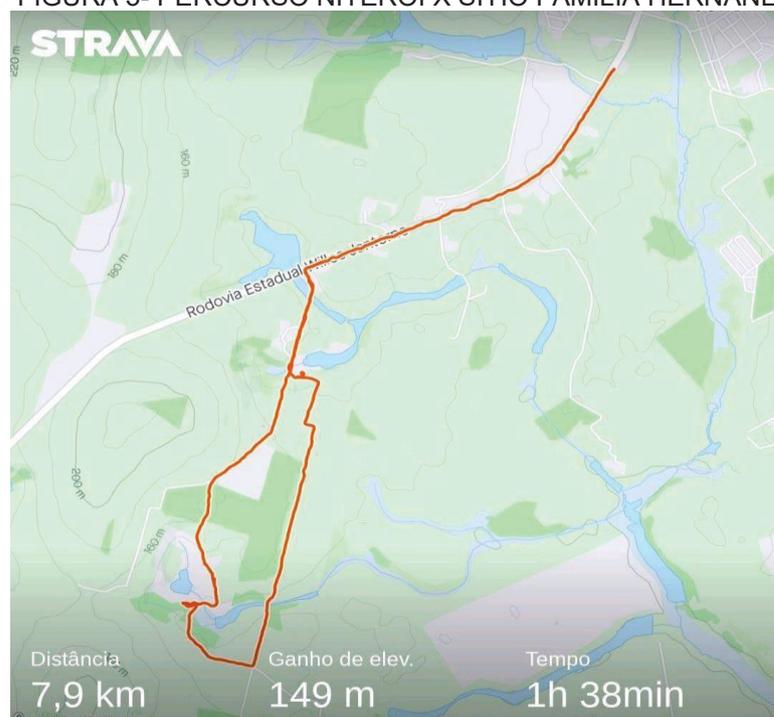
No tópico *Paisagem de estudo*, fizemos um esboço das características de nosso *lôcus* de pesquisa e, naquele momento de escrita, o objetivo era apenas situar o leitor acerca do constructo histórico e seu *status* geoeconômico. A partir de agora, apresentamos, com mais detalhes, o nome, extensão e as características singulares de cada trajeto que caminhamos dentro desse espaço maior.

Tínhamos a intenção de realizar ao menos quarenta e cinco caminhadas ao longo desses doze meses de trabalho de campo, no entanto, por conta de alguns percalços, totalizamos quarenta caminhadas. Imprevistos, estes que, seja de natureza climática ou de natureza familiar, como por exemplo a morte do pai de um dos participantes da pesquisa e a morte acidental, durante o trabalho, de um dos integrantes do grupo de caminhada, impossibilitaram tais encontros

Os valores quantitativos são deixados de lado, desse ponto em diante da pesquisa, visto que já foram apresentados no Quadro 1. No entanto, consideramos

pertinente orientar os leitores que a ordem de apresentação dos trajetos está associada da maior para a menor incidência de vezes em que caminhamos naquele determinado local. Posto isso, iniciamos abordando o trajeto denominado “Niterói X Sítio Família Hernane” (Figura 5).

FIGURA 5- PERCURSO NITERÓI X SÍTIO FAMÍLIA HERNANE



Fonte: o autor (2023)

O percurso, desenhado na imagem acima, proporciona aos caminhantes a sensação de paz, por dois motivos: o primeiro deles, que, notadamente vai determinar o segundo motivo, diz respeito à predominância de vegetação nativa da mata atlântica por todo o caminho. A precariedade de luz solar dá um tom de verde escuro às folhagens e o cheiro de verde adentra as narinas na maior parte do deslocamento. Tal característica pode ser proveniente da baixíssima ocupação humana do seu território, visto que a “família Hernane” se resumiu a apenas cinco residências numa área de 5 km² que fica dentro de um território contemplado por um corredor ecológico da Reserva Biológica Córrego do Veado. Pés de mexerica, laranja, quiabo, abóbora e aipim são cultivados sem cercas de proteção. Isso aproxima os caminhantes das flores que desabrocham e são visitadas pelos polinizadores.

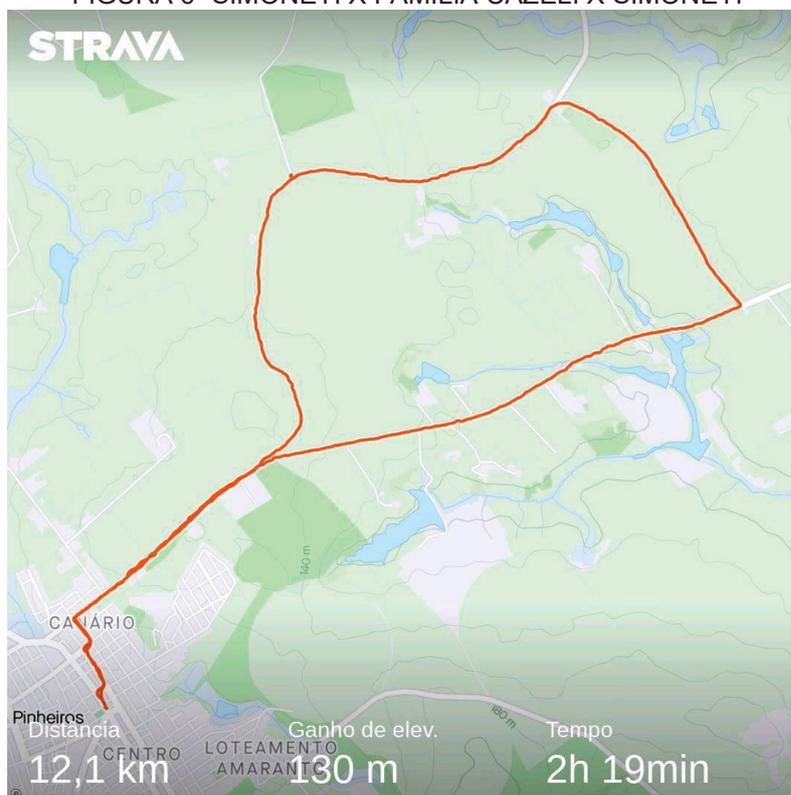
O outro motivo refere-se à ausência de ruídos humanos. Afinal, é uma área que não dá acesso a outras terras. Suas estradas de chão batido são apertadas pela invasão da vegetação densa, tanto que, em alguns pontos, o caminho ganha

contornos de túneis de vegetação. Mas isso não impede de ter uma agradável circulação de ar (constantemente o grupo é banhado por uma brisa fresca). Além disso, esse trajeto tem início e fim em si mesmo, ficando restrita a movimentação de pessoas, apenas para caminhadas. Não é novidade nos depararmos com famílias de saguis, aracuãs, siriemas e vestígios de capivaras que atravessaram a estrada na noite anterior.

Uma igrejinha entre os arbustos é acessada por uma estreita estrada forrada de pedrinhas lapidadas pela água da chuva. A delimitação dessa estrada é feita por imensos e antigos pés de eucalipto. O cheiro difunde-se por todos os lados, de maneira que é impossível passar despercebido toda vez que o grupo resolve visitar aquele espaço sagrado.

O segundo trajeto mais frequentado consiste num deslocamento de um pouco mais de 12 km (Figura 6), denominado “Simoneti X Família Cazeli X Simoneti” O terreno é praticamente plano e a poeira ou a lama é companheira de viagem de quem se arrisca nesse caminho. Tal característica advém do alto movimento de veículos que buscam acessar a BR 101 ou a parte urbana da cidade de Pinheiros. Essas características passam a impressão que é um trecho de clima quente e abafado.

FIGURA 6- SIMONETI X FAMÍLIA CAZELI X SIMONETI



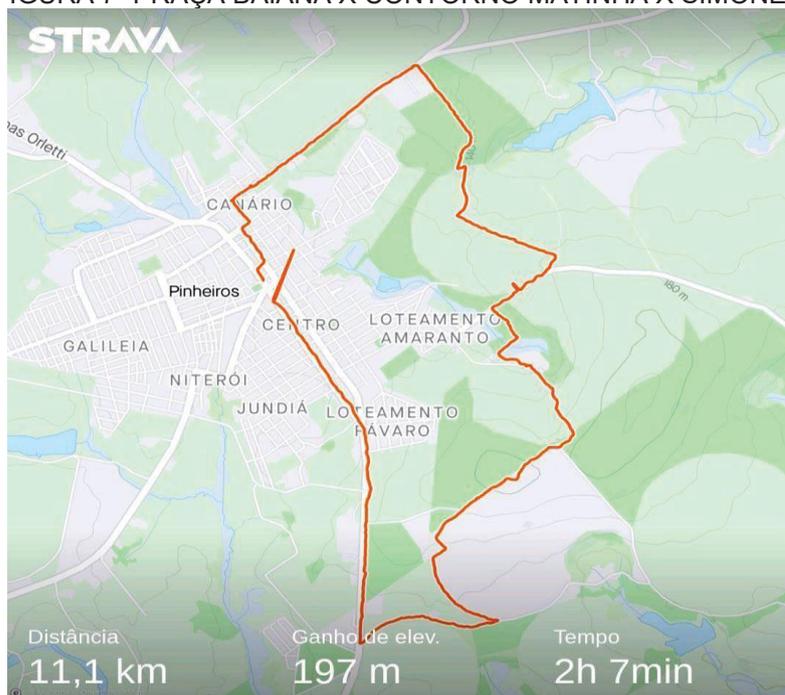
Fonte: o autor(2023)

É um trajeto favorecido pela proximidade com a Reserva Biológica. Esse fato faz com que aqueles que circulam por ali vejam vestígios (carcaça, pegadas e fezes) de vida silvestre. No entanto, a presença de monocultura e o fluxo considerável de veículos, escoando os produtos agrícolas, faz com que a presença, durante o dia, de vida selvagem se torne rara, com exceção de um ponto específico do trajeto que é abastecido de um belo pomar. Alguns pés de manga oferecem seus frutos em determinada época do ano. Poderíamos dizer que a diversidade de aves e insetos é invejável nesse ponto, dado que o zumbido produzido pelo bater de asas é tão alto que os transeuntes começam a ouvir a aproximadamente 100 metros de distância. Uma árvore alta de flores com coloração amarelo intenso parece ser a mais atraente para as abelhas. Elas se aglomeram aos milhares e, mesmo diante do perigo oferecido, é impossível não pararmos para observar a força do enxame.

Desse ponto em diante, geralmente, o dia já está clareando. Isso provoca a sensação no grupo de que a presença do sol banha por inteiro nossos corpos. Essa percepção se dá por dois motivos: o primeiro é por conta do horário de início da caminhada (05h da manhã) e de seu retorno (por volta das 06:15). O segundo motivo, talvez, seja pela ausência total de morros e matas altas durante o retorno. A ausência de barreiras naturais para os raios solares, desnuda os corpos e os coloca mergulhados numa chapada extensa, completamente exposta ao sol.

Nosso próximo trajeto (Figura 7) é chamado “Praça baiana X Contorno matinha X Simoneti”. Podemos dizer que é um dos mais exaustivos, não só por sua extensão, mas também por causa do descaso do poder público.

FIGURA 7- PRAÇA BAIANA X CONTORNO MATINHA X SIMONETI



Fonte: o autor (2023)

Além de ser longo, esse trajeto mantém os corpos sob vegetação alta, passando a sensação de clima abafado. Ali, prevalecem plantações de seringueira e árvore Teca. Esse trajeto chama atenção pelo tempo prolongado em que ficamos sob à sombra de árvores. Há pontos em que os galhos de plantas distintas se entrelaçam ao fugirem de seu território e adentram o espaço alheio da outra monocultura. Às vezes, tem-se a impressão de que a caminhada está ocorrendo dentro de uma mata fechada, pois a sombra se torna nossa única companhia por quilômetros. O vento e a luz solar deixam de ser nossos companheiros no início do percurso, só voltando a compartilhar do trajeto, ao final. Assim como o cheiro do néctar atrai insetos polinizadores, os copos que amparam a seiva que escorre da seringueira também atraem os olhares dos transeuntes curiosos, que desconhecem o processo de extração. Interessante também é o papel da sombra que se estende por quilômetros desse trajeto, ela funciona como freios para os corpos que saem acelerados da cidade.

Margear uma matinha densa, subir e descer duas estradas sinuosas (entre 05h e 05h40) requer um moderado preparo físico. A situação pode piorar se na noite anterior houver chovido, pois o solo se torna barrento e, conseqüentemente, difícil de deslocamento. Esse é um detalhe peculiar desse trajeto. A quantidade e a liga do barro vermelho são desafios a serem superados. Afinal, os calçados ficam algumas vezes mais pesados que o normal, exigindo-se dos caminhantes realizar algumas

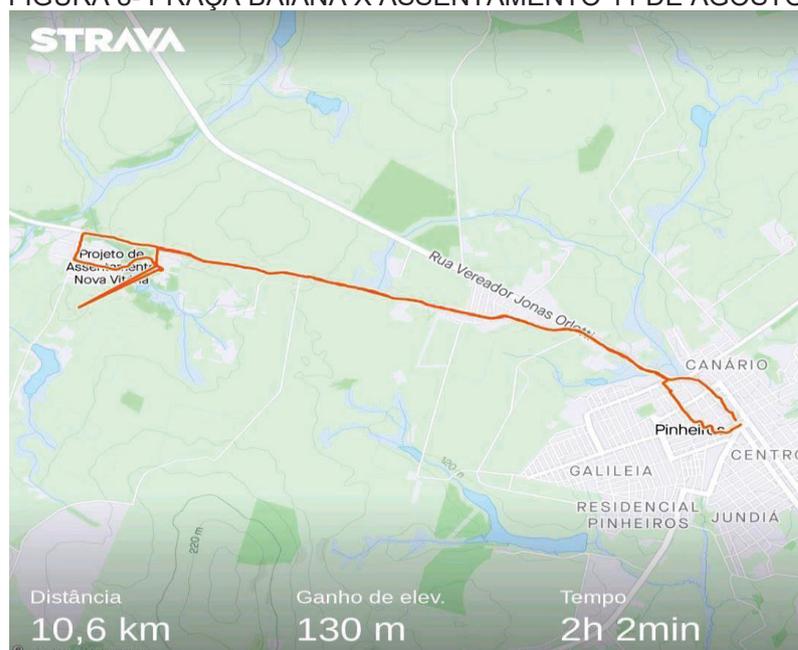
manobras para desviar de buracos cavados pelos tratores que circulam ali.

Além da estrada tortuosa, há, também, pouca luminosidade, produzindo uma sensação de lugar apertado, pouca visibilidade e muita aproximação com o entorno. As estradas são tomadas pelo crescimento do capim colonião. O ambiente se torna menos desafiante quando o dia clareia. As estradas de barro dão lugar ao solo húmifero e às árvores Teca (utilizadas na construção naval). O final do percurso provoca sensações de batalha vencida.

O trajeto “Praça baiana X Assentamento 11 de Agosto” denuncia o que, outrora, foi uma área florística riquíssima. A vegetação local nos mostra resquícios de uma Mata Atlântica exuberante, pois ainda é possível esbarrarmos em pau-brasil, ipês, tapicuru, peroba, entre outras. Além disso, é uma trilha que, em certo ponto, margeia uma das represas, onde boa parte dos caminhantes também se banhavam, na infância, e matavam sua sede nas águas das cacimbas¹² construídas e protegidas pelos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Mesmo passados 23 anos, boa parte dessas cacimbas ainda estão lá, em uso. Lógico que com profundidade maior por conta da necessidade de estarem sendo estimuladas a brotar água. Outro detalhe interessante dessa trilha são as duas casas de farinha artesanal que ainda estão na ativa. Infelizmente, não tivemos a oportunidade de presenciar o pessoal trabalhando, porque nossas caminhadas foram aos sábados e é justamente nesses dias que as famílias se deslocam para a feira-livre para vender seus produtos. O trajeto consiste num movimento, praticamente, em linha reta (Figura 8) até chegarmos na Agrovila.

¹² Buraco que se cava até atingir um lençol d' água subterrâneo; poço, cisterna

FIGURA 8- PRAÇA BAIANA X ASSENTAMENTO 11 DE AGOSTO



Fonte: o autor (2023)

Mesmo que a maior parte do percurso se dê em estrada de chão bem cuidada, para que os produtos agrícolas sejam escoados com facilidade, esse caminho tem seus encantos naturais que resistem à tentativa de controle do ser humano. Em período de chuva, logo que se acessa a zona urbana, os caminhantes são presenteados com um considerável volume de água que atravessa a estrada e deságua na represa local. A água é transparente e gelada. Já dentro da agrovila, a visão que se tem da enorme quantidade de árvores frutíferas e plantas ornamentais. Num ponto específico, é possível passar dentro de “túnel vegetal” construído pelo encontro de galhos e poda feita por veículos altos.

Outra característica marcante é a grande presença de cachorros dentro da agrovila. Esse aspecto é até mesmo motivo de piada entre as pessoas. Suas nascentes são fortes o suficiente para abastecer a represa que, por sua vez, fornece água para as plantações e uso doméstico.

A Figura 9 nos mostra o maior de nossos trajetos, denominado “Praça baiana X Assentamento Nova Vitória”. Sua extensão de 14,3 KM, o qual nos proporciona grande variedade de paisagens.

FIGURA 9- PRAÇA BAIANA X ASSENTAMENTO NOVA VITÓRIA



Fonte: o autor (2023)

Por ser um percurso extenso, ao final, os caminhantes apresentam cansaço. Deslocar-se por esse caminho, oportuniza margear uma mata fechada preservada. Quando o dia amanhece, essa mata fica escondida do sol por um bom tempo devido localizar-se nas costas de um morro. A brisa gostosa movimentada as roupas e gotas de orvalho caem do alto das árvores, molhando o solo e o rosto dos caminhantes. Essa característica faz com que o ambiente mantenha grande umidade e frescor em boa parte do tempo em que estamos nos deslocando (Figura 10).

FIGURA 10- PRAÇA BAIANA X ASSENTAMENTO NOVA VITÓRIA



Fonte: o autor (2023)

O colônião (tipo de capim) e cercas vegetais que estão ao alcance dos caminhantes são recheados de gotas d'água e isto tem como consequência proporcionar caminhar por longos trechos em companhia de orvalho sob vegetais e teias de aranhas, como podemos ver a seguir nas imagens da Figura 11. Ao longo desses 14,3 km, o caminho nos oferece um leque amplo de aproximações com os mais-que-humanos: há relatos de ser uma região composta pela maior parte do trajeto de um solo arenoso e, isso faz com que se consolide uma região de alta presença da espécie de roedor chamada tatu. Esse tipo de solo favorece, também, a predominância do cultivo de mandioca. O trecho que resta volta-se à “ociosidade” e efetivação de ambiente aconchegante. Afinal, é comum nos depararmos com

chácaras constituídas de vida vegetal diversa e, imponentemente, pensadas e arquitetadas para serem esteticamente agradáveis. Ou seja, são áreas rurais que, por exemplo, investem em pier e quiosques chamativos pela beleza.

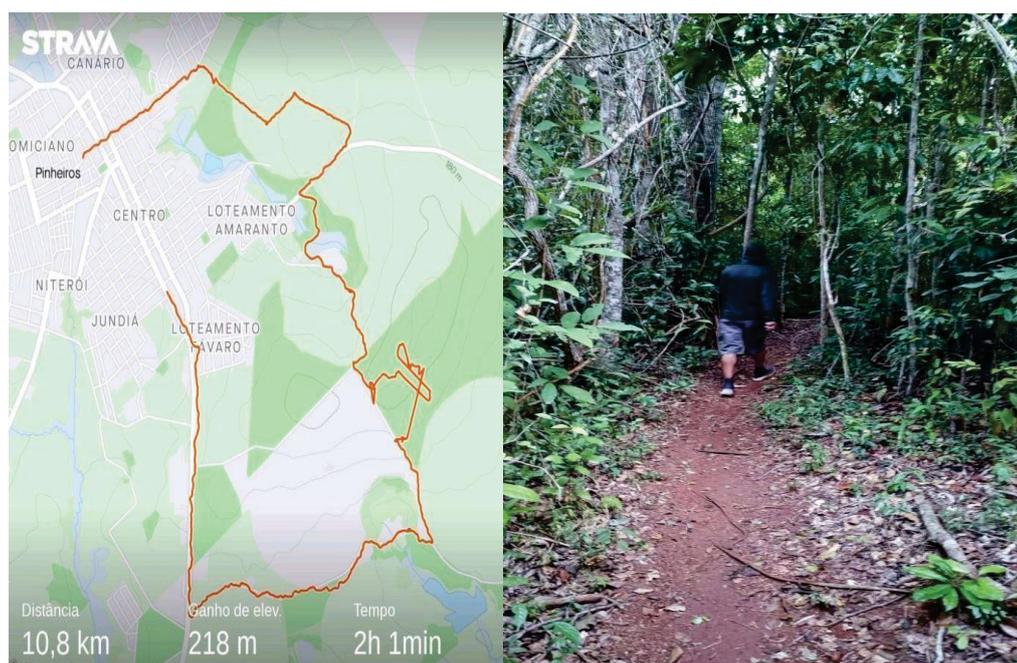
FIGURA 11 – ORVALHO NA TEIA DE ARANHA



Fonte: o autor (2023)

O sexto trajeto, ilustrado na Figura 12, é designado “Matinha do Novo Canaã X Matinha do Caparaó” e, de certa forma, é um trajeto “pesado”.

FIGURA 12- MATINHA DO NOVA CANAÃ X MATINHA DO CAPARAÓ



Fonte: o autor (2023)

A conclusão acima não é pela sua extensão, afinal, andamos menos de 11km. Mas pela tortuosidade da trilha e por ocorrer no interior de mata fechada. Os carreiros são estreitos e escorregadios e as ondulações também são muitas. Por diversas vezes, os caminhantes precisam apoiar as mãos nos joelhos para impulsionar o corpo e vencer as “subidinhas”. Isso contribui para tornar o interior da mata abafado e úmido.

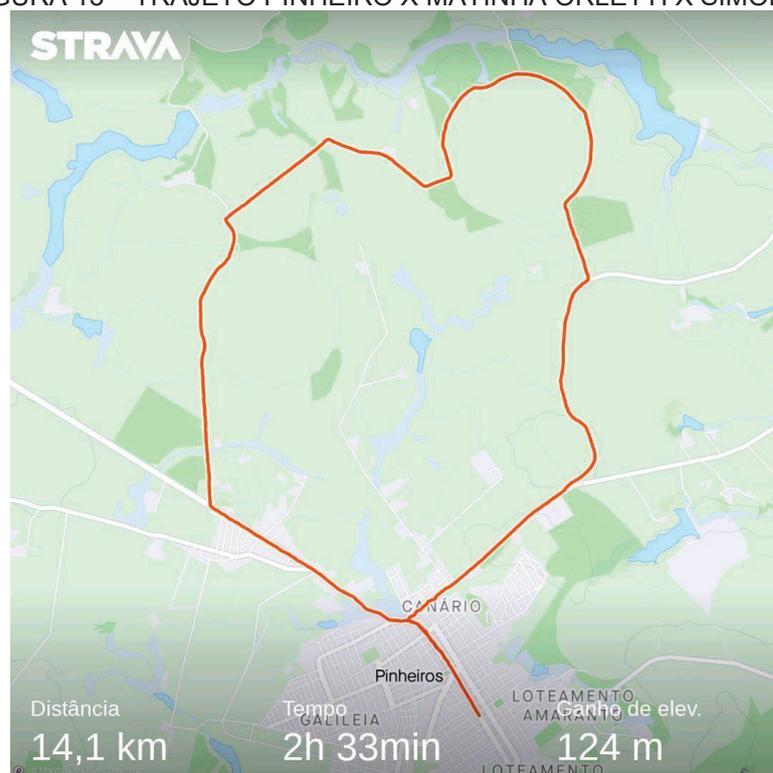
O mix de cheiros adentra os corpos. Essa mistura é proveniente de flores de diversas cores e tamanhos e folhas em decomposição. As frutas (maracujzinho, goiaba e outras desconhecidas) liberam aromas ao se despedaçarem no chão. A presença de aglomerados de samambaias indicam locais de queda natural de árvores de grande porte e aproximação com a estrada que margeia a mata. Para os caminhantes, as sinalizações com demarcador de barreira são mais um atrativo para o registro de fotos do que um sinal de alerta para se afastarem.

A afirmação sobre a densidade do trajeto é em razão, principalmente, de os caminhantes ficarem cerca de 50 minutos sob a vegetação totalmente fechada, com exceção de frestas que surgem pela queda natural de alguma árvore. A trilha é realizada em um espaço também explorado por motociclistas e ciclistas. Isso significa que a geologia do solo e sua posição geográfica, somados à atividade de *motocross* manufaturou seu aspecto íngreme e cheio de curvas, como podemos ver na foto (Figura 12).

Uma semana chuvosa ou uma árvore que cai na trilha gera esforços a mais para a empreitada. Passar ali requer bom condicionamento físico, pois, por diversas vezes, temos que nos abaixar, pular e nos contorcer para desviar de cipós com espinhos. Pelo horário que o grupo adentra a mata, também temos que lidar com o silêncio que ela emite. Só mais ao final, quando o dia já clareou, é que pode-se ouvir o bater de asas ou o cantar de pássaros.

Nosso sétimo trajeto é conhecido como “Pinheirinho X Matinha Orletti X Simoneti”. É um trajeto, de certa forma, extenso (aproximadamente 13km). É um valor aproximado porque quando o aplicativo é iniciado na praça baiana ele marca uma distância, já quando se o inicia na “Oficina moto grilo” temos outra distância, como vemos no desenho produzido pelo strava (Figura 13).

FIGURA 13 – TRAJETO PINHEIRO X MATINHA ORLETTI X SIMONETI

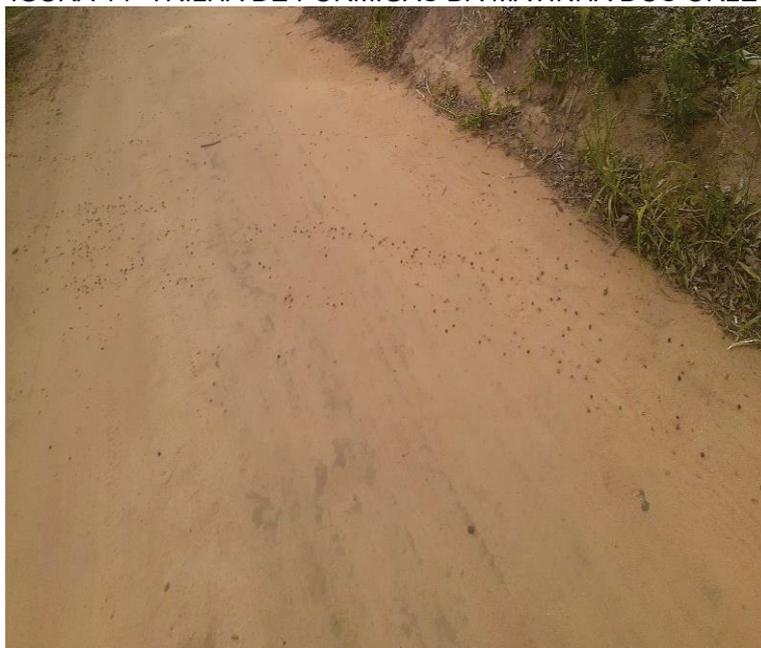


Fonte: o autor (2023)

Uma característica marcante desse trajeto diz respeito à ausência de ladeiras. Isso permite classificá-lo como um “percurso tranquilo” para aqueles caminhantes que têm condicionamento físico desfavorável à deslocamentos em terrenos extensos e tortuosos. As estradas bem cuidadas e a posição geográfica faz com que durante as caminhadas a brisa gostosa e o sol matinal banhem os corpos durante a maior parte do caminho.

Portanto, podemos dizer que, por ser um caminho desenhado dentro de grandes propriedades rurais, é comum o deslocamento ocorrer dentro de extensas plantações de café e mamão. Isso, por sua vez, também proporciona aos caminhantes bela visão de uma grande represa, utilizada como fonte de irrigação, que fica localizada ao longo da estrada de chão batido. Essa extensa represa que a estrada margeia, é repleta de grandes árvores com troncos imersos. Uma matinha densa que a estrada margeia, estende cipós num trecho onde os cogumelos, os formigueiros também são presença marcante nesse trecho (Figura 14).

FIGURA 14- TRILHA DE FORMIGAS DA MATINHA DOS ORLETTI

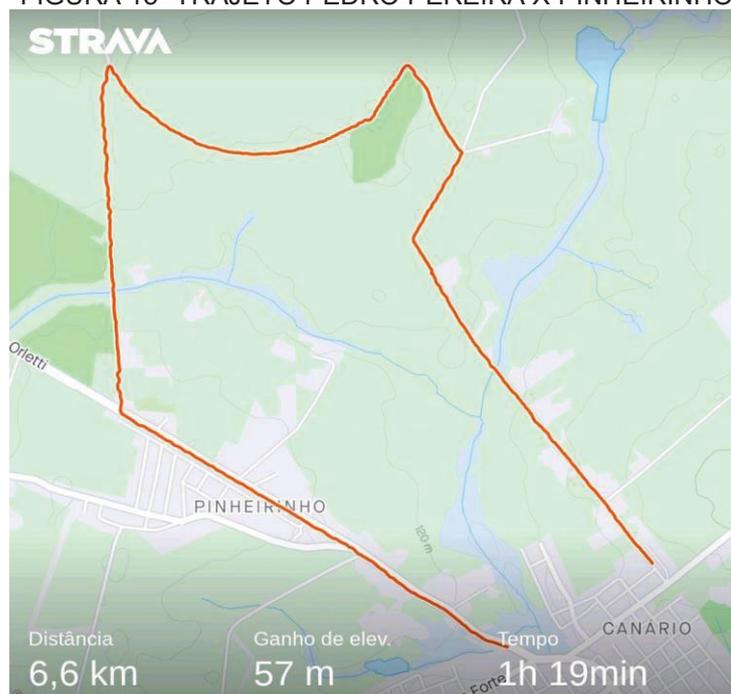


Fonte: o autor (2023)

Um pequeno trecho também é frequentado pelos motociclistas, visto que as grandes poças d'água produzidas pelo movimento das rodas do sistema de irrigação suspensa, torna um terreno de difícil locomoção a pé, mas de potencial aventura para os que praticam *motocross*.

Nosso penúltimo trajeto é apelidado, historicamente, de “Pedro Pereira X Pinheirinho” (Figura 15).

FIGURA 15- TRAJETO PEDRO PEREIRA X PINHEIRINHO



Fonte: o autor (2023)

Como podemos ver na figura acima, é o menor dos trajetos. Dependendo de onde os caminhantes se reúnem para sair e do ponto onde se despedem, o deslocamento se aproxima dos 08km. Geralmente, é o trajeto escolhido quando alguém do grupo precisa estar mais cedo em casa.

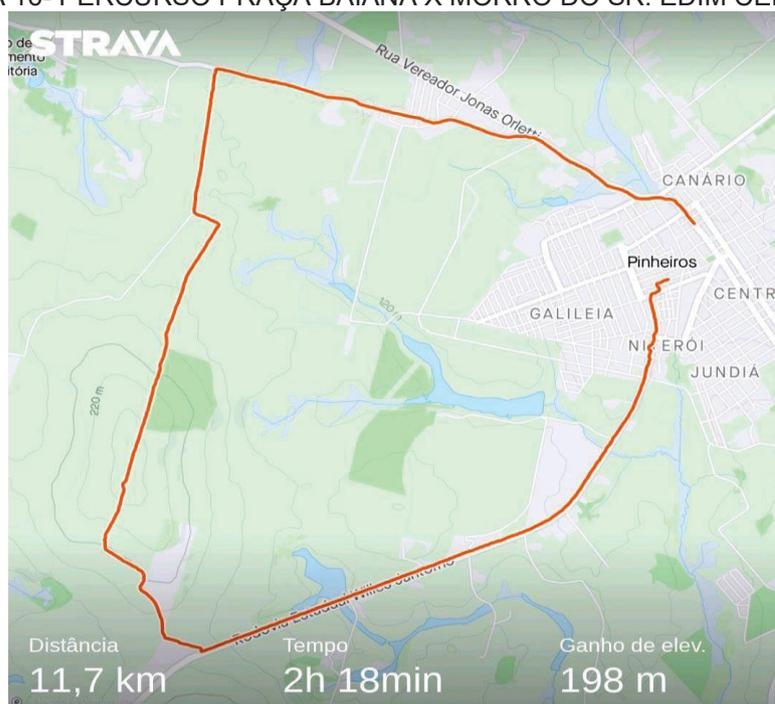
O início do trajeto é permeado de grandes poças d'água devido à presença de irrigação feita por pivô. Isso faz com que uma considerável parte do caminho tome a atenção do grupo para ver onde pisa, visto que a estrada fica encharcada e lamacenta. O movimento do grupo durante o trajeto é mais lento, se comparado com outros trajetos, talvez, por conta da compreensão de que ele seja curto. Esse detalhe faz a brisa e os raios solares se tornarem mais perceptíveis quando os caminhantes começam a se deslocar pelos quilômetros finais. Nesse ponto, a posição do corpo está de frente para o sol e para o litoral Espírito-Santense

Por ser um caminho curto, não apresenta grande diversidade de belezas naturais, talvez o maior e mais importante elemento que constitui esse trajeto seja a nascente do Pedro Pereira. Esse local é conhecido por todos os pinheirenses por dois motivos: o primeiro deles é o histórico. Qualquer cidadão que teve sua infância nas décadas de 70, 80, 90 e 2000, se banhou nas águas do Pedro Pereira. O segundo motivo de sua fama está relacionado a sua importância no momento atual. Suas águas ajudam alimentar a represa que abastece Pinheiros e região. Além disso, tem também a atual construção do primeiro balneário da cidade. Todos ficam curiosos da força que essas nascentes têm. Caminhar ao lado e vê-la atravessar propriedades para desaguar no balneário é lindo!

Por fim, fechamos a apresentação dos trajetos com o percurso “Praça baiana X Morro do Sr. Edim Cerqueira”. Para quem se arrisca a subir o Morro do Sr. Edim Cerqueira, precisa ter em mente que a subida é cansativa, devido às deformidades do solo causadas pela correnteza da chuva e da elevação considerável, mas também tem ciência da visão panorâmica que o espera no alto do morro.

O morro é frequentado por caminhantes, ciclistas, motociclistas e grupos de amigos que fazem uso de entorpecentes. Sua característica peculiar é o maior ganho de elevação registrado pelo strava (Figura 16).

FIGURA 16- PERCURSO PRAÇA BAIANA X MORRO DO SR. EDIM CERQUEIRA



Fonte: o autor (2023)

Sua considerável altitude o tornou responsável por alojar as torres de sinal televisivo e celular, isso faz com que metade desse trajeto possa ser visto da cidade. Uma Área de Preservação Permanente (APP) desenha um triângulo na face do morro. É a única mata de toda a cidade que os moradores conseguem ver por inteiro. Isso faz com que o morro do Sr. Edim seja procurado por grupos de orações evangélicas e católicas, trilhas de bicicleta, reunião de jovens para beber e resenhar, caminhadas isoladas e coletivas, rituais de amarração amorosa etc. É comum encontrar às margens da estrada e da mata, bebidas alcólicas e galinha assada. Essas singularidades, provavelmente, têm relação com o ar de superioridade e vigilância que o morro transfere ao posicionar-se tão alto e imponente diante dos outros componentes do meio.

Os deslocamentos ao longo da ladeira permitem margearmos a matinha e sermos tomados por uma sensação de passividade, pois o vento chega com mais força por detrás da mata. Isso faz com que não se ouça barulho de farfalhar de folhas e nem balanço das árvores. Chegar ao cume é como acessar dois mundos distintos. Um, composto de grandes pedras que ficam num lado do morro em direção ao estado de Minas Gerais e, um outro mundo onde se predomina uma extensa chapada que dá acesso ao litoral Espírito-Santense. Outro detalhe do cume é a presença de uma neblina densa (Figura 17).

FIGURA 17- NEBLINA NO MORRO DO SR. ÉDIM CERQUEIRA



Fonte: o autor (2023)

Ao chegar ao topo do morro, a neblina forte, além de dificultar a leitura do entorno, também se converte em orvalhos que respingam nas roupas dos caminhantes. Outro detalhe que faz parte desse trajeto é a finalização total da estrada de chão batido. Ou seja, os caminhantes se deslocam por cerca de 1,5 km, a partir do cume, em carreiros produzidos pelos gados, em fila única, como formigas carregando folhas para, enfim, acessar o caminho de volta.

Encerramos esse tópico com a caminhada de chegada ao topo do morro. É a partir dessas singularidades que exploramos as diferentes formas de habitar o lugar, apresentado por cada participante da pesquisa. Ou seja, nessa perspectiva, buscamos estabelecer diálogos com outras formas de se deslocar pela natureza, para além da lógica antropocêntrica. No entanto, para possibilitarmos essa triangulação, faz-se necessário, no tópico seguinte, nos ocuparmos em explorar as características gerais e específicas de cada participante e sua relação histórica/singular com a natureza.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Quadro 2 apresentamos, de maneira resumida, algumas características gerais dos participantes da pesquisa. Mais à frente, aprofundamos alguns aspectos de cada um deles. A ideia do Quadro 2 é familiarizar o leitor acerca das especificidades e generalizações de nossos participantes.

QUADRO 2 – PERFIL SUCINTO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

| Participante | Idade | Tempo de trabalho na educação | Função na escola | Características gerais |
|--------------|-------|-------------------------------|-----------------------------|--|
| P1 | 54 | 18 anos | Vigilante | <ul style="list-style-type: none"> – Homem alto, pardo, casado, pai de um filho. – Nascido em Pinheiros-ES. – Na infância, explorava, para o lazer, as áreas rurais de Pinheiros. |
| P2 | 52 | 21 anos | Auxiliar de serviços gerais | <ul style="list-style-type: none"> – Homem baixo, negro, casado, pai de um filho. – Não nativo da região. – Conhecedor da vida selvagem quando retirava da natureza, em companhia do pai, o sustento familiar. |
| P3 | 33 | 06 anos | Docente | <ul style="list-style-type: none"> – Homem negro, solteiro e filho único. – Nascido em Pinheiros-ES. – Instrutor de escoteiros mirins, apaixonado pelas histórias de aventura do pai. |
| P4 | 46 | 19 anos | Docente | <ul style="list-style-type: none"> – Mulher branca, casada, mãe de três filhas e avó de duas netas. – Nasceu na região rural de Pinheiros. – Conhecidora de ervas medicinais ensinadas pelo pai em sua infância |

Fonte: o autor (2023)

Desejando evitar que os sujeitos possam ser associados às (eco)narrativas, eles e ela foram denominados P1, P2, P3 e P4. O P significa aqui, participante, já o numeral (1, 2, 3 e 4) significa a ordem de chegada no grupo de caminhada.

4.1 (ECO)NARRATIVAS DAS ITINERÂNCIAS

A partir deste momento, situamos o leitor no âmago de nosso trabalho. A ideia é envolvê-los nas discussões das respostas corporais aos afetamentos da multissensorialidade. Dito isso, compensa salientar que entendemos os afetamentos como caminho para construções e (re)construções de nossas percepções ambientais.

Num artigo intitulado “A questão da identidade homem-natureza e suas perspectivas a partir da educação ambiental”, Guiometti e Silva (2019) nos levam compreender que a identidade socioambiental é resultado de uma construção histórica de negociação entre emoções negativas e positivas e estas “influenciam na formação das atitudes” (Müller, 2007, p. 36). Tendo em vista que os participantes da pesquisa têm suas identidades ambientais em construção, da infância à fase adulta, em estreita relação com a natureza, apresentamos, logo depois dessa introdução, uma (01) (eco)narrativa produzida com cada participante durante nossa itinerância.

Percebemos as (eco)narrativas como itinerâncias com o itinerário, porque partimos da premissa que a expressão multissensorial de cada participante é o resultado do reencontro criativo do vivido com o vivenciado, instantaneamente. Afinal, como bem conceitua Ingold (2012), itinerar significa estar em processos abertos, ou seja, de correspondência.

Enfatizamos que a leitura das (eco)narrativas se mostram potentes no processo de apreensão do que foi experienciado esteticamente pelos participantes da pesquisa durante as caminhadas.

4.1.1 Itinerando com as itinerâncias de P1

Era dois de julho de 2022 e nos encontramos próximo das cinco da manhã na praça do centro da cidade. Essa foi nossa décima terceira caminhada efetiva de produção de dados; o trecho desconhecido, talvez, tenha sido o ponto chave para agitar nossos corações. Ao final do trajeto, percorremos 11,1 km.

A temperatura, assim como a visibilidade reduzida por diversos fatores, inclusive o sereno forte molhando nossos cabelos, já conhecíamos da caminhada anterior. Porém, nesse dia, alguns contrastes foram percebidos ao fazermos a transição entre a monocultura da árvore teca, a matinha tropical desconhecida e o espaço urbano. Isso, provocou reações diversas; por exemplo, ao deixarmos para trás o ambiente urbano e contornarmos a matinha do clube, P1 nos disse que o entorno deixava, agora, de ser insosso e passava a oferecer afetamentos: suas passadas alternavam os ritmos, até que interrompeu seu deslocamento para ouvir e nos fazer ouvir o silêncio da pequena mata, que recarrega suas baterias. É fantástico identificar nossa vulnerabilidade sob a influência do silêncio. De repente, P1 estava com os braços abertos e levantados. A imagem foi tão intensa que quase dava para sentir o

ar gelado inflando seus pulmões. Num átimo, sua conformação corporal transpôs-se para este pesquisador, que, também respira fundo. A voz de P1 ressoa: *“olha que silêncio gostoso!! Isso é bom demais, cara”*. Somos levados para uma dimensão de serenidade tão profunda que, talvez, seja possível ouvir o zumbido dos insetos.

Conforme vamos dando passos cada vez mais lentos, P1 lembra de momentos da infância em que circulava por ali. Aponta-nos uma casa abandonada, toda emaranhada de vegetação, e relata que ele e os amigos, certo dia, pediram água para beber a uma senhora que varria o quintal. P1 é pura contemplação do meio. Novamente, ele nos faz direcionar toda a nossa atenção para o "discurso mudo" da matinha e, outra vez, somos arrebatados pelo desejo de escutarmos o silêncio.

Continuamos a caminhar e, em outro ponto, a reação à constatação da existência de componentes como água corrente e árvores cipós que invadem a estrada, nos obriga não só a parar, mas também, tirar fotos. As feições de P1 dizem de um homem alegre e apreciativo.

Um pouco mais de um quilômetro que andamos nos colocou em meio a duas paisagens impressionantes. De um lado, a visão imponente, por seu tamanho, de árvores teca e, do outro lado, uma paisagem tão forte quanto, de arbustos de pequeno porte numa clareira dentro da matinha. Os feixes de raios solares, que atravessam a penumbra, fabricam um tubo de luz concentrado que vem do céu, abrindo espaço entre as árvores teca. A imagem transmite uma sensação tão surreal, que nos lembra os filmes de ficção científica em que somos abduzidos por naves alienígenas. A força de afetamento visceral desses “pequenos, tímidos e majestosos” componentes do meio abiótico sobre os corpos de P1 o fez parar ali para nos esperar, como se estivesse dentro de uma banheira de água morna" (Figura 18).

FIGURA 18- IMERSÃO DE P1 DURANTE A CAMINHADA



Fonte: o autor (2023)

Não é incomum flagrarmos P1 se infiltrando entre as paisagens para se deleitar nelas, como se o envolvessem feito um cobertor e um bom chá em dias frios. A busca pelo toque de raios solares, como na imagem acima, um mergulho na neblina forte, uma exposição da face à brisa e à chuva ou, então, uma tentativa de abraçar a paisagem que se abre a sua frente, são algumas das tentativas de P1 para saborear os componentes da natureza. Mais um tempo andando, e quando nos aproximamos de nosso ponto de despedida, as passadas são vigorosas, como se tivessem tomado uma boa dose de adrenalina apenas nos músculos das pernas. Nos retiramos para nossas casas com a disposição duplicada. Como disse P1: *“agora eu estou beleza pra enfrentar o dia”*.

4.1.2 Itinerando com as itinerâncias de P2

Era vinte e dois de outubro de 2022, quando nos reunimos para realizarmos o trajeto “Matinha do Nova Canaã X Matinha do Caparaó”. O trajeto consistiu em 10,8

Km. Como de costume, estávamos ansiosos pela imersão em seu interior. O deslocamento é, sempre, empolgante. Essa ansiedade se acentuou quando o grupo se deu conta de que outras formas de vida chegaram e se deleitaram, antes de nós, à exuberância dos raios solares. Sentimos gotas de inveja. P2 comentou: — *“rapaz, as aves não têm relógio mesmo, né?! Porque se essa hora que tá marcando agora, fosse em outro dia, os bem-te-vis não estariam cantando, estariam dormindo”*. Isso nos faz refletir sobre como somos escravos do relógio, da marcação das horas. Por um breve momento, ficamos em silêncio, refletindo, talvez, na sujeição de nosso relógio orgânico/biológico a uma ferramenta sem vida chamado relógio mecânico. Aquele encontro nos deixou sem chão, ao concluirmos que as aves são livres de comandos mecânicos; para elas, nada importa como transcorrem as horas. Nossos olhares compartilham a conclusão de que nossas horas pertencem a atividades determinadas por forças desconhecidas. Elas foram picotadas e esfoladas pelo “tique-taque” de um relógio. Foram deprimentes, aqueles minutos. Isso nos motivou, ainda mais, a aproveitarmos o que estava por vir.

P2 me deixou intrigado quanto a sua necessidade em tocar a vida selvagem. As mãos dele correm sobre as folhas e troncos. Num ponto, é possível vê-lo demorar alisando uma árvore (Figura 19). Ao ser indagado sobre que árvore se trata, ele diz que é uma boleira. A possível longevidade das árvores encanta P2. Ele bateu num tronco grosso de uma árvore alta e falou: *“acho que quando eu nasci ela já estava aqui e, provavelmente, estará quando eu morrer”*. Ele disse, então, que até nisso as árvores são sortudas. Porque se não fosse a mão humana para dar fim às suas vidas, elas não correriam o risco de ser assassinadas.

Como já dito, P2 se relaciona desde a infância com as árvores e, quando o surpreendemos acarinhando uma árvore, em silêncio, temos a impressão que ele está, ao mesmo tempo, pedindo desculpas pelo mal que um dia causou a outros vegetais, ademais está conhecendo outra maneira de interação para além da morte.

FIGURA 19- ÁRVORE CONTEMPLADA POR P2



Fonte: o autor (2023)

Continuamos a caminhar e P2 insiste em, como ele mesmo diz: “*espiar as árvores*”. Ao começarmos a descer uma ladeira que termina sobre uma pequena barragem de terra que represa água para um pequeno agricultor, de longe ele já ouve um pássaro cantando no alto de um pé de eucalipto. Ele olha, tenta contornar a árvore mexendo apenas a cabeça e nos pergunta: “*Vocês conseguem ver? Onde esse desgramado tá? Mas também, com um tamanho desses e se for um pássaro pequeno. Vou ficar a manhã toda aqui e não vou enxergar*”.

Ficamos um bom tempo ali, mas sem sucesso. Como disse o P2, o pássaro não deu as caras. Caminhamos um pouco mais, acessamos a rua pavimentada da zona urbana e nos despedimos.

4.1.3 Itinerando com as itinerâncias de P3

Aos dezoito de junho de 2022, iniciamos nossa caminhada às 5h na Praça Baiana. Naquela madrugada, a temperatura caíra para 16°C, e o sereno continuava forte devido às queimas de madeira e palhas de café nos secadores. Nosso calendário apontou a mudança de estação do outono para o inverno e isso, de alguma maneira,

influenciou na presença de nuvens carregadas que tornaram nosso alvorecer de caminhada mais escuro. Não sei se isso tem alguma relação com o fato de alguns caminhantes estarem mais agitados que o normal. Ou talvez, porque o percurso escolhido pelo grupo seja caracterizado como o mais emocionante de todos os trajetos. Todos experimentávamos o tal “friozinho na barriga”. Por conta disso, surgiu uma impressão de que estávamos com pressa para chegar dentro da mata. Realmente, nossos passos estavam mais rápidos que o habitual, nossos deslocamentos transmitiam uma sedução pelo porvir.

Antes de adentrarmos à trilha escolhida, percebemos que P3 (professor de informática) está impressionado com as folhas dos arbustos que margeiam a matinha do Caparaó. Para ele, essa folhagem produz uma barreira quase que intransponível. Ele não se conteve e disse: – *“Alberto, meu amigo, para entrar aqui só com auxílio de um facão”*.

Ao mergulharmos na densa mata, P3 seguia os movimentos de P1, ambos inclinando a orelha direita para o alto, olhos fechados, atentos para o abafar dos sons da matinha quando, finalmente, nos embrenhamos nela. É possível ouvirmos, ao longe, o bater de asas. Nesse momento, o corpo de P3, que antes se apresentava eufórico, apressado, agora transmite tranquilidade em seus movimentos. Suas passadas, constantemente freiam para tirar fotos, intrigar-se e transmitir-nos a impressão de que ali é um bom lugar para estar. De alguma forma, as histórias contadas por seu pai ganham corpo pela imagem que seu sistema sensorial capta, produz e acomoda sob as lembranças das aventuras ouvidas na infância.

Acompanhando seus movimentos no interior da matinha, percebemos que ele manteve-se, a maior parte do tempo, com um olhar atento e um semblante indagador, até que foi apanhado por uma teia de aranha. Parou, pegou um graveto e retirou as linhas que compõem a espiral de captura. Não contente em pegar com o graveto, aproximou a teia de seu rosto, apalpando-a. Em seguida, exclamou: – *“Ave maria, como são resistentes. As teias de aranhas que tinham no quintal de minha casa nem chega no pé dessa”* (Figura 20).

FIGURA 20- FOTO DE TEIA DE ARANHA DA MATINHA DO CAPARAÓ



Fonte: acervo de P3 (2023)

Acompanhar P3 consistiu num desafio. Sua curiosidade, constantemente, levava-o a parar e observar ou tirar fotos. Esse seu comportamento fez com que ficássemos para trás dos demais caminhantes. Especificamente, depois do seu questionamento sobre o aspecto da teia de aranha, aquele graveto virou seu companheiro de viagem. Com ele, P3 movimentou frutas e folhas em decomposição. Houve um momento em que ele demonstrou incômodo por ver este companheiro de caminhada deter os passos para estar com ele, visto que poderíamos seguir, sem necessidade de nos preocuparmos com ele. Diante disso, afirmamos que a marcha mais lenta se devia à nossa própria curiosidade. Rapidamente, ele mostrou um cipó e perguntou: “*será que isso aguenta nosso peso?*”

Aquele momento de curiosidade e aprendizado de P3, nos remeteu a Merleau-Ponty (1999), quando nos diz que o mundo não é um objeto do qual possuímos conosco a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os nossos pensamentos e de todas as nossas percepções. A resposta corporal de P3 ratificou esse apontamento feito por Merleau-Ponty, pois, ao parar, olhar curiosamente, por meio de um graveto, se apropriar de parte dos fios da teia de aranha, ficar intrigado pela resistência daquele material biológico, se sentir na obrigação de fazer um registro

fotográfico e, por fim, dizer que suas recordações de infância sobre a textura das teias de aranha passa longe do que está testemunhando, de certa forma, simboliza o poder de agenciamento do mundo mais-que-humano nos distintos contextos.

Andamos mais alguns quilômetros e, ao começarmos a nos despedir, constatamos que a curiosidade de P3 nos presenteou um saber prático acerca das texturas das teias de aranha que os livros didáticos jamais irão dar conta de prover.

4.1.4 Itinerando com as itinerâncias de P4

No dia cinco de novembro de 2022, caminhamos por 10,3 km. O grupo ficou completo às 04h:58min., numa esquina do bairro Canarinho. No grupo de WhatsApp, a turma se mostrou ansiosa para caminhar, pois no sábado anterior a caminhada não acontecera, porque alguns colegas tiveram que trabalhar no domingo de eleição, portanto, precisaram se envolver em formações no respectivo sábado. Iniciamos o deslocamento com as passadas aceleradas. Nossa atenção se voltou para P4, visto que ela sempre demonstra empolgação quando se trata desse trajeto. Logo que o dia clareou por inteiro, próximo de 05h:30min., foi possível sentir o clima quase que desértico se consolidar. Observando P4, percebemos que ela se mostrava suada e atenta à ave chamada anu, cantando tristemente ao longe. Ela, já molhada de suor, falou: *“oh gente, não estava nos meus planos lavar o cabelo hoje. Mas desse jeito não tem como né?!?”*

Ao passarmos, por volta das 06h, sua expressão facial, que até então estava fechada, dera lugar a semblante aberto e olhar de esperança. Afinal, nos deparamos com uma plantação de pimenta sendo irrigada. Ela disse: *“ai se eu pudesse dar pelo menos uma refrescadinha. Seria tão bom”*.

Já iniciando o retorno, mais uma vez, paramos numa árvore que num outro dia parecia morta. Parte do grupo se juntou para tirar uma foto. Ali, por uns minutos, brincamos e fizemos piada da interação entre a árvore e o grupo durante a preparação para as fotos.

Assim que pegamos novamente a estrada de chão batido, P4, enfim, encontrou a plantinha rasteira/trepadeira chamada "mata cobra" (Figura 21). Ela arrancou um fruto e o abriu. Nos contou que sua mãe macerava as folhas e dissolvia o sumo com sabão de coco para matar piolho. Andamos mais um pouco e ela apontou para um pé-de-boleira, falando com orgulho: *“Vixi Alberto! Já usamos demais boleira para fazer*

sabão. As coisas eram muito difíceis naquela época”.

FIGURA 21- FOTO DA PLANTA “MATA COBRA”



Fonte: o autor (2023)

Ela continuou a encarar, em silêncio, a plantinha. Indagamos que outras recordações vieram à sua mente e ela respondeu: *“meu pai tinha um caderninho com várias receitas de utilidades de plantas. Não sei onde foi parar. Sumiu. Já perguntei à minha mãe e ela não sabe. Acho que é por isso que hoje eu tenho tudo quanto é planta que serve pra remédio no meu quintal: é boldo, mastruz, mertiolate, manjerição, hortelã grosso, tansagem, algodão, assa-peixe, arnica, alumã, terramicina. Vixi!!!! é um monte!!!”*

O conhecimento prático de P4 no uso de plantas medicinais é invejável e digno de aplausos. Ela resolveu pegar uma boleira nas mãos e nos dar uma aula. Todos nós sabíamos que ingerir a semente da boleira pode causar vômitos, diarreia e vertigem. Ela pediu que P2 quebrasse o coco e nos mostrou uma folhinha em seu interior. Segundo ela, é isso que atua como laxante.

Andar com ela é gratificante. A junção de ser humano rico de conhecimento prático sobre o meio ambiente, com sua formação em ciências biológicas e, atuante na função docente de química, lhe dá propriedade de fala acerca da riqueza de vida daquela região. P4 nos explicou que essa riqueza se deve ao fato de essa região, um dia, ter pertencido à reserva biológica Córrego do Veado, e que, agora, faz parte do

Projeto Corredores Ecológicos, em parceria com o Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA). Essa observação de P4 ganhou ainda mais força quando, por volta de 06h40min., começamos a margear um pomar e encontramos uma mangueira nos oferecendo mangas frescas. Ali, o grupo estacionou para saborear e coletar aquelas caídas no chão. O sabor da manga se tornou sublime, porque a descascamos com os dentes e nossas mãos foram limpas no tronco da própria árvore e nas madeiras que compunham a cerca.

Ficamos por uns vinte minutos ali. Quando retomamos o caminho, vemos P4 limpando suas mãos nos troncos grossos da cerca de arame que separa o pomar da estrada de chão batido. Por sua vez, ela viu P3 observando-a, e disse, esfregando a palma, as costas e os dedos de suas mãos: *“quem não tem cão, caça com gato né ... (P3)?! Ainda bem que tivemos infância né?!”*

Às 07h18 min. pisamos na rua pavimentada. Andamos um pouco menos de 01 km e nos despedimos transbordando alegria. P4 não verbalizou nada, mas é perceptível que a caminhada oportunizou encontros terapêuticos. Afinal, rememoramos épocas em que as urgências do capitalismo não atuavam sobre os sabores de uma manga. Lembramos, também, que a poderosa força da natureza provê cuidados com a saúde, assim como, alimenta o corpo e a alma.

4.2 ASPECTOS EMERGENTES

Nos meses subsequentes às caminhadas, nos dedicamos à unitarização, ou seja, seleção de unidades de sentido e significado para definição de aspectos emergentes para responder à questão de pesquisa, *o que se mostra em experiências multissensoriais de caminhadas com trabalhadores da educação sobre o ambiente?* A partir disso, discutimos os dados e realizamos as considerações finais da investigação.

Os aspectos emergentes surgiram a partir da triangulação das (eco)narrativas, provendo respostas à nossa questão de pesquisa. Portanto, os aspectos emergentes são concebidos como as experiências multissensoriais que vieram à tona durante as caminhadas com os trabalhadores da comunidade escolar: 1-) Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica; 2-) Protagonismo dos mais-que-humanos; 3-) Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica; 4-) Correspondência entre corpos.

Neste ponto da discussão do dados, salientamos que os aspectos emergentes

são adotados como expressões do “território selvagem” - espécies de agência material “que podem surpreender, incomodar, aterrorizar ou desconcertar os humanos” (Alaimo, 2017, p. 920), como observado nos relatos dos participantes que problematizamos aqui.

4.2.1 Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica

Pensar em educação ambiental a partir de mergulhos multissensoriais na natureza, é pressupor que o ambiente é dotado de potenciais afetivos. Potenciais, estes, que só são agentivos se em encontro com corpos também agentivos. Também, é reconhecer que as experiências estéticas ampliam a compreensão acerca de nosso modo de estar no mundo. Ou seja, acatando a premissa de Merleau-Ponty (1999), entendemos que a experiência do mundo antecede a consciência sobre o mundo, pois a última refuta a grandeza ontológica da experiência.

Com isso em mente, vemos que os resultados da tese apontam que a “finitude da existência humana”, desvelada pela força agentiva dos mais-que-humanos, têm o potencial de provocar reflexões acerca dos modos de ocupação humana (caminhantes) do espaço e dos sentimentos que movem seus desejos no que tange ao consumismo. Observamos, nos trechos de algumas (eco)narrativas, que destacamos abaixo, que as paisagens que se mostram para os caminhantes têm valor distinto daquele negociável pelo capital, no entanto, são de fundamental importância para o bem-viver, seja como moeda de troca (U7 P2)¹³, ou desejo de que outros estivessem a dividir aquele momento (U42 P4) e, até mesmo como meio de elevação espiritual (U65 P1):

- Se eu tivesse dinheiro, eu não ia querer mais nada nesse mundo, só comprar essa área bem aqui e construir uma casa pra poder acordar com essa paisagem. Não tem dinheiro que pague uma coisa dessa (U7 P2, 2022).
- Tenho que trazer meu marido aqui. Eu estou vendo tudo que ele me descreveu quando subiu aquela pedra lá (Pedra da Botelha) (U42 P4, 2022).
- Aquela chapada extensa que nossa visão não podia ver com nitidez fez P1 empacar. Ele colocou a mão na cintura e fixou seu olhar em admiração no horizonte. Em seguida solicitou um momento de oração. Ele disse: Você faz P4? A última vez eu gostei muito. Nosso amigo (...) merece (U65 P1, 2023).

¹³ Os códigos apresentados a partir de agora fazem referência ao número das unidades de sentido do participante. Nesse caso, é a sétima unidade de sentido do segundo participante. As unidades de sentido e respectivos códigos estão apresentados no Apêndice 2.

A chamada crise ambiental - estado de “desequilíbrio ambiental planetário resultante de ações do homem que, em última instância, ameaça a própria espécie humana” (AVZARADEL, 2013, p. 66) que estamos testemunhando, denuncia a crise da racionalidade ocidental, ou sua forma equivocada de imaginar e organizar o mundo. Uma estratégia não apenas de dominar a natureza, mas, também, de torná-la um objeto comercializável. A desconstrução dessa maneira de compreender o ser, os entes e as coisas, requer a adoção de compromissos éticos na perspectiva mais-que-humana. Nesse sentido, não há de se pensar que a construção de compromissos éticos seja dada pela maneira atual de ocupação do espaço.

Posto isto, concordamos que é preciso demorar mais nos espaços, como diz (Payne; Wattchow, 2009), no lugar, para que possamos atribuir e receber significado dele, por meio da corporeidade ativa. Assim sendo, as respostas afetivas emergidas da (eco)narrativa (código U62 P3, 2023) e (código U63 P3, 2023), nos mostram o potencial das experiências estéticas na natureza como como gatilho para a valoração da vida, por meio da contemplação da natureza, vivenciando uma espécie de freio na agitação e pressa dos corpos, permitindo que repensemos a vida conturbada em que nossos corpos estão mergulhados, como lemos no seguinte excerto:

- O sereno denso estava a ser cortado pela força do sol e se estendia por toda a baixada à nossa frente. Ele pede uma pausa (U62 P3, 2023).
- Todos reduziram bruscamente seu ritmo e respiraram fundo. Estávamos a recarregar as baterias (U63 P3, 2023).

Tais declarações, instintivamente, nos levam a concordar que estar ali, por mais de um momento fugaz, pode resultar em “vivências significantes” (Marin; Kasper; 2009, p. 281), que, por sua vez, tem potencial de revigorar os corpos. Tanto que, do segundo relato, concluímos que estávamos a recarregar as baterias. Situação, esta, que passaria despercebida em outras circunstâncias, segundo compreendemos. É sob esse aspecto que a noção de educação da atenção de Ingold (2010, p. 21) nos permite inferir que experienciar a “Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica”, pode revelar que a percepção não é dada por uma mente dentro de um corpo, mas, sim, “como uma atividade de todo o organismo num ambiente”, afinal, testemunhamos redução na intensidade da respiração, a visão se preocupou em apurar o cenário e os fluxos de pensamentos se reduziram. Não havia acordo prévio de parar ali. No entanto, a força agentiva daquele lugar sugeriu tal ação.

Para além de pensamentos que problematizam a ocupação dos espaços pelo ser humano, a “Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica” despertou nos sujeitos rememorações felizes de encontro com o belo e o vasto. Essas vivências também foram responsáveis pelo afetamento de suas subjetividades, de tal forma que potencializaram/germinaram ideias de projeção de seus futuros pós-aposentadoria. Esse detalhe nos leva a compartilhar da seguinte percepção: “a forma como percebemos e atuamos no mundo emerge das nossas capacidades sensoriais” (Iared, 2018, p. 185), como podemos observar na expressão abaixo:

- Durante os trinta dias de férias, caminhou vendo o mar, numa visita à casa de sua irmã. - *Quando eu aposentar, vou morar na beira da praia* (U3 P1, 2022).

Ao assimilarmos a experiência estética citada, dentro da perspectiva de caminhada retirada do artigo de Machado e Muller (2011), concordamos que o caminhar é uma maneira de pensar-em-movimento. Portanto, pode ser uma prática de formação de conceitos, experimental, viscosa, intensa e colaborativa. Acatamos essa percepção, porque testemunhamos que um corpo em deslocamento, além de lembranças prazerosas que emergiram, também serviu de gatilho para lembranças de outros mergulhos na natureza. Ou seja, a experiência estética trouxe prazer que, por sua vez, produziu desejos que, por fim, se materializaram em um projeto de vida a ser realizado em caminhadas futuras.

4.2.2 Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica

Payne e Wattchow (2009, p. 19, tradução nossa) já haviam nos relatado que a variação sazonal de luz, clima e temperatura pode ser conhecida como uma resposta corporal perceptual/sensorial e “comparação experiencial”. Nossos dados convergiram com a noção de corporeidade imersa nos (micro)climas, como podemos ver na seguintes relatos:

- Olha só Alberto, eu acho que é fim dos tempos mesmo! Um dia um calor infernal, no outro um frio de lascar, no próximo uma ventania terrível e hoje? Olha, hoje!”. Estamos em setembro. Não é normal um clima desse. Ele acrescenta: “O homem colhendo o que plantou (U25 P2, 2022).

- Esse barulhinho de chuva tá bom de ficar na cama (U37 P3, 2023).

- Insistiu em juntar as mãos em frente à boca e assoprar. Era possível sentir o frio da madrugada sussurrando nos capilares dos caminhantes e, imaginar os poros se fechando. P3 transmitia a sensação de arrepio dos pelos, sua testa estava franzida e, constantemente, ele encostava os cílios quando em contato

com o vento frio (U4 P1, 2022).

Ao apoiarmos a (eco)narrativa acima na noção de *enskilment*¹⁴ de Ingold (2000), propomos um corte e sobreposição de aprendizagens de habilidades motoras criadas pela visão tradicional de mundo em que prevalece a divisão entre mente e corpo e corpo e mundo, por uma aprendizagem que, por exemplo, reconhece a predominância/influência de diferentes condições climáticas em curto intervalo de tempo, ocorrendo de maneira inseparável do fazer e do lugar. Visto que, o aprendido pelo participante perpassou por sua atenção incorporada através do olhar, ouvir e sentir durante o mergulho na natureza. Situação, esta, que não seria possível em um ambiente fechado como as salas de aula, com seus métodos dogmáticos e opressores.

Para Duarte, Sato e Passos (2018, p. 96) ao andarmos pelo mundo, somos obrigados a “fazer uma imersão intensa por meio de [nossos] cinco sentidos” Para o autor e as autoras, o aprendizado em andanças não fica restrito às experiências sensoriais do corpo-mente imerso nas paisagens, mas, também, pelos diálogos que surgem naturalmente. Os relatos apontam para essa maneira de interação verbalizada, principalmente, no compartilhamento de percepções e ratificação ou recusa do saber apreendido:

- Nunca tinha notado antes como o mundo pode parecer tão vivo e vibrante depois de dias chuvosos! Olha que maravilha! (U40 P3, 2022).
- Fricciona os braços enquanto ouve P2 (U44 P3, 2022).
- Rapaz!! Aqueles meninos da escola (estudantes) tinham que vir ter aula aqui. Pra ver a coisa como ela é!! Ao invés de ficar jogando videogame. Concorda Alberto? (U24 P2, 2022).
- Se mantém sentado num barranco feito pela máquina de patrolar estradas rurais, com os braços sobre os joelhos e atento a narração de P4 (U39 P3, 2023).
- Fica meio curioso e concorda com P4 (U48 P3, 2023).

Os relatos apontam, ainda, para a importância de mergulhos viscerais para a destruição dos muros que dissociaram a teoria e a prática. Isso, por sua vez, permite

¹⁴ Conhecimento profundo, tácito e prático – um tipo de “know how” ou “habilidade” local que emerge progressivamente à medida que um indivíduo se torna intimamente familiarizado com uma tarefa e o que o rodeia (Ingold, 2000).

que o aprendizado se insira no marco significativo de um currículo fenomenológico da vida (Duarte; Sato; Pazos, 2018). Em outras palavras, os relatos apontam para o surgimento de percepções da fluidez das dimensões do mundo humano e mais-que-humano:

- Acho que é por isso que hoje eu tenho tudo quanto é planta que serve pra remédio no meu quintal: é boldo, mastruz, mertiolate, manjeriço, hortelã grosso, tansagem, algodão, assa-peixe, arnica, alumã, terramicina (U53 P4, 2022).

- Sentindo o cheiro de chão de terra molhada (U55 P3, 2023).

- Andamos por mais alguns quilômetros e a chuva fina continuava a nos testar. Ela coloca a mão sobre as sobrancelhas e nos diz que se seu pai costumava chamar esse tipo de chuva de “chuva-molha-bobo” (U17 P4, 2022).

O potencial dos mergulhos multissensoriais apontados nos relatos, nesse subtópico, se mostra importante uma vez que advogamos por quebra de paradigmas, tanto na dimensão da produção do saber que ocorre dentro e entre o meio acadêmico, como também nas instituições formais de ensino básico que é onde se aplicam as práticas de educação ambiental propostas.

4.2.3 Protagonismo dos mais-que-humanos

O aspecto emergente deste subtópico remete à fenomenologia de Merleau-Ponty, quando esta nos evoca pensar na emergência da significação nos encontros com o mundo vivido (humanos e mais-que-humanos), a partir da experiência estética. Dessa forma, compreendemos que esses encontros devam ocorrer a partir do reconhecimento dos mais-que-humanos como protagonistas em nosso processo de apreensão dos fenômenos. Tanto que, para o referido filósofo “A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece” (Merleau-Ponty, 1999, p. 6).

Essa preocupação do filósofo em situar o ser humano como os demais componentes do meio, numa lógica simétrica, significa reconhecer “novas subjetividades e novas relações de alteridade” (Marin; Lima; 2009, p. 271). Nesse sentido, falando especificamente dos animais, eles “são com certeza diferentes de nós em sua morfologia e em seu comportamento; contudo, a existência social que eles têm à nossa revelia é idêntica à nossa” (Descola, 1998, p. 28). Pois, por exemplo,

considerando “os mitos, ritos de caça, mediação xamânica da relação com os espíritos, tais práticas comprovam no cotidiano dessas populações, a presença de humanos, plantas e animais em um mesmo plano ontológico” (Pereira, 2018, p. 112).

Posto isto, percebemos, nos relatos abaixo, percepções sensoriais dos participantes quanto às relações de correspondências dos mais-que-humanos. Afinal, as respostas corporais denotam o entendimento de que se faz necessário atentar às diferentes e singulares maneiras de comunicação dos mais-que-humanos:

- P2 se encanta até mesmo pelo seu aspecto. Ele toca as folhas das bananeiras com cuidado e bate com orgulho no tronco. Comenta até do vermelho forte do “coração” do cacho (U49 P2, 2023).

- Ele continua a ficar, a maior parte do tempo, com um olhar atento e um semblante indagador, até que é apanhado por uma teia de aranha. Ele para, pega um graveto e retira linhas que compõem a espiral de captura. Não contente em pegar com o graveto, aproxima-a de seu rosto, apalpando-a. Em seguida exclama: “– Ave Maria, como são resistentes. As teias de aranhas que havia no quintal de minha casa nem chega no pé dessa” (U28 P3, 2022).

- Olha só, esses dias eu estava em sala de aula e aí comentei com os alunos o papel dos índios na manutenção do fluxo gênico para a caracterização de uma vegetação regional. Aqui está a prova viva do que eu estava falando (U20 P4, 2022).

Os contextos que estamos delineando sugerem que um ser humano não está numa relação de alteridade apenas com outro ser humano, mas com outro ser vivo ou não vivo, outra etnia, outra civilização, outros costumes, a natureza, (os mais-que-humanos). É no reconhecimento dessa realidade mais abrangente que surge a possibilidade de ouvir o que os mais-que-humanos tem a nos contar sobre nossa condição humana (Tsing, 2015). Nos relatos compilados abaixo, lemos esses exercícios relativos ao direito de fala dos mais-que-humanos e, principalmente, discernimos seus ensinamentos:

- A única coisa que interessava era olhar com admiração aquela planta, mesmo sem suas frutas vermelhas (U32 P3, 2022).

- Ela volta, pega com delicadeza as flores e cheira. Suas mãos correm sobre as pétalas como as de um casal apaixonado em despedida (U16 P4, 2022).

As experiências estéticas potencializaram transformações dos sujeitos ao se subordinarem às forças de agências da natureza, sem que despertassem o desejo de dominação/manipulação ou exploração dos “recursos naturais”, regido pela lógica de consumo do capital. Na verdade, apreciamos, apenas, um visível respeito ao exercício

da jornada da vida dos mais-que-humanos (U32 P3, 2022). Para além disso, notamos, também, que o poder de agência dos mais-que-humanos induziu os participantes na acomodação/conformação de seus corpos no cuidado para com o bem-estar daquela outra forma de vida (U16 P4, 2022). A literatura sobre educação ambiental destaca a importância de práticas que transcendam o antropocentrismo e advoguem por uma *epistemologia compreensiva* (Carvalho; Grun; Avanzi, 2009), cuja orientação ecológica seja indicativo do reconhecimento das relações simétricas entre humanos e mais-que-humanos.

Defendemos a percepção de que os mais-que-humanos apresentam agências quando o sujeito se constroi na interação (Alaimo, 2017). Para Barad (2003), essas agências não estão alinhadas com a intencionalidade ou a subjetividade humana. Nem apenas acarretam uma resignificação ou outros tipos específicos de movimentos no âmbito de uma geometria social de anti-humanismo. A agência é uma questão de intra-ação; é uma representação, não algo que alguém ou alguma coisa tem. A agência não é absolutamente um atributo - é um “fazer”/“ser” em sua intra-atividade (Barad, 2003, p. 826).

4.2.4 Correspondência entre corpos

A análise das (eco)narrativas propiciou situarmos a composição dos trajetos como uma colcha de retalhos. Os excertos abaixo permitem que percebamos a conformação do meio, a partir da presença ativa do ser humano, de tal forma que expulsa o estado de dormência e desperta nos caminhantes curiosidades e sensação de prazer (U18 P1, 2022). Ou então, provocam percepções do belo nas paisagens novas que surgem durante os deslocamentos (U22 P1, 2022; U34 P1, 2022). No entanto, o processo de “Correspondência” também fazem emergir sentimentos de repulsa, decepção acerca das irresponsabilidades ambientais.

- Percebe-se a mudança de sua postura corporal quando algo do percurso chama sua atenção... (U18 P1, 2022).
- E lá está ele (...) a perceber e contemplar paisagens imponentes (U22 P1, 2022).
- Não se contentou em apenas ver. Se deslocou e adentrou o feixe esperando ser abduzido (U34 P1, 2022).
- (...) o quê que custa esperar o dia do caminhão passar. (...) aí fica os urubus

rasgando as sacolas e enfeando a rua (U16 P1, 2022).

O interessante, no que concerne à percepção/correspondência com a riqueza paisagística, é que ela também potencializa reflexões sobre outras maneiras de incursão na natureza, para além da forma predatória do ser humano no processo de ocupação do espaço, resultando na *conformação de espaços insossos* (U69 P4, 2022) e carentes de potenciais afetivos multissensoriais ou, então, carregados de estética com potencial de *revigorar os corpos esgotados pela rotina de trabalho* (U57 P4, 2022), como esclarecem os seguintes apontamentos:

- Ela está falando pouco e baixo. Enquanto atravessamos a cidade pelas ruas pavimentadas, o grupo vai sendo tomado ainda mais por um silêncio assustador. [...] os participantes da pesquisa e estão a encarar o chão. Seus ombros e cabeças baixas (U69 P4, 2022).
- Seja sincero, Alberto, uma rede de descanso aqui e ficar só na tranquilidade deve ser bom demais né?! (U57 P4, 2022).

Os aspectos emergentes discutidos neste subtópico evidenciam, também, a força das experiências estéticas na natureza para se problematizar a importância dos mais-que-humanos na tranquilização do corpo e da alma dos humanos, como vemos no relato abaixo:

- Caminhar é bom porque a gente vai conversando... Isso te desliga do trabalho, das contas, dos problemas etc.(U49 P3, 2023).
- As caminhadas abrem as ideias. As pessoas, antes de pensar em projetos para as cidades, deveriam caminhar. Eu, por exemplo, durante as caminhadas e depois delas, minha cabeça enche de ideias (U49 P3, 2023).

As experiências estéticas na natureza despertaram lembranças de infâncias mergulhadas em multissensorialidades. Isso nos leva a acreditar que elas foram fundamentais na construção de uma identidade ambiental. Também as consideramos como estimuladoras de ideias para se pensar na saúde do ambiente onde as pessoas circulam. Essas observações convergem com resultados de Payne (2000, p. 70, tradução nossa), ao nos dizer que “o próprio ser (corporificado) nas experiências estéticas é um ponto na direção certa para compreender a própria identificação com o meio ambiente, a natureza, ou sua crise”.

Os relatos que trazemos abaixo nos levam a examinar as experiências estéticas na infância como indispensáveis para consolidar modos de vida adulta saudáveis aos mais-que-humanos:

- Ele se relaciona desde a infância com as árvores. Podemos vê-lo alisar uma árvore em silêncio. Porque se não fosse a mão humana para dar fim à sua vida, ela não correria o risco de ser assassinada (U6 P2, 2023).

- Tenho a impressão que ele está ao mesmo tempo pedindo desculpas pelo mal que um dia causou a outros vegetais, ademais está conhecendo outra maneira de interação para além da morte (U5 P2, 2023).

- Eita!!! Mas já tirei demais paina (inflorescência) para fazer travesseiro. Sua voz veio acompanhada de dois sentimentos antagônicos — ao mesmo tempo em que a voz sai compassada, trêmula, simbolizando saudade, o olhar transparece alegria, orgulho do tempo passado (U15 P4, 2022).

Para além das lembranças agradáveis, o cenário discutido acima também realça a força que o movimento (dos corpos na natureza) têm para o estímulo à sensibilidade. As unidades de sentido (U6 P2, 2023; U5 P2, 2023; U15 P4, 2023) denunciam arrependimentos, incompreensões e orgulhos de formas relacionais passadas. Ou seja, o movimento ao apresentar potencial de colocar o corpo respondendo às forças agentivas do ambiente. Pressupomos, então, que ele é ontológico, epistemológico e metodológico “gerador de afetividades” (Iared, 2018, p.186).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abrimos nossas considerações finais, reconhecendo que uma pesquisa fenomenológica é singular ao olhar de cada pesquisador, de maneira que há variadas percepções do fenômeno estudado. Sendo assim, este pesquisador chegou ao “fim” de uma caminhada assinalada pelos “movimentos”, pelos graciosos encontros e desencontros, pelas experiências, envolvências e, especialmente, por itinerâncias (idas, vindas e descansos), nessa existência que é o nosso lugar de produção da vida.

Após definirmos as/os participantes da pesquisa, produzimos os dados e itineramos no momento vivido na Banca de Qualificação. Momento, este, em que foram feitas significativas colocações, que, em rigoroso alinhamento com a orientadora, muitas foram absorvidas na pesquisa, como, por exemplo, a composição do título da pesquisa passou a ser “Experiência estética durante caminhadas de trabalhadores da educação: potenciais para uma educação menos antropocêntrica”.

O presente estudo desenvolveu-se como uma estratégia para buscar envolver tais trabalhadores/as da educação em experiências estéticas, com vistas a investigar suas experiências multissensoriais com~no ambiente. *A priori*, tivemos como desafio: ganhar a confiança de pessoas, totalmente desconhecidas, para se deixarem pesquisar em suas caminhadas de lazer aos sábados de madrugada. Processo que se iniciou ainda durante a pandemia da Covid-19, no ano de 2021.

Nesta investigação, uma pré-aproximação pelo aplicativo WhatsApp facilitou nosso primeiro encontro presencial, no entanto, recordamos que a construção de afeto e respeito deles/a para conosco, ainda usando máscara de proteção, não foi uma tarefa fácil. De maneira que este estudo sinaliza que o tempo para se realizar esse tipo de pesquisa pode ser um limitador para a produção robusta de dados para aqueles pensam em se aventurar sem dispor dessa vantagem desfrutada por este pesquisador. Houve muitos olhares de desconfiança, muitas conversas permeadas de cuidados. Os corpos dos sujeitos participantes se policiavam, com medo de se exporem ou passarem vergonha diante de um pesquisador. Porém, o “tempo”, permitiu que, aos poucos, principalmente, com o fim da obrigação do uso de máscara de proteção, vissem em minha expressão facial o prazer de estar compartilhando vivências únicas. Com isso, a cada caminhada, passaram a se sentir mais à vontade no convívio com este pesquisador.

A questão de pesquisa – *o que se mostra em experiências multisensoriais de*

caminhadas de trabalhadores da comunidade escolar com~no ambiente? – exigiu que abraçássemos a perspectiva fenomenológica. Para tanto, nos preocupamos em buscar esse conhecimento a partir de encontros intersubjetivos, em sua integralidade, de maneira transcendente e marcada pelo cuidado e respeito à construção histórica da identidade ambiental de cada participante. As itinerâncias com~no ambiente testemunhadas, sob a chuva e o sol, na madrugada escura e no céu aberto, no frio e no calor, no frescor e abafado etc. Esse caminhar nos conduziu a responder aos objetivos deste trabalho. Esse *módus operandi* resultou na produção de quatro aspectos emergentes: 1-) Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica; 2-) Protagonismo dos mais-que-humano; 3-) Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica; 4-) Correspondência entre corpos.

O processo de produção desses dados se deslocou junto das experiências estéticas dos participantes em caminhadas, de modo empático e comprometido com aventuras de (re)ligação existencial e reflexivo da/os participantes, ou seja, buscamos enxergar apenas seres-no-mundo, que, por conta das demandas capitalistas, se envolvem em atividades laborais do dia-a-dia que podam suas possibilidades de experimentar as visceralidades do entorno.

Para alcançarmos tal propósito de mergulho no estudo, nos banhamos em importantes contribuições de diversos autores, citados ao longo deste texto, no entanto, ressaltamos que Merleau-Ponty foi aquele que mais pesou para nos atracarmos à percepção de inacabamento, ou seja, o sentido das coisas é oferecido na experiência fenomenal, no mundo circundante (ser-no-mundo). Tal compromisso conduziu a pesquisa a revelar que a/os participantes desvelaram subjetividades, diante da objetividade do mundo cartesiano, marcadas pela percepção de correspondência com os mais-que-humanos. Em outras palavras, o estudo identificou envolvências simétricas com as multissensorialidades do mundo em cada participante da pesquisa.

Este estudo nos mostrou, também, que essa abordagem fenomenológica tem potencial de estampar a transitoriedade dos fenômenos de percepção de nosso papel no meio (ora emergiu sentimento ético, ora sentimento utilitarista e ora sentimento político) que se desnudaram, de tal forma que essa variação consolidou nossa inclinação para uma consciência comprometida com interpelações futuras acerca da problemática.

Quanto aos objetivos específicos deste estudo, o primeiro deles buscou

conhecer o movimento de caminhada realizado por trabalhadores da comunidade escolar. Este estudo identificou que a/os caminhantes têm o caminhar na natureza como uma maneira de vivenciarem processos de envolvimento intelectual, sensorial e emocional/afetivo. Em outras palavras, são estratégias de se colocarem em correspondência em uma perspectiva mais-que-humana para desfrutarem a sensação/sentimento de pertencimento ao todo.

Em virtude de nossa discussão, aqui empreendida, jamais esgotar a problemática, consideramos que nosso trabalho dá contribuições pertinentes à dimensão sensível da educação ambiental, principalmente, quanto ao papel dos mais-que-humanos na construção da identidade ambiental. Em síntese, ao analisarmos as respostas corporais da/os participantes em relação ao nosso referencial teórico – numa noção de mundo mais-que-humano como campo relacional – logramos respostas ao segundo objetivo específico, qual seja interpretar, por meio das econarrativas, nossas percepções das relações entre os trabalhadores da comunidade escolar com o mundo mais-que-humano presente nos percursos – vivenciando-o como um campo relacional. Do ponto de vista metodológico, as econarrativas nos oportunizaram um relato mais espontâneo e coerente do que estávamos experimentando. Esse formato nos abriu um leque, tanto para uma melhor apreensão da relação simétrica entre os diferentes componentes do meio ambiente, quanto para a noção de coprodução desses elementos.

O terceiro objetivo específico buscou analisar as experiências de caminhada de trabalhadores da comunidade escolar com o ambiente a partir da ecofenomenologia. O resultado dessa análise nos propiciou situar as experiências estéticas como mola propulsora para o surgimento de marcas das trajetórias na natureza durante a infância dos caminhantes. Todos eles/a viveram experiências estéticas na natureza e isso assinalou os mais-que-humanos como responsáveis pela afetividade que o grupo tem com a natureza. No entanto, nosso estudo, na revisão de literatura, identificou um silêncio preocupante quando se trata de práticas de educação ambiental norteadas pelos sentidos. Diante disso, estudos futuros se fazem frutíferos para melhor compreender essa lacuna de uma cultura de educação ambiental sensível.

A pesquisa também nos mostrou que, quando caminhamos metodologicamente, na natureza, em uma perspectiva mais-que-humana, passamos a nos enxergar como constituintes das paisagens, e isso favoreceu que

aprendêssemos em um processo de correspondência.

Esse movimento de correspondência estampou um jogo de composição entre os participantes em um mundo mais-que-humano. Testemunhamos, nas (eco)narrativas da e dos participantes da pesquisa (P1, P2, P3 e P4), esse movimento de coexistência na materialidade da vida, a partir da manifestação de seus relatos históricos, em que a corporeidade esteve presente em suas itinerâncias. Em uma perspectiva mais-que-humana, a paisagem tem história, o habitar a paisagem compõe nossas relações humanas, nossa identidade e nossa trajetória ambiental. Eles(a) coproduziram conhecimentos sobre o particular e o global, problematizando os diferentes temas acerca das questões ambientais, econômicas, sociais e políticas. Sendo assim, nosso estudo contribui, significativamente, para melhorar nossa compreensão acerca do papel dos mais-que-humanos na construção da identidade ambiental dos sujeitos, segundo seus movimentos (em diferentes condições climáticas) possibilitando que o mundo material ganhe contornos a cada caminhada.

Os resultados desta investigação apontaram, ainda, que a etnografia sensorial, ao nos mergulhar, multissensorialmente, na natureza, permite-nos vivenciar reconfigurações ímpares. Especificamente, nossa compreensão de ser humano dentro dessa perspectiva material, coloca-nos como dotados de aprendizagens que não separam o fazer do lugar. A partir dessa visão de mundo, o que é assimilado não é um conjunto de conhecimentos arranjado em grades curriculares engessadas, que é transmitido a uma mente de um corpo passivo e alheio às forças agentivas, mas consiste numa atenção incorporada e progressivamente aprofundada, onde um indivíduo torna-se mais responsivo às pessoas e às propriedades ambientais através do “olhar, ouvir e sentir” (Ingold, 2000). Doravante, salientamos que observar-participando potencializou essa atenção às paisagens, fazendo emergir percepções dos emaranhados dos componentes da natureza.

Apesar de nossa metodologia ter demonstrado vigor com quatro participantes, uma vez que, levamos em consideração que um número elevado de pessoas poderia nos deixar dispersos em meio a tantas respostas corporais, o estudo deixa uma lacuna a ser explorada acerca de uma possível limitação metodológica quanto a um número elevado de pessoas a serem acompanhadas. Entendemos que, caso ampliássemos o número de participantes da pesquisa, epistemologicamente tornaria dificultosa a compreensão dos fenômenos, pois, poderíamos correr o risco de ficarmos entre tantos relatos e histórias de vida que, naturalmente, diluiríamos as experiências estéticas

produzidas.

A elaboração desta tese nos proporcionou uma visão mais profunda de nossa condição como pesquisador-participante. Afinal, o desenvolvimento gradativo de uma postura corporal praticante da educação da atenção não permitiu que nos dissociássemos de nossa condição visceral no meio. Esse modo, então, de conformação permitiu-nos visualizar os aspectos emergentes discriminados acima. As sensações que brotaram de tais experiências estéticas à luz da educação da atenção empregada, se tornaram potencialidades para a exploração de novos caminhos para uma educação ambiental menos antropocêntrica.

Embora este estudo não tenha objetivado prescrever as caminhadas na natureza como manual a ser seguido para práticas de educação ambiental menos antropocêntricas, advogamos que essa forma de ocupação da natureza pode implicar em potentes práticas de educação ambiental, seja em processos formativos de educadores ambientais, seja no âmbito do ensino básico. Práticas estas em que os mais-que-humanos ocupam posição simétricas no processo, despertando assim, sentimentos éticos de respeito à alteridade de outros elementos, para além dos seres humanos.

Em suma, podemos dizer que as experiências estéticas se mostraram vigorosas em despertar valores que fortalecem modos de comunicação com o mundo mais-que-humano para além da perspectiva antropocêntrica. Valores, estes, que podem potencializar a instituição de novas práticas – intermediadas pelas sensibilidades e visceralidades. No entanto, por conta da limitação desta pesquisa, não foi possível explorarmos essa forças agentivas que potencializam a dimensão ética dos participantes da pesquisa, de maneira que sugerimos que novos trabalhos venham a se debruçar sobre essa temática.

Nosso trabalho reconhece as limitações impostas pelo *modus operandi* dos currículos instituídos. Reafirmamos, aqui, nossa compreensão de que a educação ambiental é parte da educação e que em virtude da pouca sintonia entre legislações ambientais e educacionais (notadamente, no âmbito curricular), seria importante estruturarmos uma legislação tendo como referência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, que reforça essa política pública no seu artigo 13, reconhecendo-a como voltada à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente. Esse desafio se amplia, ao deprendermos de McKenzie, Bieler e Mcneil (2015), que o

neoliberalismo predominante nas políticas públicas ambientais acarreta o risco de que sejam implementadas práticas de educação ambiental sem profundidade. Dizemos isto porque sua lógica de movimentação mercadológica, que no caso, aqui, tangencia os conhecimentos sobre temáticas ambientais, ao correrem de um polo a outro do planeta em tamanha velocidade, pode nos direcionar a realizar leituras e interpretações analíticas e políticas estreitas/rasas acerca das problemáticas ambientais (Mckenzie; Bieler; Mcneil, 2015), de maneira que prejudica nossa compreensão e contextualização do assunto.

É uma pena que o estudo tenha mostrado que as histórias individuais do pesquisador e dos participantes da pesquisa vinculadas a vivências com o ambiente que atravessaram as (eco)narrativas, quando discutidas a partir dos diálogos e das análises apoiadas na teoria, foram motivo de preocupações, pois o pesquisador foi tomado pelo temor de tornar frágeis tais vivências e experiências, quando convertidas em um texto acadêmico, ainda que banhado de um olhar poético e impressões de que um novo mundo está logo ali, na esquina. Essa franqueza e fraqueza na escrita se tornou uma marcha angustiante quando este pesquisador se descobriu como um escritor que criou um relato embaraçoso e complexo de algo naturalmente límpido e fluido. Contudo, pesa a nosso favor o fato de ser uma tentativa inédita, até onde sabemos, a ousadia, ou loucura, de buscar concretizar em palavras aquilo que já nasce como puro movimento, pura inter-ação e, por isso mesmo, guarda em si as características do indizível.

As descobertas aqui relatadas lançam luz sobre a educação ambiental pelas sensibilidades e, esperamos que os apontamentos deste trabalho possam contribuir com a formação inicial e continuada de educadores ambientais, bem com as práxis de todos os educadores que já atuam no *chão da escola* e de todos que acreditam na capacidade de ação e transformação humana, para novas configurações de nossa relação com o ambiente, de quem somos parte indivisível.

Por fim, esperamos que a leitura desta tese provoque o prosseguimento da investigação por outros pesquisadores, uma vez que, em nenhum momento, a consideramos acabada. Essa vivência documentada abre frestas/leques para a experimentação de outras pesquisas para se compreender melhor as possibilidades dos mais-que-humanos nos processos formativos de cidadãos e educadores ambientais mais sensíveis, pois, entendemos que são necessários mais esforços para garantir a expansão de novas ontologias.

REFERÊNCIAS

- ACHLEI, R. C. C.; CORRÊA DA SILVA, L. Schopenhauer e os Valores da Experiência Estética, de Bart Vandenabeele. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 224–237, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/55228>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- ALAIMO, S. Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 909-934, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/frrjFtMLQ6FhwyRj8VS9xSB/?lang=pt#>. Acesso em: 5 jan. 2024
- ALBERTO, H. M. R.; VARGAS, I. A. de. Do caminho das pedras à busca de um trabalho coletivo: formação de educadores ambientais na educação básica. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 163-178, 2020.
- ALMEIDA, M. I. S. de; MOTA, V. M. de J. A importância e a evolução da Educação Ambiental. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 7, n. 01, p. 129–140, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/2955>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- ALVES, E. R.; HOLANDA, D. M. C.; MARQUES, J. M. R.; LIMA, T. R. S. **Educação patrimonial ambiental e patrimônio geomorfológico na perspectiva do desenvolvimento sustentável**. REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA, Fortaleza, Brasil, v. 12, n. 1, p. 74 - 83, 2018.
- ALVES, M. F. S; BUFFON, A. D; NEVES, M. C. D. A fenomenologia como abordagem metodológica. *In*: JUNIOR, C. A. de O.; BATISTA, M. C. (orgs). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. Maringá: Gráfica e Editora Massoni, 2021. p. 203-252.
- AVZARADEL, P, C, S. Ética e educação ambiental: um diálogo necessário. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 65-85, 2012.
- BARAD, K. “Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter”. **Signs**, v. 28, n. 3, p. 801-31, 2003.
- BENTO, J. .; GONZALEZ, A. C.; NICOSKI, R. M.; CARNIATTO, I. Integração de conteúdos de Educação Ambiental na formação de professores. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v.16, n. 5, p. 342–355, 2021.
- BIASOLI, S. A.; BRIANEZI, T. da S.; SORRENTINO, M. Dos documentos e aparatos institucionais às mudanças culturais: qual institucionalização das políticas públicas de educação ambiental se quer?. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 32, n. 1, p. 309–328, 2015.
- BICUDO, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. *In*: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação: Um Enfoque Fenomenológico**. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 15-22.

BROWN, C.; TOADVINE, T. (Eds.) **Eco-phenomenology: back to the Earth itself**. New York: New York State University Press, 2003.

BRUGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental**. Coleção teses. Letras contemporâneas. Ilha de Santa Catarina: 1994. 141p.

BUGALLO-RODRIGUES, A.; VEGA-MARCOTE, P. Circular economy, sustainability and teacher training in a higher education institution. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, Leeds, v. 21, n. 7, p. 1351-1366, 2020. Available in: <https://www.emerald.com/insight/1467-6370.htm>. Access: 5 jan. 2024.

BURATTI, J.; FACHINETTO, J. M.; FERNANDES, S. B. V.; CENCI, D. R.; BIANCHI, V.; SCHIRMER, J.; MOURA, A. de. Vivências socioambientais para a formação continuada de professores. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 288–300, 2021. DOI: 10.34024/revbea.2021.v16.11418. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/11418>. Acesso em: 7 set. 2021.

BUSS, B, C.; IARED, V. G. Artrópodes como tema gerador de uma prática educativa em uma escola de artes no município de Palotina (PR). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 379-396, 2020.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, I. C. M. A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 9, n. 1 – págs. 69-79, 2014.

CARVALHO, I.C.M.; MHULE, R.P. Intenção e atenção nos processos de aprendizagem. Por uma educação ambiental “fora da caixa”. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 21, n. 1, p. 26-40, 2016.

CARVALHO, I. C. de M.; STEIL, C. A. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], p. 59–79, 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3443>. Acesso em: 19 jan. 2024.

CARVALHO, I. C. M.; GRUN, M. ; AVANZI, M. R. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 29, n. 77, p. 99-115, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tWNk3DSBV38p8FswcKt7MtJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2024.

CARVALHO, I.C.M.; STEIL, C. A.; ABRAÃO, F. G. Learning from a More-than-human Perspective: plants as teachers. **The Journal of Environmental Education**, v. 51, n. 2, p. 144-155, maio 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00958964.2020.1726266?journalCode=vjee20>. Acesso em: 19 jan.. 2022.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A.; GONZAGA, F. A. Learning from a more-than-human perspective: Plants as teachers. **The Journal of Environmental Education**, v. 51, n. 2, p.144-155, 2020.

CHARLOT, B. A educação ambiental na sociedade contemporânea: bricolagem pedagógica ou projeto antropológico? **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 10-19, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/15124/11634>. Acesso em: 5 jan. 2024.

COLE, D.;FROST, S. **New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics** (pp. 221–233). Duke University Press, 2010.

D'AQUINO, R. M.; NOGUEIRA, M. L. S. L.; SOUZA, J. P. T.; ROCHA, P. N. da; RINK, J.; VIVEIRO, A. A. As perspectivas de ambiente e de Educação Ambiental nos projetos de professores da Educação Básica em um curso de formação continuada. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 22, n. 2, p. 88–108, 2018.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. In: **Mana**, 4 (1), p. 23-45, 1998.

DUARTE JÚNIOR., J.F. **Fundamentos estéticos da educação**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

DUARTE, J. C. de R. D.; SATO, M.; PAZOS, A. S. A educação ambiental do caminhar. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 35, n. 3, p. 94-113. 2018. DOI: 10.14295/remea.v35i3.8111. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/8111>. Acesso em: 7 set. 2021.

FEITOSA, R. A.; FIGUEIREDO, J. B. de A. Formação de educadores ambientais na tessitura de um grupo de pesquisa. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 8, n. 1, p. 99-113, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. São Paulo: EGA, 1996.

FREIRE, M. L.; RODRIGUES, C. Formação de professores e educadores ambientais: diálogos generativos para a Práxis. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 106-125, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/14666/11640>. Acesso em: 5 jan. 2024.

FREITAS, N. T. A.; MARIN, M. A. D. G. Educação ambiental, consumo e resíduos sólidos: as concepções de professoras de educação infantil. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 17, p.13-25, jan/dez 2020. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3340>.. Acesso em: 19 jan. 2024.

GIL-PEREZ, D.; VILCHE, A.; EDWARDS, M.; PRAIA, J. F.; VALDÉS, P.; VITAL, M. L.; TRICÁRIO, H.; RUEDA, C. A educação científica e a situação do mundo: um

programa de atividades dirigido a percepção de professores de problemas globais e possíveis soluções. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n.1, p. 123-146, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000100010>. Acesso em: 19 jan. 2024.

GOMES, R. K. S.; NERY, V. S. C.; BRITO, A. do C. U. Saberes e vivências na formação de educadores ambientais Amazônicos. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 22, n. 2, p. 173–190, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/7297>. Acesso em: 19 jan. 2024.

GOMES *et al.* Making Future Teachers More Aware of Issues Related to Sustainability: An Assessment of Best Practices. **Sustainability**, Basel, v. 11, n. 24, p. 1-21, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/sustainability-11-07222.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2024.

GOMES, H. A.; SILVA, C. T. da; IARED, V. G. Afetividade, emoção e a experiência estética na Pesquisa em educação ambiental. *In*: BRITO, G. da S. (org.). **Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação: Percursos Metodológicos e Significativos**. Rio de Janeiro: BG Business Graphics Editora, 2020. p. 244-258.

GOMES, H. A.; IARED, V. G. A pedagogia waldorf e a educação ambiental: um diálogo a partir de uma perspectiva ecofenomenológica. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 202–223, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11827>. Acesso em: 19 jan. 2024.

GONZAGA, M. J. B. **Educação Ambiental: um estudo de experiências em escolas municipais de Natal**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

GUERRA, A. F. S.; PEREIRA, Y. C. C.; FIGUEIREDO, M. L.; ORSI, R. F. M. A formação continuada em Educação Ambiental no Vale do Itajaí-SC: um olhar do GEEAS-UNIVALI. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 14, n. 2, p. 51–62, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/download/1597/729/3922> . Acesso em: 18 jan. 2024.

GRÜN, M. 2003. O conceito de holismo em ética e educação ambiental. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – EPEA, 2, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2003. CD-ROM.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2009. (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).

GREGORIO, A. de; PASSOS, M. M.; JÚNIOR, A. L. Encontro Paranaense De Educação Ambiental (2011-2019): tendências e perspectivas para a formação de professores em educação ambiental. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 38, n. 1, p. 290–314, 2021.

GUIOMETTI, A. L. dos Reis; SILVA, T. P. da. A questão da identidade homem-

natureza e suas perspectivas a partir da educação ambiental. **REVISEA** - Revista Sergipana de Educação Ambiental, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 6, n 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revisea/article/viewFile/11672/8840>. Acesso em: 21 jan. 2024.

GUIMARÃES, S. S. M.; INFORSATO, E. do C. Educação ambiental e formação de professores de biologia no município de Piracicaba/SP. **REMEA** - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 25, n. 3, p. 315-329, 2013. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/user/setLocale/es_ES?source=%2Fremea%2Farticle%2Fview%2F3517. Acesso em: 18 jan. 2024.

GUIMARÃES, S. S. M.; TOMAZELLO, M. G. C. A formação universitária para o ambiente: educação para a sustentabilidade. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 8, n. 1, p. 55–71, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/898>. Acesso em: 19 ene. 2024.

HARAWAY, D. **Staying with the trouble**. Carolina do Norte: Duke University Press, 2016.

HERMANN, N. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

IARED, V. G. A ecomotricidade na educação ambiental. *In*: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA, 7., 2017, São Cristóvão. **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2017. p. 570-580. Disponível em: <https://motricidades.org/conference/index.php/cpqmh/issue/view/7cpqmh/7>. Acesso em: 5 jan. 2024.

IARED, V., G. Etnografia em Movimento como Possibilidade para a Interpretação da Experiência Estética da Natureza. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, [s.v.], Número Especial, p.184-203, 2018.

IARED, V. (Eco)Narrativa de uma caminhada na floresta australiana. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande, v. 36, n. 3, p. 198-212, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/9528>. Acesso em: 19 ene. 2024.

IARED, V.. G.; OLIVEIRA, H. T. de. O walking ethnography para a compreensão das interações corporais e multissensoriais na educação ambiental. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 99-116, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2017000300097&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jan. 2020.

IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T. Walking ethnography e entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/143512/138203>. Acesso em: 5 jan. 2024.

IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T.; PAYNE, P. G. The aesthetic experience of nature and hermeneutic phenomenology. **The Journal of Environmental Education**, London, v. 47, n. 3, p. 191-201, 2016.

IARED, V. G.; OLIVEIRA, H. T.; REID, A. Aesthetic experiences in the Cerrado. (Brazilian savanna): contributions to environmental education practice and research. **Environmental Education Research**, Abingdon, v. 23, n. 9, p. 1273-1290, 2017.

IARED, V. G., HOFSTATTER, L. J. V., DI TULLIO, A.; OLIVEIRA, H. T. de. Educação Ambiental Pós-Crítica como Possibilidade para Práticas Educativas Mais Sensíveis. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/9D6qd7BTPfKvwxT5Z74sBZg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2024.

INGOLD, T. **The perception of the environment**: essays in livelihood, dwelling and skill. London: Taylor & Francis Group, 2000.

INGOLD, T. "From complementarity to obviation: on dissolving the boundaries between Social and Biological Anthropology, Archaeology, and Psychology". In: OYAMA, Susan; GRIFFITHS, Paul & GRAY, Russell (orgs). **Cycles of Contingency**. Developmental Systems and Evolution. Cambridge: MIT Press. p. 255-279, 2001.

INGOLD, T. Culture, nature, environment: steps to an ecology of life. In: INGOLD, T. (org.). **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Taylor & Francis Group, 2002. p. 13-26.

INGOLD, Tim. **Lines**: a brief history. London: Routledge, 2007. 188 p.

INGOLD, Tim. **Pare, olhe, escute!** – um prefácio. São Paulo. Ponto Urbe [Online], 3. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1944>. Acesso em: 19 jan. 2024.

INGOLD, T. Da Transmissão de Representação à Educação da Atenção. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

INGOLD, T. **Being alive**: Essays on movement, knowledge and description. London, UK: Routledge, 2011.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos, Porto Alegre**, v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012.

INGOLD, T. **Making**: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture. New York: Routledge, 2013.

INGOLD, T. That's enough about ethnography! *Hau*: **Journal of Ethnographic Theory**, v. 4, n.1, p. 383-95, 2014.

INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

INGOLD, T. **Anthropology and/as Education**. Routledge: Abingdon, 2017.

INGOLD, T. **Antropologia**: para que serve? Tradução de Beatriz Silvira Castro Filgueiras. Petrópolis: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Editora Vozes Limitada, 2021.

JOHNSON, M. **The meaning of the body**: aesthetics of human understanding. Chicago: University of Chicago, 2007.

LE BRETON, D. **Elogio del caminar**. Madrid: Siruela, 2000.

LE BRETON, D. **Antropologia das Emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LÜDKE; ANDRÉ 1986. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MCKENZIE, M.; BIELER, A.; MCNEIL, R. Education policy mobility: reimagining sustainability in neoliberal times. **Environmental Education Research**, Abingdon, v. 21, n. 3, 319–337, 2015.

MACHADO, P. R. M.; MULLER, C. Caminhada na natureza: prática alternativa de Educação Física escolar para fins de educação ambiental. **Revista Monografias Ambientais**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 749–757, 2011. DOI: 10.5902/223613083951. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/3951>. Acesso em: 19 jan. 2024.

MARIN, A. A. A Educação Ambiental nos Caminhos da Sensibilidade Estética. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 31, n. 2, p. 277–290, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/1260>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MARIN, A. A.; OLIVEIRA, L. C. B. de. A experiência estética em Dufrenne e Quintás e a percepção de natureza: para uma educação ambiental com bases fenomenológicas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, ISSN 1517-1256, Volume 15, julho a dezembro de 2005. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2935>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MARIN, A. A.; KASPER, K. M. A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano – ambiente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 267-282, ago. 2009.

MARIN, A. A.; LIMA, A. P. Individuação, percepção, ambiente: Merleau-Ponty e Gilbert Simondon. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 265-281, dez. 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Humanismo e terror**: ensaio sobre o problema comunista.

Trad. Naume Ladosky. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

MERLEAU-PONTY, M. (1971). **O visível e o invisível**. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In: MERLEAU-PONTY, M. **Os pensadores: textos selecionados**. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed., **São Paulo: Martins Fontes**, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Tradução Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

MININNI-MEDINA *et al.* A educação ambiental na educação formal. In: LEITE, A. L. T. A. e MININNI-MEDINA, N. (Org.). **Educação ambiental: curso básico à distância: educação e educação ambiental I**. Brasília: MMA, 2001. 5v. 2ª edição ampliada. 236 p.

MONTEIRO, J. A. .; GONÇALVES, L. V.; NASCIMENTO JUNIOR, A. F. . Práticas pedagógicas de Educação Ambiental em diálogo com a arte: contribuições na formação de professores de ciências e biologia. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 277–287, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10017>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MORICEU, J-L; MENDONÇA, C. M. C. Afetos e Experiência estética: uma abordagem possível. In: MENDONÇA, C. M. C. (org.) **Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas**. Ebook. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016. p. 78-98.

MOTA, J. C. A Educação Ambiental Estética como uma ferramenta à (re)significação do ser-sensível. **Anais do IV Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em diálogo**, 2016, Rio Grande: Pluscom, 2016, v. 4. p. 38-41.

MÜLLER, F. De Oliveira. **As emoções positivas e negativas, a atitude e a intenção de comportamento: um estudo exploratório no varejo**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia. Programa de Pós-Graduação em Administração. Mestrado em Administração e Negócios. Porto Alegre, p. 110. 2007.

NOGUEIRA, C.; MOLON, S. I. As concepções de homem, natureza e trabalho no Curso Técnico em Meio Ambiente do IFSul. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 85-99, 2017.

OLIVEIRA, M. G.; CARVALHO, L. M. de. Os projetos político-pedagógicos dos

cursos de pedagogia e os temas ambientais: o caso das Universidades Federais brasileiras. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 445-472, maio/ago. 2012.

OLIVEIRA, F. L. de; CAVALCANTE, L. P. S; TELES, M. L. Ambientalização curricular: análise crítica dos projetos pedagógicos em diferentes cursos de formação de professores. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 25, n. 2, p. 745–771, 2020.

PAYNE, P. Identity and Environmental Education. **Environmental Education Research**, Abingdon, v. 7, n. 1, p. 67-88, 2000.

PAYNE, P. G. “Ways of Doing,” Learning, Teaching, and Researching. **Canadian Journal of Environmental Education**, Ontario, [s.v.], n. 10, p. 108-124, 2005.

PAYNE, P. (Un)timely ecophenomenological framings of environmental education research. In: STEVENSON, Robert B.; BRODY, Michael; DILLON, Justin; WALSH, Argen E. J. (Eds.). **International Handbook of Research on Environmental Education**. New York, NY: Routledge, 2013. p. 424-437.

PAYNE, P. Vagabonding slowly: ecopedagogy, metaphors, figurations, and nomadic ethics. *Canadian Journal of Environmental Education*, v. 19, p. 47-69, 2014.

PAYNE, P. G. “Amnesia of the moment” in environmental education. **The Journal of Environmental Education**, London, v. 51, n. 2, p. 113-143, 2020.

PAYNE, P. G.; WATTCHOW, B. Phenomenological deconstruction, slow pedagogy, and the corporeal turn in Wild Environmental/Outdoor Education. **Canadian Journal of Environmental Education**, Ontario, [s.v.], n. 14, p. 15-32, 2009.

PAYNE, P.; RODRIGUES, C.; CARVALHO, I. C. M.; SANTOS, L. M. F.; AGUAYO, C.; IARED, V. G. Affectivity in environmental education research. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, Edição especial, v.13, p. 93-114, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/12463/8530>. Acesso em: 21 jan. 2024.

PEREIRA, M. V. Escola e estetização: possíveis aproximações. *In: ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO*, 16., 2012, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2012. P. 150-162. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/ESCAPP>. Acesso em: 21 jan. 2024.

PEREIRA, T. F. Estudos Multiespécies: uma breve análise da teoria e de suas aplicações. *Revista Ensaios*, vol. 13, jul-dez de 2018. Disponível em: Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios/article/download/40125/23098/135025>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PEREZ, R.; PORRAS, Y. La complejidad en el marco de una propuesta pluriparadigmática. **Tecné, Episteme y Didaxis, Bogotá**, v. 17, p.104-116, 2005.

PINHEIRO, R. dos Santos. **Percepções do ensino de educação ambiental na comunidade escolar do Assentamento Nova Vitória – Pinheiros – ES.**

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, p. 101. 2017.

PINK, S. Walking with video. **Visual Studies**, Melbourne, v. 22, n. 3, p. 240-252, 2007.

PINK, S. Mobilising Visual Ethnography: Making Routes, Making Place and Making Images. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, [S. l.], v. 9, n. 3, 2008. DOI: 10.17169/fqs-9.3.1166. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1166>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PINK, S. **Doing sensory ethnography**. London: Sage, 2009.

PITTON, V. O.; MCKENZIE, M. What moves us also moves policy: The role of affect in mobilizing education policy on sustainability. **Journal of Education Policy**, 37(4), 527-547, 2020.

QUALHO, V. A; IARED, V. G. Relato de experiência de um curso online sobre fungos desenvolvido com professores sob a perspectiva de educação ambiental “fora da caixa”. **Revbea**, São Paulo, v.16, n. 5, p. 500-520, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/11714>. Acesso em: 20 jan. 2024.

RHEINHEIMER, C. G.; GUERRA, T. Processos formativos associados a projetos de intervenção como estratégia de imersão da Educação Ambiental no contexto escolar. **Revista Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 15, n. 2, p. 91–120, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1020>. Acesso em: 18 jan. 2024.

RODRIGUES, C. O vagabonding como estratégia pedagógica para a “desconstrução fenomenológica” em programas experienciais de educação ambiental. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 303-327, 2015.

RODRIGUES, C. A ecomotricidade na apreensão da natureza: inter-ação como experiência lúdica e ecológica. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 51, [s.n.], p. 8-23, ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/63007/0>. Acesso em: 21 jan. 2024.

RODRIGUES, C. What's new? Projections, prospects, limits and silences in “new” theory and “post” North-South representations. **The Journal of Environmental Education**, London, v. 51, n. 2, p. 171-182, 2020. DOI: 10.1080/00958964.2020.1726267. Disponível em: <file:///C:/Users/cabra/Downloads/Whatsnew...ProjectionsinnewtheoryandpostNorthSouthrepresentationsJEE2020.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, V. M. N. dos; JACOBI, P. R. Formação de professores e cidadania:

projetos escolares no estudo do ambiente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 263-278, 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v37n02/v37n02a04.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SATO, M. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, [s.v.], [s.n.], Edição Especial, p. 10–27, jul. 2016. DOI: 10.14295/remea.v0i0.5957. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5957>. Acesso em: 7 set. 2021.

SANTOS, A. dos; SHIMIZU, G. Y.; MARIANI, D. Uma experiência na introdução da temática ambiental na formação de professores para o ensino fundamental. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 5, n. 1, p. 297-304, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/1097>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. W., *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: E.P.U./ Edusp, 1960.

SHEETS-JOHNSTONE, M. **The Primacy of Movement** (Amsterdam: John Benjamins Publishing), 1999.

SILVA, J. S.; CARVALHO, M. E. S. A Educação Ambiental na educação a distância: contribuições à prática pedagógica do curso de formação de professores em geografia da Universidade Federal de Sergipe. **RevBEA - Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 199–208, 2017.

SILVA, S. do N.; LOUREIRO, C. F. B. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência: reflexões sobre as ações da linha de ação Educação Ambiental. **RevBEA - Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 163–175, 2015.

SOUZA, D. C. de; SALVI, R.; F. A pesquisa em Educação Ambiental: um panorama sobre sua construção. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, V. 14, N. 3, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/mHMQ3kW6dq7GKswg8xTXGQd/?format=pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

Springgay, S.; Truman, S. E. (2019c). Research-creation walking methodologies and an unsettling of time. *International Review of Qualitative Research*, 12(1), 85- 93, 2019. <https://doi.org/10.1525/irqr.2019.12.1.85>. Acesso em 21 jan. 2024.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I.C.M. Diálogos com Tim Ingold: diferentes aportes no âmbito da antropologia fenomenológica. In: STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). **Cultura, percepção e ambiente**. Diálogos com Tim Ingold. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome e CAPES, 2012, p. 54-74.

STRIEDER, R. B.; WATANABE, G.; SILVA, K. M. A.; WATANABE, G. Educação CTS e Educação Ambiental: Ações na Formação de Professores. **Alexandria - Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v.9, n.1, p.57-81,

2016.

SUND, L.; PASHBY, K. Delinking global issues in northern Europe classrooms, **The Journal of Environmental Education**, London, v. 51, n. 2, p. 156–170, 2020. DOI: 10.1080/00958964.2020.1726264. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341336447_Delinking_global_issues_in_northern_Europe_classrooms. Acesso em: 21 jan. 2024.

TORALES, M. A. C.; SAHEB, D.; DE CARVALHO, A. M. A Educação Ambiental nas propostas formativas dos cursos de Pedagogia: desafios e experiências desenvolvidas no Estado do Paraná. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 22, n. 2, p. 47–64, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/7888>. Acesso em: 7 set. 2021. DOI: 10.14295/ambeduc.v22i2.7888.

TIBÚRCIO, G. S.; LOGAREZZI, A. J. M. A formação de educadoras/es ambientais a partir do pibid: reflexões sobre limites e possibilidades. **Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio Claro, v. 12, n. 2, p. 93-112, 2017. DOI: 10.18675/2177-580X.vol12.n2.p93-112. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/12211>. Acesso em: 21 jan. 2024.

TSING, A. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha - Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p.177-201, 2015.

TSING, A. 2021. “O Antropoceno mais-que-humano”. **Ilha**, 23(1): 176-191, 2021.
 VASCONCELOS, C. Possibilidades para a inserção da educação ambiental na formação docente. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 24, n. 2, p. 338-352, dez. 2017. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7418>. Acesso em: 21 jan. 2024.

VENTURIN, A. **Jardim sensorial e práticas pedagógicas em educação ambiental**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, p. 118, 2012.

VILAÇA, F. A.; SIQUEIRA, A. C.; FRENEDOZO, R. de C. A Educação Ambiental na concepção dos docentes do Curso de Graduação em Engenharia Mecânica. **RevBEA - Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 137–152, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/cabra/Downloads/zneiman,+artigo8corrigido.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

WILLIGES. F. O que o caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza. **Cadernos Ihu Ideias**, Porto Alegre, v.16, n. 271, p. 1-22. 2018.

APÊNDICE 1 – DAS ECONARRATIVAS

1º (ECO) NARRATIVA – 16/04/2022

Aos dezesseis de abril, iniciamos nossa produção efetiva de dados. O percurso escolhido pelo grupo recebeu a denominação de Praça baiana x Morro do Sr. Edim Cerqueira. Mergulhamos num dos percursos, que apresenta dois lados bem distintos da cidade de Pinheiros. Quando o relógio marcava, aproximadamente, 06h:30min., pisamos no espaço rural. A temperatura, para nós, estava muito baixa (19 °C). Conforme caminhávamos, tínhamos a impressão que o forte sereno nos acompanhava. Começamos a subir a ladeira e P2 se afastou um pouco de nós, seus passos ganharam um ritmo mais acelerado, e observamos que, em posse de uma varinha de café, começou a golpear os pendões de colônio cheios de orvalho. P2 mantinha-se em silêncio, num movimento rítmico de passadas e golpes, provocando, com suas varadas, uma chuva sobre o solo amarronzado. Por um segundo, o homem de 52 anos que estava à minha frente (P2) desapareceu, dando lugar a uma criança empolgada com sua força de provocar a “chuva”. Sua ação deixou o desenho de um tapete feito pelo contato das gotas no solo. Todos encontramos beleza naquilo. Por longo período, o grupo não desviou os olhos daquele fenômeno, e o semblante de cada um revelava encantamento.

Esse breve momento nos fez mergulhar, ainda mais, no aproveitamento da paisagem. Ao chegarmos ao topo, nos demoramos a observar o horizonte da chapada que se estende até as grandes pedras que denunciam o estado de Minas Gerais. P2 tem as feições de alguém que está com pensamento longe e, ao ser indagado sobre o que pensa, responde: *“se eu tivesse dinheiro, eu não ia querer mais nada nesse mundo, só comprar essa área bem aqui e construir uma casa pra poder acordar com essa paisagem. Não tem dinheiro que pague uma coisa dessa”*. Sua fala nos conduz a pensar que, às vezes, vemos beleza apenas no mar ou nas florestas, mas quanta beleza podemos divisar nas elevações de grandes pedras, ou na forma simétrica de uma extensa planície à nossa frente, com suas represas e matinhas, ao longe, formando um mosaico. Olharmos com carinho, e a alegria de poder ver a grandiosidade do horizonte, também nos traz contentamento.

A mesma situação ocorre a P1, que está divagando em pensamentos. Aquele momento evocou lembranças de caminhadas realizadas à beira da praia durante suas férias de trabalho. Segundo ele, durante os trinta dias de férias, caminhou vendo o

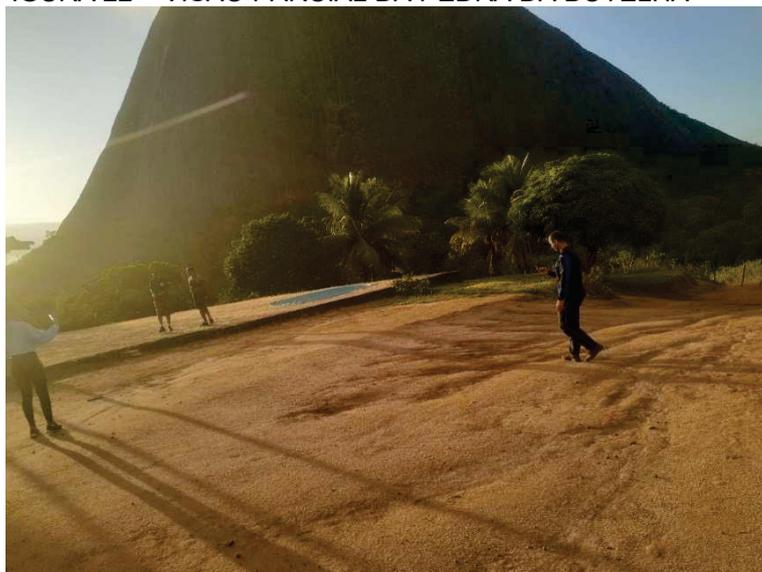
mar, numa visita à casa de sua irmã. Relatou que seu sonho, quando se aposentar, é caminhar todos os dias na areia. De alguma maneira, as paisagens imponentes (mar e chapadas) atravessam seu corpo e estimulam a sensação de satisfação. Já que se vê, no futuro, como pertencente àquele ambiente: *“Quando eu me aposentar, vou morar na beira da praia (Nei vigilante)”*.

Especificamente nesse dia, talvez por conta da sensação gostosa proporcionada pelos encontros, quando acessamos o alto do morro e por ali demoramos na contemplação e conversas, P1 sugeriu pegarmos uma rota alternativa para estender um pouco mais a caminhada. Isso fez com que, ao final, caminhássemos algo em torno de 16 KM. O restante das passadas foi de, indiretamente, risadas de agradecimento pelo que a natureza nos proporcionou e, por volta das 08h:40min. chegamos ao fim daquele percurso. Nos despedimos, com a sensação de que as pernas exaustas foram um preço justo a se pagar para ter a alma leve como uma pluma. O suor que uma vez salgou nossos olhos, também limpou nossos poros. Descarregamos uma semana de acúmulos de cargas que prostraram nossos corpos. Agora, os corpos estão retos e leves.

2ª (ECO) NARRATIVA – 23/04/2022

Era vinte e três de abril, 05h:10min. da madrugada quando entramos nos carros para realizar nossa segunda caminhada. Estávamos indo em direção à “Pedra da Botelha”, desfrutando, com os corações acelerados, de uma paisagem esplendorosa e imponente. O deslocamento até ela, com seus 522 metros de altura, se iniciou em dois carros cedidos pelos colegas caminhantes. A poeira intensa foi o primeiro desafio de muitos que, sabíamos, viriam pela frente. Os desfiladeiros, a pinguela de madeira que tínhamos que atravessar, um pasto lamacento, eis a breve lista de obstáculos sobre os quais já ouvíamos falar. Depois de uns trinta minutos dentro de uma poeira insuportável, chegamos ao pé da Pedra. Os olhares eram de espanto. Um tamanho tão grande que tentar tirar uma foto dos caminhantes dispersos junto à pedra, por inteiro e com boa resolução, se tornou impossível, precisamos nos contentar com fotos parciais. Seu tamanho impedia o sol de banhar a região (Figura 22).

FIGURA 22 – VISÃO PARCIAL DA PEDRA DA BOTELHA



Fonte: acervo do autor

Antes de seguirmos para a escalada, fizemos um lanche. As mesas e cadeiras serviram apenas de suporte para acomodar as sacolas com pães, refrigerantes, sucos e molhos, pois os corpos insistiram em andar de um lado para o outro, contemplando a paisagem em que a pedra da Botelha se fazia presente. Após o lanche, iniciamos o deslocamento ao encontro do cume da Pedra da Botelha. O trajeto a pé até ela foi demorado. Fizemos várias descidas, subidas, curvas e equilíbrio sobre madeira. A subida foi extremamente difícil e, em muitos pontos, tivemos que nos apoiar, literalmente, em cordas. O medo de que pudessem quebrar rondava o pensamento de todos. O suor começou a cair nos olhos, em momentos inoportunos. Afinal, um deslize poderia colocar nossas vidas em risco. Mas, eram pensamentos passageiros, porque, logo em seguida, o que prevalecia era a imagem das mãos firmes abraçando as cordas e pernas pisando com firmeza sobre as rochas. Um dava apoio ao outro e, passada a passada, fomos vencendo a gigante.

Havia pontos em que tínhamos a impressão de que não estávamos subindo uma montanha, mas fazendo uma trilha numa floresta qualquer. Os troncos grossos das árvores e suas grandes alturas nos mostravam um mundo dentro de outro mundo. Estávamos acostumados a ver, a partir da cidade de Pinheiros, uma enorme pedra se levantando ao longe. Mas a escalada nos mostrou que a rocha que víamos à distância praticamente desaparecia sob as folhas secas, galhos, troncos caídos e fendas da enxurrada. Nesse dia, P1 se apossou da dianteira do grupo e estava sempre a nos incentivar: *“Vamos galera!! Daqui a pouco a gente está lá”*. Depois de várias paradas,

alcançamos uma mata ainda mais densa. Ali concluímos que chegáramos ao topo da Pedra da Botelha. Cada um estava mais ofegante que o outro. Era tanta a vontade de ver o que fora narrado por outros que estiveram ali, que o grupo se separou em dois para achar o caminho para a área livre, onde prevaleciam as orquídeas. Não tardou até P1 gritar: *“achei galera! Vem pra cá, vem pra cá todo mundo. Só não podem desmaiar quando verem a beleza desse lugar”* (Figura 23).

Segundo Le Breton (2000), certas realizações humanas (principalmente aquelas por meio de caminhadas) implicam certo estado de espírito, uma humildade abençoada diante do mundo, um desconsiderar a tecnologia e os meios modernos de viagem. Esse ponto de vista se fez presente naquele dia quando, a partir da exaustão dos corpos, chegamos ao topo e algumas exclamações orais e corporais tomaram conta dos caminhantes:

- *Obrigado Jesus!* (professora de Língua Portuguesa)
- *Uhuuuuuuuuu!!!!* (P4)
- Abrir dos braços e olhar para o céu (P1)
- Pular e gritar (crianças)

FIGURA 23 – TOPO DA PEDRA DA BOTELHA



Fonte: acervo do pesquisador

Em vários momentos, testemunhamos um professor recorrendo a uma observação minuciosa de algumas singularidades: pegando uma pedra pequena, disse que a levaria para guardar de recordação; noutra momento, registrava fotos de

si com plantas locais. Em outra situação, ficou a admirar a precisão/padrão no tamanho e beleza da bromélia-imperial (*Alcantarea imperialis*). Seu fascínio pela diversidade que seus olhos estavam a captar era patente aos olhos de todos os caminhantes. Tornou-se perceptível, através de sua postura física contemplativa, que estava maravilhado diante dos elementos não humanos, reconhecendo-os como elementos importantes para sua satisfação estética. Agachou-se, manipulou, se atentou e, enfim, voltou sua atenção a percebê-los.

Mais ao longe estava P2, sentado no chão com olhar distante. Suas palavras expressavam seu estado de espírito naquele momento: *“Acho que aqui é o mais próximo que a gente consegue chegar de Deus. Posso afirmar que hoje tive um encontro abençoado com o Senhor!!”* Impossível discordarmos dessa declaração, pois estávamos vivendo um momento sublime.

O tempo parou e só voltamos a nos agrupar para tirar fotos e beber um pouco de água. Demoramos mais um pouco por ali e decidimos retornar. Não há muitos registros e recordações da nossa descida, apenas entramos nos carros e nos despedimos da Pedra da Botelha, por volta das 10h:30min. da manhã.

3ª (ECO) NARRATIVA – 30/04/2022

Na madrugada do dia trinta de abril, estávamos a realizar, tranquilamente, nosso trajeto quando fomos surpreendidos pela notícia de P3 de que seu celular acabara de descarregar. Esse fato, de certa forma, afetou-o e, depois de culpabilizar-se, exprimiu frustração por meio do silêncio, seguido de uma frase apontando para duas casinhas que tentavam aparecer em meio à vegetação na baixada a frente: *“Ah não acredito. Tá de brincadeira!!! Agora que a foto ia pegar essa paisagem linda!!”*

Continuamos a nos deslocar em meio ao barulho das aves. Eram tantos os diferentes sons que tínhamos dificuldade de distinguir quem era a dona ou o dono de cada um dos cantos. P3 parece demonstrar sua inquietude com a extensão dos segredos de tamanha diversidade presente numa porção ínfima do todo. Sem perguntarmos nada, ele fez a seguinte indagação: *“gente, se a diversidade aqui é assim, imagine a vastidão no Pantanal mato-grossense?”* P2 disse, então, que deve ser uma algazarra total.

Ao andarmos mais alguns metros, chegamos a uns pés de laranjeira que ficam à beira da estrada. Os corpos começaram a ficar agitados, enquanto um colhia, o outro

descascava. Os risos tomaram conta do grupo. Aquele momento trouxe à tona o saudosismo da infância e projetos futuros para os momentos pós-demandas das relações trabalhistas. P1 olhou para uma laranjeira e disse: *“Lembrei da época em que, mesmo no meio de espinhos, eu subia num trem desses e arrancava aquelas que eu queria. Hoje em dia é “mal, mal” com vara de bambu. Aliás, naquela época, nem faca usávamos pra descascar a laranja. Oh tempo bom que não volta mais!!”*

Com o desejo de infância saciado, voltamos a caminhar. P1 pediu para desviarmos do trajeto estabelecido, para irmos até uma pequena igreja de denominação católica e, ao chegarmos lá, os afetamentos foram diversos. P3 explorava cada metro quadrado dali. Parou defronte a igreja, assentou a mão na cintura e, olhando para o alto, perguntou para P4 se as histórias das missas e depois almoço era realmente um momento gostoso. Ela respondeu, contando que: *“Era nisso mesmo que eu estava pensando. Lembrei da época em que fazíamos celebrações aos domingos de manhã. Às vezes era num espaço assim que a gente colocava as paneladas de comida. Eita mas era bom demais!! ‘Vc’ não faz ideia”*. A igreja, isolada no meio da vegetação silenciosa, nos trouxe boas lembranças de um tempo em que tudo se movimentava mais devagar.

A igrejainha retirou a euforia do pomar, de maneira que vimos P1 tomado por um momento de meditação. Parou ao lado de uma árvore, retirou o boné, abaixou a cabeça e silenciou-se. Ninguém lhe perguntou nada, pois todos sabíamos que ali estava havendo uma conexão espiritual que pertencia apenas a ele. Somente podíamos imaginar o que se passava em sua cabeça.

Tais situações nos mostram, com simplicidade, a força total de resgate de lembranças e de ligação com as forças cósmicas. Saímos dali com desejo de retornar e demorar um pouco mais. A leveza se apropriou dos corpos pelo restante da viagem, e por volta das 07h15 minutos nos despedimos com vontade de continuar a andar sob o silêncio e o barulho da natureza.

4ª (ECO) NARRATIVA – 07/05/2022

No dia sete de maio, começamos nossa quarta caminhada exatamente às 05h:01min. da madrugada. Esta, precisou ser pensada para ser curtinha, visto que P2, especificamente naquele dia, precisava abrir a escola para um pessoal que estava reformando o muro da mesma.

Demos alguns passos e percebemos que esse fato se refletiu no comportamento dos caminhantes. Afinal, desde que chegamos ao local de encontro (Praça baiana), as vozes e os corpos de P1 e P2 já apresentavam uma inquietação incomum, como se o horário limitante colocasse em risco a conclusão daquela caminhada. A sensação que eles estavam sentindo, logo foi passada para o grupo. Era como se estivéssemos atrasados para pegar o ônibus, e o próximo fosse demorar para chegar.

Ao passo que andamos, um assunto polêmico me remeteu à Springgay e Truman (2019). Segundo elas, carecemos caminhar o cotidiano como um processo, considerando o ambiente local, “particularmente em relação a valores e atitudes relacionadas ao lugar” (Springgay; Truman, 2019, p.17). P4 avistou numa baixada vários pés de Taboa (*Typha Domingensis*) e nos disse o seguinte: *“Eita!!! Mas já tirei demais Paina (inflorescência) para fazer travesseiro”*. Sua voz veio acompanhada de dois sentimentos antagônicos — ao mesmo tempo em que a voz soou compassada, trêmula, simbolizando a saudade, o olhar transparecia alegria, orgulho do tempo passado. Naquele momento, foi como se ela tivesse sido arrebatada para sua infância. Na primeira expressão, ela estava com os braços cruzados como se estivesse se fechando. Aquilo, de certa forma, maximizou suas lembranças. No segundo momento, ela apoiou-os sobre a cintura.

Na sequência P3, coçando a cabeça e com olhar de incredulidade, retrucou: *“Oxi!!! Quer dizer que isso aí pode encher travesseiro?? E a gente matando as aves pra retirar as penas. Que maldade né?”*

P2 tomou a palavra e disse: *“Travesseiro eu nunca fiz não, mas esteira para mim dormir, já fiz um monte. Era só começar a esbagaçar que eu fazia outra novinha. Rsrrsrsrs”*.

P4 voltou a se pronunciar: *“As plantas têm tanta utilidade, que você não faz ideia. A gente mata bichinhos, porque parece que gostamos de matar”*. Continuou ela: *“Aliás, tô pensando aqui, acho que vou voltar a usar travesseiro de paina novamente. né Alberto, não estou certa?”* O pesquisador respondeu: *“Certíssima companheira”*.

Por um momento, as lembranças evocadas por P4 nos tornou reflexivos, repensando nosso modo de tratar os animais. Não é possível afirmarmos que aquelas reflexões reverberaram num comportamento levado para a vida, dali em diante. Pode ser que sim e pode ser que não. A poucos metros do encerramento de nosso trajeto, na entrada de um depósito de uma loja de eletrodomésticos encontramos uma

esplendorosa bougainville (*Bougainvillea spectabilis*) toda florida. Parece-nos que o rememoração da utilização da taboa para fazer travesseiros fez P4 ser tomada por um sentimento tão grande de nostalgia que, novamente, ela foi atraída por aquela forma de vida. Novamente ela se silenciou e nos silenciou para contemplarmos a planta em todo seu esplendor. De maneira coordenada, o grupo não emitiu sons enquanto fazia pose para a *selfie*. P4 não se constrangeu com os olhares, apenas movimentava a câmera em diversas direções para registrar o momento. Depois, afastou-se, mas voltou em seguida, segurou as flores com delicadeza e as cheirou. Suas mãos correram sobre as pétalas como as de um casal apaixonado em despedida.

A caminhada se desenrolou e chegamos dentro do tempo previsto na pracinha (um pouco antes das 7h). Concluímos um trajeto que nos fez questionar a toxicidade do antropocentrismo.

5ª (ECO) NARRATIVA – 14/05/2022

No dia quatorze de maio, começamos um percurso que prometia quase 10 km. O percurso, assim como o anterior, foi pensado para ser curto, devido à obrigação que P2 tinha de abrir a escola para reforma. Naquele dia, no horário de início da caminhada, amanheceu frio para nós capixabas (21 °C), mas com sensação térmica bem menor. Talvez por causa da chuva fina que, insistentemente, teimava em não dar trégua, como a queda das folhas de seringueiras que víamos numa plantação ao longe.

Andávamos tranquilamente, ainda dentro da cidade, quando a baixa temperatura fez com que os corpos apelassem por algum aquecimento. Mesmo que, apenas eu e P2 fôssemos os únicos vestindo casacos, o aquecimento foi buscado por todos. P1 insistiu em juntar as mãos em frente à boca e assoprar. Era possível sentir o frio da madrugada sussurrando nos capilares dos caminhantes e imaginar os poros se fechando. P3 transmitia a sensação de arrepio dos pelos, sua testa estava franzida e, constantemente, ele encostava os cílios quando em contato com o vento frio. Também levantava e abaixava os ombros, atritava a mãos e expirava com força o ar dos pulmões, brincando de expulsar “fumaça” da boca. “*Olha isso Alberto!!!*” Falava ele. Esse fenômeno coletivo que descrevemos é visto por David Le Breton como uma cena de interação desenhada por:

[...] uma figuração simbólica dos corpos no espaço. Numa imagem semelhante à conversação, ela evoca uma coreografia na qual os movimentos regrados dos parceiros sutilmente se invocam e se respondem, criando ritmo e coerência (Le Breton, 2019, p. 132)

Andamos por mais alguns quilômetros e a chuva fina continuava a nos testar (Figura 24). P4 colocou a mão sobre as sobrelhas, dizendo-nos que seu pai costumava chamar esse tipo de chuva de “chuva-molha-bobo”. P3 perguntou o porquê e ela explicou que passa a impressão de que por ser tão fina, a gente nem sente molhando, daí a pouco está todo encharcado. P3, com ar de surpresa, falou: *“ahhhhhh! Entendi”*.

Continuamos nos deslocando e ao alcançarmos o trecho de barro vermelho, os tênis precisaram ser limpos, pois, conforme íamos nos deslocando, eles foram ficando mais pesados devido ao acúmulo de terra.

FIGURA 24 – CAMINHADA DO DIA 14 DE MAIO



Fonte: acervo do pesquisador

Enfim, entramos na estrada que margeia a matinha, momento no qual P4 reduziu o ritmo de suas passadas. Percebemos que sua atenção se voltou para aquela entidade, o que antes tínhamos de uma pessoa falante, temos agora de um ser humano mudo e alheio aos colegas. Continuamos caminhando, porém com maior

lentidão. Num determinado ponto, P4 se aproximou ainda mais da cerca que delimita a área de preservação, colocou a mão no queixo e exclamou: *“Olha só, esses dias eu estava em sala de aula e aí comentei com os alunos o papel dos índios na manutenção do fluxo gênico para a caracterização de uma vegetação regional. Aqui está a prova viva, do que eu estava falando”*.

Enquanto P4 fazia sua explanação, associando a presença dos coqueiros à provável ocupação daquela região por índios, P3 observava, hipnoticamente, os coqueiros, enquanto ouvia a colega caminhante. Depois disso, como se tivesse feito uma análise da conjuntura, falou: *“Pelo menos eles deixaram as marcas deles né?”*

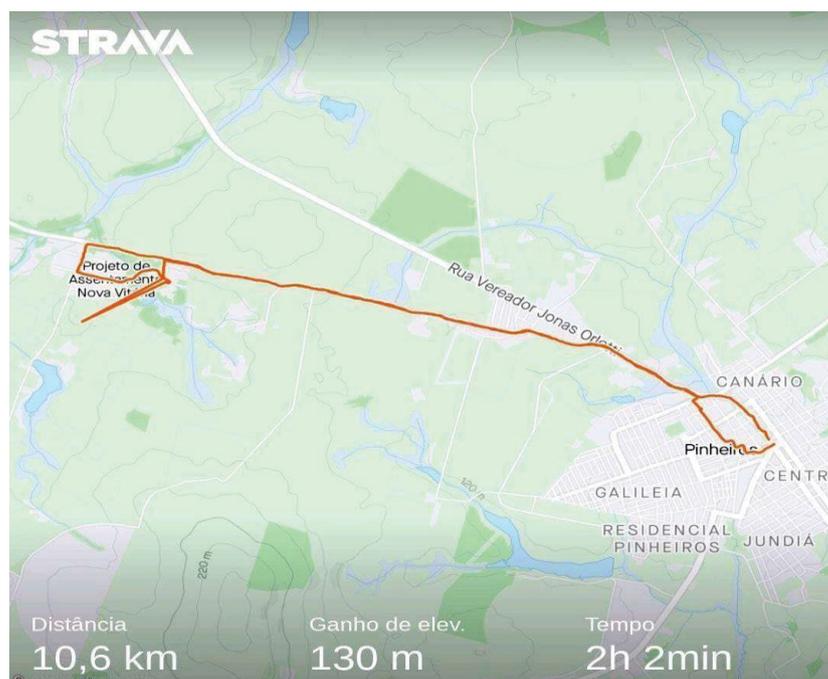
Essas reflexões, expressadas por P3, são coerentes com as asserções de Springgay e Truman (2019), quando afirmam que a análise dos corpos, que, aqui, seriam os humanos e mais-que-humanos, na perspectiva de co-composição, permite ratificar o argumento de que os emaranhados expandem nossas noções de agências, vitalidade, política e ética.

Fomos caminhando para o final do trajeto, intrigados e reflexivos, pensando sobre como os vestígios da presença indígena pode nos desvelar que uma cultura forte tem poder de conformação do meio. P3 se afastou dali, mas seu corpo teimou em fazê-lo olhar para trás. Ele andou por mais alguns poucos metros até parar totalmente e dar a última encarada nas folhas daquelas árvores. Isso nos intrigou e maravilhou, até nos despedirmos por volta das 07h da manhã.

6ª ECO) NARRATIVA – 21/05/2022

Aos vinte e um de maio, pegamos a estrada em direção ao Assentamento Nova Vitória. O relógio estava marcando 05h:04min. quando demos as primeiras passadas. Novamente, a temperatura estava abaixo dos padrões normais experimentados por nós, capixabas (Figura 25).

FIGURA 25 – REGISTRO DA CAMINHADA MAIO 2022



Fonte: Acervo de P3

Houve o convite para passarmos na casa de um professor que mora na comunidade para tomarmos um suco de maracujá. E colhermos mexericas, limões, laranjas e maracujás deixou o grupo ansioso. Tanto que, quando nós fomos passando de ponto em ponto e completando o grupo, a brincadeira era sempre a mesma: trouxe a bolsinha fulano/a? Esse desejo de chegar logo à chácara do professor fez com que o grupo mantivesse um ritmo acelerado. Passamos por pequenas propriedades rurais, duas represas e diversas árvores frutíferas, mas mesmo assim, o grupo não perdeu o foco. Na maior parte do trajeto, P3 manteve-se com seus braços soltos e cabeça erguida, passando a impressão de uma criança indo a um parque de diversões. Enquanto P1 dava suas passadas seguras e objetivas, P3 chamou a atenção de seu pesquisador-caminhante, a fim de mostrar um coelho selvagem ao longe. Ele falou: *“Eita Alberto!!! Pena que ainda tá escuro e longe pra gente tirar foto né? Olha como é grande. Só aqui pra gente ver uma coisa dessas mesmo né?”* Diante da fala de P3, P2 balançou a cabeça concordando com ele e, indignado nos lembrou que, um pouco antes de entrarmos no espaço rural, uma cortina de fumaça densa advinda de uma queima de lixo, conforme mostra a Figura 26, foi o *presente de grego* que nos foi dado pelo espaço urbano, logo de manhazinha.

FIGURA 26 – NUVEM DE FUMAÇA NA CIDADE DE PINHEIROS/ES



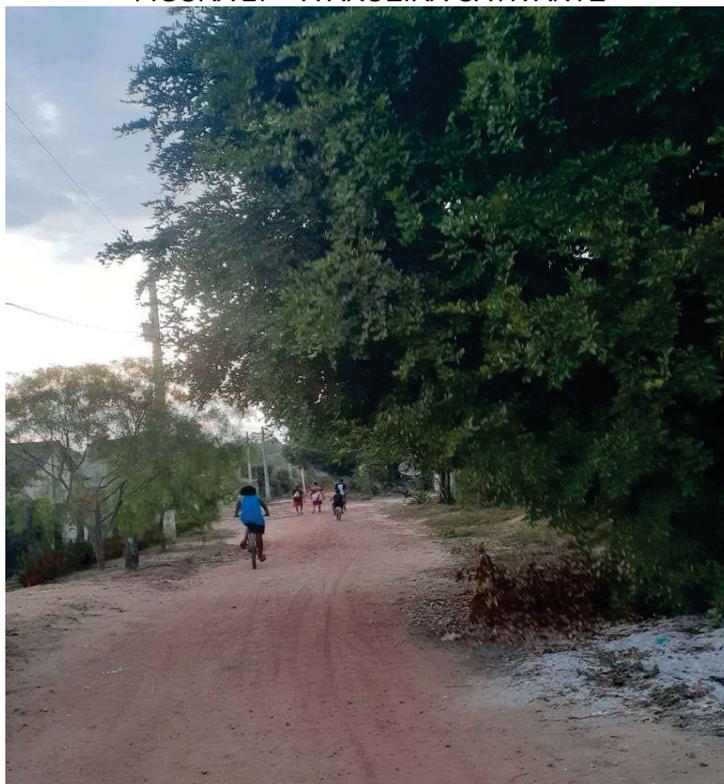
Fonte: acervo do pesquisador

P1 disse: *“Rapaz, o quê é que custa esperar o dia do caminhão passar. Olha só galera, eu fico com lixo dentro de casa, mas só levo para fora na quarta-feira, que é o dia do caminhão passar recolhendo. Sacanagem moço, aí fica os urubus rasgando as sacolas e enfeando a rua”.*

Nesse momento, a postura de queimar o lixo, adotada pelos moradores, coadunou-se ao conceito de transmaterialidade de Springgay e Truman (2019), pois, segundo elas, trata-se de uma condição que “corta a divisão natureza-cultura e afirma que os corpos não pré-existem à sua união, mas são materializados na e através da intra-ação” (Springgay; Truman, 2019, p. 50). De certa forma, o comportamento dos moradores estampou uma transmaterialidade maléfica, tanto sob aspectos estéticos quanto sob a perspectiva da saúde, e isso incomodou o grupo.

Isso afetou o grupo de tal forma que, já dentro da comunidade assentada, começamos a passar por uma rua/estrada na qual vislumbramos um detalhe esteticamente bonito, a transposição de uma aroeira que saiu de um quintal para a rua (Figura 27). Ao ver isso, P3 teve sua atenção cativada, e disse: *“Rapaz olha só!!! Iirão ter que podar. A bicha tá atravessando a rua. Os carros estão tendo que desviar. Daqui a pouco vão estar passando no quintal das pessoas do outro lado”.* P2 retrucou: *“Ah! Mas, não pode cortar tudo. Seria legal se podasse deixando só o lugar dos carros passarem. Já pensou? Né Alberto? Tipo um túnel”*

FIGURA 27 – A AROEIRA CATIVANTE



Fonte: acervo do pesquisador

Continuamos a andar e ao chegarmos na casa do professor a mesa já estava posta. A empolgação foi total: risadas, contemplação das árvores. P1 estava friccionando suas mãos, entrelaçando seus dedos e apertando-os com força. Também andava de um lado a outro.

Depois de lancharmos, todos fomos para o pomar colher laranjas, mexericas e maracujás. As narrativas deram conta de situar o que cada um iria fazer com suas frutas: mousse, suco e ingestão *in natura*. Uma preocupação que sempre permeia as falas do P2 é a importância do acesso às “coisas” em sua condição natural. Ele disse: *“Ave maria professor!!! Uns trem desse aqui sem agrotóxico é bom demais”*.

Vale ressaltarmos que P2 é o típico caminhante, que se desloca pelo trajeto apenas pelo deleite. Ele acelerou sua velocidade quando em contato com o lixo sendo queimado, assim como tentou inibir os sentidos aos afetamentos desconfortáveis (virou o rosto, tampou o nariz, cuspiu), ao passo que, debaixo da aroeira, poucos minutos atrás, diminuiu sua velocidade e demonstrou graciosidade diante da formosura da árvore: *“Ahhhh!!!”*. E outro detalhe, em outro ponto, na mesma rua da aroeira, por um breve momento, se conteve diante de uma planta com inúmeras flores rosas e, se encantou por ela.

Depois de várias risadas e colheitas, pegamos o caminho de volta e, assim que

chegamos ao ponto de despedidas às 07h, assim o fizemos com promessas de mais caminhadas. Foi um dia de muito aprendizado por mergulhos em paisagens conflitantes.

7ª (ECO) NARRATIVA – 28/05/2022

No dia vinte e oito de maio, iniciamos nossa caminhada em direção ao assentamento Nova Vitória. Resolvemos repetir o trajeto porque alguns participantes do grupo não foram na caminhada anterior e pediram para que fôssemos novamente. Assim que nos reunimos, P4 falou: *“É Alberto, os meninos acharam que podiam se divertir sem mim. Não senhor eu também quero ir colher maracujá e mexerica”*.

Iniciamos nossa caminhada mergulhados numa temperatura de 14 °C., estava tão frio que lembramos que a última vez que estive tão frio assim foi no ano passado. Mais casacos se fizeram necessários. P2 não pode caminhar conosco, naquele dia, por conta de uma dor nas articulações. Segundo ele, por meio do grupo de WhatsApp, ela se acentua em dia com baixa temperatura. O pessoal brincou dizendo que ele estava com preguiça de sair debaixo do cobertor.

Caminhávamos envolvidos por conversas que dizem respeito ao contexto escolar. Mas, aos poucos, a conversa passou para outras temáticas. Enquanto estávamos nos deslocando dentro do espaço urbano, vimos P1 se afastando do grupo e entrando num fluxo de meditação. Ele se recolheu e colocou músicas românticas dos anos 1980. Manteve a cabeça baixa na maior parte do tempo. No entanto, percebíamos a mudança de sua postura corporal quando algo do percurso chamava sua atenção, geralmente o balançar de galhos das árvores que encontramos ao longo do trajeto, ou então o movimento de um cão indo em direção à feira.

Continuamos a caminhar, as conversas se estendendo até chegamos à casa do professor. P4 descascava mexericas, enquanto seus olhos fitavam outras, mais a frente. P1, apanhando uma delas, do mesmo modo que faz quando ouve música, concentrou-se totalmente na fruta em suas mãos. Descascou, calmamente, com olhar fixo e, ao mesmo tempo em que retirava a pele branca da mexerica com as unhas, exclamou: *“Oh cheiro bom!!!”* Ao degustar, levantou o rosto para o céu e disse: *“... e o gosto também. Lembrei de quando eu era criança e a gente encontrava um pé desses, aff! Faltava levar o pé pra casa”*. (risos).

Ao contrário da professora, naquele momento é perceptível que P1 tem todos

os seus sentidos (visão, tato, olfato e paladar) voltados a sentir, de todas as formas possíveis, o sabor. É como se todo o ritual, desde o descascar com a presença do campo de visão voltado ao aspecto da mexerica, até a necessidade de percepção do cheiro característico e do sabor como fechamento do ritual, fossem etapas complementares de um mesmo processo. Naquele instante, é apenas ele e o sabor ácido adocicado que penetra suas papilas gustativas.

P4 está andando de um lado para o outro, olhos fixos apenas nas frutas que estão aos seus pés. A face denuncia um estado de espírito agitado: olhos saltados, atentos, e um mastigar rápido – é como se estivesse com pressa. Os ombros também denunciam sua condição - a cada ingestão, realizam um movimento coordenado para trás, como se estivessem contribuindo para o acelerar do movimento de deglutição. A respiração fica ofegante e a fala também acelera (Figura 28).

FIGURA 28 – P4 NO QUINTAL DO PROFESSOR



Fonte: acervo do pesquisador

Nesse momento de interação entre fruta e ser humano, surgiram reflexões interessantes. Cada um estava à busca pela satisfação pessoal, a partir da exploração de seus sentidos. Le Breton (2000) afirma que o caminhar pode possibilitar pegar atalhos. Atalhos para os ritmos desenfreados de nossa vida, e a desaceleração contribui para aguçar os sentidos. Nessa acepção, os caminhantes, sujeitos da pesquisa, parecem vivenciar na prática essa teoria, contemplando não apenas as coisas ao redor, mas também a si próprios, trazendo no rosto uma expressão de

realização pessoal.

Ficamos ali por um tempo e seguimos viagem. A volta foi recheada de risadas e críticas à maneira com que levamos nossa vida sem aproveitar as coisas simples. Por volta das 07h nos despedimos com novas promessas de encontros.

8ª (ECO) NARRATIVA – 04/06/2022

A temperatura baixa nos deu uma trégua, naquele primeiro sábado de junho. Naquele dia, partimos na expectativa de caminharmos aproximadamente 12km. A inexatidão é devido ao aplicativo ter sido ligado, apenas, quando iniciamos o trajeto de volta. Começamos a caminhar às 05h:05min. em ponto, e permanecemos em trechos de asfalto por quase todo o trajeto. As passadas mantiveram-se firmes e as distrações foram surgindo, quando, no entorno, a presença animal se tornava detectável. Esse detalhe é curioso, pois ao longo do trajeto dentro do espaço urbano, P4 e P1 mantinham sua atenção e ritmo típicos dos transeuntes indo e vindo trabalhar – movimentos corporais automáticos de subir e descer paralelepípedos, atravessar a rua etc. Contudo, ao adentrarmos o espaço rural, P4 diminuiu o ritmo e voltou sua atenção para ler o entorno. É perceptível o desacelerar. Onde antes havia um desprezo ao entorno, agora havia afeição, consideração, empatia.

Continuamos a andar. P4 continua a esmiuçar os sons que vem da pastagem. Ao ser interpelada sobre o está observando, ela disse: *“O canto da siriema. É alto né menino?!”* No seu semblante, há um ar de gratidão pelo som que a siriema emite. Às vezes, em seu olhar para a natureza transparece um sentimento de dívida para com tanta generosidade e beleza e, ao mesmo tempo, o deleite por poder vivenciar tudo isso. Em suas palavras, transborda a revelação de que a vida vegetal proveu sua sobrevivência na infância.

Voltamos às nossas passadas mais aceleradas e, de repente, encontramos um pé de algodão. P4 não se conteve em apenas reduzir o ritmo, olhar suas flores e tocá-las. Depois de um momento a dois, mesmo que fugaz, ela comentou: *“Eita!! Mas já usei demais algodão pra cobrir os meus ferimentos meus e os de meus irmãos. Lá em casa tinha a planta merthiolate (Jatropha multifida). Eu quebrava o talo e embebia o algodão e colocava em cima. Rapidinho curava”*.

E lá está P1, sempre a perceber e contemplar paisagens imponentes. Enquanto P4 se concentra no algodoeiro, P1 solicitou fazer os registros das fotos que serão

postadas no grupo de WhatsApp. Ele é amante da beleza da natureza. Antes de retomarmos o deslocamento, ele enxerga, ao longe, a Pedra da Botelha e, de maneira imperativa, se posicionou frente ao horizonte. Seu andar, centrado e investigativo, em busca de uma paisagem esplendorosa, enfim é saciado quando se defronta com seu objetivo. A velocidade cai, os braços se abrem e a contemplação se segue. Só depois a ordem é dada para o registro da foto. *“Aqui a foto vai ficar boa. Ô P3, tenta fazer a “Pedra da Botelha” sair na foto!! Capricha!!”* (Figura 29).

FIGURA 29 – CAMINHADA DE 04/06/2022



Fonte: acervo de P3

Iniciamos nosso retorno e agora, com o dia completamente claro, uma represa se torna mais visível quando banhada pelo sol. Isso chama a atenção de P3, seu olhar sobre o espelho d'água o faz diminuir a velocidade. Sua mão vai para a cintura, como se a paisagem se apresentasse a ele como uma criança fazendo alguma traquinagem. Por alguns segundos, seu rosto denotou grande alegria (Figura 30).

FIGURA 30 – A REPRESA



Fonte: acervo de P3

Naquele momento, P3 se mostra como um típico garoto de apartamento. Faz questão de ressaltar que praticamente não teve uma infância de aventuras. Fomos nos aproximando do final de nosso trajeto e ele nos disse que a caminhada de hoje foi de descoberta. Ele lembra que num trecho (cerca de 100 metros), onde fizemos o contorno para voltarmos, a chuva tinha acabado de passar, ele sentiu o cheiro de terra molhada. Para nós, aquele cheiro passou quase despercebido, mas para ele, foi algo extraordinário. Foi motivo para parar, respirar fundo e concluir que o cheiro era bom.

Nos despedimos na mesma esquina de sempre, por volta das 07h:30min., demonstrando, coletivamente, que as fotos registradas da exuberância das duas paisagens, geraram afetamentos de momentos indispensáveis para o bem viver, pois enxergamos, a partir dali, que a contemplação da beleza da natureza é uma forma de agradecimento pela vida.

9ª (ECO) NARRATIVA – 11/06/2022

Era nove de junho quando iniciamos nosso nono deslocamento. Sob um clima de temperatura abaixo do normal era notável, no olhar, nas poucas falas e postura corporal (irritabilidade e desconforto) dos participantes que o dia anterior tinha sido difícil para P1, P2 e P4. P1 estava com as mãos entrelaçadas pelos dedos e assentadas sobre o peito. Sua testa estava franzida e pouco falante. P4, geralmente falante, também estava calada, cabisbaixa, às vezes com o punho cerrado. O único que estava no seu estado normal, talvez por não dar aula na referida escola na sexta-feira, era P3. Apesar dessa circunstância, P1 fez questão de afirmar que estava tudo bem, quando interpelado.

Continuamos a nos deslocar pelo trecho pavimentado e as poucas conversas que surgiram foram sobre o diretor estar estressado e mais indelicado que o normal. Aos poucos, o grupo foi desabafando. Segundo P1, ele foi chamado no rádio infinitas vezes. E P4 relatou que testemunhou algumas grosserias. Enquanto falavam, fiquei pensando no poder do estresse ocorrido no dia anterior ter influenciado tanto na maneira como os corpos desses caminhantes estavam a resistir a se engajarem numa atividade que tanto gostam. Afinal, estávamos andando no percurso que eles mais escolhem.

Seguimos caminhando. Quando enfim saímos do asfalto e atravessamos duas represas por meio de uma barragem, a testa franzida de P2 já deu lugar a um semblante mais aberto. Caminhamos mais um pouco e começamos a atravessar a

matinha. Ao começarmos a nos aproximar da entrada da estrada que corta a matinha, seu ritmo caiu bruscamente, com os braços curvados formando um L, e os dedos apontando para o alto, direcionou nosso olfato para a umidade e o cheiro característico daquele trecho. As caminhadas, para P1, são fontes de estímulo ao bem viver. Naquele momento, seu corpo denota satisfação pessoal ao ter estimulado os sentidos: olfato, tato, paladar e visão. Tanto que, quando iniciamos a saída do trecho de matinha, uma claridade e barulho de folhas se roçando, se tornaram observáveis quando ele apontou na direção do nada, inclinou um dos ouvidos em direção ao topo das árvores e falou: *“olha que barulho lindo cara!! É isso que faz valer a pena acordar cedo. Muito legal, muito legal”*.

Enfim, chegamos aos pés de laranjas da beira da estrada. Exatamente ali, o desafogo de P4 se concretizou. Ela coletou laranjas com uma calma nada comum. Depois disso, sentou-se sobre um tronco, arrepanhou a saia e começou a saboreá-las. Todo o bagaço e sementes foram alojados na saia. Todo o ritual foi muito cuidadoso. A maneira de agachar e ajeitar a saia simbolizou afeição, por meio de um olhar carinhoso e risos. Ela mesma percebeu algo de diferente naqueles movimentos, e nos explicou: *“A minha mãe e minha avó faziam desse jeito chupando laranja. Eu não entendia o porquê daquele comportamento. Mas é muito legal”*. Parece natural aceitarmos que o convívio na e com a natureza é um fator de cura para P4. A mulher aborrecida com a estupidez da vida, que iniciara aquela caminhada, ficou para trás, agora, temos em nossa companhia uma mulher alegre, compartilhando os bons momentos com seus pares.

Dentre os outros caminhantes, P3 parecia bestificado pelo “novo”, enquanto olhava e admirava P2 descascando os cocos verdes deixados para bebermos. Ele falou: *“P2, P2, cuidado com esse facão moço. Olha a facilidade Alberto”*.

Ficamos por ali, saboreando laranjas, mexericas e água de coco por um longo tempo. P3, como de costume, analisava tudo. Estava a fixar os olhos numa vara de café que P1 usou para retirar laranja. Pegando-a, girou-a e observou, com calma, os ganchos no sentido contrário, as mãos correndo o gancho natural presente na vara. Para ele, tudo é novidade. Ele pegou a mesma vara e, num movimento repetitivo, a enfiava nos troncos podres, como se estivesse em busca de respostas. Deixa-nos a impressão de que manusear aquela ferramenta rústica se tornou um caminho para ele explorar a natureza ao seu redor.

Nos levantamos e iniciamos nosso retorno à Pinheiros. Nossa volta se dá por

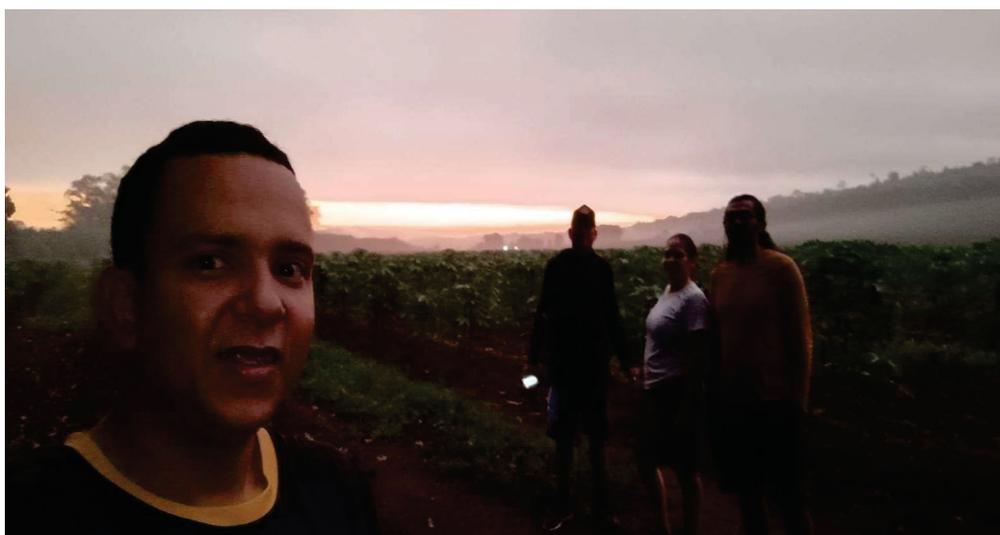
trás da mata que atravessamos a poucos quilômetros atrás. Mantemos um ritmo confortável, pois as mãos estavam ocupadas com sacolas de frutas. Naquele dia, novamente Strava não concluiu o registro total de nosso deslocamento. Ele só funcionou por um pouco mais de 7 km. Quando chegamos no espaço urbano, as lembranças de um dia anterior ruim já haviam se dissipado, agora estavam todos satisfeitos por aqueles momentos vividos.

10ª (ECO) NARRATIVA – 18/06/2022

A madrugada estava mais negra, naquele dezoito de junho. Começamos a deslocar nossos corpos na 10ª caminhada num dia em que a secagem industrial de café nos arredores da cidade de Pinheiros-ES estava a todo vapor. Essa atividade influenciou diretamente no alcance de nossa visão. Isso se iniciou logo no princípio de nosso deslocamento, afinal estávamos com enorme dificuldade de enxergar devido à extensa cortina de nuvens baixas, somada à fumaça advindas dos secadores e da neblina, comum nessa época do ano. Nossos corpos se movimentavam rapidamente, encolhidos dentro de nossos próprios braços. O grupo estava disperso.

Percebemos P4 um pouco afastada do grupo, mantinha a cabeça baixa, e só em alguns momentos observava o entorno. Algo a incomodava. Continuamos a nos deslocar pela escuridão, e P4 continuava isolada. Quando acessamos a área rural do trajeto, P4 respondeu ao incômodo causado pelo casamento entre neblina, fumaça e escuridão, mantendo os braços cruzados e abaixando a cabeça. Quando, por fim, alcançamos uns dois quilômetros de caminhada e começamos a enxergar onde pisávamos, suas passadas tornaram-se mais lentas e seus olhares mais atentos ao redor, em busca dos raios solares que clareiam o caminho e colocam em vitrine os elementos que compõem o entorno. P4 (professora) logo diminuiu a intensidade de sua fala e P1(vigilante) se voltou para o grupo. Ambos direcionavam olhares à força exprimida pela neblina ao atuar como um prisma sob a luz do sol. A combinação entre o vegetal, a neblina e a presença de luz variada não só reduziram ainda mais a velocidade do deslocamento dos corpos, mas, também os fizeram frear, contemplar e registrar aquele momento. De certa forma, pareceu-nos que aqueles elementos que chegaram ao campo de visão de P4, pulsaram uma força vital, concedendo-lhe uma sensação de segurança e conforto (Figura 31).

FIGURA 31 – CAMINHADA JUNHO 2022



Fonte: acervo do pesquisador

Retomamos o deslocamento, enfrentando uma ladeira bem acentuada, margeando uma plantação de seringa. A atenção de P3 aos arredores denotava preocupação acerca dos perigos que podem haver embaixo do tapete que as folhas secas produziram ao se depositarem no solo. Percebendo-se observado, ele disse: *“Fala a verdade Alberto, aqui deve ter cada tipo de cobra né?!”* Entre risos, concordamos com ele. Andamos um pouco e pegamos uma descida da última ladeira desse trajeto. Assim que acessamos o espaço urbano o grupo se separou, até restarmos apenas eu e P4, que já não estava mais arredia. Após a caminhada, estava receptiva e sociável.

11ª (ECO) NARRATIVA – 25/06/2022

Adentramos no dia último sábado de junho de 2022, num dos trajetos mais amados pelos caminhantes, porém, também o mais desafiador. Era 05h05min. quando demos os primeiros passos rumo à matinha do Caparaó. Um pouco antes das 06h, já estávamos em seu interior. Ali dentro, observando o envolvimento do grupo, recordamos de Le Breton (2000). Para esse antropólogo, uma caminhada, mesmo que como atividade recreativa, tem potencial de nos levar à afirmação de nós mesmos, assim como nos levar à tranquilidade e silêncio. Naquele dia, através do deslocamento dos nossos corpos desnudados da racionalidade cotidiana, o entorno do nosso “mundo” apresentava-se constituído de escuridão, frio, neblina forte, mata atlântica e contraste rural e urbano. Nossas respostas corporais se acomodavam à rendição

contemplativa dos elementos não humanos daquele local.

Logo nas primeiras passadas, ali na mata fechada, P3 observava, como das outras vezes, fios de teias de aranha, por meio do manuseio de um graveto seco com o qual testava a resistência dos fios. Não satisfeito, voltou a fazer registro fotográfico. Seu comportamento remeteu-nos a um apontamento de Merleau-Ponty (1999), quando afirma que o mundo não é um objeto do qual possuímos conosco a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os nossos pensamentos e de todas as nossas percepções.

As passadas continuavam a todo vapor, bem aceleradas. Tirando os momentos de paradas para fotos ou curiosidades sobre algo, mantivemos um ritmo considerável. P2 passeava as mãos nas folhas e troncos, percebendo o ambiente através do tato. Seus comportamentos, como em outras caminhadas, se repetem. Seu semblante manifesta uma satisfação ímpar em estar ali. Há contentamento explícito em sua expressão facial, contentamento revelado no encontro de suas mãos com os troncos das árvores. Às vezes, freava para alisar as folhas verdes e, mais para o final da matinha, nos convocava, com alegria no olhar, a nos deleitarmos sobre a espessura do caule de uma árvore que estava a uns dois metros da trilha. De fato, Le Breton (2000) nos conta que não é possível manter sua saúde ou espírito sem gastar um tempo em passeios por florestas, colinas e pradarias, completamente livres de toda escravidão mundana.

Ficamos completamente envolvidos naquela paisagem, sequer percebemos a passagem do tempo, e quando alcançamos a estrada que contorna a matinha do Caparaó, o dia já estava quente. A sensação de alívio e prazer tomou conta do grupo. No restante do caminho, tivemos apenas conversas protocolares, cumprimentos, e assim que entramos na cidade, o grupo já foi se desfazendo com promessas de novos encontros.

12ª (ECO) NARRATIVA – 02/07/2022

Já havíamos realizado esse percurso, em outro momento, no entanto, naquele dois de julho de 2022 a presença da neblina forte conformou aspectos até então nunca notados. Um denso orvalho, permitindo assim se tornar perceptível, o que antes não tinha tanto destaque – como, por exemplo, as teias de aranhas e as “chuvas” em trechos com vegetação espessa. Ao mergulharmos no espaço rural, nossa atenção

se concentrou em P3, que é escoteiro desde a infância, e sua função atual é de chefe do ramo lobinho (escoteiros mirins). Quando P3 se deparou com teias de aranhas com a disposição de seus fios ocorrendo de forma diferente, assumiu, imediatamente, sua condição de transmissor de conhecimento aos escoteiros mirins, dizendo-nos: *“Nossa, como eu queria ver a aranha que fez essa teia aqui!! Deve ser de outra espécie, porque as teias se diferem no centro”*. Ele observou, sob vários ângulos, aquele encontro entre orvalho, teia de aranha, intensidade luminosa e temperatura. Aquele registro na memória não foi suficiente, sendo assim, fez registros fotográficos. Sua atitude desvelou o quanto somos carentes de compreensão das interações. O que antes, por outras condições climáticas, era invisível aos olhos, tornava-se preponderante para ditar o ritmo de nossa caminhada. O orvalho nas árvores, nos colônias e nas teias de aranhas levou-nos a fazer pausas para debater e refletir sobre aquelas interações. Para P1, a todo tempo o meio ambiente natural está nos contando algo. A força e o som emitido pelo vento não passam despercebidos. Ao ouvir sons, sua reação instantânea foi abrir os braços para aumentar a área de contato do ar tocando seu corpo, e isso nos estimulou a também permitir que nossos corpos desfrutassem a mesma sensação. As condições geológicas daquele trajeto, a fase da lua, a fumaça dos secadores de café e a neblina forte são agências dos sentidos. P1 chamou a atenção dos caminhantes para a força da escuridão. Por mais que cada um tenha vivenciado a mesma sensação, a sua fala nos situou em nossa vulnerabilidade e abertura aos afetamentos. Essa percepção de nossa posição no mundo levou cada caminhante a mergulhar, por um breve segundo, num profundo repensar sobre a falacia ilusão de controle que temos sobre os fenômenos da natureza. Um repensar que mostrou a nossa impotência, tirando de nossos rostos o ar de superioridade, o que se tornou perceptível pela postura dos corpos, pela diminuição das conversas, uma considerável frustração.

Concluimos aquele dia com muitas indagações e respostas. Foi mais um dia de grande proveito. Restaram as aprendizagens e as indagações.

13ª (ECO) NARRATIVA – 09/07/2022

Naquele dia nove de julho, estávamos entrando numa jornada de um percurso já, praticamente, conhecido em sua totalidade. Mas o pouco dele que ainda não havíamos caminhado foi o suficiente para animar o grupo. Nos encontramos no

mesmo horário de sempre, na pracinha, e estavam todos alvoroçados por mais uma descoberta que faríamos.

Por mais que a temperatura baixa nos incomodasse, assim como a visibilidade reduzida e a neblina molhando os cabelos e cílios (característica também da caminhada anterior), alguns contrastes provocaram reações diversas. Ao iniciarmos uma transição entre a monocultura da árvore teca, a matinha tropical desconhecida e o espaço urbano, percebemos P1 atento a cada singularidade desses espaços. Para ele, por exemplo, ao deixarmos para trás o ambiente urbano e contornarmos a matinha do clube, o entorno deixava de ser inosso e passava a oferecer afetamentos. Ele interrompeu seu deslocamento para ouvir e nos fazer ouvir o silêncio da pequena mata, local onde recarregava suas baterias. Foi assim que P1 direcionou toda a nossa atenção para o discurso mudo da matinha. Prevalencia uma espécie de concentração auditiva em busca de escutar o silêncio da matinha. Noutro ponto, a reação à constatação da existência de componentes como água corrente, árvore cipó, obrigou-nos não só a parar, mas também exigiu de P4 respirar mais lentamente, enquanto P2 adotava feições alegres – ele entrou em êxtase. O encantamento foi tanto que P1 pediu a P3 para eternizar o momento a partir de registros fotográficos, além de se arriscar a construir hipóteses sobre a temperatura da água.

Seguimos o caminho e, mais à frente, esperava-nos a imponência das árvores teca, e a impressionante visão de uma luz solar forte, atravessando as galhas dos arbustos de médio porte, construindo, assim, um tubo luminoso dentro da matinha. A força de afetamento visceral desses “pequenos e tímidos” componentes do meio sobre os corpos de P1 e P3 fez com que parassem ali, para nos esperar, assim como afetou P4 de tal forma que ela pediu para tirar uma foto dos colegas exatamente naquele ponto. Concluímos nossa caminhada mergulhados num ensolarado dia.

14ª (ECO) NARRATIVA – 16/07/2022

Já há alguns sábados a baixa temperatura vem permeando nossas caminhadas e não foi diferente nesse dia. Ali estava o friozinho nos acompanhando novamente. O celular marcava uma temperatura de 16º C. Além da companhia do frio, uma visitante que não costuma dar muito o ar da graça – a chuva – seguiu nossas passadas. Este investigador das multissensorialidades mostrou sua força ao quebrar a dormência dos corpos provocada pelas monoculturas. A inércia de movimentos insensíveis foi

quebrada quando a chuva fina trouxe consigo a umidade e a força de seu impacto à pele de P1. Ele diminuiu sua velocidade, correu as mãos sobre os braços e apresentou sua face às gotas que caíam do céu, prestando atenção ao ar saindo de seus pulmões. Tanto que, mesmo com os lábios fechados, foi possível vislumbrarmos, como em câmera lenta, o movimento da boca e das sobrancelhas desenhando um rosto feliz. Noutra ponta, apenas a possibilidade de experimentar sensações fez P4 se inclinar à natureza: seu ritmo diminuiu ao entrar na estrada de chão e seus olhos se voltaram para as laterais da estrada de terra, como se buscando algo atraente. De alguma maneira, o que está encoberto pela neblina e a penumbra produzida pelo encontro entre claridade da luz da cidade e a escuridão da zona rural, despertou um ar de curiosidade em P4. Seus sentidos se aguçaram para tentar captar algo: silêncio, atenção por meio do olhar e audição direcionados ao entorno. Pareceu-nos que ela vivenciava dois mundos: – um insípido e outro potencialmente expressivo.

Aquele sábado ficou marcado pelo inesperado e pelo comum. Nos despedimos com sentimento de gratidão pelo momento ímpar.

15ª (ECO) NARRATIVA – 23/07/2022

No dia vinte e três de julho, a prevalência de sensação térmica baixa e a escuridão profunda insistiu em produzir comportamentos corporais arduos aos elementos que constituem o mundo humano e mais-que-humano. No princípio da caminhada, os corpos se retraíram, afetados pelo frio e escuridão. Noutros momentos, as pastagens colocaram os sentidos dos caminhantes em estado de dormência.

Nos embrenhamos por uma estrada de barro vermelho que contorna a cidade de Pinheiros. Ao começarmos a nos deslocar, fomos presenteados pela companhia de uma dupla de cães. A presença desses animais fez P3 sair de seu invólucro. Esse rompimento ocorreu quando nosso encontro com as faces caninas revelou extrema carência afetiva por parte dos cães. Através de suas expressões corporais, P3 nos comunicou que os cães estavam pedindo carinhos a todo instante. Assim como os cães se expressam sem uso da fala, P3 também se fez entendido por eles, ao estalar os dedos. P3 se maravilhou com uma espécie de sorriso e com o balançar das caudas dos cães ao ouvirem os seus assobios. Mais à frente, os raios solares atravessando as folhas e galhos converteram (des)atenções em devoções à estética produzida pelo colorido dos raios solares advindos da conjugação da sombra e do sereno fino. P1

não só percebeu a beleza, mas, também fez com que compartilhássemos da mesma sensação, e eternizou o momento pelo registro fotográfico. Enquanto isso, compreendemos que P2 parecia encarar aquele encontro como algo espiritual. Ele olhava os pontos luminosos em seu corpo e exprimia contentamento, como se acabasse de ter uma injeção de coquetel de hormônios da alegria e satisfação. Sua parada vem acompanhada de análise e aproveitamento daquele momento.

Caminhamos um pouco mais e nos despedimos, animados com o momento vivido conjuntamente.

16ª (ECO) NARRATIVA – 06/08/2022

Naquele seis de agosto o clima frio e a baixa visão, como nas últimas caminhadas, provocados pela junção de diversos fatores, novamente conduziram nossos corpos à retração/isolamento, até nos encontrarmos com o casal carismático, assim como no decorrer da oração proferida pelo colega de profissão de P1. Durante esses momentos (caminhada e oração), P1 parecia estar em um casulo: com os braços cruzados e desatento ao entorno. No entanto, atento às palavras proferidas pelo orador. Fomos retirados dessa condição estagnada com o pedido de promessa divina, por meio da oração, para que nossa caminhada fosse tranquila, segura e prazerosa. Porém, outros sentimentos emergiram ao andarmos. A angústia e gratidão tomou conta do grupo, que vivenciou um sentimento coletivo de dor através de um relato sobre a busca pela sobrevivência na infância do amigo de profissão de P1. Parado defronte ao pé de acerola, ele resgatou em suas lembranças a dificuldade experimentada para chegar, a pé, ao estado do Espírito Santo, e como a presença de uma aceroleira poderia ter contribuído com uma caminhada menos árdua. Todos se voltaram àquela árvore e à expressão de indignação do caminhante novato. P4 mostrou uma mistura de sentimentos: júbilo e indignação. O primeiro sentimento se fez presente quando P4 se alegrou ao ouvir de P2 que aquela árvore poderia se tornar importante para a sobrevivência de alguém. Primeiro, P4 se comunicou com a expressão oral e corporal de P2. Depois, voltou seu olhar, com admiração, ao pé de acerola. Logo em seguida, o segundo sentimento tomou conta do cenário: ela fechou o semblante, como se estivesse aborrecida com a aceroleira por ela não estar lá quando P2 mais precisou. Paralelamente, P3 adotou e exprimiu um ar de curiosidade, ele deixou de ouvir o que estava sendo relatado pelo colega de P1, toda sua atenção

se concentrava na planta, mesmo sem suas frutas vermelhas.

17ª (ECO) NARRATIVA – 13/08/2022

Como de costume, naquele treze de agosto de dois mil e vinte e dois o frio continuou a nos acompanhar nas caminhadas. Nosso deslocamento corporal, nesse 17º encontro, nos fez experimentar um considerável tempo no espaço urbano. O dia já estava bem claro quando alcançamos mais da metade desse trecho, as sacolas de lixo, cadáveres de cães, gatos e as ossadas de gado chamaram a atenção do grupo. P1 falou categoricamente que tanto a prefeitura, quanto a população tinham que cuidar do ambiente: *“Olha que nojeira, bicho!”* Diante dessa fala, P1 (professora) disse que não adianta separar o lixo ou colocar em lixeiras se o caminhão não passa para pegar. *“Sim, Sim!”* Falou P3 (professor de Informática): *“Mas é meio suspeito esses ossos de vaca aqui né?! Isso é coisa de açougue clandestino, não?!”*. Essas falas reflexivas conduziram uma reflexão sobre quem tem mais culpa da situação. Nós, professores, por não estarmos ensinando os futuros cidadãos que não se deve jogar lixo no chão? Ou o poder público, que não faz a coleta seletiva? Ou ainda o cidadão, que é mal-educado desde o berço? São perguntas que o silêncio diz carecerem de respostas.

Mais à frente, antes de completarmos nosso deslocamento de 180º graus para acessar uma estrada de terra que margeia a matinha do clube, uma neblina densa envolvia o bairro chamado Mooca. Essa por sua vez, foi notada por nós, retardatários. Nos demos conta de que o grupo mais adiantado havia parado diante daquela imagem, quando P1 pediu para tirar fotos, P3 já tinha sido tocado pela deslumbrante visão e iniciado seus registros, inclusive, fizera imagens com eles parados ao fundo. Um êxtase tomou conta do grupo. P1 gesticulava, levantando os braços, apontando para a paisagem e para os raios solares que começavam a forçar sua tomada de espaço entre as nuvens escuras e esparsas. P3 abriu um largo sorriso, admirando a paisagem quase surreal. Por fim, ele convocou o grupo para uma foto. Ele se posicionou com o intuito de eternizar o momento da melhor maneira possível.

Prosseguimos, em deslocamento ao espaço rural. Ao adentrarmos um trecho de vegetação fechada, o sol desapareceu. Isso mexeu com o grupo, de tal forma que experimentamos uma ansiedade coletiva. As passadas aceleraram e, quando o sol despontou ao final da vegetação alta, P4 correu em direção ao calor dos raios solares.

Sua corrida espontânea nos mobilizou e, assim, apressamos nossas passadas como se as pernas dela estivessem amarradas às nossas. Quando ela mergulhou no sol, foi como se nós também sentíssemos o feito. Nosso ritmo diminuiu e a sensação que tivemos foi a de também estarmos sendo banhados pelo calor do sol. Trocamos olhares de felicidade e realização. Ao longe, observamos P4 seguindo um ritual (alongamento, despir de casaco e deleite) até se entregar, imóvel, à força da claridade da luz do sol. Seus movimentos lentos produziram em nós movimentos ainda mais lentos. Como um vento forte, ou ladeira inesperada, atuando contra a velocidade de um ciclista.

Ao alcançarmos esse ponto, fizemos uma rodinha e aproveitamos por um breve momento aquele banho de sol. Retomamos o trajeto e mergulhamos, novamente, na sombra produzida pela copa das árvores. Mais uma vez, o sol nos fez falta. O pedido de oração feito por P1, em um lugar como esse, só fez sentido quando olhei ao redor e vi que se tratava de um lugar onde feixes de luz solar produziam pontes de conexão entre o céu e o solo onde pisávamos. P1 não se contentou em apenas ver. Se deslocou e adentrou o feixe, esperando ser abduzido. Todos olharam aquele encontro e falaram que as fotos ali ficarão lindas. Voltamos a caminhar e a sensação foi de que a caminhada poderia se encerrar ali mesmo. Estavam todos saciados.

18ª (ECO) NARRATIVA – 21/08/2022

A madrugada daquele vinte e um de agosto de dois mil e vinte e dois começou com grande expectativa, visto que, no sábado anterior não houve caminhada por conta de compromissos particulares da maioria do grupo. Ao chegar na Praça Baiana por volta de 5h, todos já estavam no local. Unanimemente, o referido trajeto é visto por todos como um local produtor de grande prazer. P1, P2, P3 e P4, de alguma maneira, têm conexões com matas fechadas. No entanto, antes de acessar a trilha atravessada pela mata, o grupo margeia uma matinha, além de passar por plantações de seringueiras e árvores teca (produz madeira para navios). A imersão em diferentes contextos de influência dos materiais compostos pelo mundo mais-que-humano, nos mostrou uma apurada sensibilidade dos corpos à baixa temperatura, aos contrastes de natureza e ao espaço urbano.

Ainda dentro da cidade, mesmo diante da euforia que todos passavam, de vez em quando, nos recolhemos para o silêncio. P3 e P1, ao se aproximarem da primeira

matinha, se dedicaram apenas a olhar ao redor, a vegetação ainda mergulhada no escuro, atentando ao trabalho das formigas, sem esboçar reação alguma – a não ser a insistência em continuar a olhar. Isso, de certa maneira, também aconteceu com P2, que arrancava e cheirava folhas, enquanto P3 caminhava com a cabeça baixa. Ambos foram tomados por um silêncio profundo, mergulhados em seus próprios mundos. A sensação que ficou, foi a da construção de uma parede intransponível para a introspecção – visto que suas respostas corporais transpareciam mergulhos em vazios. Não havia olhares curiosos, falas empolgantes ou gestos alegres. Apenas mergulhos em mundos interiores.

A extração/resgate/volta das atenções à manifestação dos mais-que-humanos ocorreu logo que acessamos a estrada de barro vermelho. O canto de bem-te-vi nos fez buscar e sentir a sedução que tomou P1. Todos fomos atraídos para a origem do som. Os rostos já não se encobriam mais pela escuridão e o frio que perduraram enquanto margeávamos a pequena mata. Vimos semblantes abertos, atentos ao entorno e transparecendo satisfação. Até o barulho do movimento de água corrente embaixo dos nossos pés fez com que P4 se comunicasse corporalmente conosco. Todos fomos levados a ouvir aquele barulho agradável.

Os afetamentos do mais-que-humano continuaram. Na sequência dos estímulos, o grupo foi atraído pelas grandes quantidades de folhas no chão. Estávamos num trecho conhecido por todos, no entanto, testemunhar o despir daquelas árvores provocou confusões de estações do ano, o estacionar dos corpos, além de provocar indagações e registros daquele momento, por meio mental e tecnológico. A insensibilidade de P3 aos desejos de P1 e P2 de registrarem fotograficamente aquele momento, nos levou a ter a sensação de que ele teria se elevado a uma busca por *status* de comunicação com o causador daquele fenômeno. Ele se manteve imóvel, numa mistura de busca por respostas e intrigamentos.

Para P3, o interior da mata foi acessado com ar de respostas em suspenso, pois ele manteve um semblante de indagações em meio à vegetação de um verde vigoroso. Ele olha e olha novamente aquele contraste. P2, por sua vez, respirava levemente e exibia um semblante feliz.

19ª (ECO) NARRATIVA – 27/08/2022

Nossa 19ª caminhada do dia vinte e sete de agosto ficou apenas no desejo de

uma revivência, de um rememoração. A madrugada trouxe uma chuva forte, impedindo os caminhantes de mergulharem o corpo num deslocamento através do espaço. Contudo, os diálogos no grupo de WhatsApp, as falas, ora a favor, ora contra nossa ida para a caminhada, denotaram indecisão quanto ao que seria mais prazeroso: colocar o corpo em repouso ao som da chuva ou vivenciar e reviver momentos da infância como, por exemplo, tomando banho de chuva, pulando e desviando das poças de lama? Essas possibilidades de vivências e revivências colocaram em dúvida a ida ou não naquela caminhada chuvosa.

O bate-papo se iniciou trinta minutos antes do horário combinado: *“A chuvinha tá fina! Dá pra ir!”* (Fala de P2). *“Vocês resolvem. O que decidirem eu topo”* (fala de P1). *“Esse barulhinho de chuva tá bom de ficar na cama”* (fala P3). Alguns segundos de silêncio. Depois do silêncio, a manifestação esperada se apresentou: *ficamos em casa* (escreveu P1). As possibilidades de sensações eram muitas: o quentinho do edredom e o barulho da chuva também eram recordações de sonos gostosos da infância. Estava ali uma madrugada de sábado rara. Geralmente, nossos corpos são acometidos por urgências capitalistas por cinco dias da semana. Era pequena a chance de pegarmos, nas mesmas circunstâncias, um sábado chuvoso e sem obrigações, portanto, aquele momento se tornou quase indispensável para ser aproveitado com um sono tranquilo. Nos despedimos e fomos desfrutar daquela ocasião proporcionada pela deliciosa chuva fina e convidativa para o descansar de corpos.

20ª (ECO) NARRATIVA – 03/09/2022

Era para ser apenas mais uma caminhada tranquila de sábado, no entanto, ao iniciarmos o deslocamento, naquele primeiro sábado de setembro, P2 nos fez um convite para, em um determinado ponto, sairmos da estrada de chão batido e irmos em direção a uma grande torre de comunicação sobre um morro chamado “Morro do véi Edim Cerqueira”. Mesmo diante das perguntas sem respostas a respeito da possibilidade de haver ou não caminhos de acesso ao local, o grupo topou prontamente.

A chegada trabalhosa ao cume provocou uma mistura de sensações como medo e euforia. Constantemente, fomos parando para se analisar o melhor passo a ser dado. Um denso emaranhado de cipó, talos, folhas e teias de aranha, nos fazia

parar ou dar passos para trás e para o lado. O suor também caía nos olhos, dificultando, assim, nosso deslocamento. O desespero, com exceção de P2, nos levou a ter vontade de voltar. P2 continuou firme em direção à torre. Quando enfim, atravessamos aquela vegetação densa, encontramos não apenas aquela torre que enxergamos da cidade, mas também vimos outras duas menores. O medo deu lugar à expressão corporal de uma sensação de recompensa. Ora P1, P2 e P3 estavam juntos conversando como aves maritacas, ora estavam afastados em silêncio total, quase em estado de meditação. P4 ficou em pé diante do sol com uma das mãos sobre as sobrancelhas fazendo sombra nos olhos. Ela buscava alcançar e contemplar o máximo potencial dos olhos. A outra mão tentando consertar o cabelo, que ficara bagunçado dentro da plantação de mandioca. Por vezes, assentava a mão na cintura. Ela comentou: *“Tenho que trazer meu marido aqui. Eu estou vendo tudo que ele me descreveu quando subiu aquela pedra lá”* (Pedra da Botelha). P1 relatou estar sem palavras para descrever a pequenez da área ocupada por sua cidade dentro da vastidão à sua frente.

Nosso deslocamento “improvisado” nos colocou diante de um imenso território plano, banhado pelo sol matinal. A neblina ainda cobria grande parte do que estava à nossa frente. Resolvemos (sem acordo prévio) nos demorar naquele lugar. P4 ficava a observar os dois lados do morro. Pedidos de registros fotográficos foram feitos em demasia. Os corpos percorreram o máximo possível do espaço daquele cume. P2 salientou: *“Eu sabia que aqui era lindo. Não falei? Aí P1, fala alguma coisa!”* P1 responde: *“Realmente, aqui é top. Valeu a pena”*. Depois de prolongarmos nosso momento ali, acessamos o asfalto e caminhamos em direção à cidade. O grupo direcionou olhares já saudosos para o local descoberto e fizemos promessas de voltar logo, para reviver aquele momento.

21ª (ECO) NARRATIVA – 10/09/2022

O trajeto percorrido no segundo sábado de setembro de 2022, já era velho conhecido do grupo. A maior parte dele é constituído de grandes propriedades rurais. Portanto, a vegetação tropical se tornou escassa aos nossos olhos, visto que, essas terras de propriedades privadas são cultivadas pela monocultura do café, da cana-de-açúcar, mamão, seringa ou então criação de gado. No entanto, por serem áreas rurais, os corpos ficaram atentos a inúmeros detalhes que estampam a resiliência de vidas

vegetais e animais frente ao viés produtivista do capitalismo que move essas propriedades.

Fomos nos deslocando e não precisamos caminhar muito para testemunharmos o desejo de dominação do ser humano sobre os não humanos, não efetivado completamente. Estava ali, em nossa frente, um cadáver de animal, provavelmente, não estava nos planos dos donos daquelas propriedades a circulação deles por ali. *De onde veio? Será um gato doméstico ou não? Se sim, onde estaria sua casa que não a vemos? Estava caçando, acasalando?* Essas perguntas ficaram sem respostas. A única coisa que ficou, depois de um bom tempo de análise, indagações e registros fotográficos, foi a certeza de que ali não há apenas criação de gado e monocultura, mas há também vidas selvagens.

Ao andarmos mais pouco, o número considerável, mesmo de maneira esparsa, da árvore *Joannesia princeps* (boleira/cutieiro) margeando as fazendas não passou despercebido por nós. Esse fato curioso nos deu uma espécie de resposta a algumas das indagações acerca do cadáver não identificado minutos antes. P2 falou: *“Assim como aqui, tem cutias circulando, afinal elas comem as sementes de boleira, lá atrás pode muito bem circular gato-do-mato a procura de coelho ou preá”*. Concordamos com sua observação. Esse detalhe fez com que nossas atenções se voltassem ainda mais para a análise individual da anatomia, **de seu poder laxante e econômico para famílias carentes.**

Retomamos as passadas e alguns metros mais à frente P2 sugeriu: *“Rapaz!! Aqueles meninos da escola (estudantes) tinham que vir ter aula aqui. Pra ver a coisa como ela é!! Ao invés de ficar jogando videogame. Concorda Alberto?”* Rapidamente, este pesquisador assentiu.

Andamos um pouco mais e P4, por meio de uma fala mansa e movimentos quase em câmera lenta, lembrou-se com saudosismo de seu pai. Ela recordou-se de um livro com receitas de ervas medicinais, perdido com o tempo, e lamentou: *“Não sei onde foi parar. Já procurei, já perguntei minha mãe, meu irmão e irmãs. Como eu queria achar aquele livro. Ele cuidava da gente com aquelas receitas!”*

Num momento anterior, a flor de cor primária de uma trepadeira não apenas interrompeu nossos passos, mas, também nos fez pensar sobre sua força de imposição. Afinal, sua pseudofragilidade colocou em vitrine a perseverança em perpetuar as espécies. Os olhares que trocamos sobre a posição das flores daquela trepadeira sinalizaram que elas ficaram ainda mais em destaque entre as folhas

verdes da *Acacia penninervis*. Não sabemos de onde e como a semente veio parar ali, mas concordamos que não haveria lugar melhor para ela chamar a atenção de seus polinizadores.

A saída desses locais de provocação de reflexões produziu em nós um sentimento de bem-estar e riqueza de possibilidades de aprendizagens. Concluímos aquele dia com nossos corações transbordando satisfação, como em um dia de banquete em família.

22ª (ECO) NARRATIVA – 17/09/2022

No dia dezessete de setembro iniciamos a nossa caminhada às 5h05min sob uma temperatura de 17°C. O céu estava aberto, com poucas nuvens. A madrugada clara provocava uma sensação de boas expectativas. Andamos por pouco mais de três quilômetros, e percebemos que o P2 estava mais reflexivo que o normal. Ao ser questionado sobre seu ensimesmamento, ele respondeu, falando sobre a mudança repentina no tempo: *“Olha só Alberto, eu acho que é fim dos tempos mesmo! Um dia um calor infernal, no outro um frio de lascar, no próximo uma ventania terrível e hoje? Olha hoje!”*. Estamos em setembro. Não é normal um clima desses. Ele acrescentou: *“O homem colhendo o que plantou!”*

Impossível não concordarmos com suas assertivas. Seguimos nosso deslocamento, e este pesquisador fica reflexivo, pensando nas mudanças já vivenciadas por P2, ao longo dos anos. Ele (P2) mantinha a expressão de alguém cujos pensamentos se distanciavam do momento presente, indo para bem longe dali. É lindo ver a natureza se consumando nele. Talvez, lembrando da época em que ele circulava dentro de vastas matas virgens e que as estações do ano eram tão consolidadas que permitiam a ele, seus irmãos e pais fazerem lavoura confiando apenas nos períodos cíclicos.

A caminhada se desenrolou tranquilamente, até pararmos para apreciarmos a paisagem e tomamos um café ao lado de uma plantação de seringa. Como pesquisador, naquele momento vi P2 como um sujeito que tem sua vida fincada na natureza mais do que certos estudos naturalistas. Na verdade, ele próprio se mostrava um potente objeto dos naturalistas. Sentado sobre as folhas secas que formavam um tapete espesso, como se estivesse no sofá de sua casa, saboreava o café tranquilamente, enquanto os demais se mantiveram em pé ou recostados num tronco

de seringueira. A confiança em seu saber natural é invejável. Os colegas brincaram com ele, dizendo que estava se achando em casa daquele jeito despojado. Ele apenas sorriu.

Ao fim da caminhada, a temperatura já estava em 24°C e o relógio marcava 7h05min, o céu estava totalmente limpo! Nos despedimos otimistas.

23ª (ECO) NARRATIVA – 24/09/2022

Aquele dia vinte e quatro de setembro era o segundo dia de primavera do corrente ano. Só nos demos conta da chegada dela um dia antes, quando superamos asfalto, vento e ladeira e nos deparamos com um mar de flores, esbranquiçado, à nossa frente. Caminhávamos tranquilamente quando fomos atraídos pela coloração contrastante daquelas flores do café e o zumbido das abelhas. O arrebatamento foi tão poderoso quanto o canto de uma sereia. Tínhamos acabado de experienciar o ar gelado e o vento forte, trazendo desconforto aos nossos corpos ao nos deslocarmos por cerca de 1h15min. Enquanto os corpos com suas cabeças, troncos e membros obedeciam à regra imposta (corpo ereto e alinhada frontalmente) para uma “bela” foto, nossa visão audição, tato e olfato teimava em se apropriar da cor, do cheiro e da textura intensa das flores que nos rodeavam. Tanto eu, P1, P2 e P3 só percebemos que o próprio P2 ficou de fora da foto quando resolvemos retomar o deslocamento. P2 não precisou sumir de nossa vista para ficar invisível, bastou apenas estar alheio às nossas interações anteriores. Ele estava ali conosco, mas agora sua conexão, assim como a nossa, era com a fragilidade e força das flores alvas, com o som das asas das abelhas e com o cheiro do pólen. Nos inserimos naquela dança rítmica da natureza e saímos dali admirados com tamanha beleza e perfeição.

24ª (ECO) NARRATIVA – 01/10/2022

Naquele um de outubro a caminhada ocorria normalmente, até que o aspecto sombrio de uma árvore cativou nossa atenção, fazendo com que nos demorássemos a admirá-la. Já havíamos caminhado por cerca de quatro quilômetros e estávamos, ali, defronte àquele esqueleto vegetal de cerca de vinte metros de altura. Observei que P4, de certa forma, ficara abismada com tamanha ausência de verde. Em certo

momento, ela comentou da inviabilidade de aquela árvore estar viva. Por outro lado, aquele tronco áspero e seus galhos cheios de nós, transportaram P2 para uma infância feliz. Ele disse: *“já me diverti muito sonhando acordado sobre elas”*. Enquanto P3 solicitava a este pesquisador que posasse para uma foto, P2 e P4 exibiam olhares de saudosismo. Para um, é um saudosismo do que passou, enquanto para outro é nostalgia do que poderia ter sido, quase que como uma decepção. O rosto de P2 transparecia felicidade, sugerindo que ele purificava seus pensamentos, eliminando lembranças atuais que sobrecarregam sua rotina.

25ª (ECO) NARRATIVA – 08/10/2022

Nossa vigésima quinta caminhada, naquele oito de outubro, se apresentou carente de vegetação nativa, com exceção de uma grande área de preservação permanente que margeamos. Isso fez com o grupo adotasse um ritmo acelerado das passadas em direção ao cume do morro, onde também fica uma matinha preservada. A subida se tornou desgastante e os caminhantes mais jovens ficaram para trás. Ao alcançarmos o topo, o alívio tomou conta do grupo. A exposição ao sol e uma paisagem desprovida de diversidade de vida vegetal e, conseqüentemente animal, era visível nos corpos entorpecidos pela ausência de estímulos externos. Os braços para baixo diziam o quão árduo fora chegar até ali. Depois do registro da foto, nos dispersamos com passadas e destinos aleatórios. Este caminhante-pesquisador pressupôs que cada um buscava uma satisfação própria, para convencer a si mesmo que o esforço valera a pena. Quando P2 encontrou um fruto desconhecido pelo grupo, ficamos curiosos pela compreensão daquilo. P2 cheirou, girou o fruto, abriu-o ainda mais e só depois se desfez dele. Mesmo sem respostas, instalou-se uma atmosfera acolhedora, que recarregou as nossas energias. Iniciamos o trajeto de volta com todo gás. Ao acessarmos o asfalto, os corpos continuaram em descida, transparecendo alegria e contentamento. P4 parecia não manter o controle sobre as passadas, tal a irregularidade que seus passos demonstravam, transmitindo a ideia de que seu corpo estava sendo empurrado, literalmente, por uma entidade invisível. Os braços eram jogados para trás e para frente, em inércia, enquanto caminhávamos para o final de mais uma empreitada. Nos despedimos contentes com o que exploramos.

26ª (ECO) NARRATIVA – 15/10/2022

Caminhávamos no dia quinze de outubro e já tínhamos acabado de dar, aproximadamente, trinta passadas num chão pavimentado, quando nos defrontamos com uma chácara em um quintal repleto de vidas. Minutos antes, P3 e P1 ficaram meio frustrados por não conseguirem ver uma ave que cantava no alto de um pé de eucalipto. Esse encontro mediado pela audição, olfato, tato e visão arrancou P4 de seu controle voluntário sobre sua cabeça, tronco e membros, sugerindo que se encontrava em profundo estado de meditação. Percebemos P4 em conexão com uma planta de folhas e flores exuberantes. Quando nos aproximamos, ela, com uma voz melancólica e mão no queixo falou: *“olha só gente, na casa da minha avó tinha essa planta”*. O grupo ouviu e, pareceu-nos que também foi arrebatado por pensamentos longínquos. Enlevados em devaneios, entre os coloridos, formas e sons, por um breve momento, a solidão e quietude imperaram, até que o assóvio do sanhaço e som de asas cortando o vento em manobras, despertaram o olhar de P4, e ela exalou alegria e contentamento naquele encontro e reencontro. Ela soltou seus ombros e o corpo relaxou por inteiro. A partir dali, a leveza e gargalhadas tomaram conta do grupo até o momento em que nos despedimos.

27ª (ECO) NARRATIVA – 22/10/2022

Naquele vinte e dois de outubro, como de costume, estávamos ansiosos pela imersão na Matinha do Caparaó. É sempre empolgante nosso deslocamento em seu interior. Essa ansiedade se acentuou quando o grupo se deu conta de que outras formas de vida chegaram e se deleitaram primeiro à exuberância dos raios solares. Sentimos gotas de inveja. P2 falou: *“rapaz, as aves não têm relógio mesmo né!! Porque se essa hora que tá marcando agora, fosse em outro dia, os bem-te-vis não estariam cantando, estariam dormindo”*. P1 concluiu que: *“geralmente a gente percebe eles se movimentando quando ouvimos eles baterem asas para a cidade quando a gente está dentro da trilha da matinha”*. Por um breve momento, P1 manteve-se em silêncio, refletindo. Quiçá, pensando na sujeição de nosso relógio orgânico/biológico a uma ferramenta sem vida chamada relógio mecânico. Intuímos que vivencia uma frustração com as obrigações que lhe tiram a possibilidade de viver plenamente como as aves. Aquele encontro nos deixou sem chão, ao concluirmos que as aves são livres de comandos mecânicos, para elas o transcorrer das horas não tem importância

alguma. Nossos olhares compartilham a certeza de que nossas horas são horas que pertencem a atividades determinadas por forças desconhecidas, que as fragmentam em inúmeras obrigações e compromissos regidos pelo tiquetaquear dos relógios. Experimentamos minutos deprimentes, o que nos motivou, ainda mais, a aproveitar o que está por vir.

28ª (ECO) NARRATIVA – 05/11/2022

Naquela manhã de cinco de novembro, o sol tornou a dar as caras mais cedo. De acordo vamos andando, testemunhamos os raios solares dispersarem a neblina a nossa frente e no entorno: como um vaqueiro a tocar a boiada. Quando alcançamos uma chapada de aproximadamente 02 km de comprimento, o grupo é tomado pela resiliência de uma árvore que o grupo tinha condenado em outras vezes que passamos ali. As fotos e risadas sobre aquela potente forma de vida reviveram memórias de infância (Figura 32).

FIGURA 32 – CAMINHADA DE 05 NOVEMBRO 2022



Fonte: acervo de P3

Aquele momento fez P4 voltar para a estrada em busca de mais recordações da infância. Ela encontrou uma trepadeira de nome popular “mata-cobra”. Sua empolgação sobre os benefícios de seu uso, feito por seu pai, nos levou ao caderno chamado “remédios caseiros”, que ele construía durante seu tempo de vida. O relato de P4 envolve intensa linguagem corporal, explicando-nos como ele manipulava essa

erva. A força de sua lembrança nos leva a imaginar, cena após cena, aquele acontecimento do passado. Ouvimos com a mesma atenção que ouvíamos histórias de aventura e terror contadas pelos mais velhos durante nossa infância. Alguns dos caminhantes mantiveram a cabeça baixa, outros rabiscavam o chão com gravetos, e P3 ficou sentado num barranco feito pela máquina de patrolar estradas rurais, com os braços sobre os joelhos e atento à narração de P4. Quando retomamos a caminhada, nos segundos seguintes convertemos interações em reflexões nostálgicas.

29ª (ECO) NARRATIVA – 12/11/2022

Os dias de novembro estão amanhecendo cada vez mais quentes e, naquela madrugada do dia doze, já havia indícios de que não seria uma caminhada fácil. O asfalto parecia derreter sob nossos pés. Porém, o início da semana chuvosa produziu verdes fortes que contrastavam com o asfalto e o sol. Depois de ficarmos presos em casa e no trabalho ao longo da semana, finalmente sair para uma longa caminhada, pudemos sentir a euforia aumentar a cada passo, ainda que o calor estivesse escaldante. A chuva lavara o ambiente e deixado tudo reluzindo e novo. As árvores estavam carregadas de folhas e os pássaros cantavam em plena voz. Tudo parecia convidar para a aventura. Mesmo em passos harmônicos, P3 comentou em um tom observador: *“Nunca tinha notado antes como o mundo pode parecer tão vivo e vibrante depois de dias chuvosos! Olha que maravilha!”*. *“Verdade!!!”*, apartou P4. *“Parece que a chuva lavou o mundo e deixou tudo resplandecente e em seu devido lugar. A tal da chuva é uma benção de Deus né!?”* (Figura 33).

FIGURA 33 – CAMINHADA 12 NOVEMBRO 2022



Fonte: autoria própria

Essa nova rota produziu uma sensação de curiosidade e expectativa. Os olhares curiosos transpareciam incertezas de não saber o que vai acontecer em seguida, motivando o grupo a seguir em frente, mesmo em uma manhã extremamente quente. Os corpos inquietos exalavam euforia. Desbravamos aquela nova rota - literalmente. Predominava no grupo uma sensação de excitação e ansiedade advinda de não sabermos exatamente o que esperar. Mas essa incerteza também trouxe uma sensação de liberdade e aventura. Esse espírito aventureiro parece ter motivado P3 a dar passadas fortes, seguindo em frente, para descobrir o que está além do horizonte, mesmo com os olhos cheios de suor. P3 exibia um ar de superação. Seu corpo permanecia ereto e sua voz apresentava tonacidade elevada.

No fim das contas, aquele mergulho no sol abrasador foi maravilhoso. Pudemos sair da nossa zona de conforto e experimentar algo novo. Isso nos permitiu ver a vida de um novo jeito e nos deu um novo senso de euforia e entusiasmo.

O percurso daquele dia dezoito de novembro já era conhecido por mim, P1, P2 e P3. Caminhávamos com poucas interrupções até que esbarramos com uma paisagem colorida derivada do realce que o verde ganhou ao banhar-se dos raios solares e do dispersar da neblina. A água da lagoa, ao longe, também ganhou destaque entre o morro, os verdes das pastagens e a luminosidade do sol. As sombras das árvores também ganharam saliência agradável. P3 vai parando na maioria das sombras, reduzindo lentamente suas passadas, até levar, consigo, os demais a estacionar por completo. Em pouco tempo, a disposição dos corpos humanos, naquele lugar, ganharam a forma de um semicírculo de 180 graus. Ali, os sentidos foram atizados ao máximo. P3 friccionava os braços enquanto ouvia P2. P1 ouvia P3 enquanto seus olhos se deleitavam na exuberância estética do lugar. A beleza local impulsionou um momento agradável, compartilhado coletivamente de modo singular. Além disso, predispôs os corpos às sensibilidades da diversidade. P1 inspirava e expirava com uma cautela não costumeira, dedicando-se a observar, com admiração, o liso do espelho d'água. Com a mão no queixo, concentrou-se em olhar a sombra dos morros ao redor. Mantinha-se imóvel, contemplando a quietude da água. De repente, um frango d'água se assustou com nossa demora ali e saiu voando com os pés tocando na água. P1 se virou com as mãos na cabeça e olhar de difícil definição: talvez, espanto; talvez, encanto com as ondulações causadas pelas perturbações das patas do pássaro naquela superfície brilhante.

31ª (ECO) NARRATIVA – 26/11/2022

Era vinte e seis de novembro. Quando já havíamos andado um pouco mais da metade do trajeto, resolvemos olhar a ladeira a frente, que, aos nossos olhos, parecia duplicada. Ela se tornou desafiante. A cada passada ela mostrava sua fúria. A impressão que tínhamos é que a cada 10 metros os corpos cediam ao cansaço, pedindo por descanso. As risadas perderam a graça e o corpo, antes duro e obstinado, se entregou à moleza e cansaço. Até o caminho modificado se encarregou de mudar a forma do deslocamento de P4: onde havia uma mulher com passadas síncronas, agora se vê, além de pernas cambaleantes, passos curtos, longos e em diagonal.

A mata emudeceu. P4 foi tomada pela ternura indizível daquele silêncio das árvores. O cansaço e o silêncio do entorno, que seu corpo produziu ao convergir

energias para a subida, fez com que, atentando para a mata, ouvisse o som miúdo do orvalho, e brotou nela o desejo por uma rede para se deleitar. “*Seja sincero Alberto, uma rede de descanso aqui e ficar só na tranquilidade deve ser bom demais né?!*” Aquela parada recarregou suas baterias. Ela voltou sua atenção para a ladeira e, com passadas mais firmes, rumou em direção ao cume.

32ª (ECO) NARRATIVA – 24/12/2022

Quando encostamos na sede da Fazenda Estrela, naquele vinte e quatro de dezembro, o barulho de chuva no teto do carro era quase ensurdecedor. O frio na barriga se transpôs para a pele e pelos. P1 friccionava as mãos, aquecendo-as com o ar quente soprado dos pulmões, parecia uma criança em parque de diversões prestes a ir num brinquedo perigoso. Seus olhos estavam estalados e seus lábios ficaram pálidos. Quando perguntado sobre se estava tudo bem, respondeu: “*animado, animado!!!*” A descida, íngreme e perigosa devido aos cascalhos, a chuva e o odor de fezes dos bovinos até o curral, produziu corpos resilientes com vestimentas encharcadas. Os tênis faziam barulho de tanta água acumulada dentro deles. Debaixo da cobertura, feitas as saudações, P1 parecia estar noutra dimensão. A ingestão do café ocorreu concomitante à absorção da beleza do entorno, captada pelos olhos, narinas e pele. De repente, os sons de chuva e mugidos silenciaram. P1 distanciou-se em pensamentos, até mesmo o movimento do copo de extrato de tomate com café indo até a boca, feito de forma automática, mostrava esse distanciamento. As vistas se perderam naquela paisagem à frente. P1 está reconhecendo que a chuva, por mais que tenha molhado seu corpo e exigido dele um café quente, por outro lado também traz para a terra coisas do ar que são responsáveis pela beleza estonteante daquele lugar. Tanto que, quando retomamos o trajeto, sua postura indicava respeito à chuva que teimava em nos acompanhar. Enfim, depois de uma longa e exaustiva subida, chegamos à sede e trocamos as roupas molhadas por roupas secas e fomos embora para nossas casas.

33ª (ECO) NARRATIVA – 04/02/2023

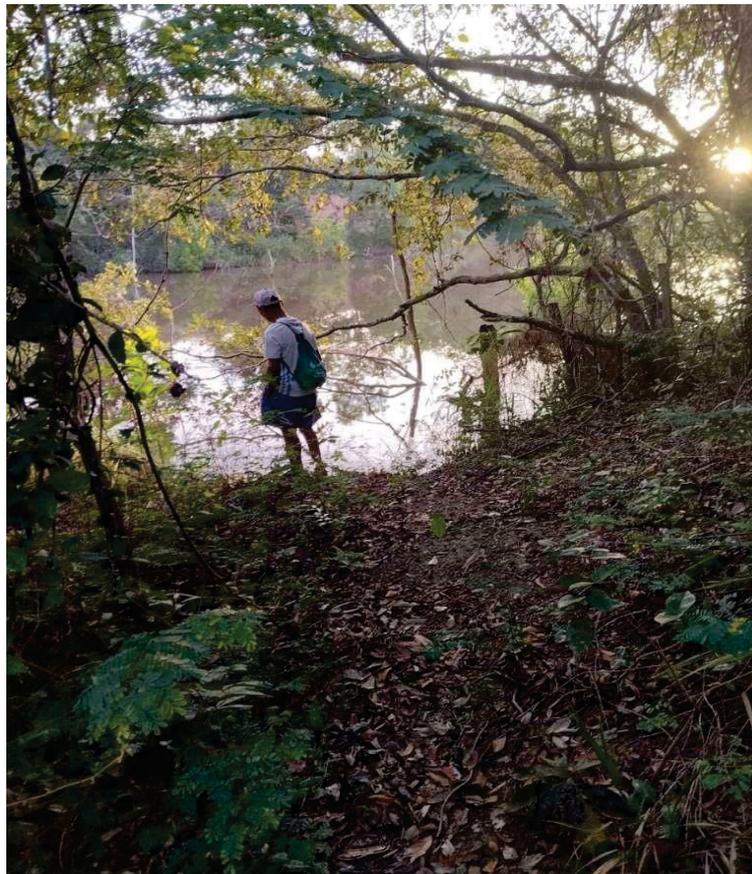
Havia pouco mais de um mês que não caminhávamos e ao chegar no dia quatro de fevereiro em nosso ponto de encontro às 04h57min. P1, P2, e P4 mais duas

mulheres e um homem do grupo já estavam à espera dos demais caminhantes. P1 parecia cansado, dava muitos bocejos e seu semblante estava fechado. Já P2 parecia ansioso, caminhava de um lado para o outro, olhava na direção que P3 costumava chegar, como se quisesse dizer: *podíamos começar logo*. P3 surgiu na esquina, alguns segundos depois, e P2 desabafou: *“Até que enfim, já são 5h01minuto!”*. Prevalcia o escuro da madrugada, visto que o sol ainda não nascera. A temperatura era de 21°C. Quando enfim, atravessamos a cidade e adentramos na estrada asfaltada, ainda totalmente escuro, P4 se mostrou desconfortável com a escuridão e salientou: *“Nossa, hoje está demorando amanhecer!”*. Era nítida a ansiedade dela.

Andamos um pouco mais e logo o sol começou a liberar os seus primeiros raios. Entramos na estrada de chão. Nesse momento, o barulho das pedras e pedregulhos nas solas dos calçados são mais intensos esse ruído é característico. P3, atento, falou: *“Estão ouvindo? O barulhinho?”* e P1 respondeu: *“Que barulho? Não estou ouvindo nada!”* e P3 revidou: *“Como não? Ouçam só as pedrinhas em nossos sapatos!”* e P4 acrescentou: *“Esses detalhes gente é o que a gente não sente caminhando para ir ao trabalho. Olha que barulhinho gostoso. Parece som de pipoca quando mastigamos!”*. P3 pareceu curioso, mas concordou com P4. O processamento sensorial do grupo revelava a sensibilidade dos caminhantes.

Ao longe, avistamos duas pequenas represas separadas por uma barragem. Começamos a descer uma significativa baixada com charco, é cada vez mais nítido e vibrante o som dos insetos e das rãs. P2 mostrava-se imerso nessa atmosfera natural, regida por essa sinfonia peculiar. Damos apenas mais poucos passos (cerca de 50 metros) e P1 sugeriu uma pausa para o café. Enquanto nosso colega de grupo distribuía os copinhos, P2 pulou uma cancela para se infiltrar entre a vegetação baixa, a fim de contemplar a represa, desceu uma pequenina trilha e ficou observando em torno da represa, atento a tudo. Com as mãos nos bolsos, sua cabeça movia-se em diferentes direções, buscando ver o máximo que aquele lugar oferecia. Ganham proeminência o céu, o som da água e o som de insetos e rãs, e maravilhado, P2 disse: *“A água se parece com um espelho!”* (Figura 34).

FIGURA 34 – CAMINHADA DIA 4 FEVEREIRO 2023



Fonte: acervo do autor

Mais adiante, P2, apressado, entrou na pequena matinha. Assim que se aproximou de um grande tronco a frente, exclamou, admirado: *“Isso é ipê, ipê!* Sentando-se e, batendo com tapas no tronco, continuou: *“O pessoal também gostava, antes de se tornar madeira de lei, para fazer carvão. Ele queima mais devagar, sem dar fumaça.* Nesse momento a interação com a natureza e a experiência dos sons e da paisagem ao redor afetaram diretamente o grupo, um certo tom de relaxamento, alívio do estresse e promoção de certo bem-estar pairou no ar.

Continuamos a caminhar e P2, ainda observador, disse: *“Caminhar é bom porque a gente vai conversando... Isso te desliga do trabalho, das contas, dos problemas, etc.”* Que força tem a natureza para desconectar o grupo do trabalho, das preocupações cotidianas e das responsabilidades! Retomamos o caminho bem devagar, com o P2 mais próximo a nós. Seu corpo mostrava-se desacelerado e feliz. Por volta das 07h15min. nos despedimos sob um sol prometendo aquecer muito, com a espera de um aumento significativo na temperatura ao longo do dia.

34ª (ECO) NARRATIVA – 11/02/2023

Estávamos no dia onze de fevereiro repetindo um trajeto a pedido daqueles que faltaram no sábado anterior. Assim que começamos a andar, algumas meninas justificaram o pedido por terem achado bonitas as fotos que tiramos. Segundo elas, queriam experimentar aquele lugar. Iniciamos o percurso, de 14 quilômetros de deslocamento, pontualmente às 5h, o céu estava limpo e o termômetro marcava 23°C, a temperatura indicava um dia quente à frente. Ao olhar o tempo e a temperatura, este pesquisador foi tomado por uma boa sensação. As passadas seguiam firmes e P3 falou que, no restante do dia, deveríamos procurar o que fazer para nos refrescarmos. Ele disse: *“né P1? Que vai estar bom para um banho de piscina, mar, cachoeira, rio, riacho ou até mesmo um pequenino açude com os amigos. Refrigerante geladinho ou um bom sorvete?”* P1 concordou plenamente, lembrando que uma cerveja gelada também cairia bem.

Após mais um ou dois quilômetros caminhando, a alta temperatura logo pela manhã fez os corpos demandarem por refrescância. P4 abanava o rosto, explicando que as noites têm sido difíceis, e que ventiladores e aparelhos de ar condicionado são utensílios indispensáveis nesse verão.

O sol irradiava o seu calor intenso, o suor que escorria em nossos rostos servia como prova disso, no entanto, o grupo apresentou-se contente e com muitas expectativas e sem qualquer desconforto. Os olhos de P3 se fecharam na claridade daquela manhã ensolarada, o suor corre em seu rosto e seu corpo parece cansado. Um dos braços está esticado, enquanto o outro descansa sobre a cintura. No entanto, um detalhe chama nossa atenção: mesmo precisando tirar o suor do rosto, seu semblante transmite felicidade e contentamento pela sensação de contato com a natureza e tudo que traz aquele belo dia de sol.

P1, por sua vez, retardando suas passadas acabou parando por completo e, voltando-se para o grupo, respirou fundo e exclamou: *“Esse tempo é engraçado, depois de tanta chuva um dia de sol bonito assim! É...essas coisas da natureza não têm explicação!”*. P3 com um ar contemplativo olhou ao entorno e disse: *“Após a chuva e um dia maravilhoso de sol como esse parece que a natureza sorri!”* e P1 acrescentou: *“Olha as cores, tudo muito bonito! Lindo de se ver!”*. A impressão que ficou daquele momento é de que o sol não é apenas símbolo de energia, mas também de beleza. O encantamento por essa estrela revela a paixão de P1 por um dia de sol.

Em seguida, P2 inspirou e expirou lentamente, sem hesitar em dizer: *“a gente tinha que tirar um tempinho, nem que fosse só uns minutinhos por dia para tomar sol com calma. Essa luz dá uma sensação de liberdade e boas energias!”*

Paramos, então, para a tradicional pausa para o café, enquanto P2, descrevendo suas memórias afetivas de infância com um doce saudosismo, afirmou: *“Aquilo é que era vida meus primos e eu passávamos o dia em cima de uma mangueira chupando manga”*. Voltamos a nos deslocar e quando já nos aproximávamos da entrada para o espaço urbano o sol permanecia razoavelmente quente, a temperatura era de 26°C. Nos despedimos contentes com aquelas duas horas e pouquinho de caminhada.

35ª (ECO) NARRATIVA – 18/02/2023

Nosso grupo de caminhada daquele dezoito de fevereiro ficou completo às 5h da manhã. O trajeto escolhido foi de mata fechada, com considerável diversidade vegetal. Após ficarmos janeiro inteiro sem nos reunirmos, os caminhantes têm os corpos empolgados com o porvir: P2 esfregava as mãos, P3 dava saltos aquecendo o corpo, enquanto P4 fazia alongamentos.

Um detalhe chamou a nossa atenção nesse dia. Depois de um período andando apenas entre plantações de café e seringa, um dos lados da estrada começou a ficar ladeado por árvores e plantas nativas e o grupo, instintivamente, começou a se deslocar para esse lado. Logo depois dessa aproximação, as passadas foram desacelerando. P1 respirava mais devagar, dando-se o luxo de conectar-se com a natureza. Pareceu-nos que ele estava estabelecendo uma nova conexão com o entorno.

Iniciamos o percurso dentro da mata. P2, ao dar os primeiros passos dentro da mata, demonstrou relaxamento. De repente, tocou e alisou uma grande árvore, enquanto dizia: *“Se não fosse a mão humana para dar fim à sua vida, ela não correria o risco de ser assassinada”*. Ele aparentou estar se livrando de toda a carga pesada que a pressão da vida cotidiana traz. Tudo isso é o que experimentamos durante essa caminhada na mata. Foi um momento para desacelerar e reconectar com o mundo ao nosso redor. P2 entregou-se a uma possível paz e calma proporcionada pelo ambiente.

Após mais minutos mata a dentro, percebemos o P4, cujo corpo parece estar

cansado, porém seu rosto está feliz. Era nítida a sensação de liberdade e contentamento que seus movimentos apresentavam. Já P2 estava passando as mãos sobre as folhas de pequenos coqueiros, exclamando: *“Nada como respirar ar puro!”*. P4 completou: *“Ah esse contato com a natureza não tem preço!”* Continuamos a nos deslocar, os sentidos aguçados pelos estímulos. A seguinte reflexão instaurou-se na mente deste caminhante-pesquisador: essa conexão com a essência da vida, tudo isso que estávamos experimentando naquela caminhada dentro da mata estava sendo um momento de desaceleração e reconexão conosco mesmos e com o mundo ao nosso redor.

O dia estava quente e úmido, o tipo de calor que fez os corpos suarem e a roupa colar no corpo. O percurso continuou a ser um convite para admirar a beleza da natureza à nossa volta, estávamos a pisar em um solo molhado, depois de um extenso período de chuvas volumosas. P3 olhou-nos e disse que uma porção d'água caiu sobre seus ombros. Olhou para cima e viu as árvores balançando levemente ao vento, com gotículas de água caindo pelas folhas. Continuamos andando e logo fomos arrebatados pelo ar que estava fresco e puro, com o bônus do silêncio relaxante da mata. Ficamos ali por um tempo, apreciando a paisagem, até que começamos a sentir o cansaço pelo calor.

Ao sairmos da mata fechada, estabelecemos um bom ritmo por alguns poucos quilômetros entre monoculturas. Ao acessarmos as ruas pavimentadas, os caminhantes transbordavam suavidades. Ao final da caminhada, todos estavam felizes, cansados, mas satisfeitos. O semblante de P4 revelou que o contato com a natureza, naquele dia, fora prazeroso, gratificante, saudável e proporcionou bem-estar.

36ª (ECO) NARRATIVA – 25/02/2023

Fazia 22°C naquele vinte e cinco de fevereiro. Quando nos encontramos no horário combinado, a preguiça, por meio de bocejos, estampava o rosto e corpo de P1. Perguntamos se ele tinha dormido tarde. Prontamente respondeu que deitou cedo, mas ficou tendo uns sonhos estranhos à noite, por isso não dormiu bem. Mas que daqui a pouco estaria legal. Ora, P1 é sempre o responsável por puxar a fila e dar voz de estímulos, como seria o dia se ele se mantivesse indisposto? Outras indagações nos rodeavam: será que o tempo estará bom? A temperatura será agradável?

Certamente tudo isso influenciará diretamente na atmosfera e na produtividade da nossa caminhada. Esses questionamentos, provavelmente, foram motivados pelo céu aberto, prometendo um dia ensolarado e quente.

O ritmo dentro da cidade, por incrível que pareça, estava mais lento naquele dia. Iniciamos o deslocamento pela estrada de chão e logo nos primeiros 100 metros, P1 aumentou o seu ritmo e enquanto dava seus passos observava uma pequena lavoura de feijão ao lado da estrada. Segundo ele, os pés estão bonitos e provavelmente vai produzir, mas ali na beira da estrada é prejuízo certo.

P2 avistou uns pés de banana numa baixada logo a frente. Parou, fascinado pelos inúmeros pés daquela fruta. Ele disse: *“rapaz, nossa região é muito abençoada né?! Tudo que planta dá. Olha só pra você ver, ninguém tá cuidando disso aí, mas olha a quantidade de pés de banana”*. De fato, a banana é uma fruta curiosa e fascinante, em nossa região, pois é encontrada facilmente em toda baixada que passamos. Talvez, devido ao clima propício. P2 se encantou até mesmo pelo seu aspecto. Ele tocava as folhas das bananeiras com cuidado e batia com orgulho no tronco. Comentou até o vermelho forte do “coração” do cacho. As passadas firmes de P2 proporcionaram ao grupo uma experiência muito singular. Como num passe de mágica, a exploração de P2 naquele espaço das bananeiras mergulhou o grupo numa ação de curiosidade. Os caminhantes esqueceram de suas passadas e foram tomados por total encantamento coletivo.

Quanto a P3, estava calado e aproveitando o sol, enquanto P2 se aproximava de um cacho de banana, aparentemente maduro. Foi realmente surpreendente! Enquanto ele se embrenhava mato a dentro sem hesitar, P3, com a mão no queixo, acompanhava seus movimentos com ar de curiosidade e sedução. Seu corpo denunciava uma vontade de fazer o mesmo. Mas seus medos não permitiram. P2 nos disse que tinha notícia boa e outra ruim: a primeira é que realmente havia bananas maduras. A segunda é que estavam, parcialmente comidas.

Aquela notícia provocou em P3 uma reação de alegria e decepção. P3 sugeriu comer o que dava para comer, mas P4 nos alertou que pode ter sido, além de pássaros, morcegos e ratos, os responsáveis pela degustação. Então, todos desistiram da empreitada. A visão do cacho de banana pendurado fora convidativa e reverberou em exclamações diversas: *“Olha só como os passarinhos aproveitaram!”*, disse P2; P3 acrescentou: *“Não deixaram quase nada pra nós!”* P1 ressaltou: *“Rapaz esses bichinhos não são fracos não!”*

P2 retornou ao grupo e, mesmo sem as bananas nas mãos, exalava um ar de doce mergulho na natureza. Aqueles minutos ali passaram lentamente, essa doce experiência foi temperada com muitas risadas. Saímos dali com a certeza de que o banquete dos pássaros está garantido por uns dias (Figura 35).

FIGURA 35 – CAMINHADA 25 FEVEREIRO 2023



Fonte: acervo do pesquisador

Essa pausa revigorante nos fez acelerar e seguimos, intensificando as passadas até embrenharmos na estrada de asfalto. Após 50 minutos em um frenético ritmo fizemos uma pausa para trazer até nós um de nossos fiéis companheiros: o café. Ele tem sido um grande aliado em nossa caminhada, proporcionando sempre um momento agradável com o grupo. Nos servimos continuamente durante longas conversas, sendo uma pausa revigorante para fotos e risadas. O hábito dos caminhantes tomarem um cafezinho mesmo em um dia quente se tornou parte do nosso cotidiano e, segundo P1, o cafezinho acompanhado de um bom papo, faz todo o trabalho e cansaço diário parecerem mais leves.

Ao irmos nos aproximando da despedida, P2 nos disse que o maior prazer de caminhar conosco em um dia de sol ou de chuva é que nos permite desfrutar da natureza e da companhia dos amigos. Para ele, conversar ao longo do caminho, tirar

fotos juntos e compartilhar histórias é o que torna essas ocasiões uma experiência única e memorável.

Finalizamos nossa caminhada com um sol escaldante, porém com a sensação de satisfação e de bem-estar.

37ª (ECO) NARRATIVA – 04/03/2023

O clima, naquela primeira madrugada de março, estava agradável. A promessa de uma caminhada carregada de belezas naturais captadas pela visão estava no ar, pois as roupas leves indicavam um dia de sol bem iluminado. As conversas no grupo de Whatsapp já prenunciavam as boas expectativas, os caminhantes estavam empolgados, inclusive, com a promessa de obterem mudas de plantas ornamentais. O nosso destino final, naquele sábado, foi o Santuário de Água Boa, no interior de Boa Esperança. Seguimos em dois veículos até a comunidade Sobradinho (distrito de Boa Esperança).

Depois de deixarmos os veículos na Praça Principal de Sobradinho e cruzarmos o povoado, seguimos pela estrada de chão. Ficou muito claro que a caminhada, além de proporcionar contato com a natureza e relaxamento, oportunizou conversas e interações interessantes. P4 contou para P3 que está colecionando suculentas e rosas do deserto. Segundo ela, isso faz bem. *“Parece que as plantas falam com a gente!”* (Disse P4).

A conexão do grupo com o ambiente ao nosso redor proporcionava uma incrível experiência sensorial para cada caminhante, em diferentes aspectos. A presença de árvores majestosas, como por exemplo a árvore barriguda, fez P2 buscar senti-la pelo tato. Andamos mais um pouco, e P1 conseguiu dar conta do cheiro da mata que envolve, como um cobertor, a Pedra do Dragão. Por sua vez, P3 sentia o cheiro de chão de terra molhada e P4 se conectava à própria essência da vida vegetal ao perceber o cheiro fresco das flores, sua visão sendo inundada pelos raios de sol filtrados pelas folhas que dançavam em sua frente, iluminando a jornada que ela tinha pela frente.

Continuamos a caminhar até chegarmos à capela do Santuário e algumas falas demonstraram certa decepção pela pouca dimensão do monumento erguido, visto que a igreja não possuía mais que sete metros de largura por vinte metros de comprimento. Mas ao entrarmos, logo o encantamento se tornou inevitável, afinal

ficamos diante de uma obra da arquitetura barroca. Depois de olhar, com atenção, os detalhes internos, P3 se agachou frente ao altar e fez o sinal do Pai Nosso. A devoção expressa pelo agachamento e silêncio para se conectar com Deus apontam para uma experiência que proporciona um contraste surpreendente entre o isolamento do vilarejo e a riqueza cultural que ele abriga. Quando P3 se levantou, sua face revelava a sensação de ser privilegiado por ter acesso a essa joia “escondida” e aproveitar cada momento para absorver a beleza e a tranquilidade que o lugar oferece (Figura 36).

FIGURA 36 – CAPELA BARROCA NO DISTRITO DE BOA ESPERANÇA



Fonte: acervo do pesquisador

O grupo continuou a explorar por alguns momentos. P3 se mostrava impressionado com a preservação da história e da tradição, e comentou: “*Não dá nem pra acreditar que foi feito por mãos humanas!*”, e P4 acrescentou: “*Lindo demais!*”. Os detalhes da arquitetura comoviam pela grandiosidade, e P3 não resistiu, tocou na parede e chão. Ele não parava de olhar o teto. Subiu as escadas e, do alto, contemplou o entorno. Parece-nos que há uma leveza respeitosa em suas passadas dentro da igreja, transmitindo paz e serenidade. O grupo se envolveu naquele lugar. Nossa atenção foi cativada pela luz filtrada pelas janelas coloridas, criando um hipnotizante jogo de sombras e reflexos. A euforia que marcou o início da caminhada foi substituída pela calma. Aqueles momentos de contemplação silenciosa, parece-nos, elevaram P3 a uma conexão espiritual, permitindo que sua alma se renovasse e se nutrisse de paz

O momento de contemplação e oração durou cerca de 15 minutos. O zelador e alguns moradores nos convidaram para visitarmos uma propriedade botânica, cuja

especialidade é a produção de gérberas. O céu estava muito limpo e fazia muito calor, logo avistamos a Pedra do Dragão (Figura 37).

FIGURA 37 – VISTA DA PEDRA DO DRAGÃO



Fonte: acervo do pesquisador

P4 estava fascinada pela visão do viveiro, um oásis colorido em meio à serenidade da paisagem. Flores de todas as formas e cores se estendiam diante de seus olhos, como pinceladas vivas de um quadro imaginário. Um espetáculo de beleza que nos deixou maravilhados (Figura 38).

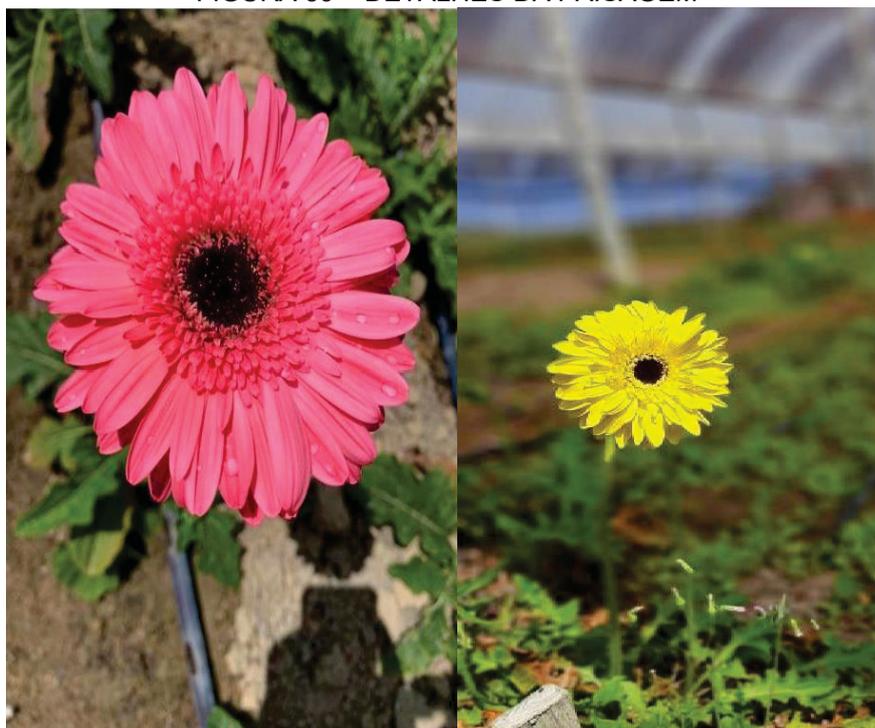
FIGURA 38 – VIVEIRO DE FLORES



Fonte: acervo do pesquisador

O ambiente desvelava numa paisagem tranquila e serena, matizada pelo colorido vibrante das flores. A natureza oferecia-nos um momento de paz e introspecção. Cada caminhante, desconectado do cotidiano, desfrutava da beleza e encanto do lugar. P1 ficou contemplativo, P3 reflexivo, P4 agradecida. A interação de cada caminhante com o ambiente se desdobrava numa sensação de tranquilidade, contemplação e conexão com a natureza (Figura 39).

FIGURA 39 – DETALHES DA PAISAGEM



Fonte: acervo do pesquisador

A manhã continuava ensolarada, o céu se estendia em um azul límpido, o grupo estava ansioso por novas descobertas, e encontrar esse viveiro repleto de belas flores e uma capela barroca encantadora foi um verdadeiro achado, proporcionando-nos satisfação e encantamento.

Em nosso regresso, caminhávamos, contávamos histórias e sonhos e os risos foram inevitáveis! Cada passo parecia fortalecer a alma, e a energia do grupo impulsionava a seguirmos em um ritmo forte, mas, ao mesmo tempo, sem exigir de nossos corpos. O ar puro e revigorante alimentava nossos pulmões, como se nos desse uma injeção de vida e inspiração. Sentíamos uma conexão profunda com a natureza ao nosso redor, reconhecendo a grandiosidade de um mundo muito maior do que nós mesmos.

Perdemos a noção do tempo, enquanto explorávamos o viveiro, tocando as

pétalas delicadas e inalando os aromas deliciosos que exalavam no ar. Cada flor parecia ter uma história própria, um segredo a revelar. A natureza, em sua diversidade, nos presenteava com uma lição de humildade e gratidão, mostrando-nos que a beleza é efêmera e precisa ser apreciada no momento presente.

Ao nos despedirmos do vilarejo, o grupo aparentava não querer ir e P4 disse: *“Vamos marcar outro dia para voltar?!”*. Retornamos a Pinheiros com a sensação de leveza e paz para enfrentarmos mais uma semana rotineira.

38ª (ECO) NARRATIVA – 18/03/2023

Naquele dezoito de março o céu estava limpo e marcava 18°C. A sensação térmica indicava um dia de temperatura amena. Depois de reunido o grupo, percebemos que não seria um dia de muitas risadas, mas sim reflexões. O grupo tentava mostrar otimismo frente à uma tragédia ocorrida com um dos nossos companheiros de caminhada, que foi fazer um serviço num telhado e caiu de altura de oito metros do solo. Como a caminhada já estava marcada e se sabia pouco, até aquele momento, de seu quadro de saúde, o grupo achou melhor manter o encontro.

Logo que iniciamos nosso deslocamento, P4 demonstrava tristeza. Ela está falando pouco e baixo. Enquanto atravessávamos a cidade pelas ruas pavimentadas, o grupo foi tomado, ainda mais, por um silêncio assustador. Mantinham-se cabisbaixos, encarando o chão. P4 apresentava muitos bocejos, e, numa tentativa de quebrar o gelo, perguntamos se estivera cuidando dos netos, no dia anterior. E ela, timidamente, respondeu: *“É Alberto, não dormi quase nada essa noite preocupada com o estado de nosso amigo. Ele foi pra UTI. Conversei com o filho dele ontem e ele me disse que o estado dele é bem delicado”*. Este pesquisador apenas colocou a mão sobre os ombros de P4, enquanto P1 disse: *“Tombo bobo, como pode?” Mas vai dar tudo certo. Logo, logo ele vai tá aqui com a gente. Não podemos ficar sem seu cafezinho”* (acelera os passos e dá risadas). Um otimismo penetrou os corpos.

Começamos a margear e atravessar uma matinha que pertence ao corredor ecológico “Córrego do Veado, até descermos uma ladeira bem inclinada. Assim que entramos naquele cenário, fomos tomados pela sensação de ter transposto um portal para outra dimensão. Ali, as vozes da natureza chegavam a cada um de nós. P2 respirava fundo e, fechando os olhos, emitiu um sonoro: *“Aaaaaah!”*. O sentimento do grupo pelo amigo hospitalizado, a esperança que ele se recupere em breve parecia

ganhar força naquele lugar. P1 solicitou a P4 uma oração para o companheiro hospitalizado. Fizemos um círculo e, com as mãos em frente ao corpo, ela rezou por ele. Ao terminamos, P2 isolou-se, caminhando de um lado para o outro, passando as mãos nos olhos e cabeça, enquanto os demais mantiveram-se em silêncio, olhando a água correr. P2 sentou-se e olhou um ponto onde a água estava parada, contemplando, com certa melancolia, um besouro sobre a água. Exatamente naquele ponto, a superfície calma permitiu que ele se aventurasse desde a margem, por pequenos impulsos, até cerca de uns dois metros onde a água estava mais agitada. Ele avançava na superfície lisa, seus movimentos produziam sulcos leves, desenhando uma nítida ruga limitada por duas linhas divergentes. Não havia disposição para conversas, os seus pensamentos fugiam para longe, parecia estar em outra dimensão.

Passou algum tempo, P1 nos convidou a continuar. Seguimos com poucas palavras até nos despedirmos sem muita animação.

39ª (ECO) NARRATIVA – 08/04/2023

O dia estava frio e com uma sensação de tristeza aparente, naquele oito de abril. Este seria o penúltimo encontro oficial de produção de dados para nossa pesquisa. Estávamos com um aperto no coração, pois havíamos perdido um companheiro de caminhada para uma daquelas fatalidades inexplicáveis da vida. Num sábado nosso colega estava conosco caminhando e, de repente, voltávamos a nos reunir sem sua presença. Nosso ponto de encontro foi o mesmo de sempre: a Praça Baiana. Os caminhantes chegaram com poucos minutos de diferença. Os cumprimentos foram tímidos, havia dois sábados que não caminhávamos por conta do falecimento de nosso companheiro. O estado emocional do grupo é compreensível e pareceu-nos que as condições climáticas também foram afetadas, o dia estava triste, nublado, o sol teimava em se esconder, o nosso humor denotava o desânimo e mal-estar. Todo o entorno contribuía para acentuar o sentimento de melancolia.

Este pesquisador, olhando para P3, compreendeu a existência de dias normais, em que nos sentimos mais cansados, emocionalmente abatidos ou tristes. Porém, aquele momento revelava a tristeza coletiva através de distintas emoções humanas. O desânimo do grupo tornou o trajeto cansativo, embora a distância percorrida até ali fosse pequena. Uma ladeira a frente parecia estar maior do que

outras vezes e, após vencê-la, nos atentamos para um cenário até então não percebido: uma paisagem extensa que termina nas grandes pedras do estado de Minas Gerais. Aquela chapada extensa, que nossa visão não podia ver com nitidez, fez P1 empacar. Ele colocou a mão na cintura e fixou seu olhar em admiração no horizonte. Em seguida solicitou um momento de oração. Ele disse: “*Você faz P4? A última vez eu gostei muito. Nosso amigo (...) merece*”. P3 sentou-se, olhos cheios de lágrimas. P2 disse: “*A vida é muito curta, precisamos aproveitar e valorizar as pequenas coisas da vida!*”. P4 concordou, inspirou fundo e disse: “*É verdade!*” Em meio ao silêncio, nossos corpos se mantiveram numa postura de recolhimento, enquanto P4 rezava em voz alta. Terminamos aquele momento e retomamos nossa caminhada, silenciosamente. Todo o restante da caminhada foi tomado por clima de melancolia, tristeza e nostalgia. Dali para frente, o retorno se tornou rápido. O relógio marcava 8h23min e a temperatura era de 19°C, quando nos despedimos timidamente. Aquele dia, de certa forma, terminou com várias reflexões sobre o sentido da vida.

40ª (ECO) NARRATIVA – 15/04/2023

No dia quinze de abril de dois mil e vinte três, iniciamos, exatamente às 05h02 minutos, nosso último deslocamento com vistas a produzir os dados para a tese. Não destacamos para os participantes que se tratava de um dia especial, por medo deles se sentirem, de certa forma, pressionados ou desconfortáveis, optamos por deixar o grupo, como sempre, à vontade. Era uma madrugada relativamente escura e, infelizmente, não conseguimos precisar o quanto caminhamos naquele dia, pois o aplicativo Strava não funcionou.

Logo que o P3 nos informou que o Strava tinha nos deixado na mão, mais uma vez, fez com que ficássemos curiosos em saber a exatidão do percurso. Já havíamos percorrido todo o trecho pavimentado e estávamos ansiosos pelos encontros que aquele trajeto poderia nos oferecer. Afinal, margear áreas de preservação permanente, ricas em água, pode possibilitar encontros memoráveis com a vida selvagem.

Quando estávamos nos aproximando de um ponto onde demos de frente com o sol e começamos a andar lado a lado com ele, as reações do grupo tornaram-se previsíveis. Quando, enfim, alcançamos esse local de esplendor do sol, seus raios colocaram em evidência a alvorecente natureza. Os olhares de P3 mostravam o

reconhecimento de que ali vivem todas as criaturas das histórias contadas por seu pai. Seu semblante era tranquilo e exprimia satisfação. O sereno denso estava a ser cortado pela força do sol e se estendia por toda a baixada à nossa frente, pedindo uma pausa. Todos reduziram bruscamente o ritmo e respiraram fundo. Estávamos a recarregar as baterias. P1 disse, em tom imperativo: *“Meu Deus, olha só isso. É muito bonito. Tire uma foto P3”*.

Mais à frente estava P4 com uma das mãos na cintura e a outra sobre as sobranceiras, contemplando, calmamente, o imponente sol subjugar toda a matéria que seus olhos alcançavam. Depois de alguns segundos, ela falou: *“se passássemos aqui durante a noite, certamente não veríamos tamanha beleza. Mas mesmo assim estaria aqui. Sendo velada pela escuridão. Ainda bem que existe o sol pra revelar essa gloriosa criação divina”*. Olho para P4 e recordo que ali está uma devota de Cristo, afinal, ela sempre se orgulha em dizer que desde que se entende por gente, foi dentro da igreja evangélica.

Seguimos em marcha, e avistamos uma plantação de seringueira com pouquíssimas folhas, mas antes de chegarmos, passamos por uma pequena barragem onde escorre uma tímida corredeira de água. De repente, todos ouvíamos seu som atravessando por baixo de nossos pés. P3 brincou e sugeriu que, pelo horário, ela deveria estar muito gelada. P2, então, disse que descobriria, nesse mesmo instante. Ele se aproximou com todo o cuidado do mundo, ajoelhou-se e, olhando para o movimento da água, manteve-se imóvel, acalentado pela perene serenidade do som produzido pela corrente. Ele disse: *“Olha só que barulhinho gostoso”*. Por fim, se agachou ainda mais e bebeu a água sem usar as mãos. Vimos seus lábios adentrando o fio d’água da superfície daquela corredeira. Não é possível ver seu rosto, mas a impressão que se tem é de que seus olhos estão fechados e sua mente voltada a registrar o sabor daquele líquido caracterizado como insípido. O olhar de P3 é de deslumbramento sobre ação de P2.

Retomamos o nosso deslocamento e passamos por várias monoculturas até chegarmos ao trecho pavimentado. Dalí em diante, as passadas finais de P4, assim como as dos demais, ficaram mais graciosas e os rostos mais suaves.

APÊNDICE 2 – DAS UNIDADES DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS E DOS ASPECTOS EMERGENTES

PARTICIPANTE 1 (P1)

| Unidade de sentido | Código das Unidades de Sentido | Unidade de significado | Aspectos emergentes |
|--|--------------------------------|--------------------------|---|
| P1: Talvez por conta da sensação gostosa proporcionada pelos encontros, quando acessamos o alto do morro e por ali demoramos na contemplação e conversas, P1 sugeriu pegarmos uma rota alternativa para estender um pouco mais a caminhada. (1ª Econarrativa – 16-04-2022). | U1P1 | Protagonismo da natureza | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P1: A existência de componentes como água corrente e árvores cipós que invadem a estrada, nos obrigou, não só a parar, mas, também a tirar fotos. A feição de P1 mostra um homem alegre, apreciando o entorno. (1ª Econarrativa – 16/04/2022) | U2 P1 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Durante os trinta dias de férias, caminhou vendo o mar, numa visita à casa de sua irmã. - Quando eu me aposentar, vou morar na beira da praia (1ª Econarrativa – 16/04/2022). | U3 P1 | Protagonismo da natureza | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P1: Insistiu em juntar as mãos em frente à boca e assoprar. Era possível sentir o frio da madrugada sussurrando nos capilares dos caminhantes e, imaginar os poros se fechando (5ªEconarrativa – 14/05/2022). | U4 P1 | Fluxos | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |

| | | | |
|---|--------|------------------|---|
| P1: Os feixes de raios solares que atravessavam a penumbra, fabricaram um tubo concentrado que vem do céu abrindo espaço entre as árvores ... a força de afetamento visceral desses “pequenos, tímidos e majestosos” componentes do meio abiótico sobre os corpos de P1, fazendo-o parar ali e nos esperar como se estivesse dentro de uma banheira de água morna. | U5 P1 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: P1 se infiltrando entre as paisagens para se deleitar delas como se o envolvessem como um cobertor e um bom chá em dias frios. | U6 P1 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Um mergulho na neblina forte, uma exposição da face à brisa e à chuva ou, então, uma tentativa de abraçar a paisagem que se abria a sua frente, são algumas das tentativas de P1 em saborear os componentes abióticos da natureza. | U7 P1 | Bem-viver | Correspondência entre corpos |
| P1: Agora eu estou beleza para enfrentar o dia!! | U8 P1 | Interdependência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: As pernas exaustas foram um preço justo a se pagar para ter a alma leve como uma pluma(1ªEconarrativa–16/04/2022). | U9 P1 | Entrelaçamento | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: Descarregamos uma semana de acúmulos de cargas que prostraram nossos corpos. Agora, os corpos estão retos e leves. (1ªEconarrativa - 16/04/2022). | U10 P1 | Terapia | Correspondência entre corpos |
| P1: Achei galera! Vem pra cá, vem pra cá todo mundo. Só não podem desmaiar quando virem a beleza desse lugar. (2ªEconarrativa – 23/04/2022). | U11 P1 | Contemplação | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P1: Abrir dos braços e olhar para o céu. (2ªEconarrativa – 23/04/2022). | U12 P1 | Divino | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |

| | | | |
|--|--------|-----------------|---|
| <p>P1: Lembrei-me da época em que, mesmo no meio de espinhos, eu subia num trem desses e arrancava aquelas que eu queria. Hoje em dia é “mal, mal” com vara de bambu. Naquela época, nem faça usávamos pra descascar a laranja. Tempo bom que não volta mais!! (3ªEconarrativa – 30/04/2022).</p> | U13 P1 | Entrelaçamento | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P1: Tomado por um momento de meditação. Parou ao lado de uma árvore, retirou o boné, abaixou a cabeça e silenciou-se. (3ªEconarrativa – 30/04/2022).</p> | U14 P1 | Sagrado | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P1: Insistiu em juntar as mãos em frente à boca e assoprar. Era possível sentir o frio da madrugada sussurrando nos capilares dos caminhantes e, imaginar os poros se fechando (5ªEconarrativa - 14/05/2022).</p> | U15 P1 | Fluxos | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P1: Rapaz, o que custa esperar o dia do caminhão passar. Olha só galera, eu fico com lixo dentro de casa, mas só levo para fora na quarta-feira, que é o dia do caminhão passar recolhendo. Sacanagem moço, aí fica os urubus rasgando as sacolas e enfeitando a rua. (6ªEconarrativa – 21/05/2022).</p> | U16 P1 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| <p>P1: Ele se recolheu e colocou músicas românticas dos anos 1980. Manteve a cabeça baixa na maior parte do tempo. (7ªEconarrativa – 28/05/2022).</p> | U17 P1 | Afetamentos | Correspondência entre corpos |
| <p>P1: Percebe-se mudança de sua postura corporal quando algo do percurso chama sua atenção, geralmente o balançar de galhos das árvores que encontramos ao longo do trajeto. (7ªEconarrativa – 28/05/2022).</p> | U18 P1 | Afetividades | Correspondência entre corpos |
| <p>P1: Oh cheiro bom!! (7ªEconarrativa – 28/05/2022).</p> | U19 P1 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|---|
| <p>P1: levantou o rosto para céu e disse: — ... e o gosto também. Lembrei-me de quando eu era criança e a gente encontrava um pé desses, aff! Faltava levar o pé para casa (risos). (7ªEconarrativa – 28/05/2022).</p> | U20 P1 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P1: Naquele instante, é apenas ele e o sabor ácido adocicado sentido por suas papilas gustativas. (7ªEconarrativa – 28/05/2022).</p> | U21 P1 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P1: E lá está ele, sempre a perceber e contemplar paisagens imponentes. (8ªEconarrativa – 04/06/2022).</p> | U22 P1 | Contemplação | Correspondência entre corpos |
| <p>P1: Pede para fazer os registros das fotos que serão postadas no grupo de WhatsApp. Ele é amante da beleza da natureza ... de maneira imperativa, se posicionou defronte ao horizonte. Seu andar centrado e investigativo, em busca de uma paisagem esplendorosa, enfim é saciado quando, se defronta com seu objetivo. A velocidade caiu, os braços se abriam, e a contemplação se seguiu e a ordem foi dada para o registro da foto. (8ªEconarrativa – 04/06/2022).</p> | U23 P1 | Protagonismo da natureza | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| <p>P1: Ele estava com as mãos entrelaçadas pelos dedos e assentadas sobre o peito. Sua testa estava franzida e pouco falante. (9ªEconarrativa – 11/06/2022).</p> | U24 P1 | Fluxos | Correspondência entre corpos |
| <p>P1: Sua reação instantânea foi abrir os braços para aumentar a área de contato do ar tocando seu corpo, e isso nos estimulou a também permitir que nossos corpos desfrutassem a mesma sensação (12ªEconarrativa–02/07/2022).</p> | U25 P1 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P1: chamou a atenção dos caminhantes para a força da escuridão. Por mais que cada um tenha vivenciado a</p> | | | |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|-----------------------------------|
| mesma sensação, a sua fala nos situou em nossa vulnerabilidade e abertura aos afetamentos. (12ªEconarrativa – 12/07/2022). | U26 P1 | Místico | Correspondência entre corpos |
| P1: Ele interrompeu seu deslocamento para ouvir e nos fazer ouvir o silêncio da pequena mata que recarregava suas baterias. (13ªEconarrativa – 09/07/2022). | U27 P1 | Protagonismo da natureza | Correspondência entre corpos |
| P1: Agora também respira fundo. Ouço ele dizer: olha que silêncio gostoso!! ... talvez seja possível ouvir o zumbido dos insetos. (13ªEconarrativa – 09/07/2022). | U28 P1 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Apontou-nos uma casa abandonada, toda emaranhada de vegetação, e relatou que ele e os amigos, certo dia, pediram água para beber a uma senhora que varria o quintal. P1 é pura contemplação do meio. (13ªEconarrativa – 09/07/2022). | U29 P1 | Afetividades | Correspondência entre corpos |
| P1: A inércia de movimentos insensíveis foi quebrada quando a chuva fina trouxe consigo a umidade e a força de seu impacto à pele de P1. Ele diminuiu sua velocidade, correu as mãos sobre os braços e apresentou sua face às gotas que caíam do céu, prestando atenção ao ar saindo de seus pulmões. Tanto que, mesmo com os lábios fechados, foi possível vislumbrarmos, como em câmera lenta, o movimento da boca e das sobrancelhas desenhando um rosto feliz. (14ªEconarrativa – 16-07-2022). | U30 P1 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| P1: Não só percebe a beleza, mas também, nos faz compartilhar da mesma sensação e eterniza o momento pelo registro fotográfico. (15ªEconarrativa – 23/07/2022). | U31 P1 | Contemplação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: P1 parecia estar em um casulo: com os braços cruzados e desatento ao entorno. No entanto, atento | U32 P1 | Sagrado | Correspondência entre corpos |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|---|
| às palavras proferidas pelo orador. (16ªEconarrativa – 06/08/2022). | | | |
| P1: Falou, categoricamente, que tanto a prefeitura, quanto a população tinham que cuidar do ambiente. (17ªEconarrativa – 13/08/2022). | U33 P1 | Fluxos | Correspondência entre corpos |
| P1: Não se contentou em apenas ver. Se deslocou e adentrou o feixe esperando ser abduzido. (17ªEconarrativa – 13/08/2022). | U34 P1 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| P1: A chavinha tá fina! Dá pra ir! (19ªEconarrativa – 27/08/2022). | U35 P1 | Afetividades | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: Diz que está sem palavras para descrever a pequenez da área ocupada por sua cidade dentro da vastidão à sua frente. (20ªEconarrativa – 03/09/2022). | U36 P1 | Protagonismo da natureza | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P1: Realmente, aqui é top. Valeu a pena. (20ªEconarrativa – 03/09/2022). | U37 P1 | Contemplação | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P1: Ficou meio frustrado por não conseguir ver uma ave que cantava no alto de um pé de eucalipto. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U38 P1 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Compartilhou conosco a certeza de que nossas horas são horas que pertencem a atividades determinadas por forças desconhecidas, que as fragmentam em inúmeras obrigações e compromissos regidos pelo tiquetaquear dos relógios. (27ªEconarrativa – 22/10/2022). | U39 P1 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: A chuva lavou o mundo e deixou tudo resplandecente e em seu devido lugar. A tal da chuva é uma benção de Deus né!!?(29ªEconarrativa – 12/11/2022). | U40 P1 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Ouve P3 enquanto seus olhos se deleitam na exuberância estética do lugar. (30ªEconarrativa – 19/11/2022). | U41 P1 | Contemplação | Correspondência entre corpos |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|---|
| P1: Ele está inspirando e expirando com uma cautela não costumeira. (30ªEconarrativa – 19/11/2022). | U42 P1 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Dedicou um tempo a observar, com admiração, o liso do espelho d'água. Com a mão no queixo, concentrou-se em olhar a sombra dos morros ao redor. Mantinha-se imóvel, contemplando a quietude da água. (30ªEconarrativa – 19/11/2022). | U43 P1 | Contemplação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: se virou com as mãos na cabeça e olhar de difícil definição: talvez, espanto; talvez, encanto com as ondulações causadas pelas perturbações das patas do pássaro naquela superfície brilhante. (30ªEconarrativa–19/11/2022). | U44 P1 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Friccionou as mãos, aqueceu- as pelo ar quente soprado dos pulmões. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U45 P1 | Fluxos | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: Parecia uma criança em parque de diversões, prestes a ir num brinquedo perigoso. Seus olhos estavam estalados e seus lábios ficaram pálidos. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U46 P1 | Bem-viver | Correspondência entre corpos |
| P1: A descida íngreme e perigosa devido aos cascalhos, a chuva e o odor de fezes dos bovinos até o curral, produziu corpos resilientes com vestimentas encharcadas. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U47 P1 | Entrelaçamentos | Correspondência entre corpos |
| P1: Ele está noutra dimensão. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U48 P1 | Comunicação da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Distante em pensamentos. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U49 P1 | Comunicação da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: o movimento do copo de extrato de tomate com café indo até a boca, feito de forma automática, mostrava seu distanciamento. (32ªEconarrativa – | U50 P1 | Interdependência | Correspondência entre corpos |

| | | | |
|--|--------|--------------------------|---|
| 14/12/2022). | | | |
| P1: Suas vistas se perderam naquela paisagem à frente. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U51 P1 | Contemplação | Correspondência entre corpos |
| P1: Ele está reconhecendo que a chuva, por mais que tenha molhado seu corpo e exigido dele um café quente, por outro lado também traz para a terra coisas do ar que são responsáveis pela beleza estonteante daquele lugar. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U52 P1 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Sua postura indicava respeito àquela chuva que teimava em nos fazer voltar. (32ªEconarrativa – 14/12/2022). | U53 P1 | Protagonismo da natureza | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: Sugeriu uma pausa para o café (33ªEconarrativa – 04/02/2023). | U54 P1 | Apreciação | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: retardando suas passadas, acabou parando por completo e, voltando-se para o grupo, respirou fundo e exclamou: <i>“Esse tempo é engraçado, depois de tanta chuva um dia de sol bonito assim! É...essas coisas da natureza não têm explicação!”</i> (34ªEconarrativa – 11/02/2023). | U55 P1 | Fluxos | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: Olha as cores, tudo muito bonito! Lindo de se ver! (34ªEconarrativa – 11/02/2023). | U56 P1 | Apreciação | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: A impressão que sinto daquele momento é de que o sol também é símbolo de energia e de beleza. (34ªEconarrativa – 11/02/2023). | U57 P1 | Místico | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: O encantamento por essa estrela, revelava a paixão de P1 por um dia de sol (34ªEconarrativa - 11/02/2023). | U58 P1 | Apreciação | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P1: Respirar mais devagar e se conectar com a natureza. (35ªEconarrativa – 18/02/2023). | U59 P1 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|--------------|---|
| P1: Estabelecendo uma nova conexão com o entorno.(35ªEconarrativa - 18/02/2023). | U60 P1 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: ...Deitou cedo, mas ficou tendo uns sonhos estranhos à noite, por isso não dormiu bem. Mas que daqui a pouco estaria legal. (36ªEconarrativa - 25/02/2023). | U61 P1 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: O cafezinho acompanhado de um bom papo, fez todo o trabalho e cansaço diário parecerem mais leves. (36ªEconarrativa - 25/02/2023). | U62 P1 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Acrescenta: "Lindo demais!". (37ªEconarrativa - 04/03/2023). | U63 P1 | Contemplação | Correspondência entre corpos |
| P1: Tombo bobo, como pode?. Mas vai dar tudo certo. Logo, logo ele vai tá aqui com a gente. Não podemos ficar sem seu cafezinho (acelerou os passos, dando risadas). (38ªEconarrativa - 18/03/2023). | U64 P1 | Místico | Correspondência entre corpos |
| P1: Aquela chapada extensa que nossa visão não podia ver com nitidez fez P1 empacar. Ele colocou a mão na cintura e fixou seu olhar em admiração ao horizonte. Em seguida, solicitou um momento de oração. Ele disse: Você faz P4? A última vez eu gostei muito. Nosso amigo (...) merece. (39ªEconarrativa - 08/04/2023). | U65 P1 | Místico | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P1: Diz em tom imperativo: Meu Deus, olha só isso. É muito bonito. Tire uma foto P3. (40ªEconarrativa - 15/04/2023). | U66 P1 | Contemplação | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |

PARTICIPANTE 2 (P2)

| Unidades de Sentido | Códigos das Unidades de Sentido | Unidades de Significado | Aspectos emergentes |
|---|--|--------------------------------|-----------------------------------|
| P2: Refletir sobre como somos escravos do relógio. | U1 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|--|-------|--------------|---|
| <p>P2: Compartilhou conosco a certeza de que nossas horas são horas que pertencem a atividades determinadas por forças desconhecidas, que as fragmentam em inúmeras obrigações e compromissos regidos pelo tiquetaquear dos relógios.</p> | U2 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Ele bateu num tronco grosso de alta árvore e falou: acho que quando eu nasci ele estava aqui e, provavelmente, estará quando eu morrer.</p> | U3 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Porque se não fosse a mão humana para dar fim à sua vida, ela não correria o risco de ser assassinada.</p> | U4 P2 | Afetividades | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: foi surpreendido acarinhando uma árvore, em silêncio, temos a impressão que ele está, ao mesmo tempo, pedindo desculpas pelo mal que um dia causou a outros vegetais, ademais está conhecendo outra maneira de interação para além da morte (P2-33^a (Eco)narrativa – 04/02/2023).</p> | U5 P2 | Afetividades | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: Ele se relaciona desde a infância com as árvores. Podemos vê-lo alisando uma árvore em silêncio. Ele disse: Porque se não fosse a mão humana para dar fim à sua vida, ela não correria o risco de ser assassinada (35^aEconarrativa– (18/02/2023)</p> | U6 P2 | Afetividades | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: Se eu tivesse dinheiro, eu não ia querer mais nada nesse mundo, só comprar essa área bem aqui e construir uma casa pra poder acordar com essa paisagem. Não tem dinheiro que pague uma coisa dessa (1^a Econarrativa – 16/04/2022).</p> | U7 P2 | Bem-viver | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|-----------------------------------|
| <p>P2: Sentado no chão com olhar distante [...] ele disse: acho que aqui é o mais próximo que a gente consegue chegar de Deus. Posso afirmar que hoje tive um encontro abençoado com o Senhor!! (2ªEconarrativa – 23/04/2022).</p> | U8 P2 | Místico | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Ave Maria, professor!!! Uns trem desse aqui sem agrotóxico é bom demais. (5ª Econarrativa – 14/05/2022).</p> | U9 P2 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Acelerou sua velocidade quando em contato com o lixo, assim como tentou inibir os sentidos aos afetamentos desconfortáveis (virou o rosto, tampou o nariz, cuspiu), ao passo que debaixo da aroeira, poucos minutos atrás, diminuiu sua velocidade e demonstrou graciosidade diante da formosura da aroeira. (6ªEconarrativa – 21/05/2022).</p> | U10 P2 | Protagonismo da natureza | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: Ave Maria, professor!!! Uns trem desse aqui sem agrotóxico é bom demais. (5ª Econarrativa).</p> | U11 P2 | Protagonismo da natureza | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: Não pode caminhar conosco naquele dia por conta de uma dor nas articulações. Segundo, ele, por meio do grupo de WhatsApp, ela se acentua em dia com baixa temperatura. (7ªEconarrativa – 28/05/2022).</p> | U12 P2 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Quando enfim saímos do asfalto e atravessamos duas represas por meio de uma barragem, a testa franzida de P2 já deu lugar a um semblante mais aberto. (9ªEconarrativa – 11/06/2022).</p> | U13 P2 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|--|--------|-------------------------|---|
| <p>P2: Seu ritmo caiu bruscamente, com os braços curvados formando um L, e os dedos apontando para o alto, direcionou nosso olfato para a umidade e o cheiro característico daquele trecho. (9ªEconarrativa – 11/06/2022).</p> | U14 P2 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P2: Seu corpo denotava satisfação pessoal ao ter estimulados os sentidos: olfato, tato, paladar e visão. Quando iniciamos a saída do trecho de matinha, uma claridade e o barulho de folhas se roçando se tornaram observáveis quando ele apontou na direção do nada, inclinou um dos ouvidos em direção ao topo das árvores e falou: - olha que barulho lindo cara!! É isso que faz valer a pena acordar cedo. Muito legal, muito legal. (9ªEconarrativa – 11/06/2022).</p> | U15 P2 | Comunicação da natureza | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P2: E lá estava ele, sentindo por meio do tato as folhas e troncos acessíveis à suas mãos. [...] Seu semblante manifestava uma satisfação ímpar em estar ali. Me aproximei um pouco mais dele e vi na expressão facial, contentamento em cada passar de mão nos troncos das árvores. Às vezes freava para alisar as folhas verdes. (11ªEconarrativa – 25/06/2022).</p> | U16 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Nos convocou, com alegria no olhar, a nos deleitarmos sobre a espessura do caule de uma árvore que estava a uns dois metros da trilha. (11ªEconarrativa – 25/06/2022).</p> | U17 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Adotou feições alegres – ele entrou em êxtase. (13ªEconarrativa – 09/07/2022).</p> | U18 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|--|--------|---|---|
| <p>P2: [...] ele pareceu encarar aquele encontro como algo espiritual. Olhava os pontos luminosos em seu corpo, exprimindo contentamento, como se acabasse de ter uma injeção de coquetel de hormônios da alegria e satisfação. (15ªEconarrativa – 09/07/2022).</p> | U19 P2 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Ficou apenas arrancando e cheirando folhas. (18ªEconarrativa).</p> | U20 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Um homem adulto com respiração leve e semblante feliz. (18ªEconarrativa – 21/08/2022).</p> | U21 P2 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Eu sabia que aqui era lindo. Não falei? (20ªEconarrativa – 03/09/2022).</p> | U22 P2 | Contemplação | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| <p>P2: Assim como aqui, tem cutias circulando, afinal elas comem as sementes de boleira, lá atrás pode muito bem circular gato-do-mato a procura de coelho ou preá. (21ªEconarrativa – 10/09/2022).</p> | U23 P2 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Rapaz!! Aqueles meninos da escola (estudantes) tinham que vir ter aula aqui. Para ver a coisa como ela é!! Ao invés de ficar jogando videogame. Concorda Alberto?</p> | U24 P2 | Protagonismo da natureza | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P2: Olha só Alberto, eu acho que é fim dos tempos mesmo! Um dia, um calor infernal, no outro, um frio de lascar, no próximo uma ventania terrível e hoje? Olha hoje!”. Estamos em setembro. Não é normal um clima desse. Ele</p> | U25 P2 | Impacto do antropocentrismo no clima tropical | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|-----------------------------------|
| acrescentou: “O homem colhendo o que plantou. (22ªEconarrativa – 17/09/2022). | | | |
| P2: [...] época em que ele circulava dentro de vastas matas virgens e que as estações do ano eram tão consolidadas que permitiam a ele, seus irmãos e pais fazerem lavoura confiando apenas nos períodos cíclicos. (22ªEconarrativa – 17/09/2022). | U26 P2 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Um sujeito que tem sua vida fincada na natureza mais do que certos estudos naturalistas. (22ªEconarrativa – 17/09/2022). | U27 P2 | Entrelaçamentos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Ele sentou-se sobre as folhas secas que formavam um tapete espesso, como se estivesse no sofá de sua casa. (22ªEconarrativa – 17/09/2022). | U28 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: É lindo ver a natureza se consumando nele. (22ªEconarrativa – 17/09/2022). | U29 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Agora sua conexão, assim como a nossa, era com a fragilidade e força das flores alvas, com som das asas das abelhas e com o cheiro do pólen. (23ªEconarrativa – 24/09/2022). | U30 P2 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Nos inserimos naquela dança rítmica da natureza e saímos dali admirados com tamanha beleza e perfeição. (23ªEconarrativa – 24/09/2022). | U31 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: O arrebatamento foi tão poderoso quanto o canto de uma sereia. (23ªEconarrativa-24/09/2022). | U31 P2 | Místico | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Nossa visão audição, tato e olfato teimavam em se apropriar da cor, do cheiro e da textura intensa das flores que nos rodeavam. (23ªEconarrativa – | U32 P2 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|-----------------------------------|
| 24/09/2022). | | | |
| P2: Aquele tronco áspero e seus galhos cheios de nós transportaram P2 para a infância feliz. Ele disse: já me diverti muito sonhando sobre elas. (24ªEconarrativa – 01/10/2022). | U33 P2 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: O rosto de P2 transparecia felicidade, sugerindo que ele purificava seus pensamentos, eliminando lembranças atuais que sobrecarregam sua rotina. (24ªEconarrativa – 01/10/2022). | U34 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: É visível o olhar de saudosismo em P2. (24ªEconarrativa – 01/10/2022). | U35 P2 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Encontrou um fruto desconhecido pelo grupo, ficamos curiosos pela compreensão daquilo. P2 cheirou, girou o fruto, abriu-o ainda mais e só depois se desfez dele. (25ªEconarrativa - 08/10/2022). | U36 P2 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Rapaz, as aves não têm relógio mesmo né!! (27ªEconarrativa - 22/10/2022). | U37 P2 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Se essa hora que tá marcando agora, fosse em outro dia, os bem-te-vis não estariam cantando, estariam dormindo. (27ªEconarrativa – 22/10/2022). | U38 P2 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P2: Parecia ansioso, caminhava de um lado para o outro. (33ªEconarrativa – 04/02/2023). | U39 P2 | Fluxos | Correspondência entre corpos |
| P2: Ele está imerso nessa atmosfera natural, regida por essa sinfonia peculiar. (33ªEconarrativa – 04/02/2023). | U40 P2 | Entrelaçamento | Correspondência entre corpos |

| | | | |
|---|--------|-----------------|-----------------------------------|
| <p>P2: Ele está a contemplar a represa, desce uma pequenina trilha e fica observando o entorno da represa, atento a tudo. Sua mão está dentro dos bolsos e sua cabeça se move em diferentes direções buscando ver o máximo que aquele lugar oferece. (33ªEconarrativa – 04/02/2023).</p> | U41 P2 | Meditação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Caminhar é bom porque a gente vai conversando... Isso te desliga do trabalho, das contas, dos problemas, etc. (33ªEconarrativa – 04/02/2023).</p> | U42 P2 | Terapia | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: Seu corpo está desacelerado e feliz. (33ªEconarrativa – 04/02/2023).</p> | U43 P2 | Terapia | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: Inspira e expira lentamente sem hesitar em dizer: “a gente tinha que tirar um tempinho, nem que fosse só uns minutinhos por dia para tomar sol com calma. Essa luz dá uma sensação de liberdade e boas energias!” (34ªEconarrativa – 11/02/2023).</p> | U44 P2 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| <p>P2: E lá está ele descrevendo suas memórias afetivas de infância com um doce saudosismo: “Aquilo é que era vida meus primos e eu pássamos o dia em cima de uma mangueira chupando manga. (34ªEconarrativa – 11/02/2023).</p> | U45 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Se livrando de toda a carga pesada que a pressão da vida cotidiana traz. Ele se entrega a uma possível paz e calma que aquele ambiente traria nos próximos minutos (35ªEconarrativa -18/02/2023).</p> | U46 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Passando as mãos sobre as folhas de pequenos coqueiros (35ªEconarrativa – 18/02/2023).</p> | U47 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|------------------|-----------------------------------|
| <p>P2: Rapaz, nossa região é muito abençoada né?! Tudo que planta dá. Olha só pra você ver, ninguém tá cuidando disso aí, mas olha a quantidade de pés de banana. (36ªEconarrativa – 25/02/2023).</p> | U48 P2 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Se encanta até mesmo pelo seu aspecto. Ela tocava as folhas das bananeiras com cuidado e batia com orgulho no tronco. Comentou até do vermelho forte do “coração” do cacho. (36ªEconarrativa – 25/02/2023).</p> | U49 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Olha só como os passarinhos aproveitaram!! (36ªEconarrativa – 25/02/2023).</p> | U50 P2 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Retornou ao grupo e, mesmo sem as bananas nas mãos, exalava um ar de doce mergulho na natureza. (36ªEconarrativa – 25/02/2023).</p> | U51 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Nos diz que o maior prazer de caminhar conosco em um dia de sol ou de chuva é que nos permite desfrutar da natureza e da companhia dos amigos. . Para ele, conversar ao longo do caminho, tirar fotos juntos e compartilhar histórias é o que torna essas ocasiões uma experiência única e memorável. (36ªEconarrativa - 25/02/2023).</p> | U52 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: A árvore barriguda, fez com que P2 buscasse senti-la pelo tato. (37ªEconarrativa – 04/03/2023).</p> | U53 P2 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Não dá nem pra acreditar que foi feito por mãos humanas! (37ªEconarrativa – 04/03/2023).</p> | U54 P2 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|-----------------------------------|
| <p>P2: Sensação de que atravessamos um portal para outra dimensão. Ali, as vozes da natureza chegaram em cada um de nós. P2 respirou fundo, fechou os olhos e emitiu um sonoro: “Aaaaaah!”. (38ªEconarrativa – 18/03/2023).</p> | U55 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: sentou-se e olhou um ponto onde a água estava parada, contemplando, com certa melancolia, um besouro sobre a água. Exatamente naquele ponto, a superfície calma permitiu que ele se aventurasse desde a margem, por pequenos impulsos, até cerca de uns dois metros onde a água estava mais agitada. Ele avançava na superfície lisa, seus movimentos produziam sulcos leves, desenhando uma nítida ruga limitada por duas linhas divergentes. Não havia disposição para conversas, os seus pensamentos fugiam para longe, parecia estar em outra dimensão. (38ªEconarrativa – 18/03/2023).</p> | U56 P2 | Meditação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: A vida é muito curta, precisamos aproveitar e valorizar as pequenas coisas da vida!. (39ªEconarrativa – 08/04/2023).</p> | U57 P2 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Ele se aproximou com todo o cuidado do mundo, ajoelhou-se e, olhando para o movimento da água, manteve-se imóvel, acalentado pela perene serenidade do som produzido pela corrente. Ele disse: Olha só que barulhinho gostoso (40ªEconarrativa – 15/04/2023).</p> | U58 P2 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P2: Se agachou ainda mais e bebe a água sem usar as mãos. (40ªEconarrativa –</p> | U59 P2 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|--|--------|-----------------|-----------------------------------|
| 15/04/2023). | | | |
| P2: Vimos seus lábios adentrando o fio d'água da superfície daquela corredeira. Não é possível ver seu rosto, mas a impressão que se tem é de que seus olhos estão fechados e sua mente voltada a registrar o sabor daquele líquido caracterizado como insípido (40ªEconarrativa - 15/04/2023). | U60 P2 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |

PARTICIPANTE 3 (P3)

| Unidades de sentido | Código das Unidades de Sentido | Unidades de Significado | Aspectos emergentes |
|--|--------------------------------|--------------------------|---|
| P3: A neblina está mais densa, provavelmente devido às queimas de madeira e palhas de café nos secadores. | U1 P3 | Multissensorialidade | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Nosso calendário apontou a mudança de estação do outono para o inverno e isso, de alguma maneira, influenciou na presença de nuvens carregadas que tornaram nosso alvorecer de caminhada mais escuro. | U2 P3 | Multissensorialidade | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: O percurso foi escolhido pelo grupo por ser caracterizado como o mais emocionante de todos os trajetos. Todos experimentávamos o tal "friozinho na barriga". | U3 P3 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Ele estava impressionado com as folhas dos arbustos que margeiam a matinha do Caparaó. A folhagem produz uma barreira quase que intransponível. Ele não se conteve e disse: – Alberto meu amigo, para entrar aqui só com auxílio do facão de meu pai. | U4 P3 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Ele observou P4 esfregando a palma, as costas e os dedos de suas mãos nos troncos das árvores para limpar. | U5 P3 | Entrelaçamentos | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|---|
| <p>P3: [...] seguia os movimentos de P1, ambos inclinando a orelha direita para o alto, olhos fechados, atentos para o abafar dos sons da matinha quando, finalmente, nos embrenhamos nela. É possível ouvirmos, ao longe, o bater de asas.</p> | U6 P3 | Protagonismo da natureza | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P3: Suas passadas, constantemente freiam para tirar fotos, intrigar-se e transmitir-nos a impressão de que é ali é um bom lugar para estar.</p> | U7 P3 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: As histórias contadas por seu pai ganham corpo pela imagem que seu sistema sensorial capta, produz e acomoda sob as lembranças das aventuras um dia narradas (21ªEconarrativa).</p> | U8 P3 | Multissensorialidade | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: [...] manteve-se, a maior parte do tempo, com um olhar atento e um semblante indagador, até que foi apanhado por uma teia de aranha. Parou, pegou um graveto e retirou as linhas que compõem a espiral de captura. Não contente em pegar com o graveto, aproximou a teia de seu rosto, apalpando-a. “Ave Maria, como são resistentes. As teias de aranhas que tinham no quintal de minha casa nem chega no pé dessa” (21ªEconarrativa).</p> | U9 P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: Sua curiosidade o faz, constantemente, parar para observar ou tirar fotos. Isso nos faz ficar para trás dos demais caminantes.</p> | U10 P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: Ele me mostra um cipó e pergunta: será que isso aguenta nosso peso?</p> | U11 P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: Sua mente parece estar inquieta com a extensão dos segredos de tamanha diversidade presente numa porção ínfima do todo (3ªEconarrativa – 30/04/2022).</p> | U12 P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|-------------------------|---|
| P3: Explorava cada metro quadrado dali. (3ªEconarrativa - 30/04/2022). | U13 P3 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Oxi!!! Quer dizer que isso aí pode encher travesseiro?? E a gente matando as aves pra retirar as penas. Que maldade né? (3ªEconarrativa - 30/04/2022). | U14 P3 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Transmitia a sensação de arrepio dos pelos, sua testa estava franzida e constantemente, ele encostava os cílios quando em contato com o vento frio. Também levantava e baixava os ombros, atritava a mãos e expirava com força o ar dos pulmões brincando de expulsar “fumaça” da boca. Olha isso Alberto!! (5ªEconarrativa - 14/05/2022). | U15 P3 | Multissensorialidade | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Com ar de surpresa fala: ahhhhhh!Entendi. (5ªEconarrativa - 14/05/2022). | U16P3 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: [...] observava, hipnoticamente, os coqueiros, enquanto ouvia a colega caminhante. Depois disso, como se tivesse feito uma análise da conjuntura, falou: “ <i>Pelo menos eles deixaram as marcas deles né?</i> ” né? (5ªEconarrativa - 14/05/2022). | U17P3 | Comunicação da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Andou por mais alguns poucos metros até parar totalmente e dar a última encarada nas folhas daquelas árvores. (5ªEconarrativa - 14/05/2022). | U18P3 | Meditação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Eita Alberto!!! Pena que ainda tá escuro e longe pra gente tirar foto né? Olha como é grande. Só aqui pra gente ver uma coisa dessas mesmo né? | U19P3 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Com seus braços soltos e cabeça erguida. A impressão que passa é de uma criança indo ao parque de diversões. | U20 P3 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|---|
| <p>P3: [...] seu olhar sobre o espelho d'água o faz diminuir a velocidade. Sua mão vai para a cintura, como se a paisagem se apresentasse a ele como uma criança fazendo alguma traquinagem. Por alguns segundos, seu rosto denotou grande alegria. (8ªEconarrativa - 04/06/2022).</p> | U21P3 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: Ele sentiu o cheiro de terra molhada. Para nós, aquele cheiro passou quase despercebido, mas para ele, foi algo extraordinário. Foi motivo para parar, respirar fundo e concluir que o cheiro era bom. (8ªEconarrativa - 04/06/2022).</p> | U22 P3 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P3: Ele fica a olhar e e admirar P2 descascando os cocos verdes deixados para bebermos. Ele fala: - P2, P2, cuidado com esse facão moço. Olha a facilidade Alberto. (9ªEconarrativa - 11/06/2022).</p> | U23P3 | Contemplação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: Agora ele estava a fixar os olhos numa vara de café que P1 usou para retirar laranja. Ele a pega, gira e observa com calma os ganchos no sentido contrário, pegá-la e observá-la. As mãos correm o gancho natural presente na vara. Para ele, tudo é novidade. (9ªEconarrativa - 11/06/2022).</p> | U24P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: Manusear aquela ferramenta rústica se tornou um caminho para ele explorar a natureza ao seu redor. (9ªEconarrativa - 11/06/2022).</p> | U25P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P3: Lembranças de um dia anterior ruim já haviam se dissipado, agora estavam todos satisfeitos por aqueles momentos vividos. (9ªEconarrativa - 11/06/2022).</p> | U26P3 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| <p>P3: Denotava preocupação acerca dos perigos que podem haver embaixo do tapete de folhas secas sobre o solo. Percebendo-se</p> | U27P3 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|-------|-------------------------|-----------------------------------|
| observado, ele disse: Fala a verdade Alberto, aqui deve ter cada tipo de cobra né?!(10ªEconarrativa – 18/06/2022). | | | |
| P3: Observando, como de outras vezes, os fios de teias de aranha, por meio do manuseio de um graveto seco. Ele olha curiosamente os fios e a resistência deles. Não satisfeito, volta a fazer registro fotográfico. (11ªEconarrativa – 25/06/2022). | U28P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Ao se deparar com teias de aranhas assumiu, imediatamente, sua condição de transmissor de conhecimento aos escoteiros mirins, dizendo-nos: “Nossa, como eu queria ver a aranha que fez essa teia aqui!! Deve ser de outra espécie, porque as teias se diferem no centro”. Ele observou, sob vários ângulos, aquele encontro entre orvalho, teia de aranha, intensidade luminosa e temperatura. Aquele registro na memória não foi suficiente, sendo assim, fez registros fotográficos. (12ªEconarrativa – 25/06/2022). | U29P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Nossa, como eu queria ver a aranha que fez essa teia aqui!! Deve ser de outra espécie, porque as teias se diferem no centro. (12ªEconarrativa-25/06/2022) | U30P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: A presença desses animais fez P3 sair de seu invólucro. (15ªEconarrativa – 23/07/2022). | U31P3 | Fluxos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: A única coisa que interessava era olhar com admiração aquela planta, mesmo sem suas frutas vermelhas (16ªEconarrativa – 06/08/2022). | U32P3 | Comunicação da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|--------|----------------------|---|
| P3: Já tinha sido tocado pela deslumbrante visão e iniciado seus registros, inclusive feito imagens com eles parados ao fundo (17ªEconarrativa – 13/08/2022). | U33P3 | Contemplação | Correspondência entre corpos |
| P3: Se dedicou apenas a olhar ao redor, a vegetação ainda mergulhada no escuro e, se atentar ao trabalho das formigas, sem esboçar reação alguma – a não ser a insistência em continuar a olhar. (18ªEconarrativa – 21/08/2022). | U34P3 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: A sensação de que ele teria sido elevado a uma busca por <i>status</i> de comunicação com o causador daquele fenômeno. Ele se manteve imóvel, numa mistura de busca por respostas e intrigamentos. (18ªEconarrativa - 21/08/2022). | U35P3 | Meditação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Acessou esse espaço ainda mais intrigado, pois a vegetação se tornou verde, vigorosa, nesse ambiente. Ele olhou e olhou novamente, aquele contraste. (18ªEconarrativa - 21/08/2022). | U36P3 | Multissensorialidade | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Esse barulhinho de chuva tá bom de ficar na cama. (19ªEconarrativa – 27/08/2022). | U37P3 | Multissensorialidade | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Ficou meio frustrado por não conseguir ver uma ave que cantava no alto de um pé de eucalipto. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U38 P3 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: manteve-se sentado num barranco feito pela máquina de patrolar estradas rurais, com os braços sobre os joelhos e atento à narração de P4. (28ªEconarrativa – 05/11/2022). | U39P3 | Bem-viver | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Nunca tinha notado antes como o mundo pode parecer tão vivo e vibrante depois de dias chuvosos! Olha que maravilha!. (29ªEconarrativa – | U40P3 | Multissensorialidade | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |

| | | | |
|---|--------|--------------------------|---|
| 12/11/2022). | | | |
| P3: Deu passadas fortes e continuou seguindo em frente, para descobrir o que está além do horizonte, mesmo com os olhos cheios de suor. (29ªEconarrativa – 12/11/2022). | U41P3 | Apreciação | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P3: P3 exibiu um ar de superação. Seu corpo permanecia ereto e sua voz apresentava tonalidade elevada. (29ªEconarrativa – 12/11/2022). | U42P3 | Bem-viver | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P3: Antes de parar na maior das sombras, reduzindo lentamente suas passadas até levar, consigo, os demais a estacionar por completo. (30ªEconarrativa – 19/11/2022). | U43P3 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Friccionava os braços enquanto ouvia P2. (30ªEconarrativa – 19/11/2022). | U44P3 | Apreciação | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: As caminhadas abrem as ideias. As pessoas, antes de pensar em projetos para as cidades, deveriam caminhar. Eu, por exemplo, durante as caminhadas e depois delas, minha cabeça enche de ideias. (30ªEconarrativa – 19/11/2023). | U45P3 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| P3: Estava atento e revelou: Estão ouvindo o barulhinho?(33ªEconarrativa – 04/02/2023). | U46P3 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Como não? Ouçam só as pedrinhas em nossos sapatos!(33ªEconarrativa - - 04/02/2023). | U47P3 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Fica meio curioso e concorda com P4. (33ªEconarrativa - 04/02/2023). | U48 P3 | Entrelaçamentos | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: As caminhadas abrem as ideias. As pessoas, antes de pensar em projetos para as cidades, deveriam caminhar. Eu, por exemplo, durante as caminhadas e depois delas, minha cabeça enche de ideias. (P3-30ª(Eco)narrativa – 19/11/2023). | U49P3 | Protagonismo da natureza | Correspondência entre corpos |

| | | | |
|---|--------|----------------------|---|
| | | | |
| P3: Vai estar bom para um banho de piscina, mar, cachoeira, rio, riacho ou até mesmo um pequenino açude com os amigos. (34ªEconarrativa – 11/02/2023). | U50P3 | Fluxos | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Mesmo precisando tirar o suor do rosto, seu semblante transmitia felicidade e contentamento pela sensação de contato com a natureza (34ªEconarrativa – 11/02/2023). | U51P3 | Terapia | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Dava saltos, aquecendo o corpo. (35ªEconarrativa – 18/02/2023). | U52P3 | Bem-viver | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: Acompanhava seus movimentos com ar de curiosidade e sedução. (36ªEconarrativa – 25/02/2023). | U53P3 | Apreciação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Mas, seus medos não deixam. (36ªEconarrativa – 25/02/2023). | U54 P3 | Mistério | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: Sentindo o cheiro de chão de terra molhada. (37ªEconarrativa – 04/03/2023). | U55 P3 | Multissensorialidade | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P3: A devoção expressa pelo agachamento e silêncio para se conectar com Deus apontam para uma experiência que proporciona um contraste surpreendente entre o isolamento do vilarejo e a riqueza cultural que ele abriga. Quando P3 se levantou, sua face revelava a sensação de ser privilegiado por ter acesso a essa joia “escondida” e aproveitar cada momento para absorver a beleza e a tranquilidade que o lugar oferece (37ªEconarrativa – 04/03/2023). | U56 P3 | Sagrado | Correspondência entre corpos |
| P3: Tocou na parede e no chão. Ele não parava de olhar o teto. Subiu as escadas e do alto, contemplou o entorno. Parece-nos que há uma leveza respeitosa em suas passadas dentro da igreja, transmitindo paz e serenidade. | U57 P3 | Sagrado | Correspondência entre corpos |

| | | | |
|--|--------|--------------------------|---|
| (37ªEconarrativa - 04/03/2023). | | | |
| P3: Aqueles momentos de contemplação silenciosa parecem ter elevado P3 a uma conexão espiritual, permitindo que sua alma se renovasse e se nutrisse de paz.(37ªEconarrativa - 04/03/2023). | U58 P3 | Bem-viver | Correspondência entre corpos |
| P3: O dia estava triste, nublado, o sol teimava em se esconder, o nosso humor denotava o desânimo e mal-estar. (39ªEconarrativa – 08/04/2023). | U59 P3 | Fluxos da vida | Correspondência entre corpos |
| P3: Ele me fez entender a existência de dias normais, em que nos sentimos mais cansados, emocionalmente abatidos ou tristes. Porém aquele momento revelava a tristeza coletiva através de distintas emoções humanas. O desânimo do grupo tornou o trajeto cansativo, embora a distância percorrida até ali fosse pequena. (39ªEconarrativa – 08/04/2023). | U60 P3 | Fluxos da vida | Correspondência entre corpos |
| P3: Os olhares de P3 eram de reconhecimento de que ali vivem todas as criaturas das histórias contadas por seu pai. Seu semblante era sereno e exprimia satisfação. (40ªEconarrativa – 15/04/2023). | U61 P3 | Memórias afetivas | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P3: O sereno denso estava a ser cortado pela força do sol e se, estendia por toda a baixada a nossa frente. Ele pedia uma pausa. (40ªEconarrativa – 15/04/2023). | U62 P3 | Afetividades | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P3: Todos reduziram bruscamente seu ritmo e respiraram fundo. Estávamos a recarregar as baterias. (40ªEconarrativa – 15/04/2023). | U63 P3 | Protagonismo da natureza | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P3: Brincou, sugerindo que pelo horário, ela deveria estar muito gelada. (40ªEconarrativa – 15/04/2023). | U64 P3 | Protagonismo da natureza | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |

| | | | |
|--|--------|---------------------|-----------------------------------|
| P3: O olhar de P3 denotava deslumbramento sobre a ação de P2. (40ªEconarrativa 15/04/2023). | U65 P3 | Educação da atenção | Protagonismo dos mais-que-humanos |
|--|--------|---------------------|-----------------------------------|

PARTICIPANTE 4 (P4)

| Unidades de sentido | Código das Unidades de Sentido | Unidades de Significado | Aspectos emergentes |
|--|--------------------------------|--------------------------|---|
| P4: A turma se mostrou ansiosa para caminhar, pois no sábado anterior a caminhada não aconteceu. | U1 P4 | Fluxos da vida | Correspondência entre corpos |
| P4: Ela sempre demonstrou empolgação quando se trata desse trajeto. | U2 P4 | Memórias afetivas | Correspondência entre corpos |
| P4: Ela estava suada e atenta à ave chamada anu, cantando tristemente ao longe. Ela falou: oh gente, não estava nos meus planos lavar o cabelo hoje. Mas desse jeito não tem como né?!! | U3 P4 | Comunicação da natureza | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P4: Sua expressão facial, que até então estava fechada, dera lugar a semblante aberto e olhar de esperança ao nos depararmos com uma plantação de pimenta sendo irrigada. Ela fala: ai se eu pudesse dar pelo menos uma refrescadinha. Seria tão bom. | U4 P4 | Apreciação | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P4: Brincamos e fizemos piada da interação entre a árvore e o grupo durante a preparação para as fotos. | U5 P4 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Ela, enfim, encontrou a plantinha rasteira/trepadeira chamada "mata cobra". Ela lembrou-se de quando sua mãe macerava as folhas e dissolvia o sumo com sabão de coco para matar piolho. | U6 P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Andamos mais um pouco e ela apontou para um pé-de-boleira e disse, com orgulho: Vixi Alberto! Já usamos demais boleira para fazer sabão. As coisas eram muito difíceis naquela época. | U7 P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Nos mostra uma folhinha (embrião) dentro da semente da boleira. Segundo ela, é isso que atua como laxante. | U8 P4 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|--|-------|--------------------------|-----------------------------------|
| | | | |
| P4: Perguntada sobre que outras recordações vieram à mente, ela respondeu: meu pai tinha um caderninho com várias receitas de utilidades de plantas. Não sei onde foi parar. Sumiu. Já perguntei minha mãe e ela não sabe. | U9 P4 | Memórias afetivas | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: a junção de ser humano rico de conhecimento prático sobre o meio ambiente, com sua formação em ciências biológicas e, atuante na função docente de química, lhe dá propriedade de fala para riqueza de vida daquela região. | U10P4 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Acredito que sabor da manga se tornou sublime porque além de descascarmos com os dentes, nossas mãos foram limpas no tronco das próprias árvores e nas madeiras que compunham a cerca. | U11P4 | Multisensorialidade | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Esfregando a palma, as costas e os dedos de suas mãos: quem não tem cão, caça com gato né P3?! Ainda bem que tivemos infância né?! | U12P4 | Memórias afetivas | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Era nisso mesmo que eu estava pensando. Lembrei da época em que fazíamos celebrações aos domingos de manhã. Às vezes, era num espaço assim que a gente colocava as paneladas de comida. Eita mas era bom demais!! Você não faz ideia. (3ªEconarrativa – 30/04/2022). | U13P4 | Afetividades | Recortes paisagísticos |
| P4: As plantas têm tanta utilidade, que você não faz ideia. (4ªEconarrativa – 07/05/2022). | U14P4 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Eita!!! Mas já tirei demais Paina (inflorescência) para fazer travesseiro. Sua voz veio acompanhada de dois sentimentos antagônicos — ao mesmo tempo em que a voz saiu compassada, trêmula, simbolizando saudade, o olhar transparecia alegria, orgulho do tempo passado. ... Aliás, tô pensando aqui, acho que vou | U15P4 | Afetividades | Correspondência entre corpos |

| | | | |
|--|-------|-----------------|---|
| voltar a usar traveseiro de Paina novamente. Né Alberto, não estou certa? Respondi: — Certíssima companheira. (4ªEconarrativa – 07/05/2022) | | | |
| P4: Conforme foi se afastando, ela voltou, pegou com delicadeza as flores e cheirou. Suas mãos correram sobre as pétalas como as de um casal apaixonado em despedida. (4ªEconarrativa – 07/05/2022). | U16P4 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Andamos por mais alguns quilômetros e a chuva fina continuava a nos testar. Ela colocou a mão sobre as sobrancelhas e nos disse que seu pai costumava chamar esse tipo de chuva de “chuva-molha-bobo”. (5ªEconarrativa – 14/05/2022). | U17P4 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P4: Sua atenção se voltou para aquela entidade, o que antes tínhamos de uma pessoa falante, temos agora de um ser humano mudo e alheio aos colegas. (5ªEconarrativa – 14/05/2022). | U19P4 | Místico | Correspondência entre corpos |
| P4: Olha só, esses dias eu estava em sala de aula e aí comentei com os alunos o papel dos índios na manutenção do fluxo gênico para a caracterização de uma vegetação regional. Aqui está a prova viva do que eu estava falando. (5ªEconarrativa – 14/05/2022). | U20P4 | Entrelaçamentos | Correspondência entre corpos |
| P4: É Alberto, os meninos achavam que podiam se divertir sem mim. Não senhor eu também quero ir colher maracujá e mexerica. (7ªEconarrativa – 28/05/2022). | U21P4 | Afetividades | Correspondência entre corpos |
| P4: A cada ingestão, realizava um movimento coordenado para trás, como se estivesse contribuindo para o acelerar do movimento de deglutição. A respiração ficou ofegante e a fala também acelerou. (7ªEconarrativa – 28/05/2022). | U22P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: A face denunciava um estado de espírito agitado: olhos saltados, atentos e um mastigar rápido – parecia estar com pressa. (7ªEconarrativa – 28/05/2022). | U23P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|--|-------|--------------------------|-----------------------------------|
| P4: Agora, no espaço rural, P4 diminuiu o ritmo e voltou sua atenção para ler o entorno. É perceptível o desacelerar. Onde antes, havia um desprezo ao entorno, agora há afeição, consideração e empatia. (8ªEconarrativa – 04/06/2022). | U24P4 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| P4: seu semblante mostrou um ar de gratidão pelo som que a siriema emite. (8ªEconarrativa – 04/06/2022). | U25P4 | Contemplação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: relatou que a vida vegetal proveu sua sobrevivência na infância. (8ªEconarrativa – 04/0/2022). | U26P4 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Já usei demais algodão pra cobrir os meus ferimentos e os de meus irmãos. Lá em casa tinha a planta merthiolate (Jatropha multifida). Eu quebrava o talo e embebia o algodão e colocava em cima. Rapidinho curava. (8ªEconarrativa - 04/06/2022). | U27P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Ela coletava laranjas com uma calma nada comum. (9ªEconarrativa – 11/06/2022). | U28P4 | Meditação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: sentou-se sobre um tronco, arrepanhou a saia e começou a saboreá-las. Todo o bagaço e sementes foram alojados na saia. Todo o ritual foi muito cuidadoso. A maneira de agachar e ajeitar a saia simbolizou afeição, por meio de um olhar carinhoso e risos. Ela mesma percebeu algo de diferente naqueles movimentos, e nos explicou: “A minha mãe e minha avó faziam desse jeito chupando laranja. Eu não entendia o porquê daquele comportamento”. (9ªEconarrativa – 11/06/2022). | U29P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Mas é muito legal. ... onde antes havia uma mulher aborrecida com a estupidez da vida, agora há uma pessoa alegre e se sentido entre seus pares. (9ªEconarrativa – 11/06/2022). | U30P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|-------|--------------------------|---|
| <p>P4: Quando acessamos a área rural do trajeto, P4 respondeu ao incômodo causado pelo casamento entre neblina, fumaça e escuridão, mantendo os braços cruzados e abaixando a cabeça. Quando, por fim, alcançamos uns dois quilômetros de caminhada e começamos a enxergar onde pisávamos, suas passadas tornaram-se mais lentas e seus olhares mais atentos ao redor, em busca dos raios solares que clareiam o caminho e colocam em vitrine os elementos que compõem o entorno.. (10ªEconarrativa – 18/06/2022).</p> | U31P4 | Protagonismo da natureza | Correspondência entre corpos |
| <p>P4: A combinação entre a vida vegetal, a neblina e a presença de luz variada, não só reduziram ainda mais a velocidade do deslocamento dos corpos, mas também os fizeram frear, contemplar e registrar aquele momento. De certa forma, aqueles elementos que chegavam ao campo de visão de P4, pulsaram uma força vital que lhe trouxe uma sensação de segurança (10ªEconarrativa – 18/08/2022).</p> | U32P4 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P4: A reação à constatação da existência de componentes como água corrente, árvore cipó nos obrigou, não só a parar, mas também exigiu de P4 respirar mais lentamente. (13ªEconarrativa – 02/07/2022).</p> | U33P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P4: Assim como afetou P4 de tal forma que ela pediu para tirar uma foto dos colegas ali naquele ponto.(13ªEconarrativa – 02/07/2022).</p> | U34P4 | Correspondência | Correspondência entre corpos |
| <p>P4: Noutro ponto, apenas a possibilidade de experimentar sensações fez P4 se inclinar à natureza: seu ritmo diminuiu ao entrar na estrada de chão e seus olhos se voltaram para as laterais da estrada de terra, como se buscando algo atraente. De alguma maneira, o que está encoberto pela neblina e a penumbra produzida pelo encontro entre</p> | U35P4 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |

| | | | |
|---|-------|--------------------------|---|
| <p>claridade da luz da cidade e a escuridão da zona rural, despertou um ar de curiosidade em P4. Seus sentidos se aguçaram para tentar captar algo: silêncio, atenção por meio do olhar e audição direcionados ao entorno. Pareceu-nos que ela vivenciava dois mundos: – um insípido e outro potencialmente expressivo. (14ªEconarrativa – 09/07/2022).</p> | | | |
| <p>P4: Mostrou uma mistura de sentimentos: júbilo e indignação. (16ªEconarrativa – 06/08/2022).</p> | U36P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P4: Correu em direção ao calor dos raios solares. (17ªEconarrativa – 13/08/2022).</p> | U37P4 | Apreciação | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P4: A sensação que tivemos foi a de também estarmos sendo banhados pelo calor do sol. Os olhares trocados demonstravam felicidade e realização. (17ªEconarrativa - 13/08/2022).</p> | U38P4 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P4: Até se entregar imóvel à força da claridade da luz do sol. (17ªEconarrativa - 13/08/2022).</p> | U39P4 | Apreciação | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| <p>P4: O barulho do movimento de água corrente embaixo dos nossos pés fez com que P4 se comunicasse corporalmente conosco. Todos somos levados a ouvir aquele barulho agradável. (18ªEconarrativa – 20/08/2022).</p> | U40P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P4: Ela ficou em pé diante do sol com uma das mãos sobre as sobrancelhas fazendo sombra nos olhos. Ela buscava alcançar e contemplar o máximo potencial dos olhos. (18ªEconarrativa – 20/08/2022).</p> | U41P4 | Protagonismo da natureza | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| <p>P4: Tenho que trazer meu marido aqui. Eu estou vendo tudo que ele me descreveu quando subiu aquela pedra lá (Pedra da Botelha). (20ªEconarrativa – 03/09/2022).</p> | U42P4 | Contemplação | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |

| | | | |
|--|-------|-------------------|---|
| P4: Recorda de um livro com receitas de ervas medicinais, lamentando: Não sei onde foi parar. Já procurei, já perguntei à minha mãe, meu irmão e irmãs. Como eu queria achar aquele livro. Ele cuidava da gente com aquelas receitas. (24ªEconarrativa – 01/10/2022) | U43P4 | Memórias afetivas | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: É visível o olhar de saudosismo em P4. (24ªEconarrativa – 01/10/2022). | U4 P4 | Memórias afetivas | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Estávamos ali, defronte àquele esqueleto vegetal de cerca de vinte metros de altura. Observo P4, de certa forma, abismada com tamanha ausência de verde. Em certo momento, ela falou que não era possível que aquela árvore estivesse viva. (24ªEconarrativa – 01/10/2022). | U45P4 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: [...] parecia não manter o controle sobre as passadas, tal a irregularidade que seus passos demonstravam, transmitindo a ideia de que seu corpo estava sendo empurrado, literalmente, por uma entidade invisível. Os braços eram jogados para trás e para frente, em inércia. (25ªEconarrativa – 08/10/2022). | U46P4 | Correspondência | Finitude da existência humana frente à Mata Atlântica |
| P4: Esse encontro mediado pela audição, olfato, tato e visão arrancou P4 de seu controle voluntário sobre sua cabeça, tronco e membros, sugerindo que se encontrava em profundo estado de meditação. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U47P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Em conexão com uma planta de folhas e flores exuberantes. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U48P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Com uma voz melancólica e mão no queixo falou: olha só gente, na casa da minha avó tinha essa planta. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U49P4 | Memórias afetivas | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|-------|--------------------------|-----------------------------------|
| P4: por um breve momento, a solidão e quietude imperaram, até que o assóvio do sanhaço e som de asas cortando o vento em manobras, despertaram o olhar de P4, e ela exalou alegria e contentamento naquele encontro e reencontro. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U50P4 | Afetividades | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Ela soltou seus ombros e o corpo relaxou por inteiro. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U51P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: A partir dali, a leveza e gargalhadas tomaram conta do grupo. (26ªEconarrativa – 15/10/2022). | U52P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Meu pai tinha um caderninho com várias receitas de utilidades de plantas. Não sei onde foi parar. Sumiu. Já perguntei minha mãe e ela não sabe. Acho que é por isso que hoje eu tenho tudo quanto é planta que serve pra remédio: é boldo, mastruz, mertiolate, manjerição, hortelã grosso, tansagem, algodão, assapeixe, arnica, alumã, terramicina.. (28ªEconarrativa – 05/11/2022). | U53P4 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: O relato de P4 envolve intensa linguagem corporal, explicando-nos como ele manipulava essa erva. A força de sua lembrança nos leva a imaginar, cena após cena, aquele acontecimento do passado. Ouvimos com a mesma atenção que ouvíamos histórias de aventura e terror contadas pelos mais velhos durante nossa infância. (28ªEconarrativa – 05/11/2022). | U54P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: A mata emudeceu. P4 foi tomada pela ternura indizível daquele silêncio das árvores. (31ªEconarrativa – 26/11/2022). | U55P4 | Contemplação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: O cansaço e o silêncio do entorno, que seu corpo produziu ao convergir energias para a subida, fez com que, atentando para a mata, ouvisse o som miúdo do orvalho, e brotou nela o desejo por uma rede para se deleitar. (31ªEconarrativa - 26/11/2022). | U56P4 | Sagrado | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|--|-------|------------------|---|
| P4: Seja sincero Alberto, uma rede de descanso aqui e ficar só na tranquilidade deve ser bom demais né?! (31ªEconarrativa). | U57P4 | Apreciação | Correspondência entre corpos |
| P4: Aquela parada recarregou suas baterias. Ela voltou sua atenção para a ladeira e, com passadas mais firmes, rumou ao cume. (31ªEconarrativa - 26/11/2022). | U58P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Era nítida a ansiedade dela. (33ªEconarrativa - 04/02/2023). | U59P4 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P4: Esses detalhes gente é o que a gente não sente caminhando para ir ao trabalho. Olha que barulhinho gostoso. Parece som de pipoca quando mastigamos! (33ªEconarrativa - 04/02/2023). | U60P4 | Correspondência | Fluidez dos microclimas da Mata Atlântica |
| P4: Fazia alongamentos. (35ªEconarrativa - 18/02/2023). | U61P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Ah esse contato com a natureza não tem preço! (35ªEconarrativa - 18/02/2023). | U62P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: O semblante de P4 revelou que o contato com a natureza, naquele dia, fora prazeroso, gratificante, saudável e proporcionou bem-estar. (35ªEconarrativa - 18/02/2023). | U63P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Nos alerta que pode ter sido, além de pássaros, morcegos e ratos os responsáveis pela degustação. (36ªEconarrativa - 25/02/2023). | U64P4 | Interdependência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Contou que está colecionando suculentas e rosas do deserto. Segundo ela isso faz bem. Parece que as plantas falam com a gente! (37ªEconarrativa - 04/03/2023). | U65P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| P4: Se conectando à própria essência da vida vegetal . Percebeu o cheiro fresco das flores e sua visão sendo inundada pelos raios de sol filtrados pelas folhas que dançavam em sua frente, iluminando a jornada que ela tinha pela frente. (37ªEconarrativa - 04/03/2023). | U66P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |

| | | | |
|---|-------|--------------------------|-----------------------------------|
| <p>P4: Sua visão foi cativada pela visão do viveiro, um oásis colorido em meio à serenidade da paisagem. Flores de todas as formas e cores se estendiam diante de seus olhos, como pinceladas vivas de um quadro imaginário. (37ªEconarrativa - 04/03/2023).</p> | U67P4 | Bem-viver | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P4: O ar puro e revigorante alimentava nossos pulmões, como se nos desse uma injeção de vida e inspiração. Sentimos uma conexão profunda com a natureza ao nosso redor. (37ªEconarrativa - 04/03/2023).</p> | U68P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P4: Ela está falando pouco e baixo. Enquanto atravessamos a cidade pelas ruas pavimentadas o grupo vai sendo tomado ainda mais por um silêncio assustador. Os participantes da pesquisa mostravam-se cabisbaixos. (38ªEconarrativa - 18/03/2022).</p> | U69P4 | Fluxos da vida | Correspondência entre corpos |
| <p>P4: Estava com uma das mãos na cintura e a outra sobre as sobancelhas, contemplando calmamente o imponente sol subjugar toda a matéria que seus olhos alcançavam. (40ªEconarrativa - 15/04/2023).</p> | U70P4 | Contemplação | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P4: Se passássemos durante a noite, certamente não veríamos tamanha beleza. Mas mesmo assim estaria aqui. Sendo velada pela escuridão. Ainda bem que existe o sol para revelar essa gloriosa criação divina. (40ªEconarrativa - 15/04/2023).</p> | U71P4 | Protagonismo da natureza | Protagonismo dos mais-que-humanos |
| <p>P4: Dali em diante, as passadas finais de P4, assim como as dos demais, ficaram mais graciosas e os rostos mais suaves. (40ªEconarrativa - 15/04/2023).</p> | U72P4 | Correspondência | Protagonismo dos mais-que-humanos |

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Valéria Ghislott Iared, professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná- Setor Palotina e professora permanente do Programa de Pós Graduação em Educação/ UFPR e do Programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências, Educação Matemática e Tecnologias Educativas/ UFPR e, Alberto Cabral Ferreira, aluno do Doutorado em Educação da Universidade Federal do Paraná, servidor público efetivo da rede estadual do Espírito Santo, estamos convidando você - profissional da rede estadual da educação a participar de um estudo intitulado “Experiência estética durante caminhadas de trabalhadores da comunidade escolar: potenciais para uma educação ambiental menos antropocêntrica”. Temos como finalidade problematizar essas formas de imersão na natureza com o intuito de explorar o potencial das experiências estéticas na natureza como processos formativos de educadores ambientais.

- a) O objetivo desta pesquisa é: Compreender o potencial das práticas do caminhar de trabalhadores da comunidade escolar do município de Pinheiros-ES para uma educação ambiental menos antropocêntrica.
- b) Caso você concorde em participar da pesquisa, será necessário disponibilizar de um tempo para dialogarmos durante as caminhadas para uma conversa informal, responder à perguntas pertinentes a pesquisa e, analisar, acrescentar, tirar ou solicitar a retirada de trechos das econarrativas que serão produzidas a partir das observações e diálogos.
- c) Para tanto você deverá comparecer nas caminhadas aos sábados pela manhã, com local de saída na Praça Baiana às 5:00 para iniciarmos nosso percurso semanal, o que levará aproximadamente dezoito meses ininterruptos.
- d) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado ao momento de diálogos. Também, pode ser que haja perda de sentido de sua caminhada, pois haverá momentos em que irei interromper seu deleite durante o percurso para dialogarmos.
- e) Alguns riscos relacionados ao estudo podem ser o acometimento de gripe ou resfriado por conta das caminhadas iniciarem durante a madrugada e, estarmos sujeitos a imprevistos como chuvas e aquecimento numa mesma caminhada, pois, não disponibilizamos de uso de equipamentos de proteção contra esses fenômenos da natureza. Também corremos o risco de haver entorse de tornozelo e não termos socorro imediato, pois a maior parte dos percursos ocorre em ambientes rurais, em que seu chão é irregular e não disponibilizamos veículos para darem esse tipo de suporte.
- i) Não há benefício algum para a saúde, esperado com essa pesquisa.
- j) Os pesquisadores Valéria Ghislott Iared e Alberto Cabral Ferreira responsáveis por este estudo poderão ser localizados, respectivamente, na Universidade Federal do Paraná- Setor Palotina e na Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes da rede estadual do Espírito Santo. Também podem ser contactados pelos seguintes emails: albertocabrall@hotmail.com e valeria.iared@ufpr.br. O telefone e horário para contato do doutorando é (27) 3765-1134 entre 07h-12h e 13h-15h. A pesquisadora Valéria Ghislott Iared pode ser contactada pelo telefone (44) 3211-1308 nos horários entre 08-12h e 14h-17h para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. Em caso de emergência você também pode me contatar, Alberto Cabral Ferreira, neste número, em qualquer horário: (27) 99872-5484.